

**A EXPERIÊNCIA E A PRÁTICA DA PATERNIDADE
NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO LONGITUDINAL DA GESTAÇÃO
AO PRIMEIRO ANO DE VIDA DO BEBÊ**

Camila Guedes Henn

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, agosto de 2011.

**A EXPERIÊNCIA E A PRÁTICA DA PATERNIDADE
NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO LONGITUDINAL DA GESTAÇÃO
AO PRIMEIRO ANO DE VIDA DO BEBÊ**

Camila Guedes Henn

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção
do grau de Doutora em Psicologia sob Orientação do
Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, agosto de 2011.

Ao meu filhote, Arthur, que desde já me proporciona a indescritível alegria e encanto
de sentir sua presença e vivacidade em meu ventre.
Ao meu amado, Rafa, por seu companheirismo, carinho e apoio ao longo desta
trajetória.

AGRADECIMENTOS

É chegado o fim de um longo caminho e, desta forma, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que, cada uma a sua maneira, foram tão importantes para que eu chegasse até aqui.

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador, Cesar Augusto Piccinini, por ter me incentivado, ao final do mestrado, a seguir minha trajetória rumo ao doutorado. Agradeço pelos seus ensinamentos enquanto orientador, pela disponibilidade para me guiar neste caminho e, mais ainda, por todo o apoio e carinho ao longo destes anos.

Agradeço também à Giana Frizzo, que “abraçou” com toda a sua competência e dedicação o auxílio na condução do projeto GRADO. Obrigada pela força, pelo cuidado e pela compreensão e, mais ainda, pela paciência em lidar com as angústias que permeiam estes anos de doutorado. Obrigada por estar ao nosso lado.

Aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade em compartilhar um pouco de suas vidas comigo, particularmente neste momento tão único e especial, que é o de tornar-se pai e mãe. Obrigada pela confiança e pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal que me proporcionaram.

Às professoras da banca examinadora, Adriana Wagner, Maria Consuelo Passos e Vera Regina Röhnelt Ramires, pelas importantes contribuições desde o projeto. Agradeço à Maria Consuelo também pelos materiais fornecidos que foram de grande ajuda neste processo.

À equipe do PAIGA do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, por viabilizar a execução deste projeto. Em especial à pediatra Ângela Polgati Diehl e à psicóloga Ângela Pegoraro pelo auxílio no contato com os participantes e por aceitarem dividir seus espaços de trabalho conosco. Agradeço também ao Serviço de Saúde Comunitária do Hospital Nossa Senhora da Conceição - GHC, pela abertura ao projeto e pela indicação dos participantes.

Agradeço também ao Grupo Hospitalar Conceição - GHC, enquanto funcionária, pelo incentivo à formação e ao aprimoramento profissional fornecido através de sua política de liberação funcional para cursos de pós-graduação. Obrigada especialmente à equipe do meu local de trabalho, a Unidade de Saúde Barão de Bagé, pela paciência e pelo respeito a este período em que estive mais afastada. Ao Odir Antônio Citolin e à Caren Serra Bavaresco, antigo e atual assistentes de coordenação da unidade, os “chefes”, pela concordância inicial a este meu pedido de afastamento parcial.

Às “Gradoandas”, equipe de trabalho do Projeto GRADO, pelo apoio e pela força nessa caminhada. Agradeço especialmente às “Anas”: Ana Freitas e Ana Venturini. Obrigada

por todo o carinho, pela acolhida e, principalmente, pela amizade. Certamente este caminho se tornou muito mais divertido por eu ter tido a oportunidade de compartilhá-lo com vocês. Obrigada também às bolsistas que nos ajudaram a tocar este projeto em frente, em especial à Ana Cláudia, Liana, Renata e Fran, pessoas que adorei conhecer e conviver.

À equipe da minha unidade, pelo dia-a-dia de trocas e de crescimento. Em especial às minhas colegas de trabalho e amigas: Martha, pela presença acolhedora e sensível, pelas conversas e pelo carinho; Marisa, pelo seu jeito franco, pela cumplicidade e pelo apoio; e Caren, pelo incentivo nos momentos em que o doutorado se tornava mais difícil.

Às minhas amigas do coração, Clarissa e Helena, que com certeza fazem parte do que sou hoje, por me ensinarem o valor de uma amizade incondicional, mesmo quando a convivência diária não é mais possível. Sei que torcem por mim e que estaremos sempre juntas de alguma forma. Obrigada pelo carinho e pela amizade de sempre!

Agradeço muito especialmente à minha família querida, que me acolhe e está sempre ao meu lado, em todos os momentos da minha vida. Aos meus pais, minhas primeiras referências de amor e de segurança. Agradeço a paciência, a compreensão, e as incontáveis manifestações de amor e carinho, especialmente nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão Leonardo e à minha cunhada Gilda, pela presença em minha vida e pelo incentivo. Ao Bê, meu “urso forte”, que vem me mostrando, a cada dia mais, seu exemplo de força e superação, e que faz com que tantas outras coisas se tornem tão pequenas frente à importância de estarmos juntos. Ao meu irmão Rafael, minha cunhada Andréa, e minhas princesas Ananda e Sofia, pela alegria dos momentos em que estamos juntos, que são sempre muito esperados, ainda que poucos.

Por fim, ao meu amado Rafa, por estes anos de caminhada. Obrigada por estar ao meu lado, incondicionalmente, por todo o amor, carinho e compreensão. Amo estar ao teu lado e sou muito feliz por tudo que vivemos juntos. Agora, mais feliz ainda pela família que estamos construindo. E que venha o Arthur...

*É comum a gente sonhar, eu sei
Quando vem o entardecer
Pois eu também dei de sonhar
Um sonho lindo de morrer
Vejo um berço e nele eu me debruçar
Com o pranto a me correr
E assim, chorando, acalantar
O filho que eu quero ter
Dorme, meu pequenininho
Dorme que a noite já vem
Teu pai está muito sozinho
De tanto amor que ele tem*

*De repente o vejo se transformar
Num menino igual a mim
Que vem correndo me beijar
Quando eu chegar lá de onde vim
Um menino sempre a me perguntar
Um porquê que não tem fim
Um filho a quem só queira bem
E a quem só diga que sim
Dorme, menino levado
Dorme que a vida já vem
Teu pai está muito cansado
De tanta dor que ele tem*

*Quando a vida enfim me quiser levar
Pelo tanto que me deu
Sentir-lhe a barba me roçar
No derradeiro beijo seu
E ao sentir também sua mão vedar
Meu olhar dos olhos seus
Ouvir-lhe a voz a me embalar
Num acalanto de adeus
Dorme, meu pai, sem cuidado
Dorme que ao entardecer
Teu filho sonha acordado
Com o filho que ele quer ter*

(“O filho que eu quero ter” – Toquinho e Vinícius de Moraes)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	10
Apresentação	10
Adolescência: Breve caracterização	10
Os eixos da paternidade.....	18
A experiência da paternidade	19
A prática da paternidade	30
A paternidade no contexto da adolescência	50
Justificativa e objetivos do estudo.....	61
CAPÍTULO II: MÉTODO	63
Participantes	63
Delineamento e procedimentos	64
Instrumentos.....	66
Considerações éticas.....	68
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	69
Família 1: Felipe, Margot e Bruna	73
Breve descrição da família	73
Experiência da paternidade.....	74
Prática da paternidade	90
Discussão sobre a experiência e a prática da paternidade na Família 1.....	106
Família 2: Daniel, Priscila e Luiza	121
Breve descrição da família	121
Experiência da paternidade.....	123
Prática da paternidade	137
Discussão sobre a experiência e a prática da paternidade na Família 2.....	153
Família 3: Matheus, Carla e Alice	169
Breve descrição da família	169
Experiência da paternidade.....	171
Prática da paternidade	187
Discussão sobre a experiência e a prática da paternidade na Família 3.....	200
CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO GERAL.....	215
Considerações finais	228

REFERÊNCIAS..... 231

ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	246
Anexo B - Ficha de dados sócio-demográficos da família	247
Anexo C - Ficha de práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis	251
Anexo D - Entrevista sobre a Gravidez Adolescente - Versão do pai	252
Anexo E - Entrevista sobre a Gravidez Adolescente - Versão da mãe	254
Anexo F - Entrevista sobre o Relacionamento do Casal – Gestação	256
Anexo G - Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3º mês	258
Anexo H - Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3º mês	260
Anexo I - Entrevista sobre o Relacionamento do Casal – 3º mês	262
Anexo J - Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê – 12º mês	264
Anexo K - Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê – 12º mês	266
Anexo L - Entrevista sobre o Relacionamento do Casal – 12º mês	268
Anexo M - Parecer do Comitê de Ética	270
Anexo N – Pareceres Individuais dos Membros da Banca	271

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Dados sócio-demográficos dos participantes	64
---	----

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar a experiência e a prática da paternidade na adolescência, desde a gestação até o primeiro ano de vida do bebê. Participaram deste estudo três casais de adolescentes, cuja gestação estava no terceiro trimestre no momento do primeiro contato. Os participantes tinham idades entre 16 e 19 anos e, no momento da gestação, estavam namorando ou morando juntos, e eram de nível sócio-econômico baixo. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, sendo cada caso investigado em três diferentes etapas: terceiro trimestre de gestação, após três meses e após um ano de vida do bebê. Os relatos dos participantes foram submetidos à análise de conteúdo qualitativa e agrupados em torno de dois eixos temáticos: experiência e prática da paternidade. Em relação à experiência da paternidade, os resultados revelaram que os pais do presente estudo relataram mudanças importantes em suas vidas com o advento da paternidade, as quais foram também confirmadas pelos relatos maternos, com destaque para a percepção das mães de uma maior responsabilidade e maturidade dos companheiros com a chegada das filhas. No que diz respeito à prática da paternidade e, mais especificamente, ao envolvimento paterno, os jovens pais mostraram-se, de modo geral, bastante envolvidos na vida de suas filhas. Entretanto, tal participação parecia dar-se mais no nível das brincadeiras e do sustento da família do que em relação às tarefas de cuidado, que ficavam mais à cargo das mães. Foram identificadas importantes repercussões da paternidade sobre a vida destes jovens, em especial no que diz respeito à situação laboral e ao aumento da responsabilidade. Já no que diz respeito ao exercício da função paterna, os pais foram identificados como importantes fontes de apoio emocional para suas jovens companheiras, tanto no período da gestação, quanto no puerpério, apesar de algumas dificuldades em relação ao exercício de outras funções tenham sido identificadas. No entanto, apesar das dificuldades, os participantes do presente estudo, embora jovens, avaliavam positivamente suas experiências de paternidade e, de modo geral, mostravam-se envolvidos e implicados em sua prática enquanto pais, pelo menos ao longo do primeiro ano de vida de suas filhas.

Palavras-chave: adolescência, paternidade, envolvimento paterno, função paterna.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the experience and practice of fatherhood in adolescence from pregnancy through the infant's first year. The study included three teenage couples in the third trimester of pregnancy at the time the first contact. Participants were 16 to 19 years old and were dating or living together, and were of low socioeconomic status. A collective-case study design (Stake, 1994) was used in which each case was investigated longitudinally at three different stages: the third trimester of pregnancy, and at infant's third month and first year. The participants answers were analysed through qualitative content analysis and grouped around two central themes: experience and practice of fatherhood. In relation to the experience of fatherhood, results revealed that, in spite of being young, fatherhood brought significant changes in fathers' lives, which were also identified in maternal reports, especially in mother's perception of a greater responsibility and maturity of the spouses with the arrival of their daughters. With regard to the practice of fatherhood and, more specifically, paternal involvement, young parents of this study were generally quite involved in their daughters' lives. However, such participation seemed to be more on the level of play and breadwinner than in relation to care tasks, which were more the mothers' responsibility. A significant impact of fatherhood was identified on these teenagers' lives, especially concerning employment status and increased responsibility. As far as paternal role exercise is concerned, the fathers of this study were identified as important sources of emotional support to their young wives, both during pregnancy and the puerperium, despite some difficulties in relation to the exercise of other functions. Although being young, participants of the present studies evaluated positively their experience of fatherhood and, in general, were engaged and involved in their practice as parents, at least in their daughter's first year.

Keywords: adolescence, fatherhood, paternal involvement, paternal role.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Apresentação

Tanto a adolescência quanto a transição para a paternidade podem ser considerados períodos de crise vital, os quais exigem mudanças e reorganizações por parte do sujeito. Entretanto, ainda são encontrados poucos estudos especificamente sobre o pai adolescente, sendo que grande parte privilegia a vivência e percepção das mães sobre este processo. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa será investigar a experiência e a prática da paternidade na adolescência, desde a gestação até o primeiro ano de vida do bebê.

Inicialmente será feita uma breve caracterização da adolescência, destacando as principais mudanças deste período. A seguir, será apresentada uma discussão sobre a paternidade, considerando os eixos de análise, a experiência e a prática da paternidade. Por fim, serão revisados estudos especificamente sobre a paternidade na adolescência.

A adolescência: Breve caracterização

A adolescência é compreendida como um período de transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta que envolve grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Esta não pressupõe início e término estaticamente definidos, mas dura, aproximadamente, dos 11 ou 12 anos até pouco antes dos 20 anos (Papalia, Olds & Feldman, 2006). Para Montemayor (1986), entretanto, mais do que estabelecer uma definição cronológica, o período da adolescência precisa ser visto a partir de alguns componentes, dentre os quais pode-se destacar: idade cronológica, desenvolvimento biológico, desenvolvimento cognitivo e psicológico.

Quanto à idade cronológica, embora muitas vezes a adolescência seja definida a partir de um intervalo de idade pré-definido, como é visto, por exemplo, a partir da Organização Mundial de Saúde, que a define como um período compreendido entre os 10 e os 19 anos de idade (<http://www.who.int>), esta não pode ser resumida a tal formalização. Isto porque a idade de um indivíduo simplesmente marca a passagem de um tempo biológico, que pode ser vivido de forma diferente por cada um. Mais do que isso, este período de tempo determinado como adolescência é marcado por mudanças biológicas muito rápidas e por muitas experiências sociais novas, dentro de uma determinada cultura, que tornam bastante diferentes o jovem que está no início da puberdade daquele que já passou por muitas destas mudanças e experiências mas que, ainda assim, não pode ser considerado adulto (Montemayor, 1986).

Já as mudanças biológicas, associadas à adolescência, se constituem em uma série de eventos que transformam um organismo imaturo em capaz de procriar, ou seja, que preparam o adolescente para a parentalidade, tais como o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e mudanças consideráveis nas secreções hormonais (Montemayor, 1986). As modificações corporais deste período, como o aparecimento dos pêlos pubianos e axilares, as mudanças da voz, o desenvolvimento dos seios, do pênis e da bolsa escrotal, a menarca, a primeira ejaculação, a poluição noturna, a masturbação, dentre outros aspectos, exteriorizam as mudanças internas do adolescente, exercendo reflexos sobre sua vida afetivo-emocional (Levisky, 1998). Nesse sentido, para Winnicott (2005), cada menino e menina, nesta etapa, têm que aprender a lidar com as mudanças trazidas pela puberdade. Todas essas mudanças podem causar um sentimento de estranheza, pois representam, para o adolescente, a perda do seu corpo de criança, apesar da permanência de uma mente ainda infantil, e o advento de um corpo que vai se fazendo adulto, temido, desconhecido e, ao mesmo tempo, desejado (Outeiral, 1994). No entanto, por mais que as mudanças biológicas façam parte deste período, estas não são as únicas responsáveis pelas mudanças psicossociais desta etapa, as quais recebem influência também do contexto psicológico, social, cultural e histórico em que o adolescente está inserido (Lerner & Galambos, 1998).

Quanto às mudanças cognitivas, pode-se dizer que o período da adolescência representa a passagem de um pensamento mais concreto, para o pensamento formal, quando é desenvolvida a capacidade de pensar em termos abstratos, e de lidar com situações hipotéticas, não presentes no aqui e agora (Piaget & Inhelder, 1976). A inteligência formal representa o ápice da evolução intelectual, aproximando o pensamento do adolescente do pensamento do adulto, marcando o início da vida introspectiva (Levisky, 1998). Para Levisky, a passagem do pensamento concreto para o abstrato tem repercussões importantes sobre o comportamento do adolescente: ele passa a gostar de indagar, questionar, investigar, além de apresentar dúvidas e desconfiança. Ademais, segundo este autor, o adolescente passa a indagar sobre o significado da vida, do sexo e do amor, enquanto busca encontrar sua autenticidade, autonomia e emancipação.

Em relação aos aspectos psicossociais da adolescência, Knobel (1981) aponta algumas características fundamentais presentes neste período: busca de si mesmo e da sua identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocalização temporal; evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta; separação progressiva dos genitores; e constantes flutuações do

humor e do estado de ânimo. A adolescência tem sido caracterizada como um período em que o indivíduo começa a perceber as suas próprias características psicológicas a fim de descobrir quem realmente é, e como se encaixa no mundo em que vive (Steinberg & Morris, 2001). A construção da identidade pessoal pode ser considerada como a tarefa mais importante da adolescência, sendo o passo crucial da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2003). Nesse sentido, a identidade poderia ser caracterizada como uma concepção de si mesmo, composta por valores, crenças e metas com as quais o indivíduo se compromete (Erikson, 1972) e que recebem a influência de fatores intra (capacidades inatas do indivíduo e características de personalidade) e interpessoais (identificações com outras pessoas, tais como pais e mães¹), bem como de fatores culturais - valores sociais globais e da comunidade em que o indivíduo está inserido (Schoen-Ferreira et al., 2003).

E é justamente a reflexão sobre os aspectos psicológicos da adolescência que pode facilitar a compreensão da forma pela qual outros acontecimentos podem interferir ou sobrepor-se a este processo de construção de identidade. Este é o caso, por exemplo, da paternidade na adolescência, foco deste trabalho. Por esse motivo, a seguir, serão discutidos os aspectos psicológicos da adolescência. Considerando a orientação teórica da autora dessa tese, que é psicanalítica, serão priorizados a seguir os autores do referencial psicanalítico, sem desconsiderar outros autores que por ventura permitam compreender algumas das idéias destacadas a seguir.

A adolescência, tanto simbólica quanto organicamente (através dos caracteres da puberdade), demarca passagem para o mundo adulto, constituindo-se de uma etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento, e que se estende ao longo da vida adulta. Este processo, no entanto, é realizado de forma muitas vezes lenta e dolorosa, através do luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os genitores da infância (Aberastury, 1981). Mais do que a perda da identidade infantil, o adolescente encontra-se em processo de construção de sua identidade pessoal, de consolidação egóica. Tal processo passa por diferentes etapas conforme o desenvolvimento evolutivo da cada adolescente, e é de se esperar que um adolescente muito jovem esteja passando por dilemas sabidamente diferentes daquele que já se encontra frente à saída para o mundo adulto. Estas diferenças não são marcadas apenas por questões biológicas, de idade ou

¹ Tendo em vista que o termo pais pode ser usado tanto para o genitor masculino como para se referir a ambos os genitores, na presente revisão teórica o termo “pai” e “pais” será usado para se referir ao genitor masculino, enquanto os termos “pai e mãe” e “genitores” será utilizado para se referir a ambos.

maturação física, embora estes aspectos também se façam presentes, mas pela vivência psíquica deste processo, que conduz o adolescente à entrada no mundo adulto.

Para entender um pouco este longo processo da adolescência, Blos (1998) a divide em diferentes fases, dentre as quais: adolescência inicial, adolescência propriamente dita, e final da adolescência. Tais fases são caracterizadas por um afastamento crescente e gradual dos objetos de amor infantis, a caminho das relações e dos vínculos afetivos cada vez mais intensos com pessoas fora do núcleo familiar. A adolescência inicial é marcada especialmente pelo maior vigor com que o menino ou a menina se volta para o objeto extra familiar libidinoso, demarcando importante passo na separação de laços objetivos antigos, ou seja, dos objetos amorosos familiares. Nesse sentido, para Blos, a libido objetal encontra-se solta, livre e aclamando por novas acomodações, e é por isso que o jovem adolescente volta-se mais para os amigos, afastando aos poucos do seu ambiente familiar. Mais do que isso, nesse período, os valores, padrões, e leis morais adquirem uma maior independência em relação à autoridade dos genitores.

Já na adolescência propriamente dita, de acordo com Blos, este afastamento dos objetos de amor infantis se faz definitivo, o que pode, por um lado, abalar a vida emocional do adolescente e, por outro, abrir-lhe horizontes desconhecidos, criar-lhe esperanças e medos. Os genitores, anteriormente supervalorizados, agora muitas vezes passam a subvalorização. E neste processo de separação, o adolescente muitas vezes envolve-se em relações de faz de conta, que se dissolvem sem sofrimento, e cujo objetivo é o desligamento dos objetos de amor anteriores. Todo este processo é permeado pelo aumento do narcisismo do adolescente, que o leva a uma supervalorização do eu, a um aumento da autopercepção, a uma extrema sensibilidade e auto-absorção e, geralmente, à centralização em si mesmo e ao auto-engrandecimento (Blos, 1998).

Já o final da adolescência constitui-se de uma fase de consolidação da personalidade, e que traz maior estabilidade e uniformidade à vida emocional e de ação do jovem adulto. Por esse motivo, Blos menciona que o herdeiro da adolescência é o “eu”. Este processo de consolidação do ego envolve, para ele, os seguintes aspectos: estabilidade das funções e interesses do ego; autonomia secundária, ou seja, uma extensão da esfera livre de conflitos do ego; uma posição sexual irreversível; uma catexia relativamente constante das representações objetivos do ego; e a estabilidade dos mecanismos mentais que protegem automaticamente a integridade do organismo físico. Por esta razão, os aspectos psicológicos são únicos através dos quais se pode definir a fase final da adolescência (Blos, 1998) sendo que demarcam a

etapa final de um processo que, por mais que seja acompanhado por um amadurecimento do corpo, pode antecipar-se ou vir depois deste .

Apesar desta divisão da adolescência em diferentes etapas, conforme as características psicológicas presentes em cada uma, para Blos (1996) há uma linha de reestruturação psíquica que está presente em toda a adolescência, denominado “segundo processo de individuação da adolescência”. O primeiro processo de individuação é aquele descrito por Mahler (1982), que ocorre aproximadamente ao final do terceiro ano de vida, e que demarca a separação da criança da mãe e a saída da relação fusional com esta, bem como a aquisição da constância do objeto e do *self*. Nesse sentido, para Blos, a segunda individuação da adolescência se assemelharia à primeira pela maior vulnerabilidade da organização da personalidade e pela urgência de mudanças na estrutura psíquica. Ambos os processos também envolvem o retorno para fases precoces do desenvolvimento acompanhado pelo impulso maturacional para mais adiante.

Na adolescência, o processo de individuação é caracterizado pelo desligamento emocional dos objetos infantis internalizados, acompanhado pelo amadurecimento do ego (Blos, 1996). Entretanto, este desligamento faz surgir no adolescente uma instabilidade geral, uma sensação de insuficiência e estranhamento, que ativa no ego uma variedade de reações defensivas, restitutivas, adaptativas ou mal adaptativas, até que se alcance um equilíbrio psíquico. Isto se dá porque, até a adolescência, o ego parental funcionou como uma própria extensão do ego da criança, emprestando sua estrutura e organização. Já na adolescência esta aliança egóica é rompida e o desligamento das figuras parentais faz com que o adolescente tenha que assumir, cada vez mais, a responsabilidade sobre o que faz e aquilo que é, sem depositar esta responsabilidade naqueles que lhe serviram de base até então. Entretanto, e como não poderia deixar de ser, este processo de amadurecimento egóico pressupõe uma fase anterior de maior fragilização, expressas pelo dilema adolescente de “quem sou eu”, em que ele busca incessantemente por identificações e por vivências intensas que lhe permitam sentir-se vivo e em contato com a realidade. Estas identificações podem ser observadas na idealização e adoração dos adolescentes por figuras famosas, que substituem, de certa forma, os genitores idealizados da infância. Mais do que isso, o grupo de amigos também exerce um papel extremamente importante no desenvolvimento do adolescente, trazendo-lhe a possibilidade de identificações fora do grupo familiar, e como forma de estímulo, sentido de pertinência, lealdade, devoção, empatia e eco (Blos, 1996). Para Passos (2008), o grupo de amigos funcionaria como um “território livre” onde os adolescentes fazem experimentações de diferentes papéis, subvertendo normas sociais, elegendo e destituindo lideranças, e onde

trocam afetos fazendo e desfazendo laços entre os parceiros. Para esta autora, estas projeções recíprocas e identificações proporcionadas pela experiência com o grupo ajudam o adolescente a realinhar seu espaço diante do outro e rever suas dificuldades perante a autoridade parental, a única que lhe foi conferida até então. Nesse sentido, o grupo, para o adolescente, serviria como um prelúdio de qualquer relacionamento novo e duradouro, pessoal e íntimo, característicos da vida adulta (Blos, 1996).

Pode-se então chegar à conclusão de que a evolução do adolescente é marcada por uma trajetória que contempla certa desestabilização inicial, com os processos de luto e separação, em busca de uma relativa estabilidade final. No entanto, até esta etapa final, o adolescente passa por um turbilhão de emoções, com as quais têm que aprender a lidar, cada vez de forma mais autônoma, em direção à maturidade.

Para Aberastury (1981), a maturidade afetiva, que marca a entrada no mundo adulto, é simbolizada pela aquisição do outrora adolescente de um sistema de valores e de ideais próprios, os quais poderão ser confrontados com o meio em que vive. Entretanto, antes de se chegar a esta maturidade, o adolescente passa por diversas flutuações de sua identidade (Aberastury, 1981), ilustradas pelas mudanças bruscas e inesperadas de atitudes, comportamentos e modos de pensar. Poder-se-ia dizer, então, que a adolescência, em seu processo, é caracterizada por um aspecto sempre presente, necessário e, ao mesmo tempo, que parece tornar o adolescente frequentemente alvo de rechaço por parte daqueles que o cercam: a imaturidade.

Ao adolescente, justamente por sua condição de não adulto, é permitido e esperado um afloramento desta imaturidade, que tenderia, com o passar do tempo e das vivências, a caminhar em direção a uma maturidade, ao menos parcial. Para Winnicott (1975) existe uma tendência herdada no ser humano a crescer emocionalmente e alcançar a maturidade, mas esta tendência teria que estar em conjunção ao que Winnicott chama de uma “provisão ambiental”, a qual tem que ser suficientemente boa para o desenvolvimento do adolescente. Para que isso aconteça, ou mais do que isso, para que este ambiente seja suficientemente bom, teria de haver tolerância para com a imaturidade do adolescente, e considerar que a assunção precoce de responsabilidades poderia causar a perda de todos os esforços e da atividade imaginativos da imaturidade. Para Winnicott, o adolescente é imaturo, sendo a imaturidade um elemento essencial da saúde na adolescência, cuja “cura” estaria com a passagem do tempo, e o crescimento em maturidade que o tempo pode trazer. Por isso que, antes de se chegar à maturidade afetiva, o adolescente passa por uma multiplicidade de identificações, muitas

vezes contraditórias, apresentando-se como vários personagens, numa combinação instável de vários corpos e identidades (Aberastury, 1981)

É importante ressaltar que esta imaturidade adolescente não é estática no tempo, e nem ocorre da mesma forma para todos. Ao se ter contato com os adolescentes pode-se chegar à conclusão de que alguns parecem mais maduros do que outros, embora estejam na mesma faixa etária. Tanto que, embora se fale sobre uma tendência de postergação das responsabilidades e projetos do mundo adulto (Passos, 2008), ou seja, um prolongamento da adolescência nas classes mais abastadas, nas classes populares, a necessidade parece fazer com que as responsabilidades e tarefas da vida adulta apareçam mais cedo (Heilborn et al., 2001).

Ademais, faz-se fundamental pontuar a distinção entre a tolerância para a imaturidade do adolescente e a colocação de limites. Estar tolerante à existência desta imaturidade não pressupõe a não colocação de limites, e a total liberdade de ações. Muito pelo contrário, esta total liberdade, seria o mesmo que um abandono. Por isso, os limites se fazem necessários, como forma de cuidado e preocupação, na medida em que acompanham a evolução das necessidades e das modificações do adolescente (Aberastury, 1981). Tarefa nem sempre fácil para os pais e mães que acompanham este processo e que têm, eles próprios, que fazer seus lutos pelos seus filhos crianças, conforme será visto mais adiante.

Justamente pelo fato de a adolescência marcar as mudanças na maturação afetiva que o adolescente parece oscilar entre estados de rebeldia e de dependência. Para Winnicott (1961/2005), é característica desta etapa do desenvolvimento a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, ou mesmo a coexistência destes dois extremos num mesmo momento. Tanto que ele pontua o adolescente como aquele que tem, dentre suas necessidades, a de ser rebelde num contexto que, confiadamente, acolha também a dependência. Mais do que isso, para Winnicott (1975), a adolescência implica num crescimento que leva tempo e, enquanto este processo se encontra em andamento, a responsabilidade teria de ser assumida pelas figuras parentais. Sendo assim, de acordo com o autor, se estas figuras parentais abdicam deste papel, os adolescentes passam a idéia de uma “falsa maturidade”. É claro que há uma distinção do contexto e da forma como estas situações ocorrem. Existem casos em que o adolescente pode ter que assumir um papel de responsabilidade em função de situações inesperadas, como a morte de um genitor, por exemplo. Esta situação seria diferente daquela em que os adultos passam adiante a sua responsabilidade, o que pode significar uma espécie de falta aos filhos, justamente neste momento crítico de suas vidas, como o é a adolescência (Winnicott, 1975). Por isso que,

pode-se dizer que a família do adolescente tem que aprender a suportar uma “dupla exigência”: estar disponível quando o adolescente se torna dependente, com o funcionamento de uma criança e, simultaneamente, ser capaz de absorver de forma adequada a necessidade dele de rebelar-se, a fim de estabelecer a própria identidade (Winnicott, 1960/2005). Mais do que isso, para Winnicott, a família auxilia no processo de maturação emocional do indivíduo na medida em que proporciona o caminho de transição entre o cuidado dos pais e mães (ou, melhor dizendo, daqueles que cumpram esta função), e a vida social, permitindo ao adolescente sair da família em direção ao círculo social imediato e, posteriormente, a círculos cada vez mais amplos.

Por esta razão que a vivência da adolescência ultrapassa o plano individual, já que o adolescente provoca uma revolução em seu meio social e familiar. Para Aberastury (1981), além do próprio adolescente, os genitores também têm que elaborar o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil. Em meio a isto tudo, têm que aprender a lidar com o fato de que não são mais os genitores idealizados de outrora, e suportar uma relação muitas vezes permeada por críticas e ambivalências. Neste processo, os genitores revivem a sua própria adolescência, trazendo à tona todo o seu aspecto subjetivo de vivências e identificações. O crescimento do filho também os coloca frente à concretude do seu próprio envelhecimento e a proximidade cada vez maior de sua morte. Para a autora, os genitores são obrigados a confrontar-se com suas próprias capacidades e a avaliar suas conquistas e fracassos, o que gera uma “prestação de contas”, em que o filho é a testemunha mais implacável do que foi realizado e do que foi frustrado em suas vidas.

E é justamente sobre este aspecto que Passos (2008) se refere quando pontua que as transformações vividas pelo adolescente trazem consigo a possibilidade de modificação do lugar e dos sentidos da parentalidade. Para esta autora, a adolescência se caracteriza pelo período em que o jovem, através de suas escolhas amorosas, profissionais e estéticas, revela aos genitores aquilo que se tornou e, mais precisamente, o que pôde fazer dos desejos parentais que lhe foram inscritos desde muito cedo. E, ao que parece, este confronto entre o que foi desejado e o que o filho é, sempre pressupõe certo nível de frustração aos genitores, sendo que, como pautas narcísicas, os desejos parentais nunca poderiam ser atendidos integralmente. Nesse sentido, as condutas dos adolescentes, por serem tão variadas quanto os sonhos e os desejos reprimidos dos genitores, podem parecer transgressoras, sendo que, no mínimo, transgridem a vontade explícita dos adultos (Passos, 2008).

A compreensão da dinâmica familiar e das mudanças psicológicas vivenciadas pelos pais e mães durante a adolescência é de extrema importância de modo geral, mas

especialmente no estudo da paternidade (ou maternidade) de adolescentes. A paternidade na adolescência, embora não de forma geral, muitas vezes consiste como uma “responsabilidade de adulto” surgida precocemente, sendo que o jovem pai tem que assumir um papel que nem sempre era esperado para a sua etapa maturacional. Entretanto, e justamente talvez por este motivo, que a prática da paternidade na adolescência pode passar a ter características de certa forma peculiares, com uma maior “supervisão” e, em alguns casos, “invasão” de pessoas adultas neste contexto. Entretanto, para que se entendam melhor as peculiaridades de um acontecimento como este, é importante analisar alguns aspectos teóricos concernentes à paternidade de modo geral, algo que será feito no capítulo a seguir.

Os eixos da paternidade

A revisão que se segue a respeito da paternidade terá como base a proposta do psicanalista francês Houzel (2004) a respeito do conceito de parentalidade, o qual será aqui focado a partir da perspectiva paterna. De acordo com Houzel, desde meados dos anos 1980, as funções e os papéis parentais têm sido designados a partir do termo *parentalidade*. Este conceito, de acordo com o autor, surgiu como uma forma de ampliar os termos maternidade e paternidade, trazendo à tona toda uma gama de aspectos dinâmicos do processo de parentificação, que não se restringem aos aspectos biológicos ou sociais deste processo, mas em que estão implicados níveis conscientes e inconscientes do funcionamento mental dos pais e mães. Para melhor compreender o conceito de parentalidade, Houzel propõe a sua divisão em três diferentes eixos: exercício, experiência e prática da parentalidade.

O exercício da parentalidade, de acordo com Houzel (2004), pode ser entendido como próximo do sentido jurídico, como o exercício de um direito, que transcende o indivíduo, sua subjetividade e seus comportamentos. Este diz respeito aos laços e parentesco que regem a parentalidade, designando o lugar de cada indivíduo na sociedade, bem como seus direitos e deveres nestes lugares. Para o autor, os aspectos jurídicos do parentesco e da filiação que definem o exercício da parentalidade estão em constante transformação, em função das mudanças nos costumes e nos diferentes modos possíveis de constituição da parentalidade, tais como o advento dos métodos de reprodução assistida, o crescente número de famílias monoparentais, homoparentais, dentre outros.

Já a experiência da parentalidade diz respeito à experiência subjetiva consciente e inconsciente do fato de vir a ser pai e preencher os papéis parentais. Dentre os inúmeros aspectos envolvidos neste eixo Houzel destaca o desejo dos pais pela criança e o processo de transição para a parentalidade, também chamado pelo autor de *parentificação*. Este processo,

segundo o autor, tem sido bastante estudado a partir da perspectiva das mães, através das análises das modificações psíquicas que podem ocorrer durante a gestação e após o nascimento do bebê. Tais modificações foram descritas, por exemplo, nos estados denominados *preocupação materna primária* (Winnicott, 1958/2000) e *constelação da maternidade* (Stern, 1997), os quais serão explicados mais adiante. Entretanto, pontua Houzel, as mudanças psíquicas produzidas no pai durante o processo de parentificação ainda foram pouco exploradas.

Por fim, a prática da paternidade pode ser analisada através das tarefas cotidianas que os pais executam junto às crianças, os seja, os cuidados físicos e psíquicos que os pais proporcionam a seus filhos. Este eixo engloba não apenas as interações comportamentais entre pais e filhos, mas também interações afetivas, fantasmáticas (permeadas pela história dos pais, do casal, de suas personalidades), e simbólicas, que se dão no interior da família e que inscrevem o processo de filiação.

A divisão da parentalidade nestes três diferentes eixos tem por objetivo uma elucidação teórica a respeito das possíveis dimensões ocupadas pelos pais e mães frente à chegada de um filho (Houzel, 2004). Nesse sentido, para o presente trabalho, cujo foco é o pai, serão utilizados os eixos da experiência e da prática da paternidade para guiar a revisão teórica, bem como para a análise posterior dos dados do estudo. Tal proposta já foi utilizada em outro estudo sobre paternidade no contexto da depressão materna (Silva, 2007), e será utilizada como forma de melhor compreender a paternidade no contexto da adolescência. O exercício da paternidade não será aqui especificamente contemplado por ultrapassar os objetivos desta pesquisa, embora se faça presente especialmente para compreender as mudanças históricas que permeiam a prática da paternidade.

A experiência da paternidade

Tornar-se pai constitui-se de um processo complexo, que traz consigo a necessidade de grandes mudanças e adaptações na vida de um homem. Tais modificações incluem a adaptação do casal, em especial na chegada do primeiro filho, quando passam de dois para três, com o risco de que um dos membros, em geral o pai, sinta-se o terceiro “excluído” desta relação (Cramer & Palácio-Espasa, 1993). Para estes autores, a vivência dos pais primários do nascimento do filho é uma situação especial, por ser algo extremamente novo, e que exige uma grande reorganização psíquica para a adaptação a este bebê de carne e osso que agora se faz presente em suas vidas, numa relação de profunda dependência.

Pode-se dizer que o processo rumo à paternidade tem início com uma verdadeira odisséia, ainda durante a gestação, que leva o futuro pai a investigar a história familiar passada, a fim de reorganizar sua identidade e seu lugar nos níveis conjugal, familiar e transgeracional (Darchis, 2000). Para Darchis, a odisséia percorrida pelo homem a caminho da paternidade, é o que permite a ele construir sua nova família, diferente da sua família de origem. Assim como as mães, os pais também precisam renovar os relacionamentos anteriores que tiveram com pessoas importantes em seu passado, em especial com seus próprios pais e mães, depositando nos filhos a expectativa desta renovação. Por isso que a gravidez da mulher é um período importante para a consolidação da identidade do homem, que também será passível de ansiedade e autoquestionamento característicos desta etapa (Brazelton & Cramer, 1992).

Darchis (2000) chamará o processo de estruturação psíquica do pai durante a gravidez de “Complexo de Telêmaco”, com base na mitologia grega. Telêmaco, filho de Ulisses (ou Odisseu), passou grande parte da sua vida à busca de notícias sobre seu pai, que deixou sua família, quando Telêmaco ainda era bebê, para lutar em Tróia, conforme o que é narrado na Odisséia de Homero (<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/odisseiap.html>). Antes de sair em busca do pai, Atena diz a Telêmaco: *“Parte à procura de teu pai, atravessa o mar... e quando tiveres terminado a tua viagem, não será mais necessário entregar-se às coisas infantis, pois tu não terás mais idade”* (Darchis, 2000). Para a autora, esta viagem de Telêmaco parece representar a viagem do futuro pai durante a gravidez quando, num movimento regressivo, ele encontra suas raízes para poder se religar e, depois, separar-se.

Dentro deste contexto, o futuro pai, segundo Darchis (2000) passará por dois movimentos identificatórios. O primeiro é aquele em que ele parte à procura da criança que ele foi, que ele queria ter sido. Neste primeiro movimento ele deve fazer o luto da continência da infância, a fim de assumir uma nova posição em sua vida: a de ser pai. No segundo movimento identificatório, ele parte à procura do que é um pai. Nesta busca, ele deve encontrar os genitores que teve, os que queria ter tido, para poder diferenciar-se deles e, assim, construir uma identidade de novo pai. E também é dentro deste movimento que, de acordo com a autora, situa seus próprios genitores como avós e, a partir disso, reorganiza a constelação intrafamiliar e intergeracional.

De forma semelhante, Cramer e Palácio-Espasa (1993) destacam a importância das identificações parentais no processo de constituição da paternidade. Para estes autores, toda a projeção do pai sobre os filhos é acompanhada de uma identificação por parte dos pais com o funcionamento parental de seus próprios genitores. Ademais, de acordo com os autores, tal

identificação complementar é determinante para o tipo de interação que irá se estabelecer com o filho, a qual pode ser organizadora ou, por outro lado, patogênica para a sua vida psíquica. Em relação à importância dos “fantasmas” do pai na dinâmica familiar, Barrows (2004) vai mais além. De acordo com este autor, é a transferência de uma figura do passado dos pais, em especial remetente à infância, que pode vir a distorcer suas representações sobre seu filho e, conseqüentemente, suas capacidades de funcionarem como pais.

A importância destes aspectos identificatórios e subjetivos na transição para a parentalidade é também pontuada por Stern (1997). Para este autor, o mundo representacional dos pais desempenha um importante papel na determinação da natureza e do relacionamento dos pais com o bebê. Tal mundo representacional refere-se a como os pais interpretam subjetivamente os eventos objetivamente disponíveis na interação com o bebê, e abrangem aspectos concernentes tanto ao bebê, quanto a si mesmos como pais. Nele se incluem não apenas as experiências dos pais de suas interações atuais com o filho, mas também suas fantasias, medos, esperanças, sonhos, lembranças de sua própria infância, modelos parentais, e profecias para o futuro do bebê.

A base das representações mentais se constrói a partir de experiências interativas subjetivas de “estar com” outra pessoa, que podem ser tanto experiências reais, vividas, ou mesmo virtuais, isto é, experiências imaginadas (fantasiadas). De acordo com Stern (1997), estas não se constituem de representações de objetos, pessoas, imagens ou palavras desenvolvidas no externo que são levadas para dentro, mas sim representações formadas do lado de dentro, com base naquilo que acontece no *self* enquanto se está com outras pessoas. Por seu aspecto interativo, Stern descreve tais representações na forma de “esquemas-de-estar-com”.

Embora Stern (1997) tenha descrito tais esquemas a partir de uma perspectiva materna, ele mesmo aponta para o possível paralelo entre os mundos representacionais de pais e mães. No entanto, em meio a esta grande semelhança, o autor observa duas possíveis diferenças, especialmente nas famílias em que a mãe é a principal cuidadora durante o primeiro ano de vida da criança. A primeira diferença está no fato de que o mundo representacional do pai é geralmente menos violentamente sacudido pelo nascimento de um filho, podendo o trabalho de reorganização dos esquemas paternos acontecer em um período mais longo do que àquele necessário à mãe. Alguns autores (Genesoni, & Tallandini, 2009) vão atribuir este possível “atraso temporal” ao fato de os pais, diferentemente das mães, não possuírem a vivência física da gestação, o que tornaria mais lento o processo de transformação da identidade paterna. Já a segunda diferença, segundo Stern, diz respeito à necessidade de o pai assumir o papel de

apoiador da díade mãe-bebê, auxiliando a mãe neste momento em que ela precisa afastar-se das exigências da realidade externa para dedicar-se ao cuidado do bebê. Papel este que envolve uma gama diferenciada de representações, baseadas no passado individual e familiar do pai, bem como aspectos culturais relativos à paternidade.

Contudo, apesar destas possíveis diferenças, o que há de comum, segundo Stern (1997), é que tanto as representações maternas quanto paternas passam por uma importante reorganização frente ao nascimento de um filho, em especial quanto aos seguintes esquemas: *esquemas sobre o bebê, sobre si mesmos, sobre o marido (ou esposa), e sobre os próprios pais*. Tais esquemas serão mais detalhados a seguir, com base no proposto por Stern (1997), que os utilizou para fazer referência à mãe, e que aqui são adaptados ao contexto da paternidade, foco do presente estudo.

Os *esquemas paternos sobre o bebê* (Stern, 1997) incluem as diferentes perspectivas pelas quais o pai pode visualizar o seu bebê: como seu filho, como filho de sua companheira, como neto de seus pais e mães, como uma pessoa, dentre outras. Cada um destes diferentes “bebês” assume, para o pai, uma forma diversa de representação e, conseqüentemente, pode parecer e agir de forma peculiar na mente do pai. Autores como Brazelton e Cramer (1992) colocam que, para os pais, tudo aquilo que o bebê (ou mesmo o feto) faz, desde o menor movimento ou vocalização, é imediatamente integrado numa rede de significados. Nesse sentido, para estes autores, a cada comportamento realizado pelo filho, é atribuído um significado pelos pais (ex. “teimoso como eu também costumava ser”), indicando que eles não necessariamente reagem ao aspecto objetivo do comportamento infantil, mas ao significado a que este lhe remete. Tais atribuições de significados são vistas como parte fundamental do desenvolvimento infantil, sendo que constituem a porta de entrada da criança no mundo simbólico dos adultos, auxiliando-a na construção da sua própria rede de valores e capacidades, as quais são permeadas pelas expectativas, ideais, predileções e aversões dos seus próprios pais (Brazelton & Cramer, 1992).

Em relação aos *esquemas sobre si mesmo* (Stern, 1997), pode-se ressaltar a reelaboração das representações do pai quanto aos diferentes papéis que ele possui em sua vida, tais como: de homem, pai, marido, profissional, filho, neto, quanto ao seu papel na sociedade, e ao seu lugar na família de origem. O que ocorre neste processo é o que pode ser chamado de uma “permutação simbólica” dos lugares, sendo uma das principais mudanças aquela de passar do lugar de filho para o de pai (Hurstel, 1999). Neste processo, de acordo com a autora, o pai renuncia a sua condição de filho como forma de garanti-la ao seu próprio

filho, mas, ao mesmo tempo, a conserva, embora de outra maneira, em relação ao seu próprio pai.

Do ponto de vista subjetivo, a transição para a paternidade não tem começo bem definido (Belsky & Miller, 1986). Esta se caracteriza por um processo gradual, que pode ter início mesmo antes da concepção, quando se tomam decisões de se e quando ter um filho, e continua com a adaptação à gestação (Parke, 1996). Assim como as mães, os pais também passam por mudanças durante este processo, as quais podem ser diretamente influenciadas pelo modo como elas reagem ao longo deste período (Parke, 1996). Tais mudanças podem envolver não apenas sintomas físicos, tais como perda ou ganho de peso, enjôos, mas também um interesse maior em temas relacionados à paternidade e criação de filhos, e pela preocupação com questões financeiras relativas ao advento de uma criança na família (Parke, 1996). Porém, mais difícil do que definir o início de todo este processo, é precisar quando ele se faz completo, pois a aquisição das rotinas e habilidades concernentes ao papel de pai podem se estender por um longo período de tempo (Belsky & Miller, 1986).

Estas preocupações e mudanças podem, muitas vezes, serem observadas já na gestação do primeiro filho, como nos mostra o estudo de Bornholdt, Wagner e Staudt (2007). Neste estudo, cujo objetivo foi investigar a gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna, foram entrevistados cinco pais brasileiros, com idades entre 27 e 35 anos, que coabitavam com as gestantes. Dentre os diversos aspectos apontados nos resultados, destacam-se as transformações na relação conjugal, decorrentes da gestação do primeiro filho, a fim de reorganizar a estrutura familiar para receber o novo membro. Além disso, os participantes referiram preocupações com o futuro dos seus filhos, em especial relativos à etapa da adolescência, contato com drogas, e o aumento da sobrecarga em função de serem os principais provedores da família. As autoras enfatizaram esta referida sobrecarga como a expressão da tendência histórica de que sustento econômico da família seja uma tarefa predominantemente desempenhada pelo homem. Os pais manifestaram também o desejo de uma maior proximidade e participação tanto na gestação, quanto no desenvolvimento dos filhos, apesar de considerarem uma facilidade das mulheres quanto ao cuidado com os filhos, considerando tal aspecto como uma espécie de “habilidade natural”.

Entretanto, o sentimento de ser pai nem sempre aparece da mesma forma e no mesmo momento para todos os homens. Em alguns casos, sentir-se pai emerge com a notícia de gravidez, enquanto em outros este sentimento só estará presente em estágio mais avançado, quando se tornam perceptíveis os movimentos fetais. E foi com o intuito de explorar a emergência da condição de pai e a relação desta com o vínculo pai-feto que Habib e Lancaster

(2006) investigaram 115 pais australianos, cuja gestação do primeiro filho se encontrava ainda no primeiro trimestre. Mesmo neste estágio inicial da gravidez de suas esposas, estes pais já reportavam a condição de esposos e de pais como as mais centrais em sua identidade. Além disso, quanto mais proeminente para os participantes a sua identidade de pais, maior era o vínculo destes com o feto, e mais intensa era sua preocupação para com ele. Por outro lado, alguns homens só se sentiam pais com o nascimento do filho, o qual representaria o auge do processo iniciado ainda na gravidez, mas que concretiza a existência do bebê, antes presente apenas no imaginário masculino, trazendo à tona também os deveres e responsabilidades implícitas ao papel de pai (Freitas, Coelho & Silva, 2007).

Dessa forma, o que se vê nos resultados desses estudos é que a vivência masculina de reorganização dos esquemas sobre si mesmo (Stern, 1997), em especial quanto ao novo lugar de pai, pode assumir uma perspectiva diferente da vivência feminina. Tais diferenças podem ter início ainda na gestação, etapa considerada uma das mais difíceis para os futuros pais (Condon, Boyce, & Corkindale, 2004; Genesoni & Tallandini, 2009; Kaitz & Akatzir, 2004). Em revisão sobre estudos que abordam diferentes aspectos da transição psicológica do homem para a paternidade, Genesoni e Tallandini (2009) mostraram achados contrastantes quanto à experiência dos pais durante o período pré-natal: por um lado, os pais se vêem como parte do casal em “trabalho de parto”, demonstrando a vontade de exercer um papel ativo nos eventos relativos à gestação; por outro, apesar desta nova tendência de os homens se envolverem mais com questões referentes ao pré-natal, eles com frequência experimentam sentimentos ambivalentes durante os estágios precoces da gravidez de suas parceiras.

Ademais, a partir desta revisão, os autores apontaram as três principais dificuldades sentidas pelos homens durante o período pré-natal. A primeira dificuldade, de acordo com Genesoni e Tallandini (2009), estaria relacionada a um sentimento de irrealidade vivenciado pelo pai, decorrente da falta de provas tangíveis da existência do filho, que vem acompanhado de uma vontade de desenvolver um vínculo emocional com ele. Tal sentimento também foi descrito no estudo de Finnbogadottir, Svalenius, e Persson (2003), cujo objetivo foi analisar as experiências de gestação de sete futuros pais primíparos. Para estes autores, o sentimento de irrealidade se faz presente em algum momento da gestação, em especial na confirmação desta ou nas primeiras semanas, independentemente de esta ter sido ou não planejada.

O sentimento de irrealidade vivenciado pelos pais durante a gestação talvez esteja relacionado ao fato de que eles, conforme já mencionado anteriormente, não possuem a vivência física da gestação, ou seja, esta não é, para eles, uma “experiência corporal”. Já as mães, desde o momento em que há a confirmação, tendem a entrar num mundo corporal da

gravidez, passando pelas mudanças corporais típicas deste período, que é também permeado por questões sociais e institucionais características da gestação, tais como consultas médicas e exames (Doucet, 2009). Nesse sentido, aponta a autora, as experiências corporais dos homens neste período seriam “momentos mediados pelo corpo” ou, melhor dizendo, mediados pelo corpo de suas companheiras.

Ademais, de acordo com Doucet (2009), esta influência da experiência corporal da gestação parece não estar presente apenas durante o período gestacional, mas também no primeiro ano após o nascimento do bebê. No referido artigo, em que ela compila os dados de três estudos qualitativos com 200 pais e 40 mães residentes no Canadá, ficou ressaltada a importância atribuída pelos participantes à conexão primária da mãe com o recém nascido. Tanto os pais quanto as mães entrevistados acreditavam que tal conexão teria suas raízes na conexão corporal da mãe com o feto, ainda na gravidez, e também nos processos de nascimento e aleitamento, que funcionariam como uma “âncora” ou com uma “cola” para a relação mãe-filho. Um dos pais entrevistados chegou a falar sobre o possível sentimento de abandono que esta relação tão próxima entre mãe e filho causava a ele, entretanto, acreditava que não havia como negar esta força da “conexão física” que deveria ser reconhecida e aceita.

Entretanto, apesar de a experiência corporal da gestação ser um acontecimento exclusivamente feminino, alguns homens, durante o período gestacional, podem apresentar alguns sintomas físicos que tendem a desaparecer após o nascimento do bebê. A este conjunto de sintomas masculinos ocorridos durante este período dá-se o nome de “Síndrome de Couvade” (De Martini, Piccinini, & Gonçalves, 2010; Parke, 1996). Dentre as possíveis manifestações da Síndrome de Couvade nos homens estão: perda do apetite ou aumento de peso, dores de dente, náuseas, distúrbios gastrintestinais e lombalgias (Brazelton & Cramer, 1992; Hurstel 1999; Parke, 1996). Conforme Parke, tais manifestações físicas são mais frequentes durante o terceiro mês e também ao final da gestação, podendo ser acompanhadas por problemas psicológicos como depressão, tensão, insônia, irritabilidade e mesmo gagueira.

Já a segunda dificuldade apontada por Genesoni e Tallandini (2009), que diz respeito ao relacionamento do casal. De acordo com estes autores, é comum, para os pais, ocorrer a percepção de um desequilíbrio na relação com a parceira, que envolve uma divergência entre as expectativas femininas e masculinas sobre a relação conjugal. Para alguns homens, por exemplo, as mudanças repentinas e imprevisíveis de humor de suas parceiras que por vezes acontecem durante a gestação, podem trazer sentimentos de insegurança e ansiedade sobre o futuro. Além disso, alguns aspectos concernentes à vida sexual, tal como alterações na frequência e no desejo expresso pela parceira, podem trazer consigo sentimentos de rejeição e

desagrado por parte dos pais. Entretanto, não há consenso em relação a este aspecto, sendo que são comuns relatos de melhora na vida do casal, inclusive em relação à vida sexual (Finnbogadottir et al., 2003), ou de possíveis variações na frequência e na qualidade da vida sexual ao longo da gravidez (Parke, 1996).

Enfim, a terceira dificuldade sentida pelos pais no período gestacional seria justamente concernente à formação de uma identidade parental, a qual requer uma mudança nuclear de identidade: do casal para o parental (Genesoni & Tallandini, 2009). Os autores apontam que, durante os primeiros meses de gestação, os homens podem ter dificuldades em imaginar como será a sua relação com o filho, travando uma luta psicológica para reconhecer a existência deste frente à ausência de mudanças corporais perceptíveis nas parceiras. Já após o terceiro mês, quando as alterações físicas tornam-se mais evidentes, um sólido relacionamento do casal pode facilitar o acesso do pai aos aspectos físicos da gravidez. A partir desta etapa, no entanto, o relacionamento do casal começa a ser psicologicamente ofuscado pela presença de um terceiro ser humano em desenvolvimento, processo que aos poucos transforma a relação dual em uma tríade.

Com esta passagem do casal para uma tríade, ocorrem mudanças também nos *esquemas do pai sobre sua esposa* (Stern, 1997). Estas mudanças se dão não apenas em relação ao seu papel de esposa, mas também de mãe e mesmo de mulher. Com o advento do primeiro filho, e em especial no período gestacional, é comum que os pais passem a ter maiores preocupações com a saúde da esposa, bem como um maior sentimento de responsabilidade em relação a elas. Mais do que isso, os pais com frequência procuram adaptar seus comportamentos de modo a equilibrá-lo com uma vivência de maior fragilidade de suas esposas (Finnbogadottir et al., 2003; Krob, Piccinini, & Silva, 2009).

Para compreender melhor o processo construção da identidade de pai no homem, torna-se importante contemplar também as peculiaridades referentes não apenas às mudanças nos esquemas do pai quanto à esposa, mas também desta em relação ao seu marido. Para Stern (1997), muitas das representações que a mãe desenvolve sobre o filho, são acompanhadas de uma representação complementar sobre o marido. Nesse sentido, de acordo com o autor, tais representações vão ser diferentes conforme a mãe, por exemplo, perceba o bebê como uma “cola conjugal”, ou seja, como o responsável pela manutenção do casamento ou, por outro lado, como uma ameaça à sobrevivência do casal. Na primeira, o marido possivelmente estaria sendo visto como alguém prestes a abandoná-la, não podendo fazê-lo em função do bebê, enquanto na segunda ele representaria um “outro bebê”, que exige

cuidado exclusivo e que, por este motivo, estaria sendo ameaçado com o nascimento deste filho.

Entretanto, Stern (1997) ressalta que as representações maternas sobre o marido sofrem mudanças durante a gravidez e o período após o nascimento. Durante a gravidez, é mais provável que a mãe imagine mais semelhanças entre o bebê e o pai do que entre ela mesma e o bebê. Já após o nascimento, ela tende a ver o marido mais negativamente e, da mesma forma, passa a ver mais semelhanças entre ela e o bebê do que entre este e o marido. Conforme o autor, esta forma mais negativa de ver o pai após o nascimento pode ser justificada pela vivência característica da mãe nesta etapa, que faz com que ela, de certa forma, exclua os outros da sua relação com o bebê. Este é a etapa em que ocorre o que Stern (1997) denominou “constelação da maternidade” e Winnicott (1958/2000) chamou de “preocupação materna primária”.

A “constelação da maternidade”, de acordo com Stern (1997), é o período que ocorre logo após o nascimento do bebê, e que se caracteriza por uma organização psíquica peculiar da mãe, em que suas preocupações se voltam para temas relativos ao seu bebê, em detrimento de quaisquer outras preocupações que possam ter. Esta organização é temporária, podendo durar de alguns meses a anos e se torna o eixo organizador dominante para a vida psíquica da mãe neste período. A “constelação da maternidade” é um conjunto de preocupações distintas, mas inter-relacionadas, da qual fazem parte os seguintes temas: *vida crescimento*, que diz respeito à competência da mãe em manter a vida e o crescimento do bebê; *relacionar-se primário*, que se refere à capacidade de ela se envolver emocionalmente com seu bebê, de forma a garantir o desenvolvimento psíquico dele; *matriz de apoio*, isto é, se ela saberá como criar e permitir a rede de apoio necessária ao cumprimento das outras funções; e, por fim, *reorganização da identidade*, que versa sobre a sua capacidade de transformar sua auto-identidade para assumir seu novo papel de mãe. No estudo de Coutinho e Morsch (2006), tais preocupações mencionadas por Stern foram utilizadas como base também para analisar a experiência da paternidade no contexto da prematuridade.

De forma semelhante, Winnicott (1958/2000) chamou de “preocupação materna primária” o estado psicológico especial da mãe, que ocorre desde o final da gravidez até algumas semanas após o nascimento do bebê. Este estado, de acordo com Winnicott, se caracteriza por um afastamento temporário da mãe de quaisquer outros interesses que não àqueles relativos ao seu bebê, o qual permite uma adaptação sensível e delicada às necessidades deste. Por sua característica de dissociação e de fuga, o autor ressalta que tal condição poderia ser até mesmo considerada como uma doença, caso acontecesse fora do

contexto de uma gestação. Entretanto, tanto Stern quanto Winnicott ponderam que os estados por eles descritos respectivamente como “constelação da maternidade” e “preocupação materna primária” não acontecem da mesma maneira e nem são comuns a todas as mulheres, pois são permeados por aspectos individuais e mesmo por questões sócio-culturais.

Contudo, Stern (1997) ressalta que, mesmo quando a mãe faz este movimento de “exclusão” em relação às pessoas, outra rede de esquemas para o marido assume importância ainda maior, que é a de servir como base para o sistema de apoio que facilita este papel primário da mãe. Este papel do pai, especialmente relacionado ao tema da *matriz de apoio* da constelação da maternidade, será mais bem caracterizado no capítulo a seguir.

Por fim, outra mudança importante no mundo representacional dos pais diz respeito aos seus *esquemas sobre seus próprios pais* (Stern, 1997). Ao falar sobre as mudanças nos esquemas da mulher, Stern destaca a importância das representações desta em relação a sua própria mãe, as quais incluem sua mãe como mãe para ela quando criança, como esposa, como mulher e como avó da nova criança. Contudo, pela questão da identidade e do papel sexual, o autor traz dúvidas quanto ao possível paralelo entre as mudanças nos esquemas da mulher sobre a mãe, e àquelas referentes ao seu próprio pai. Por esta mesma razão, ao enfocarmos o pai, possivelmente as suas representações em relação ao próprio pai assumam maior destaque neste contexto do que as representações em relação a sua mãe. Brazelton e Cramer (1992) pontuam que, durante a gestação, da mesma forma que as mulheres tendem a voltar-se para o relacionamento com suas mães, os homens têm a necessidade de voltar-se, seja na realidade ou na fantasia, para os próprios pais, de forma sustentar seu novo papel parental.

De forma semelhante, Finn e Henwood (2009) destacam a importância, para o processo de constituição da paternidade, desta reavaliação que os pais fazem a respeito de seus próprios pais. No referido estudo, que teve a participação de trinta pais residentes na Inglaterra um dado consistente nas entrevistas foi a percepção dos participantes de que o modo como seu próprio pai se engajou ou desengajou em seu papel de pai acabou tornando-se um ponto de referência importante e inevitável para imaginar-se a si próprio como pai e para reconhecer o que seria o melhor a ser feito em relação ao seu filho.

Neste sentido, os homens podem ver seus pais tanto como modelos positivos, quanto negativos de paternidade. Por exemplo, no estudo de Krob et al. (2009), dos 20 pais porto alegrenses entrevistados, 14 relataram boas recordações da infância e da relação que tinham com seus próprios pais. Vários ainda expressaram um sentimento de identificação com os próprios pais, bem como a expectativa de que tivessem com seus filhos uma relação

semelhante àquela que seus pais tinham com eles. Contudo, neste mesmo estudo, alguns poucos pais relataram não ter boas recordações de sua infância nesse sentido, ressaltando a vontade de serem para os seus filhos pais mais presentes e participativos do que seus próprios pais haviam sido com eles. Já na pesquisa de Finn e Henwood (2009), apesar de alguns participantes relatarem boas recordações da relação com seus pais na infância, grande parte deles mencionou a vontade de ser mais cuidadoso e emocionalmente expressivo do que seus próprios pais, bem como mais envolvido e mais atento no cuidado com os filhos.

Sendo assim, é plausível pensar que não só os modelos positivos de paternidade permeiam o modo como os pais se relacionam com seus filhos, e são vistos como modelos a serem seguidos, mas também os modelos negativos podem servir como padrões a serem evitados. Por exemplo, no estudo de Gomes e Resende (2004), os pais entrevistados mencionaram dificuldades na relação com seus próprios pais que, segundo eles, foi permeada por uma distância afetiva e pela falta de diálogo. Este tipo de relação os fez questionar a identidade masculina como sendo permeada pela negação do direito de sentir e se emocionar. Os participantes também falaram sobre as mudanças no modo de lidar com os sentimentos em relação à esposa e aos filhos, sentindo-se mais próximos e participativos da vida de seus filhos, diferentemente das lembranças que tinham da relação com seus próprios pais. No estudo de Ramires (1997) os participantes também descreveram seus próprios pais como distantes, autoritários e pouco abertos à expressão de sentimentos. Entretanto, a autora ressalta que os pais de seu estudo manifestaram um desejo de reformulação, reparação e resgate, na relação com seus filhos, da vivência que tiveram com seus próprios pais. Para tanto, as qualidades dos pais eram vistas como modelos de identificação, enquanto os defeitos, como algo a ser superado. Já a figura materna, no estudo de Gomes e Resende (2004), aparecia para os pais como representante de intimidade e também como mediadora da relação pai-filho, interpondo-se entre os dois e apaziguando eventuais conflitos. Resultados semelhantes também foram encontrados na pesquisa de Sutter e Bucher-Maluschke (2008), em que alguns pais manifestaram querer ser para os filhos o pai que eles próprios não tiveram, além de também considerarem suas próprias mães como modelos de responsabilidade diante dos filhos.

Na verdade, as gratificações e satisfações vividas como filho, deixam pontos de referência conscientes para que o pai busque estabelecer relações satisfatórias com seu próprio filho (Cramer e Palácio-Espasa, 1993). Já as frustrações e decepções dessa vivência possivelmente darão lugar a remorsos, e tentativas de evitar que o filho vivencie tais tipos de sentimentos. Nesse sentido, os pais poderiam estabelecer uma relação de continuidade ou de

compensação (Parke, 1996). Na primeira, os pais seguem o modelo que aprenderam com seus próprios pais, que será reforçado se estes foram acessíveis e afetuosos com eles. Já na segunda, se estabelece uma relação compensatória, em que os pais procuram equilibrar as deficiências percebidas na relação com seus próprios pais, tornando-se pais melhores e mais envolvidos com seus filhos.

Tais aspectos parecem estar relacionados com o que Finn e Henwood (2009) chamam de continuidade ou rejeição dos aspectos de paternidade tradicionais. Os autores ressaltam para a necessidade de reconhecer a coexistência de duas posições de pai quando estes se deparam pela primeira vez com seu futuro como pais: o pai moderno (novo, maternal), e o pai tradicional (com diferenças de gênero em seu papel, virtuoso). Neste sentido, os pais podem tanto rejeitar os aspectos mais tradicionais da paternidade de seus próprios pais, que eles não consideram bons (ex. autoritário, inflexível, distante), bem como dar continuidade àqueles considerados positivos (ex. disciplinador, que transmite autoconfiança e discernimento moral para os filhos).

Sendo assim, pode-se pensar que, de acordo com os diversos aspectos teóricos e empíricos revisados acima, que a formação da identidade de pai constitui-se de um fenômeno complexo, que traz à tona o resultado de um conjunto de dimensões pessoais e contextuais que permeiam a vivência subjetiva da paternidade. Tal construção não começa apenas no momento em que esta paternidade é anunciada, mas sim nas experiências mais precoces do menino, em suas vivências da infância, em suas brincadeiras no convívio familiar e social, as quais se farão presentes também na forma pela qual ele exercerá o seu papel de pai no futuro.

A prática da paternidade

Afinal, o que é ser pai? A resposta á essa pergunta não é simples e única, mas parece estar atrelada ao tempo e ao contexto a partir da qual ela é evocada. Para Lang (2004), o pai e seu ser é uma questão tipicamente moderna, já que na Antiguidade ele tinha seu lugar inquestionavelmente assegurado por aparatos jurídicos e religiosos. Naquela época, o pai respondia diante de Deus, e Deus somente se manifestava para o pai, que O mediava diante dos outros. A família era vista não como condição para o pai, mas como derivada de sua figura. Sendo assim, de acordo com Lang, o pai era o senhor político e religioso de seu tempo, centro de potência e autoridade. A ele se designava o direito sobre os filhos, o direito aos filhos, e o direito dos filhos.

Entretanto, nos últimos séculos, a imagem da paternidade grandiosa da Antiguidade vem apresentando sinais progressivos de desgaste, inicialmente vinculando-se essencialmente

ao espaço restrito da família nuclear e, aos poucos, em meados do século XIX, dando sinais de seu possível desaparecimento (Lang, 2004). Tais mudanças parecem acompanhar as transformações apresentadas não apenas em relação à paternidade, mas à família nuclear de modo geral.

Desta forma, para Roudinesco (2003), podem-se distinguir três grandes períodos na evolução da família. Na primeira, dita *tradicional*, a família servia principalmente para assegurar a transmissão de um patrimônio. A família estava inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, representante do direito divino, onde os casamentos eram arranjados entre os pais, sem considerar a vida sexual e afetiva dos jovens esposos. A segunda etapa, da família *moderna*, estendeu-se desde o final do século XVIII até meados do século XX. Diferentemente da concepção anterior, esta família tinha por base o amor romântico, sendo o casamento o ritual que confirmava a reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carnavais entre os esposos. A divisão do trabalho entre os esposos era valorizada, e a educação dos filhos ficava à cargo também da nação. Por esse motivo, a atribuição da autoridade se dividia entre duas vertentes: por um lado, entre o Estado e os pais e, por outro, entre os pais e as mães. Por fim, em meados de 1960, surge a chamada família *contemporânea* ou *pós-moderna*. Neste período o casamento, muitas vezes, possui duração relativa, unindo duas pessoas em busca de relações íntimas e de realização sexual. Para Roudinesco, em meio a estas transformações, a transmissão da autoridade vai se tornando uma questão cada vez mais problemática, agravada pela crescente ocorrência de divórcios, separações e recomposições conjugais. Nesse sentido, de acordo com a autora, a queda da família autoritária de outrora também atinge a figura do pai, que perde sua imagem inquestionável de virtude e de dominação.

Outros autores também têm analisado as diversas mudanças pelas quais a paternidade tem passado ao longo dos tempos, em especial no século passado (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Devreux, 2006; Hurstel, 1999; Parke, 2006). Diversas mudanças separam aquele pai *paterfamilias*, da Roma Antiga (Séc. VIII a.c), com autoridade onipotente sobre os bens e as pessoas, para os “novos pais” de hoje, que são caracterizados por um compartilhamento da autoridade parental com a mãe e por uma relação mais afetiva com os filhos (Hurstel, 1999).

Para Hurstel (1999), a paternidade contemporânea, que vai do fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje, caracteriza-se por transformações radicais, que modificaram o estatuto legal e social do pai, sua imagem, seu papel e sua vivência. De acordo com a autora, duas são as linhas de força que permeiam estas transformações: a primeira diz respeito às mudanças legais que afetam o estatuto do poder do pai, as quais remetem à dúvida sobre “o

que é um pai”, que já não é exclusivamente um chefe de família, mas partilha a autoridade parental com a mãe; já a segunda está relacionada à multiplicidade dos critérios legais de filiação, bem como aos avanços das ciências biológicas e da reprodução medicamente assistida, as quais trazem à tona a questão de “quem é o pai”. Embora Hurstel, ao discutir estes aspectos, esteja inserida num contexto francês, ela traz à pauta repercussões importantes destas transformações históricas sobre o exercício da função paterna.

No que diz respeito às mudanças legais na França, um dos principais aspectos mencionados por Hurstel (1999) foi a mudança do que antes era considerado pátrio poder, para uma autoridade parental compartilhada entre pai e mãe, trazendo à tona um enfraquecimento do poder do pai no direito e no campo social. No contexto do casamento, ou da “família legítima”, pai e mãe detêm o exercício conjunto da autoridade parental, com a ausência de hierarquia e com igualdade funcional de cada um dos dois. Já no caso das famílias ditas “naturais”, ou melhor, famílias formadas fora do casamento, a autoridade é exercida pela mãe, salvo nos casos em que o pai também demanda esta autoridade. Este é um procedimento que se estende também para o Brasil, onde para 25% da população que vive em união consensual, ou seja, sem ser oficialmente casada, o reconhecimento da paternidade não é automático, mas deve ser voluntariamente declarado pelo pai (Fonseca, 2004). Para Hurstel, a forma como esta lei está disposta poderia estar relacionada à crença social de que “as crianças são das mães”, ou de que “mães sabem melhor do que os pais sobre o que diz respeito às crianças”.

Já no que concerne às transformações no campo das ciências, Hurstel (1999) discute o advento da “verdade biológica” da filiação como uma verdadeira revolução na paternidade. Nesse sentido, a filiação não estaria mais atrelada apenas a uma presunção de paternidade designada pelo contexto do casamento, mas por questões biológicas e afetivas. Assim, para Hurstel, os modos de estabelecimento da filiação paterna podem dar-se através de três diferentes modos: por reconhecimento, por abertura de uma ação de investigação de paternidade, e por legislação, no caso de adoções. Dentro deste contexto, Fonseca (2004) traz uma importante reflexão sobre as repercussões do advento dos testes de DNA sobre as relações de parentesco, ou o que ela chama de “biologização das relações familiares”. Com objetivo de analisar tais repercussões, a autora acompanhou pessoas envolvidas em disputas jurídicas em torno da identidade paterna na cidade de Porto Alegre, RS. Fonseca aponta que grande parte dos testes é solicitada por mulheres, levando a crer que são elas que mais se beneficiam desta nova tecnologia. Contudo, mesmo naqueles casos em que a paternidade é constatada e o nome deste “pai” vai para a certidão de nascimento do filho, quando não há

uma mínima relação anterior entre pai e filho, essa constatação nem sempre traz conseqüências no plano prático. Ou seja, para Fonseca, nada garante que este novo pai irá cumprir com seu compromisso paterno, tanto no que diz respeito à questão material, quanto em relação aos aspectos afetivos. Entretanto, pode-se pensar que talvez haja um lado neste reconhecimento que, em alguns casos, possa estar além das conseqüências materiais ou afetivas, que diz respeito a uma garantia do conhecimento das origens, ou melhor, do “nome do pai”.

Porém, neste mesmo artigo, Fonseca (2004) aborda um aspecto diverso e, talvez, mais cruel dos testes de DNA: o seu uso para a contestação da paternidade. Para melhor ilustrar as possíveis repercussões deste uso a autora aborda uma situação em que, após 12 anos de convivência com o filho, o pai, desconfiado das diferenças físicas entre os dois e estimulado por sua família de origem, decide realizar o teste de DNA. É então descoberto que, de fato, ele não é o pai. Sentindo-se humilhado e traído, ele então solicita a anulação da certidão de nascimento do filho e a retirada do seu nome do registro. Frente a esta situação, em que a tecnologia do DNA é usada não para esclarecer quem é o pai, mas para dizer quem não é, Fonseca deixa no ar a pergunta de se, neste caso, alguém sai realmente ganhando.

Sendo assim, não se pode negar que as mudanças históricas geram repercussões sobre o modo como os pais exercem a paternidade e, além disso, trazem consigo diferentes expectativas em relação ao papel do pai. Nesse sentido, além das questões legais e dos avanços científicos, outro processo histórico do século XX que teve importante repercussão sobre a paternidade foi o aumento das mulheres no mercado de trabalho (Cabrera et al., 2000; Devreux, 2006; Parke, 1996). Para Cabrera et al., no século passado, nada mudou mais na vida das famílias do que o aumento das mães na força de trabalho, bem como do número de mulheres consideradas “chefes de família”. Ao mesmo tempo, pontuam os autores, diminuiu o número de famílias em que o pai é o único provedor do sustento financeiro.

Paralelamente a esta legitimação do trabalho profissional das mulheres e de sua maior ausência de casa, começou a surgir a idéia de um “novo pai”, a qual foi amplamente disseminada entre os países ocidentais e que veio de encontro ao modelo tradicional ou conservador de pai (Devreux, 2006). O pai “tradicional” é caracterizado como alguém pouco envolvido no cuidado com os filhos, cujo papel é quase que exclusivamente o de provedor moral e financeiro para a família. Mais do que isso, este pai, não raras vezes, tem sua imagem associada a uma figura de frieza e distanciamento, deixando a responsabilidade do cuidado à cargo das mães. Já o “novo pai”, que ilustra o ideal de paternidade nos dias de hoje, é aquele que frequenta cursos de gestante com a esposa, a acompanha durante o parto, e que divide os

cuidados da criança com a esposa, em especial quando ela tem que retornar ao trabalho (Parke, 1996).

No entanto, esta mudança nos ideais de paternidade não foi automática, mas apresentou-se como resultado de um longo e complexo processo de transformações nos discursos dominantes sobre este tema. Nesse sentido, no que se refere à história social da América, quatro períodos demarcaram as diferentes visões sobre o papel do pai ao longo dos dois últimos séculos: o pai como guia moral; como “ganha-pão”; como modelo de papel sexual; e como aquele que provê cuidados físicos e emocionais (Lamb, 1996, 2000).

O modelo do pai como guia moral, de acordo com Lamb (1996, 2000), se estendeu desde o período puritano, passando pelo período colonial, até o início do período republicano. Nesta ocasião, o pai era visto predominantemente como responsável pela fiscalização e educação moral da família. Ou seja, era delegada ao pai a tarefa de assegurar que seus filhos fossem criados com um senso apropriado de valores, adquirido principalmente através do estudo de materiais religiosos, e também a responsabilidade pela educação dos filhos, o que permitia a manutenção dos ideais cristãos valorizados na época.

Com o advento da industrialização, o corrente modelo do pai como guia moral cedeu espaço à visão dele como o “ganha-pão” da família. Este período, caracterizado pelo ideal de pai como provedor do sustento financeiro da família se estendeu até o período da “Grande Depressão” (a partir de 1929). Já na década de 1930 e início dos anos 40, o pai passou a ser visto como um modelo masculino para os filhos homens e, conseqüentemente, a preocupação era com o quão bem ele estava executando este papel, ou seja, o quanto seu comportamento era masculinamente exemplar. Finalmente, por volta dos anos 1970, culminou o ideal de pai como aquele que provê cuidados físicos e emocionais e que participa ativamente da rotina de seus filhos (Lamb, 1996, 2000). Entretanto, as mudanças não se encerram por aí, e o modo como o pai é visto frente à família e à sociedade parece estar em constante transformação. Para Day e Lamb (2004), enquanto entramos neste novo milênio, a identidade dos pais dentro de suas famílias parece ainda menos certa do que antes, sendo discutida e questionada constantemente, numa amplitude sem precedentes, por pesquisadores e formadores de opinião. Para os autores, o aumento das discussões em torno deste tema parece justificado pela crescente conscientização de que o envolvimento pai com a família parece ter repercussões importantes sobre o bem-estar econômico, físico e psicológico das crianças.

Contudo, apesar desta divisão histórica dos ideais de paternidade, cabe ressaltar o fato de que não há um tipo singular de pai e, especialmente, que nem todos os pais de hoje se encaixam neste modelo do “novo pai”, que compartilha com a mãe os cuidados dos filhos

(Parke, 1996). Para Jablonski (1999), a passagem das atitudes para o comportamento em relação à paternidade não está se dando na quantidade e na qualidade desejadas. Para este autor, permanece a idéia firmemente enraizada de que os homens são os provedores da família. Ou seja, parece haver uma divisão entre o que se espera do pai, ou seja, como ele é visto no campo social, a partir das representações que são construídas da paternidade; e o papel que ele de fato executa em seu cotidiano familiar, ou seja, a sua prática enquanto pai.

Nesse sentido, pensando a partir de uma perspectiva desenvolvimentista, um importante avanço no que concerne às pesquisas sobre paternidade foi o desenvolvimento, ainda na década de 1980, do construto de envolvimento paterno, proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), que chamou atenção para uma dimensão do comportamento dos pais até então negligenciada em estudos anteriores (Pleck, 1997). Embora a definição inicial deste construto estivesse relacionada à quantidade de tempo que os pais despendem com seus filhos, sem preocupação com o conteúdo do envolvimento, foi Pleck quem advertiu sobre a necessidade de se repensar o conceito para que fossem incluídas as dimensões qualitativas do comportamento paterno. Surgiu, assim, a partir deste autor, o conceito de envolvimento paterno positivo que inclui, além do nível quantitativo do envolvimento paterno, também a preocupação com o conteúdo e a qualidade desse envolvimento. Para Le Camus e Frascarolo (2003), o conceito de envolvimento paterno pode ser visto como um organizador de padrões dentro do estudo da paternidade, servindo de eixo norteador para toda uma geração de pesquisadores. De acordo com os autores, a partir dos estudos sobre o envolvimento paterno, os pesquisadores começaram a ver que não era importante apenas estudar as conseqüências da ausência dos pais, mas também refletir sobre os efeitos de sua presença.

O envolvimento paterno é caracterizado por três dimensões: *interação*, *acessibilidade* e *responsabilidade* (Lamb et al., 1985). A *interação* é entendida como o contato direto do pai com a criança, através de cuidados e atividades compartilhadas; já *acessibilidade* refere-se à presença e à disponibilidade do pai para a criança, acontecendo ou não a interação direta entre eles; e, finalmente, a *responsabilidade*, refere-se ao papel que o pai exerce nos cuidados com a criança, como ao selecionar babás, marcar consultas com pediatras e determinar se criança precisa de roupas novas. A dimensão da *responsabilidade*, de acordo com Lamb (2000) é a mais difícil de ser definida e pode, por esse motivo, ser facilmente ignorada por pesquisadores. Isto porque, de acordo com o autor, muito do tempo envolvido em ser um pai responsável não é gasto na interação direta com a criança, mas envolve também as ansiedades, preocupações e planejamentos que caracterizam a responsabilidade parental e que frequentemente ocorrem quando o pai está realizando outras atividades que não estar com o

filho. Talvez por esta razão Parke (2000) pontua que, dentro dos estudos sobre o envolvimento paterno, a *interação* é o aspecto que tem recebido maior atenção dos pesquisadores, enquanto os outros dois componentes têm sido deixados um pouco de lado. Nesse sentido, ele alerta para a importância da dimensão administrativa do envolvimento, o componente *responsabilidade*, e de seu impacto sobre o desenvolvimento da criança. Para este autor, o modo como os pais organizam o ambiente familiar da criança, como colocam limites nos locais que ela pode acessar dentro da casa e, mais ainda, como agenciam os contatos sociais da criança, é tão importante quanto seu papel de estimular a criança através dos momentos de interação.

Para melhor compreender o envolvimento paterno, há que se considerar, primeiramente, que ele não consiste de algo que dependa simplesmente da decisão do pai de ser ou não envolvido, mas é permeado por uma multiplicidade de fatores (Parke, 1996). Dentre os fatores que podem exercer esta influência, estão: a *motivação*, que se caracteriza pela vontade que esse pai tem de se envolver, podendo estar relacionado, entre outros fatores, ao envolvimento que seus próprios pais tiveram para com ele; as *habilidades e autoconfiança*, ou seja, o sentimento de ser capaz de exercer o papel de cuidador, o qual se faz necessário para o sucesso e prazer nos cuidados da criança; o *apoio recebido*, que consiste da aprovação do envolvimento paterno por outras pessoas, tais como a companheira ou esposa, a mãe e os colegas de trabalho; e os *fatores institucionais*, como o emprego deste pai que poderia impedir um maior envolvimento com a criança (Pleck, 1997).

Grande parte dos estudos sobre envolvimento paterno tem seu foco sobre o período após o nascimento do bebê, quando o pai já é capaz de estabelecer uma interação direta com o filho. Entretanto, alguns autores têm se dedicado ao estudo do envolvimento do pai ainda no período pré-natal, quando esta relação se constrói de forma peculiar (Martin, McNamara, Milot, Halle, & Hair, 2007; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004). No estudo de Piccinini et al., cujo objetivo foi investigar como se dava o envolvimento paterno durante o terceiro trimestre de gestação, foram entrevistados 35 pais porto alegrenses que esperavam seu primeiro filho. A participação dos pais durante a gestação foi referida, dentre outros aspectos, através de apoio material e emocional à gestante, acompanhamento às consultas de pré-natal e ecografias, bem como envolvimento nos preparativos para a chegada do bebê e a menção de “sentirem-se grávidos”. Grande parte dos pais entrevistados também referiu interagir com seus filhos, reagindo às suas manifestações dentro do útero e buscando ativamente esta interação, através da conversa com o bebê e dos carinhos feitos na barriga da esposa. A maioria dos participantes também mencionou ter preocupações quanto à esposa, ao

bebê e ao parto, bem como em relação ao aumento das responsabilidades advindas da paternidade e ao sentimento de inexperiência frente a este novo papel. Embora os autores cheguem à conclusão de que envolvimento paterno durante a gestação encontre algumas barreiras externas e subjetivas para sua concretização, este se fez presente, demonstrando que a paternidade e o vínculo pai-bebê podem começar a desenvolver-se mesmo antes do nascimento.

Já no estudo de Martin et al. (2007), o objetivo foi examinar se as mulheres cujos parceiros eram envolvidos com a gestação eram mais propensas a receber acompanhamento pré-natal precoce e a reduzir o consumo de cigarros ao longo da gestação. O envolvimento paterno, neste estudo, foi analisado a partir de um questionário com perguntas objetivas feitas aos pais e mães sobre comportamentos do pai no período pré-natal, tais como: presenciar uma ecografia; discutir a gravidez com a esposa; ouvir os batimentos cardíacos do bebê; sentir os movimentos fetais; comprar coisas para o bebê, dentre outros. Os resultados revelaram que as gestantes cujos parceiros eram envolvidos com a gravidez foram 1,5 vezes mais propensas a receber acompanhamento pré-natal ainda no primeiro trimestre gestacional. Em relação ao cigarro, aquelas que fumavam na concepção tiveram uma redução do hábito de fumar 36% maior do que aquelas cujo parceiro não era considerado envolvido. Além disso, os autores constaram que aqueles pais cujo nível de escolaridade não atingia o ensino médio eram menos propensos ao envolvimento com a gestação. Já um envolvimento significativamente maior foi apresentado por aqueles pais que esperavam seu primeiro filho e que relataram querer a gestação.

Em relação ao momento do parto, Carvalho (2003) menciona que a participação do pai nem sempre é valorizada pelos profissionais de saúde que, em alguns casos, o percebem como alguém que atrapalha a mãe neste momento. Esta atitude excludente em relação ao pai, muitas vezes, interfere também em sua motivação para participar, exacerbando o medo e a ansiedade desencadeados pela situação de parto. Entretanto, algumas vezes, segundo Carvalho, é a própria gestante que prefere que o pai não esteja presente, por sentimentos como nojo e, também, vergonha da exposição excessiva de seu corpo frente ao companheiro. De qualquer forma, por envolver questões muito particulares e subjetivas, as reações e expectativas do pai em relação a este momento podem apresentar grande variação. Enquanto alguns homens mostram-se confiantes, felizes e ansiosos para viver este momento, outros podem vivenciar sentimentos de preocupação, desconfiança e desamparo. Para estes últimos, participar do parto pode ser percebido como uma exigência externa e não como uma expectativa pessoal (Hallgren, Kihlgren, Forslin, & Norberg, 1999). Sendo assim, cada situação deve ser

analisada com cuidado, parecendo não haver uma “regra” pré-estabelecida que supra o próprio desejo paterno (e materno) da participação do pai neste momento.

No que concerne ao envolvimento paterno no período após o nascimento, uma grande variedade de estudos pode ser encontrada, demonstrando uma diversidade de características e formas de envolvimento do pai na vida de seus filhos. Mais do que isso, os estudos trazem à tona a multiplicidade de fatores que permeiam o envolvimento paterno, confirmando as idéias de autores como Parke (1996) e Pleck (1997).

Nesse sentido, um dos aspectos que se manifesta nos estudos como possível interferência sobre o envolvimento paterno é a questão da vida laboral do pai. Na pesquisa de Silva e Piccinini (2007), por exemplo, que investigou o envolvimento paterno de pais casados e com um único filho em idade escolar, os participantes mostraram-se satisfeitos com seus papéis de pai, percebendo uma evolução no relacionamento com seus filhos conforme estes fossem crescendo, devido às maiores possibilidades de interação entre eles. Por outro lado, a jornada de trabalho destes pais gerava mais restrições sobre o envolvimento destes com seus filhos, fazendo com que não tivessem tanta disponibilidade para participar dos cuidados. Sendo assim, o trabalho, neste caso, estaria restringindo a sua participação e envolvimento como pai. Este dado confirma o que foi colocado por alguns autores (Lamb, 1997; Lewis & Dessen, 1999; Parke, 1996; Pleck, 1997) de que questões institucionais, como as características do emprego dos pais, constituem uma das importantes razões para a ocorrência de baixos níveis de envolvimento paterno. Conforme Parke (1996), pais que estão altamente comprometidos com o trabalho, e que gastam longas horas no emprego, tendem a ser menos envolvidos em atividades de pai. No entanto, Pleck (1997) ressalta que o fato de os pais apresentarem uma maior quantidade de envolvimento com seus filhos, não significa, necessariamente, que também haja uma melhor qualidade nesse envolvimento.

Interligada com a vida laboral do pai, a capacidade de sustento financeiro dos filhos também aparece nos estudos como um fator muito importante para o envolvimento paterno, de modo que os pais que possuem um emprego, de modo geral, mostram-se mais envolvidos com seus filhos do que aqueles que não possuem (Johnson, 2001), ou que possuem trabalhos ilegais (Waldoff & Cina, 2007). Este foi um fator apontado também por Marsiglio e Cohan (2000), que afirmam que a possibilidade de um envolvimento paterno positivo pode ser dificultada caso o pai esteja desempregado ou num subemprego. Por esse motivo pode-se pensar que, mesmo o trabalho do pai restringindo, de certa forma, sua participação nos cuidados com o filho, este parece ser muito importante para a manutenção do envolvimento,

talvez por confirmar a capacidade de exercer uma função culturalmente atrelada à figura paterna, qual seja, a de provedor financeiro da família.

Por essa razão, para alguns homens, dedicar menos tempo e foco a sua atividade profissional pode ser visto como um grande desafio. Se por um lado, uma das queixas é a dificuldade de flexibilização do horário de trabalho do pai para poder dedicar mais horas ao cuidado do filho, por outro, sua satisfação como pai parece estar positivamente relacionada a uma performance de sucesso no trabalho e envolvimento em atividades sociais (Genesoni, & Tallandini, 2009). Para os autores, este pode se constituir como um dos motivos para a dificuldade dos homens em mudarem seus hábitos no período pós-parto e, portanto, oferecer pouca ajuda prática as suas novas famílias.

Esta aparente ambivalência quanto à influência do trabalho do pai em seu envolvimento com o filho foi também apontada por Bustamente (2005), em sua pesquisa realizada com pais residentes do subúrbio de Salvador-Ba. Neste estudo etnográfico, em que participaram sete pais de crianças pequenas, enquanto um dos participantes lamentava não poder sustentar os filhos e, conseqüentemente, afastar-se deles, outro se dizia triste por não poder estar tão próximo do filho em função do trabalho, que garantia seu sustento. Segundo a autora, estas falas podem ser pensadas como reflexo de discursos contraditórios em torno da paternidade: o tradicional, em que se espera que o pai seja um profissional bem sucedido e provedor da família; e o do novo pai, que participa ativamente do cuidado dos filhos e tem uma relação igualitária e fluída com a parceira, dividindo tarefas com ela.

No entanto, não é apenas o trabalho do pai que parece exercer influência sobre seu envolvimento com o filho. No estudo de Falceto, Fernandes, Baratojo, e Giugliani (2008), com 153 famílias de baixa renda de Porto Alegre (RS, Brasil), constatou-se que o baixo envolvimento da mãe com um trabalho externo ao lar interferiu de forma negativa sobre o envolvimento do pai com o filho. Segundo as autoras, este resultado pôde ser permeado por uma norma social que pressupõe que quando a mulher tem seu tempo dedicado a cuidar do filho, menor é a necessidade e o espaço para o envolvimento do pai nestes cuidados. Outros autores também ressaltaram a influência da vida laboral da própria mãe sobre o envolvimento paterno, apontando, de modo geral, que os pais apresentam um envolvimento maior com seus filhos em famílias cujas mães trabalham (Bailey, 1994; Lamb, 1997; Lewis & Dessen, 1999; Parke, 1996; Pleck, 1997). De forma semelhante, no estudo realizado por Lammis-Taskula (2008) com 1371 pais finlandeses, quanto mais alta a posição sócio-econômica ou ocupacional da mãe, maior era a chance de o pai desfrutar da licença paternidade concedida após o nascimento do bebê.

O tipo e a qualidade do relacionamento dos pais e mães também aparecem como outro fator de influência sobre o envolvimento paterno. Silva e Piccinini (2007) ressaltam a importância do incentivo da mãe e do bom relacionamento entre ela e o pai para o envolvimento deste com seu filho. Por outro lado, conflitos entre o casal podem sinalizar uma possível dificuldade nesse sentido, como foi constatado no estudo de Falceto et al. (2008). Neste estudo, naqueles casais que apresentavam problemas de relacionamento moderados a graves, os pais se mostravam menos envolvidos com seus filhos. De acordo com as autoras, o fato de a cuidadora principal ser a mulher fazia com que a existência de conflito entre o casal tornasse mais difícil o acesso do pai ao filho, pois a mãe tenderia a solicitar com menor frequência sua participação e envolvimento nos cuidados com ele.

A coabitação entre pai e mãe também é um tópico discutido nas pesquisas sobre o envolvimento paterno. Por exemplo, em um estudo realizado por Johnson (2001), com a participação de 1276 pais americanos não-casados, os achados revelaram que os pais que mantinham uma relação amorosa e, além disso, coabitavam com as mães de seus filhos, estavam mais envolvidos nos cuidados destes do que aqueles que não coabitavam e, mais ainda, do que os que não mantinham mais um relacionamento amoroso com estas mães. Entretanto, este não parece ser um achado consensual, especialmente quanto ao envolvimento do pai durante a gestação e ao nascimento do filho, sendo que no estudo de Teitler (2001), com 1779 pais americanos, aqueles que não coabitavam se mostravam tão envolvidos quanto aqueles que residiam com a mãe do bebê. De qualquer modo, Belsky e Miller (1986), ainda na década de 1980, pontuavam que a relação do casal consiste num importante indicador para o tipo de pai que um homem será. Mais do que isso, eles ressaltaram a estabilidade dessa relação ao longo da transição para a paternidade, ou seja, o relacionamento do casal tende a manter as mesmas características do período anterior à concepção e ao nascimento dos filhos.

A participação dos pais nos cuidados com os filhos, entretanto, não é algo que se possa ver de forma isolada, considerando apenas a quantidade de tempo despendido por eles e as tarefas que tendem a assumir. Muitas vezes, questões culturais, crenças e valores, podem se fazer presentes neste envolvimento paterno, e sobre a forma como se estabelece. Dentro deste contexto, pode existir uma “divisão sexual” do cuidado, sendo que o pai, em alguns casos, pode ser visto como aquele que se ocupa pelo exercício da autoridade, estabelecendo limites para os filhos, enquanto a mãe se responsabiliza pelas tarefas que dizem respeito à manipulação do corpo, como dar banho, trocar fraldas, alimentar, dentre outras (Bustamente, 2005; Bustamente e Bomfim, 2005). O que se vê também é que o modelo tradicional de pai, chefe e provedor da família, parece predominar sobre qualquer outro, mesmo que possa existir

uma oscilação entre este modelo, cuja figura de cuidado permanece centrada na mãe, e aquele em que o pai presta maior assistência aos filhos (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Algumas vezes é a própria mãe da criança ou mesmo os pais dela que “bloqueiam” o pai em sua participação, considerando-o não tão capaz quanto eles próprios para cuidar da criança. Já o pai, por sua vez, pode também acreditar que tem recursos limitados para exercer uma paternidade efetiva e, assim, acabar se afastando do cuidado (Marsiglio & Cohan, 2000).

A existência de um “monopólio materno” do cuidado foi apontada no estudo de Ramires (1997), que investigou a participação do pai no cuidado com os filhos e a vivência subjetiva de paternidade para 12 pais porto alegrenses, com idades entre 30 e 46 anos. De acordo com a autora, este “monopólio materno” se caracterizou por um sentimento de exclusão significativo, vivenciado pelo pai, face à relação mãe-filho/filha, junto com um sentimento de incompetência para cuidar dos filhos, principalmente enquanto estes ainda eram bebês, que puderam ser vistos nos relatos de todos os participantes. Embora, para a autora, estas vivências denunciem a persistência do monopólio das mulheres no que diz respeito aos cuidados dos filhos, ela enfatizou que a origem deste não se deve a uma escolha das mulheres, mas é parte de uma construção histórica que estruturou a vida, a divisão de tarefas, e as relações entre homens e mulheres.

Alguns autores, em especial no contexto internacional, se dedicaram justamente ao estudo do comportamento “guarda de portão” (*maternal gatekeeping*) das mães (Allen, & Hawkins, 1999; Fagan, & Barnett, 2003; McBride et al., 2005). Conforme Allen e Hawkins (1999), o comportamento materno de “guarda de portão” se caracteriza por uma coleção de crenças e comportamentos que podem inibir um esforço colaborativo entre homens e mulheres no trabalho familiar, limitando as oportunidades dos homens de aprender e crescer através do atendimento da casa e dos filhos. Este comportamento, de acordo com os autores, pode ser analisado a partir de três dimensões: padrões e responsabilidade; confirmação da identidade materna; e concepções diferenciadas em relação aos papéis familiares.

A primeira dimensão, padrões e responsabilidade, enfatiza os aspectos concernentes aos padrões e às habilidades maternas, bem como as responsabilidades da mãe no trabalho familiar. Segundo Allen e Hawkins (1999), algumas mães tendem a considerar os pais como “ajudantes” no trabalho familiar, considerando as atividades de casa e relativas aos filhos como uma responsabilidade sua. Para os autores, esta postura pode dificultar uma maior participação dos pais, já que é a mãe quem determina o que precisa ou não ser feito e pressupõe que as atividades sejam feitas à sua maneira. Este tipo de comportamento pode sinalizar uma desconfiança da mãe em relação à capacidade do pai para o trabalho familiar, o

que faz com que respondam de forma crítica e pouco apoiadora aos esforços dele em participar da vida doméstica, negligenciando, assim, a responsabilidade e colaboração mútuas.

A segunda dimensão, confirmação da identidade materna, tem seu foco sobre o impacto que as expectativas culturais internalizadas a respeito da maternidade têm sobre o envolvimento do pai e da mãe no trabalho familiar. Tal dimensão traz à tona questões culturais que identificam a mãe como figura central do cuidado, ou seja, um modelo tradicional que nem sempre encoraja os pais a serem envolvidos (McBride et al., 2005). E, não raras vezes, homens e mulheres são criados a partir da idéia das mães como principais cuidadoras e os pais como principais provedores (Doucet, 2009), mesmo no início da infância, quando alguns jogos e brincadeiras são apontados como “desaconselháveis” para meninos, como alimentar e cuidar de bonecas (Aberastury & Salas, 1984). Sendo assim, o comportamento de “guarda de portão” da mãe viria à serviço de uma validação externa do papel materno, que permite à mãe mostrar para si mesma sua capacidade enquanto mãe e cuidadora da família (Allen & Hawkins, 1999).

Já a terceira e última dimensão, concepções diferenciadas em relação aos papéis familiares, enfatiza as expectativas da mãe em relação à divisão do trabalho familiar, as quais são permeadas por crenças das mães em relação aos papéis de mãe e pai. Esta dimensão pode ser mais bem exemplificada através do estudo de Fagan, e Barnett, (2003) que investigou as relações entre o comportamento de “guarda de portão” da mãe, suas atitudes quanto ao papel do pai, e a quantidade de envolvimento paterno. Neste estudo, aquelas mães que percebiam os pais como competentes em seu papel, foram mais propensas a considerá-los como parte importante do cuidado dos filhos e a engajarem-se menos em comportamentos de “guarda de portão” em relação aos homens. De forma semelhante, houve uma relação negativa entre o envolvimento paterno e o comportamento de “guarda de portão” das mães. Sendo assim, os pais eram mais envolvidos nos cuidados e na vida dos filhos naqueles casos em que as mães os consideravam como competentes e importantes em seu papel de cuidadores.

Entretanto, nem sempre há um desequilíbrio ou um funcionamento restritivo em relação à participação paterna nos cuidados com os filhos. Uma pesquisa realizada com 100 famílias porto alegrenses de nível sócio-econômico médio e com pelo menos uma criança em idade escolar (Wagner, Predebon, & Mosmann, 2005) revelou a existência de dois grupos principais quanto ao desempenho das tarefas de pais e mães em relação aos filhos: no primeiro, aparentemente mais semelhante ao modelo clássico, a mãe era vista como a principal responsável pela execução destas tarefas; já no segundo, havia uma divisão mais igualitária entre pais e mães. Tais resultados apontam para a coexistência de padrões clássicos

e contemporâneos em relação às funções e papéis na família contemporânea, algo que também já foi apontado por Finn e Henwood (2009). Contudo, para Wagner et al., (2005), mesmo com o advento da mulher no mercado de trabalho e no sustento econômico do lar, a divisão de tarefas domésticas, em especial àquelas concernentes aos cuidados com os filhos, parece não ter acompanhado este processo de forma proporcional, sendo que estas continuam a serem vistas, com frequência, como “trabalho de mulher”. Portanto, o que se vê é que mesmo com a atual tendência à mudança de valores quanto ao papel paterno, o pai ainda parece ser visto em seu papel de provedor, enquanto a mãe segue sendo, predominantemente, a responsável pela situação afetiva e psicológica da família (Dessen & Braz, 2000). Mesmo assim, ainda que possa existir um descompasso entre as mudanças no papel das mulheres e o advento deste modelo contemporâneo de pai, a coexistência destes dois grupos apontados pelas autoras, e quem sabe de outros possíveis, assinala a dinamicidade que permeia as relações familiares, a qual possibilita uma reorganização dos papéis familiares conforme o contexto em que estão inseridos.

Em alguns casos, por exemplo, mais do que uma divisão do cuidado dos filhos com a mãe, alguns pais se tornam os principais cuidadores de suas crianças. Dentro deste contexto, uma pesquisa desenvolvida por West et al. (2009) com 25 pais ingleses que eram os principais cuidadores de seus filhos, procurou investigar a percepção deles quanto ao processo que os levou a assumir este papel. Dentre as razões expressas por eles para este acontecimento, algumas estão relacionadas a vários aspectos discutidos ao longo desta revisão, destacando-se: a situação empregatícia do pai e da mãe, que fazia com que o trabalho dela fosse priorizado; a maior flexibilidade do trabalho do pai; a ausência de cuidado alternativo para a criança; e, para alguns, o fato de seus próprios pais terem sido emocionalmente distantes ou fisicamente ausentes, resultando no desejo, por parte destes pais, de agir de forma diferente com seus filhos. Mais do que isso, os pesquisadores ressaltaram que um número expressivo de pais manifestou uma atitude positiva, de prazer e confiança em relação aos cuidados com os filhos. Algumas vezes, esse posicionamento era influenciado por suas próprias experiências de infância, quando cuidavam de seus irmãos mais novos, primos ou outras crianças. Para os autores estas manifestações dos pais representaram uma disposição em rejeitar normas culturais ou estereótipos relativos aos cuidados com crianças, que costumam priorizar as mães neste papel.

Apesar de o conceito de envolvimento paterno ser um marco nas pesquisas sobre paternidade ao longo dos últimos anos, este demonstra uma das possíveis formas de análise do tema. Além do envolvimento paterno, outra possível forma de aproximação do lugar ocupado

pelo pai, privilegiada nas teorias psicanalíticas, diz respeito a sua função em relação à família e ao desenvolvimento dos filhos (Silva, 2007). Diferentemente do envolvimento paterno, que propõe sua análise em cima de aspectos mais objetivos do modo como o pai exerce a paternidade, a análise da função paterna requer um olhar mais cuidadoso em relação às suas repercussões sobre o psiquismo da criança.

Em relação a este aspecto, para Aberastury e Salas (1984), a psicanálise mostrou que, mais importante para a vida de uma criança do que ser filha de um pai é sentir-se como tal. De acordo com estes autores, as histórias clínicas mostram constantemente a importância da figura do pai ao longo do desenvolvimento da criança, bem como as repercussões de sua ausência, sendo esta física ou psicológica.

Sendo assim, o pai tem uma função fundamental na vida da criança, desde os primeiros momentos de sua vida. Para Stern (1997), o pai possui uma grande importância em relação à constituição da *matriz de apoio*, que faz parte da constelação da maternidade. A matriz de apoio refere-se à capacidade que a mãe tem de criar, permitir e regular uma rede de apoio protetora e benigna, de forma a permitir sua dedicação à tarefa de manter o bebê vivo e de promover seu desenvolvimento psíquico-afetivo. Nesse sentido, a matriz de apoio teria duas principais funções: proteger fisicamente a mãe e prover suas necessidades vitais, de forma a permitir um afastamento necessário das exigências da realidade externa e possibilitar sua dedicação ao bebê, função sobre a qual o pai tem um papel muito importante; bem como valorizar e apoiar a mulher e fazer com que se sinta instruída e ajudada em seu papel de mãe, algo que geralmente (mas nem sempre) fica mais à cargo de figuras maternas “legítimas”, como avós, tias e outras figuras femininas da vida da mulher, quando estas se fazem presentes. A partir destas idéias, pode-se chegar à conclusão de que a função do pai não necessariamente se apresenta de forma direta na sua relação com o bebê, mas na forma como ele organiza e ocupa o ambiente onde ele se desenvolve, tornando-o, a partir de uma perspectiva winnicottiana, um ambiente “suficientemente bom” (Winnicott, 1960/2005).

Ao tomar como base a perspectiva de Winnicott para a reflexão da função do pai dentro da psicanálise, considera-se justamente a possibilidade de analisar como se dá esta função num período antecedente ao Complexo de Édipo, a partir dos primeiros momentos de vida do bebê. Fulgêncio (2007) pontua que, dentro da perspectiva da teoria do amadurecimento de Winnicott, a possibilidade de viver relações edípicas é uma conquista do amadurecimento, não constituindo, assim, o seu ponto de partida. Sendo assim, pontua a autora, a teoria da sexualidade se consistiria apenas como uma das partes da teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, e não como o eixo central de toda uma teoria.

Winnicott (1958/2005) debruçou-se ao estudo do mundo psíquico da criança nos primeiros anos de vida. Para ele, exceto em certas condições peculiares de saúde, toda a criança apresenta uma mente potencialmente sadia, e uma tendência inata ao desenvolvimento emocional, assim como acontece em relação ao desenvolvimento de outras funções, como aprender a dar os primeiros passos e a fazer uso das palavras. Entretanto, de acordo com Winnicott, em função da extrema dependência emocional da criança, em especial nos primeiros momentos de sua vida, seu desenvolvimento não pode ser pensado como algo à parte do cuidado que lhe é fornecido e do ambiente que a cerca.

A primeira fase do desenvolvimento emocional do bebê dá-se num contexto de dependência absoluta em relação ao ambiente físico e emocional, em que ele existe tão somente por causa do cuidado materno, e com o qual forma uma unidade (Winnicott, 1960/1983). Inicialmente, esta dependência está atrelada à provisão física da mãe através de seu útero e, mais tarde, aos cuidados fornecidos ao bebê. Entretanto, para Winnicott (1963/1983), apesar de a provisão do ambiente e dos cuidados constituírem-se como aspectos fundamentais para o processo maturacional do bebê, estes não são seus determinantes. Isto é, pais e mães não produzem um bebê como um artista o faz com um quadro, mas sim dão início a um processo que resulta na existência de um bebê no corpo da mãe, depois em seus braços e, a seguir, no lar proporcionado pelos pais. Entretanto, não há controle sobre o que este bebê virá a se tornar, pois dele fazem parte toda uma gama de tendências hereditárias e, por vezes, patológicas.

Por essa razão, para Winnicott (1963/1983), a adaptação ao processo maturacional das crianças não é uma tarefa fácil, mas sim algo que suscita muitas exigências aos pais. Tais exigências têm início ainda nos primeiros dias, em que a mãe encontra-se no estado de “preocupação materna primária”, período de extrema devoção e identificação da mãe com o seu bebê, em que ela própria encontra-se, portanto, vulnerável e dependente. Por essa razão, neste período, as mães necessitam de muito apoio, de modo que possam entregar-se a este estado particular, afastando-se temporariamente das exigências externas do ambiente. Para Winnicott, este apoio à mãe é mais bem dado pelo pai da criança, por sua mãe, pela família e pelo ambiente social imediato.

Por este motivo que talvez para Winnicott, o cuidado materno tão essencial ao desenvolvimento da criança esteja também atrelado ao cuidado paterno. Em seu artigo “Teoria do relacionamento paterno-infantil”, Winnicott (1960/1983) aponta que um cuidado materno satisfatório pressupõe um cuidado paterno satisfatório, o qual pode ser classificado em três estágios superpostos: o de *holding*, fase em que o bebê é dependente ao máximo, e

que significa não apenas seu segurar físico, mas também a provisão ambiental anterior a sua emergência do estado de fusão com a mãe, caracterizado na preocupação materna primária; o de “mãe e bebê vivendo juntos”, em que a função do pai se daria na organização do ambiente, mas ainda sem ser conhecida para a criança; e a de “pai, mãe e bebê, todos vivendo juntos”, que implica a existência de relações objetais, e a saída do bebê do estado fusional com a mãe. Nesse sentido, o pai parece funcionar como aquele que exerce um importante papel tanto na etapa em que a mãe adentra este estado de “adoecimento necessário”, característico da preocupação materna primária, bem como na saída do seu estado de fusão com o bebê.

Desta forma, ao analisar a paternidade a partir da teoria winnicottiana, e ao pressupor esta como uma teoria do amadurecimento pessoal do indivíduo, Fulgêncio (2007) destaca que o lugar que o pai ocupa na vida da criança varia conforme o momento do amadurecimento da criança. Para Winnicott (1960/1983), a teoria do relacionamento paterno infantil diz respeito à jornada do bebê do estágio de dependência absoluta, passando pela dependência relativa, rumo à independência. E é justamente sobre o papel do pai nestas diferentes etapas que Fulgêncio se propõe a discutir, as quais serão apresentadas parcialmente a seguir.

Inicialmente, aponta Fulgêncio (2007), na fase de dependência absoluta, que envolve os três ou quatro primeiros meses de vida do bebê, e que se caracteriza por uma extrema dependência deste dos cuidados maternos, o pai pode aparecer como uma “mãe substituta”, e como cuidador da dupla mãe-bebê. Ao funcionar como uma “mãe substituta”, o pai fornece cuidados que conservam as mesmas qualidades dos cuidados maternos: comunicação profunda, adaptação total às necessidades, empatia e constância. Neste sentido, o que interessaria neste estágio é o aspecto “materno” do pai. Por outro lado, o pai, nesta etapa, funciona também como cuidador ou *holding* para a mãe, oferecendo o suporte necessário para que ela consiga realizar suficientemente bem sua tarefa com o bebê, neste momento em que se encontra em um estágio de profunda dependência e regressão. Sendo assim, a forma como o pai acolhe ou não este momento peculiar da mãe, pode atingir a forma como ela se relaciona com o bebê. Por isso, de acordo com Fulgêncio, pode-se dizer que pai e mãe juntos compõem o ambiente que o bebê precisa para amadurecer.

Já na fase da dependência relativa (Fulgêncio, 2007; Winnicott, 1963/1983), o bebê passa a ter certa consciência da dependência que tem em relação à mãe, demonstrando ansiedade frente aos momentos em que há uma ausência materna prolongada. Este período, por sua vez, pode constituir-se também como fonte de grande aflição para as mães, as quais podem ter dificuldades em deixar seus filhos sem a sua presença, por receio de estarem causando-lhes sentimentos de raiva ou desilusão. Neste período, de acordo com Fulgêncio

(2007), a presença do pai assumirá outras perspectivas. Além de continuar em seu papel de cuidador da mãe, ele também a ajuda a recuperar-se do estado de preocupação materna primária, lembrando-a de que também é uma mulher, e auxiliando-a a retomar a amplitude do mundo que havia sido estreitada nos primeiros momentos de sua relação com o bebê. É neste período também que o “não” dito à criança pela mãe começa a apontar para a presença dos aspectos paternos nos cuidados maternos. Paulatinamente, o pai entra na vida da criança inicialmente como um aspecto de firmeza, limite e força da mãe, características que depois vão sendo reunidas na figura paterna. Por esse motivo, Fulgêncio destaca que não é o pai que decide sobre sua entrada na vida do bebê, mas este, na medida em que se separa da mãe, vai criando a presença do pai em sua vida. De acordo com Winnicott (1965/1979), a presença paterna não precisa ser imposta à força, mas caberá à própria criança a busca pelo pai, quando ainda tiver apenas alguns meses, estendendo-lhe os braços e gradualmente convertendo-o como uma pessoa de suma importância em sua vida.

Na etapa de concernimento (Winnicott, 1963/1983), de acordo com Fulgêncio (2007), a criança passa a adquirir a capacidade de preocupar-se e sentir culpa, ao descobrir que a mãe que ela ataca (objeto), em seus momentos de maior excitação, é a mesma que ela tanto ama e necessita (ambiente). Neste período, é fundamental que a mãe consiga sobreviver aos ataques impulsivos da criança sem revidar, continuando a ser a mesma mãe que a criança conhece e confia, mesmo que um pouco zangada. Esta atitude permite a entrada da criança no *círculo benigno*, de destruir e reparar, em que a repetição desta experiência diversas vezes faz com que ela consiga reparar imaginativamente o dano causado à mãe. Nesse estágio, o pai entra como aquele que impõe limites, mas que permite à criança viver seus impulsos sem precisar inibi-los. Nesse sentido, ele protege a mãe dos impulsos destrutivos exagerados que a criança pode vir a dirigir a ela, ao mesmo tempo em aceita a agressividade da criança sem retaliar, dando-lhe as medidas e contornos necessários. Para a autora, a agressividade que a criança experimenta neste período do concernimento, representa a pré-condição para as experiências agressivas relativas à fantasia de ameaça de castração, características do estágio edípico.

Para compor suas idéias em relação ao papel do pai nas diferentes etapas da vida do bebê e da criança, Fulgêncio (2007) analisou em profundidade as muitas produções de Winnicott, procurando identificar seu posicionamento em relação ao pai, por mais que este não estivesse especificamente delimitado e claramente exposto ao longo de sua teoria, a qual enfocou a questão materna. Já em seu texto “E o pai”, Winnicott (1965/1979) discute de forma mais específica sobre a função do pai na vida da criança. Neste texto, dirigido às mães, ele inicia falando sobre os possíveis motivos para a dificuldade do pai em participar da

criação dos filhos. Inicialmente ele pontua que os pais raramente estão em casa quando os bebês estão acordados e, quando estão, as mães podem ter dificuldades em saber quando é necessário inseri-lo nos cuidados, ou quando é melhor “que eles saiam do caminho”. Entretanto, mesmo com idéias mais tradicionais em relação ao papel do pai e à divisão dos cuidados, as quais podem ser questionadas nos dias de hoje com as diversas mudanças já discutidas em relação à paternidade, Winnicott, naquele tempo, já destacou a importância, para o casal, de compartilhar pequenos detalhes do cotidiano com o bebê. De acordo com o autor, tais detalhes tornam-se ainda mais ricos na medida em que o bebê cresce, o que possibilita aprofundar ainda mais o vínculo entre pai e mãe.

Ao longo do seu trabalho, Winnicott (1965/1979) traz ainda diversos apontamentos em relação à função do pai: como precioso para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito; como aquele que dá apoio moral à mãe, sendo o sustentador da autoridade que ela implanta na vida da criança; e como aquele que enriquece a vida da criança, trazendo suas qualidades positivas e sua vivacidade. De acordo com Winnicott, uma das coisas mais importantes que um pai pode fazer ao filho é estar vivo e continuar vivo durante seus primeiros anos. E justamente a partir deste aspecto que o autor parece introduzir a função da mãe neste contexto: como intermediadora da relação pai-filho, e como quem facilita o conhecimento mútuo entre eles. Mais do que isso, Winnicott parece destacar a importância de a mãe reconhecer o papel do pai na vida dos filhos, não apenas nos momentos em que ele se faz presente fisicamente, mas também o confirmando através de sua fala. Para ilustrar esta forma de confirmação do pai pela mãe, ele cita o exemplo de um casal de crianças cujo pai estava afastado, servindo no exército. Para conter os momentos de intensa atividade anti-social das crianças, que poderiam ser vistas como tentativas inconscientes de trazer o pai de volta, a mãe se servia das cartas por ele enviadas, embora não sem sentir sua falta e ansiar por sua presença física como forma de apoio. Lang (2004) pontua, ao discutir esse texto de Winnicott que, neste caso, a fala da mãe permitiu a sustentação do pai simbólico na vida das crianças, o que ajudou, de certa forma, a lidar com as dificuldades evocadas frente à ausência física do pai real. Por outro lado, Winnicott (1965/1979) não abre mão de ressaltar o quanto a presença física deste pai real é importante na vida da criança, como forma de ela poder vê-lo como um ser ideal, mas, ao mesmo tempo, confrontar-se com o pai real, com imperfeições e também com a capacidade de acolher e sobreviver aos seus ataques.

Passos (2005), ao analisar as funções da família, menciona justamente os diversos aspectos que estão envolvidos no processo de filiação. Para a autora, os laços de filiação coexistem com outros laços no interior da família: laços do casal, fraternos e também aqueles

que associam a criança aos seus antepassados. Tais laços dependem do nível de investimentos que são feitos reciprocamente pelos familiares e, por conseguinte, do reconhecimento que cada um faz destes laços no interior da família. Sendo assim, ressalta Passos, faz-se fundamental que cada sujeito se reconheça em uma determinada posição dentro da família e, ao mesmo tempo, que consiga legitimar a posição do outro. De forma semelhante, Le Camus (2002) ressalta ser necessário que a mãe transmita ao filho que ele não é tudo para ela, mas que há também um pai e um marido. Do mesmo modo, de acordo com o autor, para ser mãe, é necessário que a mulher seja reconhecida e aceita pelo pai. Ou seja, para ele, ambos os cônjuges são mutuamente pais. A partir deste pressuposto, pode-se pensar que, para que pais e mães conseguissem exercer suas funções da forma esperada, faz-se necessário que, da mesma forma, legitimem-se uns aos outros nestas funções.

Ainda em relação à função do pai na vida da criança, Le Camus (2002) faz uma crítica justamente a pouca ênfase dada ao estudo da paternidade nos primeiros anos de vida da criança, ou melhor, no período pré-edípico. De acordo com o autor, impregnados pelas idéias de Lacan, os psicanalistas do período pós-guerra, atribuíram pouca importância à contribuição paterna precoce, subestimando o efeito estruturante da ternura pré-edípica do pai. Entretanto, neste mesmo artigo, o autor se remete às importantes concepções atuais de alguns clínicos e psicólogos do desenvolvimento a respeito dos pais para enunciar duas propostas que ele considera “inovadoras e realistas”. A primeira é a de que a prática da autoridade do pai, entendida a partir da colocação de regras e limites na vida da criança, não é inteiramente incompatível com o aporte de segurança, compreensão e afeto. Para ele, a verdadeira autoridade de um pai é aquela que deriva da vontade de fazer crescer, e da confiança nas potencialidades da criança, a partir da escuta e do diálogo. Já a segunda diz respeito ao fato de que, para Le Camus, o dever e o direito de proibir, bem como o uso de castigos justificados e medidos, não ficam restritos à “função paterna”, mas são contribuições que os pais têm que assumir conjuntamente com as mães, numa atitude coparental.

Sem colocar em dúvida a importância dos cuidados maternos, os quais considera sempre “um passo à frente” dos paternos, pela maneira mais biológica e corporal do relacionamento da mãe com o filho, Le Camus (2002a) ressalta, no entanto, que a contribuição do pai na construção da personalidade da criança não pode ser reduzida à função simbólica. De acordo com o autor, é cada vez mais admitido que a criança tenha muito a ganhar com a presença imediata, ativa e calorosa de seu pai. Nesse sentido, tendo como base um modelo de pai comprometido, mas psicologicamente diferenciado da mãe, ele aponta

algumas possíveis contribuições que o pai traz à vida da criança, que são: a de agente de socialização; parceiro na comunicação; e tutor nas aprendizagens cognitivas.

Como agente de socialização, um pai suficientemente presente contribui para a socialização precoce, para as relações interpessoais, e para a construção do bebê como um sujeito separado e autônomo. Nesse sentido, o pai, mais do que a mãe, parece servir como “trampolim social” para as crianças, como aquele que as estimula e induz à integração em grupos de pares. Já no que concerne às especificidades paternas no campo da comunicação, Le Camus ressalta que, através de suas atitudes, os pais dão a impressão de gostar de reforçar a identidade do bebê e de promovê-lo como futuro parceiro, comunicando-se com ele através de seu primeiro nome e antecipando-se às suas capacidades psicomotoras. Nesse sentido, os pais, mais do que as mães, parecem utilizar-se de vocabulários mais sofisticados e de mais pedidos de reformulação à criança (ex. “o que tu disseste”? “eu não compreendo”), obrigando-a a tornar seu discurso mais convencional e mais compreensível por outros locutores além da mãe. Finalmente, como tutor nas aprendizagens cognitivas, o pai parece estimular mais a criança em sua aprendizagem, propondo mais desafios e encorajando, mais do que a mãe, a deixá-la encontrar soluções por si mesma. Por outro lado, eles parecem ser menos tolerantes do que as mães a distrações e atitudes que fujam do foco para o qual determinada atividade se propõe.

Enfim, como pode ser visto em relação às questões aqui levantadas, ser pai não é uma tarefa simples, mas envolve uma diversidade de processos complexos. De modo geral, os aspectos aqui mencionados referem-se à paternidade quando esta acontece como uma crise normativa, ou seja, esperada para a fase adulta do ciclo vital, em que se pressupõe maturidade, ao menos relativa, e condições financeiras para se ter um filho (Belsky & Miller, 1986). Por outro lado, a ocorrência deste fenômeno não permanece circunscrita apenas à idade adulta, podendo acontecer, de forma muitas vezes precoce, durante a adolescência. Por esse motivo, faz-se necessário compreender melhor as especificidades concernentes a este processo, muitas vezes descrito pela frase “criança que tem criança” (Belsky & Miller, 1986), e que pode ser permeado por dificuldades inerentes à sobreposição de dois momentos importantes e críticos na vida de um homem: ser adolescente e ser pai.

A paternidade no contexto da adolescência

Até recentemente, o estudo da parentalidade na adolescência parecia ser um tema que privilegiava a visão das mães adolescentes, o que gerou uma lacuna em relação aos estudos sobre os pais adolescentes (Cabral, 2003; Dias & Aquino, 2006; Schelemberg, Pereira,

Grisard, & Hallal, 2007; Tuffin, Rouch, & Frewin, 2010). De acordo com Tuffin et al. (2010), esta pouca preocupação em incluir os pais nos estudos sobre parentalidade na adolescência pode ter se dado em decorrência da visão ultrapassada de que os pais, tanto adultos como adolescentes, não seriam tão relevantes para o desenvolvimento psicossocial da criança, ou pelas crenças ocidentais da importância primordial da maternidade. Conforme pôde ser analisado nos capítulos anteriores, tais crenças não condizem com a importância do pai na vida dos filhos, retratada por inúmeros estudos.

Em particular as vivências do pai adolescente não podem ser desconsideradas ou encobertas pelo fenômeno da gravidez na adolescência, especialmente por este ser frequentemente analisado exclusivamente a partir das vivências maternas. Para Tuffin et al. (2010), os jovens pais em muitos estudos foram analisados indiretamente a partir da perspectiva das mães, fato que gera uma limitação significativa nessas investigações, ao se ignorar importantes diferenças de gênero nas experiências destes jovens pais. Para Heilborn et al. (2002) há uma grande diversidade presente neste fenômeno encoberto sob o rótulo homogeneizador de “gravidez na adolescência”. Existe, por exemplo, uma tendência a pressupor que toda a gravidez ocorrida na adolescência envolve não programação e irresponsabilidade, algo que pode ser questionado por alguns estudos. Da mesma forma, Cabral (2003) pontua que os qualificativos “precoce” e “indesejada” nem sempre acompanham o fenômeno da parentalidade na adolescência, o qual tem sido freqüentemente tratado de modo padronizado, ignorando-se as diferenças de gênero e de classe social.

O fato é que o fenômeno da parentalidade na adolescência constitui-se como um desafio que se situa no impasse entre a possibilidade biológica e a expectativa cultural (Tuffin et al., 2010). Para os autores, este fenômeno envolve não apenas a questão de quando um adolescente tem idade suficiente para tornar-se pai, mas suscita também expectativas sociais quanto à existência de maturidade e responsabilidade para tal. Por estes motivos, eles destacam a grande controvérsia existente em relação a este tema, com algumas culturas definindo a parentalidade na adolescência como um problema de saúde pública, enquanto outras sugerem a indesejabilidade social e moral deste fenômeno. Por esse motivo, este se apresenta como um tema a ser tratado em sua diversidade e complexidade, tornando-se importante, para tanto, investigar, dentre outros aspectos, as experiências e expectativas vivenciadas pelos pais adolescentes envolvidos neste processo.

Em relação à paternidade na adolescência, Applegate (1988) pontuava que os pais adolescentes passam por um delicado dilema desenvolvimental, pois, estando engajados no esforço de separação psíquica de seus próprios pais, ainda não possuem, nesta etapa da vida,

capacidades cognitivas e emocionais essenciais para uma paternidade empática e madura. Isto porque o processo de separação característico da adolescência provoca uma maior vulnerabilidade da organização da personalidade, evocando a necessidade de um desprendimento da dependência familiar, a perda de laços com objetos infantis, em consonância com o impulso maturacional para mais adiante, ou seja, para a vida adulta (Blos, 1996). A paternidade, por sua vez, envolve a experiência de algumas emoções regressivas, tais como a identificação inconsciente com a companheira gestante (manifesta, algumas vezes, pela *Síndrome de Couvade*, por exemplo), a percepção do bebê como um rival e a reavaliação da relação com seus próprios pais (Brazelton & Cramer, 1992). Nesse sentido, o advento da paternidade na adolescência poderia exacerbar a vulnerabilidade já presente nestes dois momentos de crise: a adolescência e a paternidade.

De forma semelhante, para Belsky e Miller (1986), os adolescentes possuem menos preparo psicológico para lidar com a paternidade, em função de serem ainda menos racionais na tomada de decisão, menos capazes de julgamento morais e cognitivos, além de possuírem menos conhecimento sobre o comportamento de bebês e crianças e de estarem em processo menos avançado de sua própria formação de identidade. Algumas dificuldades sociais também podem se fazer presentes neste processo, como o afastamento do grupo de iguais, em função das responsabilidades relativas ao cuidado de uma criança, e a necessidade de assumirem as tradicionais responsabilidades paternas, como o sustento dos filhos e da família, o que pode se tornar complicado em função da etapa de vida em que se encontram (Montemayor, 1986).

Pode-se considerar que a construção da identidade pessoal tem um papel fundamental no exercício da paternidade. Nesse sentido, para Montemayor (1986), a falta de clareza sobre si mesmo, característica do processo de construção de identidade do adolescente, pode levar o pai adolescente a uma falta de comprometimento com a mãe e a criança, e a maiores dificuldades no processo de paternidade. Assim, a chegada de um filho nesta etapa de vida já tão naturalmente turbulenta pode suscitar o surgimento de algumas dificuldades no desenvolvimento do adolescente, exercendo impacto sobre sua vida e de sua família. Entretanto, cabe ressaltar que tais concepções mais negativas em relação à paternidade na adolescência (Applegate, 1988; Belsky & Miller, 1986; Montemayor, 1986) datam da década de 1980 e podem, de certa forma, não representar este fenômeno na forma com ele é visto nos dias de hoje, pelo menos dentro de alguns grupos sociais.

Inicialmente cabe refletir sobre quem são os pais adolescentes, quais são suas características. Algumas pesquisas sobre este tema procuram justamente caracterizar os pais

adolescentes, evocando, para tanto, aspectos associados à origem familiar e social do pai adolescente. Em nível internacional, por exemplo, a pesquisa de Fagot, Pears, Capaldi, Crosby e Leve (1998), teve como um dos seus objetivos examinar os fatores preditores da paternidade adolescente. Ao investigar 206 adolescentes americanos, os autores constataram que o risco contextual (nível sócio-econômico baixo, baixa renda, e comportamento parental anti-social), junto com disciplina parental pobre, fracasso acadêmico e o próprio comportamento anti-social, foram todos preditores de paternidade biológica antes dos 20 anos de idade. Já o estudo de Tan e Quinlivan (2006) com 50 pais adolescentes e 50 pais adultos australianos, constatou que os pais adolescentes, quando comparados aos adultos, apresentavam uma maior tendência de serem originários de famílias monoparentais e de terem vivido situação de separação ou divórcio dos pais no início da infância. Além disso, o abuso de drogas e baixa escolaridade também foram características mais comuns aos pais adolescentes, algo que também foi confirmado em outro estudo sobre o tema envolvendo 615 jovens pais americanos (Thornberry, Smith & Howard, 1997), em que foi evidenciado que, aqueles adolescentes cujos pais tiveram filhos em idade precoce, tinham mais chances de serem pais na adolescência do que seus pares.

Estes dados vão ao encontro do que foi apontado por Sipsma, Biello, Cole-Lewis, e Kershaw (2010), que sugerem a existência de um “ciclo intergeracional” da paternidade adolescente. Na referida pesquisa foi realizado um levantamento com 1496 jovens homens americanos, dentre os quais 140 (9,4%) tornaram-se pais antes dos 20 anos de idade. Os resultados apontaram que os filhos de pais adolescentes apresentavam maior probabilidade de tornarem-se pais durante a adolescência quando comparados aos filhos de pais mais velhos, probabilidade esta que chegava a ser três vezes maior quando estes adolescentes estavam com 19 anos de idade. Além de ser filho de pai adolescente, o estudo também apontou outros fatores preditores para a ocorrência de paternidade na adolescência: níveis mais altos de delinquência, baixa educação materna, namoro em idade precoce, ser hispânico ou negro, e viver em ambiente com risco (ex. violência na vizinhança e condições de moradia ruins).

Algumas diferenças também são apontadas na literatura quando se comparam os adolescentes e jovens pais com seus pares que não possuem filhos. Em estudos americanos que investigaram os antecedentes da paternidade adolescente, chegou-se à conclusão de que os adolescentes e jovens pais tinham mais probabilidade de serem negros do que seus pares sem filhos (Hanson, Morrison & Ginsburg, 1989; Marsiglio, 1987), além de terem mães com um nível educacional mais baixo (Hanson et al., 1989). Ademais, de forma semelhante aos estudos citados anteriormente, os adolescentes pais possuíam duas vezes mais chances de

virem de famílias monoparentais e possuem uma renda familiar anual mais baixa (Hanson et al., 1989).

Uma revisão da literatura americana e britânica sobre paternidade adolescente chegou a resultados semelhantes aos referidos anteriormente, especialmente no que se refere ao baixo nível sócio-econômico e educacional dos pais adolescentes, além de menos oportunidades de trabalho do que seus pares sem filhos (Bunting & McAuley, 2004). As pesquisas analisadas nesta revisão também apontaram uma tendência maior de os pais adolescentes experimentarem mais dificuldades psicológicas e emocionais, além de uma maior propensão a um histórico de comportamento delinqüente.

Já o estudo brasileiro realizado em Florianópolis – SC por Schelemberg et al. (2007) que buscou descrever as principais características socioeconômicas e psicossociais de pais adolescentes e a associação destas com a idade paterna, também revelou que, quando comparados aos pais adultos, os adolescentes apresentavam características socioeconômicas desfavoráveis. Os 80 pais adolescentes do estudo (menores de 20 anos de idade) possuíam menos trabalho remunerado do que os 610 adultos (com 20 anos de idade ou mais), tinham baixa renda mensal e baixa escolaridade, além de não exercerem a chefia da família. Por outro lado, as variáveis psicossociais envolvidas no referido estudo, tais como abandono escolar, reação negativa à notícia da gravidez e apoio paterno durante a gestação, não evidenciaram diferenças entre os dois grupos. Cabe ressaltar, no entanto, que os resultados do estudo foram obtidos a partir de entrevistas com as puérperas, antes de sua alta da maternidade, e não com os próprios pais investigados, algo que pode prejudicar a qualidade das informações obtidas. Ademais, é necessário levar em consideração que comparações entre adultos e adolescentes são difíceis, em função do momento e condições de vida específicas de cada uma destas etapas. Apesar disto, a ausência de diferenças em algumas variáveis do referido estudo evocam a necessidade de sempre levar em conta diferenças individuais, mesmo que as tendências grupais sejam importantes para fins de planejamento de políticas públicas em saúde.

Entretanto, além de entender as origens e os possíveis fatores preditores da paternidade no contexto da adolescência, faz-se necessário compreender melhor como tal processo é vivenciado pelos próprios pais adolescentes. Nesse sentido, alguns estudos se propõem justamente a analisar a vivência subjetiva deste fenômeno para os principais envolvidos, direcionando aspectos mais gerais desta experiência, mas, ao mesmo tempo, sem deixar de lado questões individuais.

Frewin, Tuffin e Rouch (2007) postulam que tornar-se pai durante a adolescência significa desenvolver-se muito rápido. No estudo realizado por estes autores os 12 jovens pais neo-zelandeses entrevistados identificaram a paternidade como um ponto crítico em suas vidas, quando foram impulsionados aos papéis e responsabilidades de adultos. Eles se viram frente a dois papéis díspares: ser adolescente e, ao mesmo tempo, ter responsabilidade de adulto ao ser pai. Entretanto, de acordo com os autores, diferentemente da ineficácia sugerida pelo estereótipo da paternidade adolescente, os entrevistados demonstraram-se engajados num processo de mudança que reflete o manejo das novas responsabilidades adquiridas com a paternidade, demonstrando-se capazes de ter uma atitude de domínio sobre suas próprias vidas. Apesar de o referido estudo ter envolvido poucos participantes, nenhum destes abandonou seus filhos.

Uma segunda publicação destes mesmos autores (Tuffin et al., 2010) apontou que este sentimento de responsabilidade, mencionado pelos pais adolescentes, parece estar permeado por sua capacidade de trabalhar e ganhar o sustento da família. Dentro deste contexto, os participantes do referido estudo mencionaram querer dar uma vida boa para seus filhos e, para isso, deveriam trabalhar e garantir o sustento financeiro da família. Esta necessidade gerava nos pais sentimentos contraditórios: ao mesmo tempo em que o cansaço com o trabalho dificultava a convivência com o choro e as necessidades do bebê, a esposa cobrava que eles ficassem mais tempo com ela e o filho. Para o pai, isto só seria possível se ele deixasse seu trabalho. Sendo assim, o trabalho fazia com que o pai tivesse pouco tempo para estar com sua mulher e filho, ao mesmo tempo em que representava a garantia do compromisso parental de sustentar a família. Entretanto, os autores ressaltam que a responsabilidade apareceu para os adolescentes como algo independente da idade, ou seja, os pais adolescentes podiam comparar-se aos pais de mais idade que não conseguiam dar conta de suas responsabilidades parentais.

De forma semelhante, um estudo brasileiro que investigou a recorrência da paternidade através de entrevistas com seis pais adolescentes São Paulo – SP (Carvalho, Merighi & Jesus, 2008), revelou que, para eles, assumir a paternidade foi um ato viril ou remetente ao ideal masculino de assumir a responsabilidade por seus atos. Mais do que isso, apesar das dificuldades por eles vivenciadas com a paternidade precoce, estes pareciam engajados em esforços para uma reorganização de seus projetos de vida, expectativas, desejos e sonhos.

Entretanto, as perdas inerentes a este processo também se fazem presentes, sinalizadas por pais adolescentes que relataram uma diminuição da liberdade e do tempo livre para

brincadeiras e “zoações”, em função das obrigações adquiridas com a paternidade (Cabral, 2003; Carvalho et al., 2008; Trindade & Menandro, 2002). Além disso, a evasão escolar e a inserção no mercado de trabalho (Heilborn, et al., 2002; Orlandi & Tonelli, 2008), embora nem sempre estejam relacionadas diretamente ao advento da paternidade, são outras eventuais mudanças associadas a este processo, assim como o aumento da responsabilidade e amadurecimento (Trindade & Menandro, 2002).

Alguns estudos também versam sobre o comportamento delinquente em pais adolescentes (Parra-Cardona, Sharp & Wampler, 2008; Parra-Cardona, Wampler & Sharp, 2006; Stouthamer-Loeber & Wei, 1998). Um desses estudos, quantitativo, procurou analisar a relação entre paternidade adolescente e delinquência, no que se refere aos precursores e ao impacto de tornar-se pai sobre a delinquência (Stouthamer-Loeber & Wei, 1998). Ao entrevistar 506 adolescentes americanos que frequentavam escolas públicas, os autores constataram que os pais adolescentes tinham mais do que o dobro de chances de serem delinquentes do que seus pares sem filhos. Algumas variáveis apareceram associadas às duas dimensões, tais como: iniciação sexual precoce, exposição a drogas e tendência a ser cruel para as pessoas. Ademais, os autores constataram que o comportamento delinquente não diminuiu com o advento da paternidade. Por outro lado, outro estudo sobre o tema (Parra-Cardona et al., 2008), com uma abordagem qualitativa o que permitiu uma análise mais aprofundada do fenômeno em sua complexidade, demonstrou que a paternidade foi um fator motivador para mudanças no estilo de vida arriscado de pais adolescentes mexicanos envolvidos com o sistema judiciário, por diversos atos infracionais. A partir de entrevistas com os seis pais participantes do estudo, os autores encontraram que os adolescentes expressaram o desejo de serem bons pais para seus filhos e, para isso, evitarem seu estilo de vida arriscado do passado, que envolvia comportamentos delinquentes e abuso de substâncias, bem como demonstrando seu comprometimento com os filhos, e permanecendo ativamente envolvidos com em suas vidas. Entretanto, cabe ressaltar que os participantes da referida pesquisa faziam parte de um programa especial para pais adolescentes envolvidos com problemas na justiça, o qual envolvia assuntos sobre paternidade, e que foi avaliado positivamente para o comprometimento dos pais e para o envolvimento com seus filhos (Parra-Cardona et al., 2006).

Ao analisar os resultados de alguns dos estudos mencionados acima, em especial no que se refere ao fato de os pais adolescentes não terem trabalho remunerado, e possuírem baixa renda, isto traz à tona algo preocupante e que tende a perpetuar um ciclo de comportamento de risco e pobreza. Como pôde ser visto no capítulo anterior, a questão

financeira pode interferir sobremaneira no envolvimento dos pais com seus filhos. A paternidade, para o homem, vem carregada de um sentido de responsabilidade e investimento profissional, representando um rito de passagem à vida adulta. Além disso, o sustento financeiro e a proteção da família ainda tendem a ser culturalmente vistos como principais atribuições do homem (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Ao que parece, isto ocorre pelo fato de a paternidade incluir a expectativa de que o pai será capaz de prover suporte financeiro ao seu recém-nascido e de ser maduro o suficiente para participar dos seus cuidados (Belsky & Miller, 1986). Por esta lógica, pode-se pensar que os pais adolescentes, por terem suas condições de trabalho e sustentabilidade reduzidas, seriam pais potencialmente menos envolvidos com seus filhos.

Já os resultados dos estudos sobre o envolvimento paterno de adolescentes apontam, dentre outros fatores, que este pode ser afetado pelos níveis de estresse parental apresentados por estes pais, e que quanto maior o estresse percebido por eles, menor é a tendência de se envolverem nos cuidados dos filhos (Fagan, Bernd & Whiteman, 2007). Outros autores também apontaram uma associação importante entre o envolvimento paterno e o apoio social percebido pelo pai adolescente (Miller, 1994; Miller, 1997). Dentro deste contexto, a mãe do adolescente foi apontada como sua principal figura de apoio, tanto ao auxiliar nos cuidados dele para com a criança, quanto ao ensiná-lo a exercer sua paternidade. Cabe enfatizar que, diferentemente do que era esperado inicialmente, os 25 pais afro-americanos investigados no estudo exploratório de Miller (1994) apresentaram-se bastante envolvidos na vida de seus filhos.

Isto tem sido revelado também em outros estudos, que mostraram que em alguns contextos de vulnerabilidade, quando seria esperado um menor envolvimento e uma experiência não tão positiva do pai adolescente com seus filhos, muitas vezes mostra-se um quadro diferente. É o caso, por exemplo, do estudo de Devault et al. (2008), realizado com 17 pais adolescentes canadenses, com histórico de pobreza, baixa escolaridade e dificuldades relativas à emprego. Neste estudo qualitativo, os adolescentes mostraram-se, em sua maioria, envolvidos com seus filhos, mesmo naqueles casos em que já estavam separados das mães das crianças. A paternidade foi vista por eles como uma possibilidade de viver com seus filhos, aquilo que não foi possível com seus próprios pais, sendo que a maioria deles havia sido ausente, distante ou, em alguns casos, até mesmo violento. Já a figura materna foi vista por eles como um modelo de apoio, interferindo, mesmo que indiretamente, no modo como lidavam com seus filhos. Estes resultados se assemelham aos de outros estudos citados anteriormente (Gomes & Resende, 2004; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008) e trazem à tona a

importância de que se discutam os modelos que permeiam o exercício da paternidade, nem sempre advindos apenas das figuras masculinas presentes na vida destes adolescentes.

De forma semelhante ao que se viu na seção anterior, em relação aos pais adultos, a importância do trabalho para a prática da paternidade foi também apontada, juntamente com outros fatores, em estudo que investigou o envolvimento paterno de adolescentes no período pré-natal (Fagan, Barnett, Bernd & Whiteman, 2003). No referido estudo, aqueles pais que trabalhavam mostraram-se mais envolvidos do que os que não trabalhavam. Os resultados também mostraram uma associação positiva entre o envolvimento romântico destes adolescentes com as gestantes e o envolvimento paterno, bem como uma associação negativa entre o conflito interparental e o envolvimento deste adolescente no período pré-natal.

O envolvimento de pais adolescentes também foi um tema investigado a partir da perspectiva das mães adolescentes. Dentro deste contexto, e de forma semelhante ao que se viu em estudo citado na seção anterior (Johnson, 2001), uma pesquisa realizada com 152 mães adolescentes americanas, confirmou que as mães que ainda estavam num relacionamento afetivo com os pais de seus filhos relataram um maior contato entre pai e filho e um maior envolvimento em interações coparentais do que aquelas que não mantinham relacionamento afetivo com os pais (Herzog, Umaña-Taylor, Madden-Derdich, & Leonard, 2007). Por outro lado, as mães insatisfeitas com os pais dos seus filhos e que não valorizavam o envolvimento paterno, tenderam a desencorajar a participação deles nos cuidados. Outro dado que chamou a atenção foi o fato de que o apoio dos avós maternos ao envolvimento paterno exerceu uma importante influência sobre a satisfação e o desejo das mães por este envolvimento. Uma das possíveis explicações para esta influência, e que foi de certa forma apontada pelos autores, é o fato de que, em função das condições econômicas e sociais concernentes à fase da adolescência, muitas mães adolescentes seguem morando com seus próprios pais. Sendo assim, a forma como os avós maternos avaliam a presença e participação do pai pode facilitar ou, ao contrário, dificultar o acesso e participação dele nos cuidados com o filho (Belsky & Miller, 1986).

Em estudo semelhante, realizado por Kalil, Ziol-Guest & Coley (2005), com 77 mães adolescentes americanas não casadas, que teve por objetivo investigar, de forma longitudinal, alguns fatores preditores de um maior envolvimento do pai com bebê, entre eles, a percepção das mães adolescentes quanto ao envolvimento dos jovens pais de seus filhos, o relacionamento entre a adolescente e o pai do bebê, bem como com a família dele. Curiosamente, os autores também chegaram à conclusão de que um maior apoio da avó materna à adolescente estava relacionado com uma diminuição do envolvimento paterno ao

longo do tempo. Mais do que isso, a coabitação da adolescente e seu filho com a avó materna foi relacionada com baixos níveis de envolvimento paterno. Entretanto, este resultado requer uma reflexão cuidadosa quanto às associações encontradas. De acordo com os autores, a avó paterna, nestes casos, estaria atuando como substituta do pai no apoio oferecido por ele à mãe de seu filho, ou como “guardiã do cuidado”, limitando ou desencorajando o pai a participar dos cuidados com o filho. Por outro lado, embora os autores não tenham mencionado, é possível se pensar que a atuação da avó materna foi mais proeminente exatamente naqueles casos em que o pai do bebê não se fazia tão presente, incitando a necessidade de um maior cuidado e apoio para a adolescente. Portanto, é necessário que outros estudos sejam realizados para que se possa estabelecer a direção desta relação e se esta relação é linear, ou passíveis de muitas outras influências.

Já os resultados do estudo de Levandowski e Piccinini (2002), sobre a interação de 9 pais adolescentes e 11 adultos com seus filhos, residentes na grande Porto Alegre-RS, demonstraram que, diferentemente do que se esperava inicialmente, os pais adolescentes se comportaram de forma bastante semelhante aos adultos nas situações observadas de interação livre com seus bebês, demonstrando-se responsivos para com eles. Além disso, os autores ressaltaram que os pais adolescentes haviam assumido a gestação de suas companheiras/namoradas, continuando a conviver com elas, e, em alguns casos, passando a morar com elas, o que contribuiu ainda mais para aproximar a relação com o bebê. Contudo este estudo acompanhou as famílias apenas aos três meses de vida do bebê, o que limita afirmações sobre a duração deste convívio.

A tendência para a união entre o jovem casal, após o nascimento do bebê, também foi apontada pelo estudo Dias e Aquino (2006), realizado em três capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador), com 4634 jovens entre 18 e 24 anos que se tornaram pais e mães durante a adolescência. As autoras constataram que a presença do filho foi um fator motivador para a união dos pais, fenômeno que ocorreu principalmente em relação ao jovem pai, sobretudo quando comparados aos casos de união prévia à situação de paternidade. E a união entre pais e mães também apareceu como um fator importante para a participação dos pais nos cuidados dos filhos, isto é, nos casos em que o casal coabitava, os pais demonstravam-se mais participativos nos cuidados com os filhos, quando comparados àqueles que não coabitavam. Ainda assim, elas ressaltaram que também foi grande o número de entrevistados de ambos os sexos que permaneceram com suas famílias, o que pode ser explicado, dentre outros fatores, pela idade dos jovens pais e mães, condições sócio-

econômicas e, em especial no caso das mulheres, pela proteção e cuidado proporcionados pela família, para elas e seus filhos.

É possível também se pensar que esta tendência à união conjugal, incitada pelo nascimento de um filho, esteja também relacionada à representação da paternidade como uma introdução ao mundo adulto, sendo o “casamento”, um dos aspectos característicos deste processo. Isso pôde ser visto, por exemplo, no estudo de Cabral (2003) com 15 pais, entre 18 e 24 anos de idade, de classes populares do Rio de Janeiro. Os resultados deste estudo revelaram que o discurso acerca do “tornar-se responsável” permeou todos os casos analisados. Tornar-se pai e assumir esta paternidade significava, para estes jovens pais, “tornar-se homem”. Talvez por esse motivo, segundo a autora, existiu uma tendência à coabitação, como uma forma de reconhecimento e comprometimento com a parceira e a criança. Ademais, ela pontua que, mesmo sem considerar o momento da paternidade como oportuno, em função de condições materiais insuficientes para o provimento do filho, os pais fizeram uma avaliação positiva da paternidade, dizendo não se arrependem do acontecido e gostar do seu papel de pai.

Entretanto, a literatura internacional aponta para uma tendência diferente no que se refere à relação do jovem casal. Em revisão de literatura já citada anteriormente (Bunting & McAuley, 2004), a maioria dos estudos revisados apontou para a tendência do término da relação e/ou coabitação do jovem casal ao longo do tempo, enquanto um número bem menor de relacionamentos se encaminharam para o casamento. Mais do que isso, os autores mencionaram que este padrão de rompimento do jovem casal esteve relacionado com um decréscimo do contato do pai com a criança. Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Gee e Rhodes (2003), em que participaram 218 mães adolescentes americanas, entrevistadas em dois momentos: no período pré-natal e três anos após o nascimento da criança. Poucas adolescentes (21%) estavam envolvidas com os pais das crianças aos três anos de destas, e apenas 2% estavam casadas com eles. Cabe ressaltar, entretanto, que os pais das crianças não necessariamente eram adolescentes (as idades variavam entre 15 e 29 anos), sendo a idade paterna apontada como um importante fator para a continuidade do relacionamento. Nesse sentido, os autores encontraram que, quanto mais idade tinham os pais no período pré-natal, maior era a probabilidade de ainda estarem envolvidos com as mães aos três anos de vida da criança. A partir deste resultado pode-se pressupor que a manutenção do relacionamento do casal seja mais difícil nos casos em que ambos são adolescentes.

Conforme o que pôde ser visto nos estudos revisados na presente seção, os fatores determinantes da paternidade na adolescência e as suas conseqüências se constituem em um

tema polêmico, sobre o qual nem sempre há consenso entre os autores. Mesmo ao considerar que ser pai durante a adolescência possa ser uma tarefa árdua e, muitas vezes, com diversos aspectos negativos, existem achados que, de certa forma, se contrapõem ao estereótipo negativo do pai adolescente, apontando sua capacidade de adaptar-se às novas circunstâncias e lidar bem com as tarefas concernentes à paternidade.

Os aspectos abordados nesta seção demonstram algumas especificidades da paternidade na adolescência, discutidas por diversos estudiosos do tema. Entretanto, o que se pôde verificar a partir das diversas pesquisas apresentadas é que, em alguns pontos, os dilemas aqui pontuados dizem respeito não apenas ao contexto da adolescência, mas à paternidade de modo geral. Em particular, alguns autores alertam para a falta de estudos que acompanhem o processo de transição para a paternidade especificamente para os adolescentes, a fim de entender as especificidades deste processo (Belsky & Miller, 1986), constituindo-se num dos fatores motivadores para a execução da presente pesquisa.

Justificativa e objetivo do estudo

Conforme o que foi apontado na revisão de literatura, tanto a adolescência quanto a paternidade podem ser considerados eventos que suscitam diversas adaptações e mudanças na vida daqueles que as vivenciam. Por esse motivo, quando a paternidade acontece na adolescência, dois períodos de transição e de crise são sobrepostos, podendo assim, agravar as dificuldades presentes neste processo.

Apesar de o papel do pai na vida dos filhos e da família de modo geral estar sendo cada vez mais considerado por sua indiscutível importância e repercussão, os estudos sobre a paternidade nos mais diferentes contextos ainda se constituem como minoria quando comparados com as pesquisas sobre a maternidade. Deste modo, no que diz respeito à parentalidade na adolescência, vários autores apontam que grande parte dos estudos sobre este tema tem seu foco sobre as mães, enquanto os pais, em muitos deles, ainda são negligenciados (Cabral, 2003; Dias & Aquino, 2006; Fagot et.al., 1998; Heilborn et. al., 2002; Hoga & Mello, 2006; Miller, 1997; Radtke, 2005; Tan & Quinlivan, 2006). Heilborn et al. (2002), além de enfatizarem o pouco conhecimento sobre o pai adolescente, ressaltaram que, nas poucas vezes em que é investigado, este é apreendido através da percepção das companheiras, e não deles próprios.

De forma semelhante, a partir da revisão da literatura internacional realizada por Levandowski (2001, 2005), foi constatada a carência de estudos existentes sobre a paternidade adolescente, quando comparados ao tema da paternidade em geral e da

maternidade adolescente. A autora, a partir dessa constatação, sugere, dentre outros aspectos, o desenvolvimento de estudos que investiguem os aspectos subjetivos de pais adolescentes, tais como expectativas, sentimentos, percepções e vivências, tanto sobre si mesmos quanto sobre seus bebês.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi investigar a experiência e a prática da paternidade na adolescência, desde a gestação até o primeiro ano de vida do bebê. Quanto à experiência da paternidade, procurou-se investigar os sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez, suas representações acerca da paternidade e de si mesmo como pai, acerca da filha, da companheira como mãe, de seus próprios pais, da parentalidade na adolescência, bem como as representações da mãe acerca do companheiro como pai. Já em relação à prática da paternidade, foram investigados o envolvimento paterno e o exercício da função paterna, categorias que foram investigadas tanto através dos relatos dos pais como das mães, o que permitiu uma maior riqueza de informações assim como a triangulação dos dados (Stake, 1994).

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo três famílias de adolescentes, cuja gestação estava no terceiro trimestre no momento do primeiro contato. Os participantes tinham idades entre 16 e 19 anos e, no momento da gestação, estavam namorando ou morando juntos, e eram de nível sócio-econômico baixo.

A Família 1 era composta pelo pai, Felipe², e pela mãe, Margot, ambos com 18 anos no primeiro momento em que foram entrevistados, durante o terceiro trimestre de gestação. Desta união nasceu Bruna, primeira filha do casal. A família residia em Porto Alegre na fase inicial da pesquisa, mudando-se por duas vezes ao longo do período em que foram acompanhadas. Tanto Felipe quanto Margot possuíam ensino médio incompleto, e somente Felipe trabalhava fora de casa, numa empresa de informática. Ambos vinham de famílias de nível sócio-econômico baixo.

A Família 2 era composta pelo pai, Daniel, e pela mãe, Priscila, que estavam com 16 anos durante o terceiro trimestre da gestação, momento inicial da pesquisa. Desta relação nasceu Luiza, primeira filha do casal. A família residia em Porto Alegre e tanto Daniel quanto Priscila possuíam ensino médio incompleto, e apenas Daniel trabalhava fora de casa. Daniel vinha de uma família de nível sócio-econômico médio-baixo e Priscila de uma família de nível sócio-econômico baixo.

Por fim, a Família 3 era composta pelo pai, Matheus, 19 anos, e pela mãe, Carla, que estava com 17 anos na primeira entrevista, durante o terceiro trimestre de gestação. Desta relação nasceu Alice, segunda filha de Matheus e primeira de Carla. A família residia em Porto Alegre. Matheus possuía ensino fundamental incompleto enquanto a escolaridade de Carla era ensino médio incompleto. Carla era de uma família de nível sócio-econômico baixo, enquanto não foi possível identificar o nível sócio-econômico da família de origem de Matheus.

Todos os participantes faziam parte do estudo longitudinal denominado “*Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança*” – GRADO (Piccinini et al., 2008). Esse estudo multicêntrico acompanha cerca 150 gestantes adolescentes, desde o terceiro trimestre de gestação até o segundo ano de

² Todos os nomes foram trocados a fim de preservar a identidade dos participantes

vida do bebê. Dentre os critérios de inclusão no projeto estava: não apresentar intercorrências clínicas durante a gravidez, não ter sofrido abuso sexual, e não apresentar transtornos mentais. O recrutamento das participantes ocorreu em três cidades do Rio Grande do Sul, onde atuam três universidades federais do estado: Porto Alegre, Rio Grande e Santa Maria. Em cada centro, foram recrutadas em torno de 50 gestantes, os respectivos pais e avós maternas dos bebês. Para fins do presente estudo foram selecionados três casais de Porto Alegre, que atenderam aos critérios da pesquisa e que participaram das três etapas de coleta de dados (gestação, três meses após o nascimento e primeiro ano de vida do bebê).

A Tabela 01 apresenta algumas das características sócio-demográficas dos participantes do presente estudo, tendo por base as informações obtidas na fase inicial da coleta de dados. Outras características das famílias serão detalhadas ao longo da apresentação dos Resultados.

Tabela 01.

Dados sócio-demográficos dos participantes

Família	Idade	Escolaridade (anos completos)	Profissão	Situação Conjugal	Sexo do bebê
Família 1				Companheiros	Feminino
Felipe	18	10	Web designer		
Margot	18	09	Estudante		
Família 2				Companheiros	Feminino
Daniel	16	09	Estagiário		
Priscila	16	09	Estudante		
Família 3				Companheiros	Feminino
Matheus	19	05	Balconista		
Carla	17	09	Estudante		

Delineamento e procedimentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, a fim de investigar a *experiência* e a *prática da paternidade*, desde a gestação, até o primeiro ano de vida do bebê, examinando-se tanto as semelhanças quanto as particularidades entre os casos. Cada caso foi investigado em três diferentes etapas: terceiro trimestre de gestação, após os três meses do bebê e após um ano de vida do bebê. Para permitir a triangulação dos dados (Stake, 1994) e melhor compreensão dos aspectos analisados, participou do estudo tanto o pai adolescente como a sua companheira. Com este número de participantes, objetivou-se conhecer os casos em profundidade, visando compreender a paternidade, tomando por base os casos investigados, mas sem a intenção de se chegar à saturação (Stake, 1994).

O presente estudo seguiu as fases de coleta de dados do projeto GRADO, conforme detalhado em Piccinini et al. (2008). O contato inicial foi feito com a adolescente grávida, que estava sendo acompanhada no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV), que mantém um serviço especializado ao atendimento de gestantes adolescentes na grande Porto Alegre, e nas unidades de saúde do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição (GHC). As possíveis participantes do estudo foram indicadas pelos profissionais dos referidos estabelecimentos de saúde, de acordo com os critérios de exclusão expostos anteriormente. Aquelas que atenderam aos critérios de inclusão no projeto GRADO foram convidadas a participar do estudo e informadas sobre seus objetivos. Às que aceitaram participar, foi entregue o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Cópia no Anexo A), a ser assinado pela jovem e por seu responsável, e trazido em novo encontro agendado para a próxima visita ao hospital ou à unidade de saúde, para a continuação do pré-natal. Após a aceitação das gestantes em participar do estudo, foi feito, através delas, o convite para que os pais adolescentes³ participassem. Com os pais adolescentes que também aceitaram participar, e cujo *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* foi devidamente assinado por ele (e seu responsável, no caso do pai menor de 18 anos), foi agendado um horário no hospital, na unidade de saúde, ou na própria residência, conforme sua preferência, para dar início ao procedimento de coleta de dados.

Como parte do projeto GRADO, as gestantes e os pais adolescentes responderam a um conjunto de instrumentos conforme detalhado em Piccinini et al. (2008). Para fins do presente estudo, serão descritos, a seguir, apenas os instrumentos cujos dados serão aqui analisados.⁴

Na primeira etapa, quando o casal adolescente estava no terceiro trimestre de gestação, os pais adolescentes responderam à *Ficha de dados sócio-demográficos da família*, à *Ficha sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*, à *Entrevista sobre a gravidez adolescente - Versão pai*, e à *Entrevista sobre o relacionamento do casal*. Nesta ocasião as

³ Para caracterizar os participantes do estudo, será utilizado, neste texto, o termo “pai adolescente”, tendo em vista que não existe, em português, um termo para designar este momento da paternidade à semelhança do termo gestante. Alguns artigos, no exterior, utilizam por vezes o termo *expectant father* (Applegate, 1988).

⁴ Os seguintes instrumentos também serão respondidos pelos participantes nesta fase, como parte do GRADO: *Questionário sobre Redes de Apoio Social e Escala de Apoio Social (MOS)*; *Inventário de Comportamentos Auto-referidos para adolescentes (Youth Self-report - YSR)*; *Inventário de Comportamentos Auto-referidos para adultos (Adult Self-Report – ASR)*; *Edinburgh Postnatal Depression Scale (EPDS)*, para a mãe; e *Escala Beck de Depressão*, para o pai.

gestantes responderam à *Ficha de dados sócio-demográficos da família*, à *Ficha sobre Práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*, à *Entrevista sobre a gravidez adolescente - Versão da mãe*, e à *Entrevista sobre o relacionamento do casal*. Já na segunda etapa, após o terceiro mês de vida do bebê, os pais responderam à *Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3º mês* e à *Entrevista sobre o relacionamento do casal - 3º mês*, enquanto as mães responderam à *Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3º mês* e à *Entrevista sobre o relacionamento do casal - 3º mês*. Por fim, após o bebê completar o primeiro ano de vida, os jovens pais responderam à *Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 12º mês* e à *Entrevista sobre o relacionamento do casal - 12º mês*, enquanto as jovens mães responderam à *Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 12º mês* e à *Entrevista sobre o relacionamento do casal - 12º mês*. Com exceção da *Ficha de dados sócio-demográficos da família* e da *Ficha sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*, todas as outras entrevistas foram gravadas em áudio digital e, posteriormente, transcritas para análise.

Instrumentos

Ficha de dados sócio-demográficos da família (NUDIF, 2008a): este instrumento foi utilizado para obter dados sócio-demográficos dos participantes, tais como: moradia, escolaridade, trabalho, religião, relacionamento, hábitos de vida, e características dos pais. Cópia no Anexo B.

Ficha de práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis (NUDIF, 2008b): este instrumento foi utilizado com o objetivo de obter dados sobre a vida sexual dos participantes, como idade da menarca, número de parceiros, conhecimentos e utilização de métodos contraceptivos e para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Cópia no Anexo C.

Entrevista sobre a gravidez adolescente - Versão pai (NUDIF, 2008c): utilizada para investigar os sentimentos do pai adolescente no que se refere à gravidez e as suas expectativas quanto ao futuro bebê. Examinam-se as percepções do adolescente sobre a gravidez quanto a diversos aspectos, tais como: planejamento e notícia da gravidez; possíveis mudanças na rotina de vida; preocupações com a gestante e o bebê; participação nas questões referentes à gravidez; a vida antes da gravidez; percepções sobre a mãe do bebê; relação com os pais e

reação destes à notícia da gravidez; e expectativas quanto à paternidade. Uma versão similar desta entrevista, denominada *Entrevista sobre a gravidez adolescente - Versão da mãe* (NUDIF, 2008d), foi realizada com a mãe. Para fins do presente estudo será analisado o bloco 3 desta entrevista, que investiga a percepção da mãe sobre o pai do bebê. Cópias no Anexo D e E, respectivamente.

Entrevista sobre o relacionamento do casal - Gestação (NUDIF, 2008e): esta entrevista aborda a qualidade do relacionamento conjugal, buscando avaliar os sentimentos dos cônjuges em rela o ao companheiro, e o apoio que um oferece ao outro. Visa avaliar o relacionamento conjugal em três níveis: satisfa o conjugal (modo como cultivam afei o e admira o e como se relacionam sexualmente); comunica o (ouvir e aceitar a opinião do parceiro); e grau de conflito (se a maneira de resolver dificuldades está sendo eficaz). Há ainda um bloco de questões adaptado para os genitores que não estão mais juntos, investigando a história do relacionamento e os motivos para a separa o do casal. Cópia no anexo F.

Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3  m s (NUDIF, 2009a): investiga a experiência da paternidade durante os primeiros três meses de vida do beb , com destaque para temas como as atividades realizadas com o mesmo, mudanças percebidas em si mesmo, na mãe do beb , no casal e na rotina, preocupa es com o beb  e conhecimento sobre o mesmo, envolvimento nos cuidados do(a) filho(a) e percep es sobre seu temperamento e sobre o desempenho do papel paterno. Uma versão desta entrevista, denominada *Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3  m s* (NUDIF, 2009b) foi utilizada com as mães. Para fins do presente estudo será analisado o parte desta entrevista que investiga a percep o da mãe sobre o pai do bebê. Cópia nos anexos G e H, respectivamente. Versões semelhantes desta entrevista foram utilizadas na coleta dos doze meses de vida do bebê (*Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 12  m s*, NUDIF, 2009d; e *Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 12  m s*, NUDIF, 2009e) tendo sido adaptadas para esta fase de desenvolvimento do mesmo. Cópias destas versões encontram-se nos anexos J e K, respectivamente.

Entrevista sobre o relacionamento do casal - 3  m s (NUDIF, 2009c): esta entrevista aborda os mesmos aspectos da *Entrevista sobre o relacionamento do casal – Gesta o*, porém, com adapta es para investigar o relacionamento do casal durante os primeiros três

meses de vida do bebê. Cópia no Anexo I. Uma versão semelhante desta entrevista foi utilizada na coleta dos doze meses de vida do bebê (*Entrevista sobre o relacionamento do casal - 12º mês*, NUDIF, 2009f) adaptada para esta fase de desenvolvimento do mesmo. A cópia desta versão pode ser encontrada no Anexo L.

Considerações éticas

O projeto GRADO, do qual o presente estudo faz parte, foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS (Processo nº 25000.089325/2006-58, em 07/04/2008), pelo Comitê de Ética do HMIPV (Processo nº 20/08), e pelo Comitê de Ética do GHC (Processo nº 250/08, em 08/12/2008).

Os participantes do presente estudo foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa e puderam decidir livremente sobre a disponibilidade de participarem do estudo. Com isso, foi assegurada a autonomia dos pais e mães, sendo que estes estavam livres para desistir de participar da pesquisa em qualquer etapa da mesma. Nenhum tipo de prejuízo, quanto ao atendimento no hospital ou nas unidades de saúde, foi acarretado aos pais e mães que não quiseram participar do estudo. De acordo com a resolução 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia, os procedimentos desse estudo representaram risco mínimo para os participantes, na medida em que não se diferenciam substancialmente dos procedimentos a que estariam sujeitos os participantes.

Naqueles casos em que foi contatada a necessidade de acompanhamento psicoterápico de algum participante - o que não aconteceu com os participantes do presente estudo - este foi encaminhado ao atendimento psicológico do próprio hospital ou unidade de saúde. Além disso, as equipes de atendimento foram informadas sobre qualquer problema ou dificuldade por parte das participantes em relação à maternidade e paternidade. Essa informação foi transmitida após autorização dos participantes. A privacidade e a confidencialidade foram asseguradas, sendo que o material, obtido por meio de entrevistas, foi devidamente arquivado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Todos os participantes e seus responsáveis assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dione, 1999) foi realizada a fim de investigar o processo de tornar-se pai no contexto da adolescência, desde a gestação até o primeiro ano de vida do bebê. Mais especificamente, tal processo foi analisado com base em dois eixos temáticos, de acordo com as proposições de Houzel (2004): a experiência da paternidade, e a prática da paternidade.

A experiência da paternidade se refere à experiência subjetiva consciente e inconsciente de vir a ser pai e preencher os papéis parentais (Houzel, 2004). Para o presente trabalho, este eixo temático foi analisado com base na organização proposta por Silva (2007) que buscou ampliar o conceito de experiência a partir, especialmente, das contribuições de Stern (1997) sobre as representações parentais, descritas através de seus “esquemas-de-estar-com”. Para Stern, as representações estão baseadas em experiências subjetivas de estar com outra pessoa, que não são representações de objetos, pessoas, imagens ou palavras, mas sim experiências interativas que se formam a partir daquilo que acontece internamente ao sujeito enquanto está com outra pessoa. Ademais, de acordo com Stern, estas podem incluir não apenas interações atuais, mas também fantasias, esperanças, medos, sonhos e lembranças da própria infância, modelos de pais e profecias para o futuro do bebê. Assim, o conceito de representação de Stern, embora mais associado à teorização da maternidade, foi utilizado no presente trabalho como forma de operacionalizar a análise da experiência da paternidade, sendo que abarca as questões subjetivas envolvidas neste processo.

Para fins de análise, a experiência da paternidade foi investigada a partir de um conjunto de sete categorias. A primeira categoria, denominada *Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez*, refere-se aos sentimentos e percepções verbalizados pelo pai a respeito do momento em que a gravidez foi revelada. Nesta categoria foram incluídos não apenas os relatos do pai sobre os seus próprios sentimentos em relação à notícia, mas também sua percepção quanto à forma pela qual a gravidez foi inicialmente recebida pela companheira e pelos seus próprios pais. A segunda categoria, *Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai* envolveu os relatos do pai sobre a forma como ele percebeu a si mesmo neste processo de transição para a paternidade, as mudanças pelas quais passou, a forma como se via como pai nos três diferentes momentos em que foi entrevistado, e quanto aos modelos de pai que possivelmente seguia ou que evitava seguir. Na terceira categoria, *Representações do pai acerca da filha*, foram incluídos os relatos do pai sobre a forma como,

durante a gestação, ele imaginava que a filha seria após o nascimento, suas representações quanto ao desenvolvimento e ao temperamento dela após o nascimento, bem como as possíveis semelhanças e diferenças identificadas pelo pai entre a filha e ele mesmo ou com outras pessoas da família, em especial a companheira.

A quarta categoria, *Representações do pai acerca da companheira como mãe*, incluiu as verbalizações do pai sobre a forma pela qual ele acreditava que a companheira estava vivenciando o processo de gestação e da maternidade, as mudanças pelas quais ela estava passando, e sua avaliação quanto à companheira como mãe. Já as *Representações do pai acerca dos seus próprios pais*, quinta categoria, considerou os relatos do pai sobre o relacionamento com seus pais antes e depois do nascimento da filha, apoio recebido deles, sua percepção quanto ao modo como os pais estavam lidando com a sua transição para a paternidade e com a chegada da neta, bem como suas lembranças da relação com os pais na infância. A sexta categoria, *Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência*, levou em consideração os relatos do pai a respeito da convivência ou conhecimento de outras pessoas (da família ou não) que se tornaram pais ou mães na adolescência, sua avaliação sobre como acreditava que havia sido esta experiência para aquelas pessoas, bem como sobre como estava sendo para ele mesmo ser pai neste momento de sua vida. Por fim, a sétima categoria, *Representações da mãe acerca do companheiro como pai*, abrangeu os relatos da mãe sobre a forma pela qual ela acreditava que o companheiro estava vivenciando o processo de gestação e da paternidade, as mudanças pelas quais ele estava passando, e sua avaliação quanto ao companheiro como pai. A inclusão desta categoria que contempla o relato materno teve a função de auxiliar na compreensão do processo de transição para a paternidade, ao considerar que a visão da mãe sobre o companheiro como pai constitui-se como parte importante deste processo. Todas as categorias até aqui descritas foram analisadas longitudinalmente (com exceção à *Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez*), de acordo com os relatos obtidos nas três diferentes fases de coletas de dados: gestação, primeiro trimestre e um ano de vida do bebê.

Já a prática da paternidade, foi também investigada com base em Houzel (2004), que a considera como as tarefas cotidianas ou os cuidados físicos e psíquicos proporcionados pelo pai aos seus filhos. Sendo assim, a análise da prática da paternidade compreendeu duas categorias: o *envolvimento paterno*, e o *exercício da função paterna*. Este eixo temático foi analisado com base na organização realizada por Silva (2007), e incluiu as proposições de Lamb et al. (1985) em relação ao envolvimento paterno, bem como contribuições de outros autores (Le Camus, 2002; Stern, 1997; Winnicott, 1965/1979) para melhor compreender o

exercício da função paterna. O *envolvimento paterno* (cf. Lamb et al., 1985) foi analisado com base em suas três dimensões: interação, acessibilidade e responsabilidade. A “interação” foi considerada a partir dos relatos paternos e maternos sobre os momentos de contato entre pai e filha, bem como sobre a participação do pai nos cuidados e tarefas concernentes à vida da filha. A “acessibilidade” foi considerada com base nas verbalizações paternas e maternas sobre a disponibilidade do pai para estar presente, durante a gestação, nas atividades características deste período (tais como consultas médicas e ecografias), bem como para estar com a filha no período após o nascimento. Já a responsabilidade foi analisada a partir das falas paternas e maternas sobre o papel do pai nos cuidados da criança, bem como suas ansiedades, preocupações e planejamentos referentes a ela.

Já o *exercício da função paterna*, analisado aqui com base nas contribuições de Le Camus (2002), Stern (1997) e de Winnicott (1965/1979), considerou os relatos paternos e maternos em que foi possível identificar menções sobre o apoio oferecido pelo pai à companheira e à relação mãe-filha, sua intermediação na relação mãe-filha, quando ele ajudou a mãe a sair do seu estado de fusão com a filha e a retomar seu contato com o mundo externo. Foram também considerados os relatos sobre colocação de limites e ensinamentos fornecidos pelo pai à filha, bem como a possível interferência da mãe sobre o exercício da função paterna, através de incentivos ou, por outro lado, de empecilhos na relação pai-filha.

O procedimento de análise dos dados inicialmente envolveu a transcrição e leitura exaustiva de todas as entrevistas, bem como posterior escuta do áudio em conjunto com o material transcrito, para verificar possíveis exclusões, inclusões e/ou incongruências. A partir desta primeira leitura, e em conjunto com as informações obtidas na *Ficha de dados demográficos*, foi realizada uma breve caracterização de cada caso, que incluiu dados sócio-demográficos, contexto conjugal e familiar, bem como um breve relato sobre aspectos importantes da história individual ou do casal. Na segunda e terceira leituras foram demarcados, em cada uma das entrevistas transcritas, os relatos que faziam referência a cada um dos dois principais eixos de análise, os quais foram subsequentemente agrupados a partir das categorias propostas. Por fim, a etapa final do procedimento de análise incluiu a releitura de cada caso à luz da estrutura final de categorização, bem como a inclusão das interpretações da autora.

A seguir serão apresentadas as análises de cada uma das três famílias que participaram do estudo. Inicialmente será feita uma breve descrição de cada uma delas, contendo alguns dados sócio-demográficos e outras informações particulares consideradas importantes para a compreensão dos casos. Em seguida os dados provenientes das entrevistas serão analisados de

acordo com os dois eixos temáticos (experiência e prática da paternidade) e as diversas categorias e subcategorias descritas acima. Ao final de cada caso será feita uma breve discussão, com uma síntese da compreensão dinâmica do caso, quando serão discutidas as particularidades de cada uma das famílias à luz da literatura sobre o tema.

Por fim, no Capítulo IV será apresentada uma discussão geral dos resultados, destacando em especial as semelhanças entre os casos investigados quanto à experiência e à prática da paternidade na adolescência, discutindo-os à luz da teoria.

Família 1: Felipe, Margot e Bruna⁵

Breve descrição da família

A Família 1 era constituída por Felipe e Margot, ambos com 18 anos de idade, no primeiro contato, quando estavam no terceiro trimestre de gestação. Eles namoravam há aproximadamente um ano e, após três meses do início do namoro, Margot ficou grávida de Bruna. A gestação não foi planejada e, como moravam em diferentes cidades, decidiram morar juntos assim que souberam da gravidez. Antes disso, Margot morava com os pais, e Felipe com seu irmão. Sendo assim, após a gestação, Margot mudou-se definitivamente para a casa de Felipe e do irmão, onde já costumava passar boa parte do seu tempo.

Felipe e Margot se conheceram através de amigos em comum. Eles ficaram juntos algumas vezes antes de engatarem o namoro de fato. Felipe refere que chamou sua atenção o jeito introvertido e “*na dela*” de Margot, enquanto ela disse ter ficado atraída pela cara de brabo e o jeito quieto dele. Enquanto namorados, costumavam sair para encontrar os amigos, ir ao cinema, algo que deixaram de fazer depois da gravidez. Ambos já haviam tido relacionamentos anteriores, envolvendo relações sexuais. Tanto Margot quanto Felipe tiveram sua primeira relação sexual aos 15 anos com seus primeiros namorado e namorada, respectivamente.

Felipe era o caçula de uma família de quatro filhos, em que dois de seus irmãos eram fruto de um relacionamento anterior de seu pai, e um irmão de um relacionamento prévio de sua mãe. Os pais de Felipe ainda viviam juntos. O nível de escolaridade dos pais de Felipe era ensino fundamental completo e a família era de nível sócio-econômico baixo. Já Margot era filha única. Os pais dela, embora ainda vivessem na mesma casa, não estavam mais casados. De acordo com Margot, sua mãe estava morando na mesma casa do seu pai por não ter condições financeiras de ter sua própria casa. O nível de escolaridade do pai de Margot era ensino médio completo mais curso técnico, enquanto a mãe havia cursado até a quinta série do ensino fundamental. Sua família era de nível sócio-econômico baixo.

Felipe já trabalhava mesmo antes da gravidez. Ele relatou que sua relação com os estudos começou a ficar complicada quando começou a trabalhar, e dividiu sua relação com a escola em dois momentos: antes e depois de conseguir emprego. Antes de trabalhar percebia-se como um aluno exemplar, que nunca fora reprovado e que fazia todos os trabalhos e provas demandados. Depois que conseguiu um emprego, estimulado pela necessidade de ter seu

⁵ Todos os nomes foram trocados a fim de preservar a identidade dos participantes.

próprio dinheiro, começou a ter dificuldades, pois sentiu que precisava conciliar o trabalho e os estudos, e o seu desempenho escolar já não era mais o mesmo, tanto que chegou a ser reprovado uma vez no segundo ano do ensino médio. Por esse motivo, largou os estudos após concluir o segundo ano do ensino médio.

Após a gestação de Margot, sua história em relação ao trabalho sofreu algumas alterações bastante positivas que se estenderam até o primeiro ano de Bruna, última vez em que foi entrevistado. Durante a gravidez, Felipe era empregado de uma empresa de informática, mas tinha planos de abrir seu próprio negócio, para qual vinha juntando dinheiro. Já no aniversário de um ano de Bruna este plano de Felipe tinha se concretizado, e ele era sócio de uma pequena empresa.

Margot também havia interrompido os estudos enquanto cursava o segundo ano do ensino médio. Entretanto, diferentemente de Felipe, o motivo da interrupção foi o fato de ter engravidado e de ter mudado de cidade. Antes da interrupção, já havia tido duas reprovações escolares, uma na oitava série do ensino fundamental e a outra no primeiro ano do ensino médio. Margot considerava que até a primeira reprovação era uma boa aluna, com boas notas. Já na oitava série teve problemas de saúde que a mantiveram afastada da escola por um tempo, tendo sido reprovada por frequência. Depois desta reprovação, acreditava que seu desempenho havia piorado. Margot nunca tinha trabalhado, mas na entrevista realizada quando Bruna estava com um ano, ela estava ajudando Felipe em algumas atividades da nova empresa.

Algumas mudanças também aconteceram em relação à moradia do casal desde a gravidez de Margot. Felipe e Margot, que inicialmente moravam com o irmão dele, passaram a morar sozinhos com a filha um pouco antes de ela completar um ano de idade. Antes disso passaram por um período de transição, quando residiram, por alguns meses, com os pais de Margot. Tanto os pais de Felipe quanto os pais de Margot residiam em cidades diferentes da deles quando do primeiro aniversário da filha.

Experiência da paternidade

A experiência da paternidade de Felipe foi analisada longitudinalmente (com exceção à reação à notícia da gravidez), de acordo com os relatos obtidos nas três etapas de coletas de dados: gestação, quatro meses e um ano de vida do bebê e os resultados serão descritos a seguir para cada categoria. Conforme já explicado anteriormente, para a análise deste eixo foram consideradas sete categorias: *Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez*, *Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai*,

Representações do pai acerca da filha, Representações do pai acerca da companheira como mãe, Representações do pai acerca dos seus próprios pais, Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência e, por fim, Representações da mãe acerca do companheiro como pai

Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez

Na entrevista da gestação, Felipe relatou que a concepção de Bruna não foi planejada pelo casal. Quando questionado, Felipe respondeu que nunca tinha parado para pensar sobre quando ou com que idade gostaria de ser pai. Entretanto, ao receber a confirmação da gravidez, diz não ter ficado surpreso, pois Margot já estava “*passando mal*” e apresentando alguns sintomas característicos de gestação. Mesmo não sendo planejada, a gestação foi recebida sem “*pânico*” por Felipe, que diz ter se sentido feliz: “*Ah, foi diferente, né, como é o primeiro filho. Sei lá, eu não sabia exatamente o que esperar. Sabia já... já tinha uma... como é que eu posso te dizer, assim? Ela já tava passando mal, já teve alguns sintomas, né, da gravidez. A gente já tava mais ou menos ciente. Aí quando teve a confirmação, normal, assim, sei lá, fiquei feliz. Mas não foi nada, nenhum um pânico, nada do tipo*”.

Diferentemente de sua própria reação, a de Margot, na visão dele, foi de certa forma, de choque. Esta reação, no entanto, foi percebida por Felipe como algo esperado, frente ao não planejamento da gestação, algo que não condiz com a sua própria resposta frente à notícia e ao não planejamento da gravidez: “*Na época ela não pensava nisso e tal. Mas acho que, não sei, uma reação, como não foi uma gravidez planejada, uma reação normal, assim, pra uma gravidez não planejada*”. Porém, embora acreditasse que a reação de Margot tivesse a ver com o fato de que ela não esperava em ser mãe neste período de sua vida, ele mencionou que nunca chegou a conversar com ela sobre quando e se ela pensava em ter filhos.

De acordo com Felipe, antes mesmo da confirmação da gravidez, já havia esta suspeita, a qual tinha sido compartilhada com seus pais. Por esse motivo, sua mãe ficou bastante apreensiva e ansiosa no período que antecedeu o resultado do exame confirmatório. Frente à confirmação, a reação da sua mãe foi de felicidade em saber que seria avó mais uma vez. Ele já tinha uma neta, filha do irmão de Felipe, mas havia uma perspectiva de que esta neta mudasse de local de residência, e ficasse mais distante da avó. Sendo assim, Felipe percebeu que para sua mãe, a chegada de uma nova neta parecia talvez compensar um pouco esse distanciamento que o afastamento da sobrinha acarretaria: “*Então como era a única neta, assim, da minha mãe, creio que ela ficou, sabe... queria outra netinha, assim e tal. Coisa de*

vó, assim, não sei exatamente explicar (...). Ela ficou muito feliz, assim, me abraçou, sei lá. Quando eu encontrei com ela, né. Felicidade, assim, sentimento de felicidade”.

O mesmo não pode ser dito em relação à recepção do pai de Felipe à notícia. Para Felipe, o pai demonstrou-se inseguro, com receio de que o filho não soubesse como lidar com as responsabilidades advindas desta nova situação: *“Eu acho que ele tinha uma certa insegurança, assim, de que eu não fosse saber lidar com a situação e tal. Então ele procurava dar conselhos, assim, do modo dele”.* No entanto, e talvez por esta recepção menos calorosa à notícia de gestação, Felipe fez poucas referências quanto ao momento em que o pai tomou conhecimento da gestação e quanto à reação dele, dizendo não se lembrar das coisas que ele tenha lhe dito ou feito naquele momento.

Analisados conjuntamente os relatos acima, indicam que, em função de a gestação acontecer em uma situação de não planejamento, e numa idade considerada ainda precoce, trouxe à tona algumas preocupações não apenas de Felipe, mas de também de seu pai e de sua mãe. As reações iniciais à gestação, embora não sejam determinantes do futuro, trazem muitos aspectos que podem influenciar as concepções e crenças sobre a paternidade. Neste caso, os relatos de Felipe sobre a sua reação, a de seus pais e a de sua companheira demarcam parte de uma história que não começa e nem termina aí, mas que vem sendo construída ao longo da infância de Felipe e que se prolongará ao longo de sua vida e do desenvolvimento de sua filha: a sua identidade de pai. Por esse motivo que, para compreender melhor este processo, foi importante identificar, ao longo dos três momentos em que Felipe foi entrevistado, verbalizações que sinalizassem a sua vivência da paternidade e, mais ainda, suas crenças e sentimentos sobre este tema, como será visto a seguir.

Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai

Para Felipe, o momento inicial da gravidez foi marcado por um sentimento de estranhamento, porque a gravidez estava ali, mas só era percebida pelos sintomas que Margot apresentava. Ficou bastante demarcada, na fala de Felipe, a percepção de que estes sintomas iniciais eram sentidos por Margot, enquanto ele ficava apreensivo, tentando acompanhar uma gestação que estava no corpo da companheira: *“É estranho porque tu... no início da gravidez a única coisa que tem de gravidez é os sintomas e tal, e quem sente isso é só a Margot, né. Aí no caso eu ficava meio que apreensivo, assim pra saber, pra tentar acompanhar, ver o que tava acontecendo, assim”.*

Entretanto, quando ocorreu sua primeira entrevista, no terceiro trimestre da gestação, Felipe percebia grandes mudanças em sua rotina com o advento da gestação. Para ele, agora o

dia-a-dia incluía, além do trabalho, o cuidado com Margot: *“Eu trabalho, vou pra casa cuidar da Margot. Eu acordo e trabalho, depois volto pra casa pra cuidar da Margot. Geralmente quando tem alguma alteração, sei lá, a gente dá um passeio alguma coisa do tipo, assim”*. E este cuidado era expresso não apenas nas mudanças em sua rotina, mas também na preocupação manifesta de que não tivesse nenhuma complicação com Margot na hora do parto.

Esta mudança de perspectiva apareceu também em relação aos planos de Felipe durante a gestação. Ele, que nunca foi de fazer planos a longo prazo, começou a direcioná-los mais para o lado dele e de Margot, da construção da vida em família. Sendo assim, além de estar construindo uma casa, onde pudesse viver com a companheira e a filha, também tinha planos de comprar um carro: *“Sei lá, tenho o plano de comprar um carro pra deslocar mais fácil, assim, pela cidade, levar a Margot e a Bruna pra passear. Alguma coisa do tipo, assim. Esse é o único plano que eu tenho, assim a curto prazo”*.

Talvez esse cuidado maior expresso nas falas de Felipe neste período estivesse relacionado a um sentimento de responsabilidade pela companheira que ele percebia ter mudado drasticamente sua vida depois da gravidez, mudando-se para longe dos pais e interrompendo os estudos: *“Como eu te expliquei, né, ela não morava comigo antes. Aí ela começou a morar comigo, foi meio que uma volta bem grande, assim, na vida dela. Pra ela foi uma mudança que fez bastante diferença, assim, no caso. Teve que parar com os estudos e tal”*.

Durante a gestação, os relatos de Felipe sobre seus sentimentos e expectativas sobre como seria após o nascimento de Bruna, foram poucos, e se caracterizaram pela incerteza e pela impossibilidade de previsão. Felipe dizia que não conseguia imaginar, naquele momento, como seria o período após o nascimento, ou como ele próprio seria como pai. No entanto, expressava ter preocupação sobre como reagiria em situações do dia-a-dia com a filha, que as pessoas costumavam considerar complicadas, contudo, sem esclarecer quais exatamente seriam estas situações.

De forma semelhante, quando questionado diretamente sobre modelos de pai que possuía, inicialmente negou pensar em algum modelo, ou querer ser parecido com alguém, embora tenha feito referência àquilo que aprendeu no convívio com seu pai. Em meio aos poucos pais com quem costumava conviver, pensava em equilibrar o que via de bom e ruim em cada um deles: *“É que eu não convivo muito, assim, com pais. Então os exemplos que eu tenho, assim, é o meu pai, sei lá, o meu avô, tios, coisa assim. Mas eu não tenho nenhum exemplo assim, de: ‘ah, essa pessoa é horrível’, alguma coisa assim, ‘eu nunca vou ser*

assim'. Mas baseado nas pessoas que eu conheço, assim, eu meio que tento aprender alguma coisa e tirar o que é bom, o que não é bom de cada um delas". Contudo, ao falar sobre o modo como seus pais lhe cuidavam quando era pequeno, trouxe à tona seus sentimentos em relação ao que seria um pai, e percepção da diferença da função do pai em relação à mãe: *"O pai é uma coisa assim, que é mais pra tu aprender e tal, e a mãe é uma mãe, não sei definir exatamente isso"*.

Já na entrevista dos quatro meses, no que diz respeito às representações acerca da paternidade, Felipe falou sobre seus sentimentos a respeito dos primeiros momentos em que esteve com a filha, logo após o parto, e nos primeiros dias convivendo com ela. Seus relatos pareceram demonstrar que, diferentemente do período gestacional, quando percebia certo estranhamento e distanciamento em relação à gravidez, o período pós-parto lhe trouxe de forma mais concreta a sensação da existência do bebê, que agora estava ali com ele. Nesse sentido, em relação ao período pós-parto, ele falou sobre a grande emoção que sentiu ao pegar pela primeira vez a filha no colo: *"Bah, só conseguia chorar e... não parava de chorar mais, daí... Sei lá, só consegui me acalmar depois assim. (...) Sei lá, é uma alegria assim que não, não tem explicação assim"*. Os primeiros dias com a filha lhe trouxeram um sentimento de renovação e felicidade: *"Não sei, eu tava me sentindo bem. Acho que... Parece que... que a pessoa é nova assim, os anos tudo... Parece que é, não... não diria uma nova vida mas é um começo que é marcante assim... Tava me sentindo ótimo sabe?"*.

Felipe relatou mudanças drásticas em seus sentimentos enquanto pai, em especial relativos a um maior amadurecimento pessoal e a uma maior aproximação com a família de origem: *"Ah, é uma sensação bem diferente assim. Creio que... Por parte assim, a diferença mesmo seja mais no amadurecimento e tal... Coisas mais ligadas à família, e tudo mais, que de repente antes não tinha tanto sentido"*. Mais do que isso, ele acreditava que os sentimentos enquanto pai após o nascimento de Bruna acabaram por superar suas expectativas: *"Até superou as minhas expectativas assim dentro do que eu imaginava que ia sentir emocionalmente e até, sei lá, responsabilidades assim que talvez eu achasse que iam ser muito pra mim"*. E, de fato, como pôde ser visto durante a entrevista da gestação, descrita acima, Felipe tinha bastante dificuldade em demonstrar suas expectativas e imaginar como seria o período após o nascimento.

Felipe via que a principal mudança que tinha acontecido com ele após o nascimento de Bruna havia se dado no sentido de ele se tornar uma pessoa mais focada em seu trabalho, a fim de poder dar boas condições de vida para a filha: *"Não sei se eu mudei muito assim, depois que a Bruna nasceu. Mas, o principal que eu digo agora, acho que eu sou uma pessoa*

muito mais focada assim, numa carreira sólida digamos assim profissionalmente pra poder... a Bruna ter uma vida, digamos assim uma qualidade de vida boa assim. Acho que é isso, é um Felipe mais trabalhador e tal”.

Aos quatro meses de Bruna, Felipe seguia afirmando não ter um modelo específico de pai no cuidado com a filha, mas sim diversos modelos inespecíficos, provenientes de pessoas com as quais conviveu: *“Sei lá, o modelo de pai assim não. Mais algumas coisas assim de várias pessoas que eu convivi e tal que a gente tem... Talvez em uma determinada situação, isso ajuda a tu saber o que fazer e tal. Mas não que, sei lá, siga um modelo assim, coisa do tipo”.* Entretanto, ao longo da entrevista, mostraram-se de forma mais concreta as formas pelas quais ele utilizava alguns modelos para embasar atitudes do seu dia-a-dia, com especial referência ao seu próprio pai: *“Daí a gente teve que tomar uma decisão assim ó, ou voltava pra [cidade que moravam antes], ou ficava [na cidade em que estavam morando] e tudo mais, e aí eu... Não diria que foi um modelo que eu segui e tal, mas tipo meu pai assim e minha mãe, eles quando eu era criança eles também tiveram uma fase que não tinha um lugar fixo pra morar e tudo mais. Vendo assim toda essa situação eu aprendi que... Com ele, né, no caso, meu pai, né, que independente assim de onde tu tá morando o importante é tu ter uma visão do que tu pretende fazer em relação a isso e tentar conseguir isso, né, trabalhar, digamos assim, pra conseguir isso”.*

Na entrevista dos doze meses de vida de Bruna, o entusiasmo de Felipe ao falar sobre a experiência de ser pai foi ainda maior. Para Felipe, parecia que o crescimento de Bruna e o desenvolvimento de suas novas habilidades tornavam a paternidade algo cada vez mais divertido: *“Agora é muito mais... Não diria gratificante, mas é mais divertido assim. Ela participa muito mais de qualquer brincadeira que a gente faça ela. Ela responde aos estímulos que a gente... a gente tá sempre tentando fazer ela aprender coisinhas novas e tal. Maravilhoso assim”.* Além disso, ele mesmo percebia-se como mais habilidoso para lidar com a filha, inclusive com as situações em que ela fazia o que ele chamava de “arte”: *“Sei lá, vamos supor que a Bruna faça uma arte, é muito mais fácil de aceitar. Inclusive, assim, antes da Bruna nascer, acho que era esse o grande motivo assim de eu não ter tanto contato com criança assim, não sabia lidar com esse tipo de situação e tal”.* De forma semelhante, também se considerava mais maduro: *“Acho que sou uma pessoa mais madura agora”.*

Neste período, Felipe relatou que o momento do dia que ele mais gostava era a hora que chegava em casa, e que podia ficar o resto do tempo com a filha: *“A gente fica ali depois o resto do dia. Acho que essa é a parte que eu mais gosto assim... É como se... como que eu posso dizer assim? Como se fosse a parte assim que tu esquece o resto dos problemas assim,*

tu te sente bem”. Para ele, este momento era muito importante e prazeroso em função de considerar o pouco tempo para estar com a filha como uma das maiores dificuldades que sentia como pai.

Os relatos de Felipe em relação aos modelos permaneceram semelhantes àqueles apresentados quando Bruna estava com quatro meses. Ele reforçou que não tinha um modelo de pai em particular, que procurava ser ele mesmo. Da mesma forma, referiu não ter uma referência que considerasse negativa, e que procurasse evitar.

Examinando-se conjuntamente os relatos de Felipe, percebe-se que, desde a gestação, as suas representações acerca da paternidade e de si mesmo como pai já indicavam mudanças importantes. Embora hesitasse em falar sobre como achava que seria a paternidade após o nascimento da filha, ele já demonstrava, naquele período, sentimentos de uma maior responsabilidade e cuidado, até aquele momento dirigidos à companheira e à gestação, os quais posteriormente se estenderiam para sua relação com a filha. Tais cuidados e planos verbalizados por Felipe, ao longo da gestação, pareciam estar à serviço de uma tentativa de sentir-se mais integrado a um acontecimento que, de acordo com ele, acontecia no corpo da companheira.

As mudanças seguiram de forma ainda mais intensa após o nascimento de Bruna. Felipe sentia-se mais responsável, maduro e habilidoso em seu papel de pai. Talvez por esse motivo, seu receio inicial, ainda na gestação, fosse talvez não saber lidar com situações complicadas no dia-a-dia com a filha. Contudo, aos doze meses de Bruna, Felipe confirmou que se sentia mais habilidoso para lidar com situações com as quais receava na gestação, em especial com os momentos de “*arte*” da filha. Soma-se a isso o fato do prazer por ele relatado em ser pai, o qual parecia ainda mais intenso quando a filha estava com um ano de vida. Ademais, Felipe, após a chegada da filha, relatou sentir-se ainda mais próximo de sua família de origem.

Entretanto, uma característica bastante marcante de Felipe, e que esteve presente em seus relatos em relação à paternidade, foi a necessidade de mostrar-se uma pessoa independente, que procurava seguir seus próprios princípios, mesmo ao falar sobre os possíveis modelos de paternidade que possuía. Essa necessidade de autonomia, de independência, pôde ser vista também nos seus relatos sobre ter saído da casa dos pais para viver com o irmão, e na necessidade de trabalhar para ter seu próprio dinheiro, mesmo antes de começar a namorar Margot e de saber que seria pai.

Sendo assim, os relatos de Felipe pareceram indicar que ele estava cada vez mais adaptado e seguro em seu papel de pai. Mais do que isso, aquela dificuldade, ou talvez receio

inicial de imaginar-se enquanto pai, no período da gestação, foi substituída por uma maior facilidade e prazer em falar sobre seus sentimentos relativos à paternidade após o nascimento da filha.

Representações do pai acerca da filha

Na gestação, conforme já foi mencionado anteriormente, Felipe referia não conseguir imaginar como seriam as coisas após o nascimento da filha. Sendo assim, na entrevista da gestação, Felipe não mencionou qualquer sentimento ou expectativa sobre o período pós-parto. Talvez esta dificuldade esteja relacionada ao que Felipe havia mencionado quanto ao período inicial da gravidez, em que os sintomas eram sentidos apenas por Margot.

Já com quatro meses de vida, assim como aconteceu com as mudanças em relação às representações de Felipe quanto à paternidade, suas representações sobre a filha apresentaram características bem diferentes. Os relatos de Felipe a este respeito demonstravam uma grande surpresa e um crescente entusiasmo em relação às novas aquisições e ao jeito de ser da filha. Para Felipe, a filha se mostrava a cada dia mais “esperta”, diferentemente do período logo após o parto, quando suas capacidades, de acordo com o pai, ainda não podiam ser notadas: *“Bah, ela é muito esperta assim. Tipo, claro quando ela nasceu ela era muito nenezinha assim ainda. Não tinha, digamos assim, o desenvolvimento dela assim não era... não era uma coisa que se notasse tanto assim. Mas quando ela começou... Quando ela fez dois meses mais ou menos assim, que a gente começou a notar assim, que ela era uma criança bem esperta. Dá risada das coisas, acorda rindo”*. Mais do que isso, Felipe acreditava que, embora tivesse convivido pouco com outras crianças, Bruna era uma bebê bastante evoluída para a sua idade, em especial por suas aquisições motoras e de fala: *“Tanto isso, quanto a coordenação motora dela assim. Pega as coisas, tudo mais, quer falar... Eu não tenho muita experiência com criança assim, da idade dela, mas, pelo que a gente nota das outras pessoas que têm experiência, ela é uma criança bem evoluída pra idade dela. Mas o que mais me surpreendeu é ela desenvolver essa fala tão cedo assim”*.

Em relação ao temperamento da filha, Felipe considerou difícil falar, por acreditar que este era uma mistura entre os temperamentos dele e da companheira: *“Tipo, ela é braba, mas ela é alegre assim. Tipo... é um pouco de cada um dos dois assim”*. Já as características físicas da filha foram descritas por Felipe com maior facilidade. Para Felipe, ao menos neste período em que a filha estava com quatro meses, ela era parecida com ele. Entretanto, de acordo com sua própria história, sabia que estas semelhanças não eram estanques, e que poderiam ser diferentes no futuro: *“Acho que agora ela se parece talvez um pouco comigo*

assim, mas eu sei que talvez isso vá mudar, conforme o tempo quem sabe ela fique mais parecida com a Margot assim. Sei lá, tipo quando eu nasci diziam que eu era parecido com a minha mãe, agora dizem que eu sou parecido com o meu pai”.

Outra semelhança entre ele e sua filha dizia respeito a ela ser filha única, como era o seu caso em relação ao casal constituído pelo seus próprios pai e mãe (embora houvesse irmãos de outros relacionamentos anteriores dos pais): *“E eu sou o único filho do casamento dos dois assim. Então sempre teve um cuidado especial comigo e tal e tudo mais. (...) Mas acho que talvez, em parte, por ela ser minha única filha agora, acho que essa seja a maior semelhança que tenha entre eu e ela agora”.*

Aos doze meses de vida da filha, as representações de Felipe acerca da filha seguiam sendo bastante positivas. Para Felipe, a filha era uma criança especial, bem-humorada, de bem com a vida: *“A Bruna é uma criança muito especial. Não sei, talvez seja uma coisa muito de pai assim, mas ela é incrível. Ela já acorda dando risada, e fazendo a gente rir. Acho que ela gosta da vida [risos]!”.* Da mesma forma, Felipe considerava que, com o passar do tempo, a filha estava cada vez mais esperta e ativa, fazendo coisas novas e mais responsiva aos estímulos. Um dos aspectos mencionados por ele a este respeito foi em relação à filha ter criado o hábito de imitá-lo quando ele tossia, algo que ele considerava engraçado da parte dela: *“Inclusive tem uma coisa engraçada... às vezes quando eu tusso assim ela vai lá e tosse também, só pra imitar sabe? [risos]. E aí é engraçado assim, divertido”.*

Em relação ao temperamento a filha, Felipe continuava considerando-a como uma mistura dele e de Margot: *“A Margot é meio brava assim, então, a Bruna também é assim. (...) De mim assim acho que é uma característica mais... digamos assim, o jeito que ela dorme assim, parece muito assim... Talvez seja só ilusão da minha cabeça, mas parece assim, comigo, sabe? Um jeito meio atirado, bota as coisas em cima da cabeça”.* Da mesma forma, em relação à parte física, Felipe também a considerava com um pouco de características de cada um deles, diferentemente do que foi relatado aos quatro meses, quando a considerava mais parecida com ele.

Analisados conjuntamente, os relatos de Felipe quanto as suas representações sobre a filha revelaram que estas passaram por uma importante evolução desde o período gestacional até o primeiro ano de vida, assim como aconteceu com suas representações acerca da paternidade. Durante a gestação, parecia mais difícil para Felipe falar sobre a filha, por talvez ainda não senti-la completamente como um ser concreto. No entanto, após o nascimento, Felipe parecia cada vez mais encantado com as capacidades da filha, com seu desenvolvimento, sua esperteza. Mais do que isso parecia que, para ele, a filha cada vez mais

se mostrava em toda sua concretude, com suas brincadeiras, seu bom humor. Felipe também conseguia identificar semelhanças, tanto físicas, quanto de temperamento, entre ele e a filha, ou entre a companheira e a filha.

Representações do pai acerca da companheira como mãe

Embora Felipe tenha dito que nunca chegou a conversar com Margot sobre quando e se ela pensava em ter filhos, percebia que não era um plano que ela tinha para este momento de sua vida. Por esse motivo, conforme foi mencionado anteriormente, não ficou surpreso com a reação inicial de choque apresentada por ela, frente à confirmação da gravidez. Mais do que isso, Felipe percebia que a gestação tinha provocado uma grande mudança na vida de Margot, que passou a morar com ele, além de deixar de estudar.

Contudo, quando Felipe falou sobre Margot na época da primeira entrevista, no terceiro trimestre de gestação, ele a percebia como maravilhada pela gravidez e querendo ser mãe: *“Ah, normal, ela tá maravilhada, assim, com tudo. Tá louca pra que a criança nasça e tal, quer ser mãe mesmo”*. Felipe acreditava que, dentre as preocupações de Margot nesse período, estava a de ser bem tratada e bem atendida no local onde fosse fazer o parto.

Margot já havia realizado duas ecografias até então, e Felipe não pôde estar presente em nenhuma das duas. Quando questionado sobre o que ele achou que ela sentiu ao ver a bebê ele mencionou acreditar que, embora ela tivesse “visto” o exame, ela não parecia ter entendido e, por esse motivo, ficou ainda mais ansiosa para ver a filha: *“É, na verdade isso foi meio, como é que eu posso dizer, assim? Vê, ela viu, mas ela não entendeu. Daí fica um sentimento meio... meio de, como é que eu posso explicar? Fica mais ansiosa ainda, sabe, pra ver a criança, porque ela, tipo ela viu, mas ela não entendeu, sabe?”*.

Embora percebesse que Margot havia reagido bem ao nascimento de Bruna, Felipe percebia a companheira como *“cansada”* com as dificuldades referentes ao seu papel de mãe no período em que a filha estava com quatro meses: *“Sei lá, eu vejo que ela tá cansada e... que é difícil pra ela assim”*. Além disso, Felipe queixou-se da falta de maturidade da companheira para lidar com certas situações relativas ao casal, algo que ele esperava que tivesse sido diferente após o nascimento de Bruna: *“Algumas coisas assim que não me agradavam assim antes dela ser mãe, de a Bruna nascer. Questões mais relacionadas ao meu relacionamento com ela assim, sabe? Pensei que ela fosse amadurecer um pouco mais também nesse sentido. (...) É que como eu passo muito tempo fora de casa assim e ela fica só em função da Bruna e tudo mais, ela fica assim muito na expectativa de me ver, e o meu trabalho muitas vezes eu tenho que ficar até tarde, assim, fazendo o meu trabalho. E às vezes*

ela não entende isso. E muitas vezes ela acha que eu não tô no trabalho". No entanto, apesar das dificuldades, ele a via com admiração, como uma mãe cuidadosa, que estava gostando de seu novo papel: *"Mas ela encara e... e ela gosta também, né, disso. Uma pessoa... eu admiro assim"*.

Aos doze meses de vida de Bruna, Felipe percebia que as dificuldades de Margot permaneciam. De acordo com ele, ela não teria muita paciência para lidar com o jeito teimoso da filha: *"Às vezes a Margot fica meio... meio angustiada com algumas coisas assim porque a Bruna é um pouco teimosinha assim e a Margot tem uma certa dificuldade, de... ela não tem muita paciência sabe?"*. Ele considerava este aspecto como um defeito de Margot, que lhe causava certo receio, apesar de perceber que este era o jeito de a companheira lidar com a filha: *"Eu acho que é o grande defeito dela, ela não tem muita paciência com a Bruna. Então, eu tenho um pouco de medo em relação a isso. Mas eu acho natural, assim, acho que faz parte dela, é o jeito dela"*. Por outro lado, com exceção do "pavio curto" de Margot, Felipe a considerava uma mãe maravilhosa: *"Mas fora isso ela é maravilhosa assim. Não tenho nenhum, nenhum tipo de reclamação"*.

Em conjunto, as verbalizações de Felipe relativas as suas representações sobre a companheira como mãe mostraram que, na visão dele, a maternidade havia causado repercussões importantes na vida de Margot. As mudanças tiveram início ainda na gestação, quando Margot largou os estudos e passou a morar com ele. Entretanto, durante este período, Felipe a percebia como maravilhada com toda a situação da gravidez, e ansiosa para a chegada da filha. Visão diferente daquela que Felipe relatou nas duas outras vezes em que foi entrevistado após o nascimento da filha. Para ele, Margot estava cansada e enfrentando algumas dificuldades para lidar com a filha. Ademais, Felipe manifestou que algumas de suas expectativas em relação ao comportamento de Margot não se concretizaram. Diferentemente da visão relatada sobre ele mesmo, para ele, a maternidade não tinha trazido a maturidade que ele esperava em relação à Margot.

Representações do pai acerca de seus próprios pais

Quando Felipe falou, na entrevista da gestação, sobre o relacionamento com sua mãe, referiu mudanças nesta relação com o advento da gestação de Margot. Entretanto, não foi, segundo ele, uma mudança brusca, apenas lhe pareceu que houve uma maior aproximação: *"Eu não tenho, não tenho certeza assim sobre a mudança que ocorreu, mas eu creio que agora é bem mais, não digo forte, assim, mas ela procura ter mais contato assim, comigo, e tal, pra saber"*. Ele referiu que a relação com a mãe sempre foi boa, "normal", e que nisso

não houve mudança, mas notou que naquele momento, ela se demonstrava mais apreensiva quanto à Margot e à neta que estava para nascer. Ademais, percebia que, pelo fato de ser o filho caçula, a mãe sempre foi bastante carinhosa e cuidadosa com ele: *“Ah, a minha mãe sempre foi coruja, assim, em questão de cuidados, assim. Tipo eu sou o filho mais novo, assim, até entendo que isso seja um pouco normal, assim, o filho caçula, essas coisas assim. Mais carinhosa”*.

Em alguns momentos, durante a entrevista da gestação, Felipe mostrou-se como alguém que se virava sozinho frente às dificuldades, que não costumava pedir ajuda aos pais, visto que já estava morando a sós com o irmão desde um tempo antes de começar a namorar Margot. Mesmo quando fez referência ao apoio recebido de sua mãe neste período, ressaltou que a ajuda era boa, mas não que fosse necessária: *“Ajudado, ajudado, como é que eu posso dizer, assim... nada que eu precise, assim, muito da ajuda dela [mãe]. Mas é sempre bom quando ela vai lá em casa ela ajuda a Margot, que agora já no final da gestação ela não pode mais fazer tudo que fazia antes, né. Então ela ajuda... Ah, e presentes, ela dá, assim, pra criança”*. Do mesmo modo, em algumas referências feitas sobre os seus pais, foi como se ele, de certa forma, tivesse desapontado-os ao longo de sua vida ou, mais ainda, como se ele fosse alguém em quem os pais não apostassem muito. Isso apareceu, por exemplo, no momento em que foi questionado sobre o que achava que seus pais esperavam para o seu futuro. No entanto, esta percepção parecia ter mudado agora que ele seria pai, teria uma família: *“É que assim, na verdade eu nunca fiz muitas coisas que eles queriam que eu fizesse, né, no caso. Não sei exatamente o que eles esperavam. Talvez eles não esperassem muita coisa. Mas eu creio que atualmente eles estão bem contentes assim, com as coisas assim e tal, a minha vida, da Margot e tal”*. Além disso, ele referia que a mãe estava mais tranqüila e orgulhosa dele como filho: *“Eu vejo que ela também, ela tá um pouco mais tranqüila, assim, por eu tá trabalhando. Ela tá, demonstra assim, certo orgulho pelo filho e coisa e tal”*.

Da mesma forma, ele falou sobre o prazer de ver seu pai contente com a proximidade da chegada da neta, especialmente pelo fato de que Bruna seria a primeira neta considerada legítima: *“Ah, eu acho engraçado, na verdade, assim, quando ele [pai de Felipe] fala da Bruna. Porque é diferente, assim. Porque tipo, esse meu irmão que teve filho, a princípio ele no caso, ele não é filho dele, né, é filho da minha mãe com o outro casamento dela. Então agora com... não sei, tipo pra ele, né, no pensamento dele, eu sou o filho legítimo dele tal. Aí ele fica bem mais bobo, assim, eu acho engraçado, eu gosto de ver isso”*. Além disso, considerava que o pai estava lhe ajudando bastante neste período, através da construção da

casa que ele e Margot pretendiam residir no futuro: *“Inclusive é ele que tá construindo a minha casa, né, no caso. Tá me ajudando bastante”*.

Já na entrevista dos quatro meses, Felipe relatou perceber que seus pais estavam mais tranqüilos e seguros em relação à sua experiência de paternidade, como se as coisas tivessem assumido certa estabilidade, após as preocupações iniciais frente à notícia e ao longo da gestação: *“Antes assim, eu sentia que, mais da parte da minha mãe e do meu pai, eles tinham um certo medo assim de... como que ia ser o meu futuro digamos assim. Agora eu sinto que eles estão um pouco mais tranqüilos quanto a isso assim, sabem que eu já sei qual é o caminho e tudo mais. Sabem que eu vou seguir o caminho mais... seguro. Sabem que agora eu... sou um pai”*. Porém, apesar desta visão mais positiva, Felipe ainda relatava desconhecer as expectativas de seus pais em relação ao seu futuro: *“Não sei exatamente o que eles esperam, mas... acho que eles tão bem felizes com a forma que as coisas estão se encaminhando. Eles tão acompanhando assim o que eu tô fazendo, o que eu tô planejando e tudo mais”*.

Esta visão mais positiva foi percebida por Felipe também frente à reação dos pais ao nascimento de Bruna: *“Ah, eles ficaram muito felizes! (...) Então, desde o começo assim, felicidade total”*. Da mesma forma, Felipe relatou que seus pais continuavam lhes ajudando de alguma forma. A mãe algumas vezes, nos finais de semana, ia para a casa deles ajudar nos cuidados com Bruna, enquanto o pai seguia na construção da casa: *“Então, quando ela [mãe de Felipe] vai lá em casa, ela ajuda a gente como pode, cuida da Bruna. E meu pai tá construindo a nossa casa, né”*.

Durante a entrevista dos doze meses, Felipe relatou algumas lembranças que tinha sobre o modo como os pais lhe cuidavam quando ele era pequeno. Lembrava-se de algumas atividades e também que os pais eram firmes, porém carinhosos: *“Eu lembro que era bem cuidado e tal, minha mãe me levava na escola me trazia da escola. Meu pai, sempre levava a gente pra passear. (...) Acho que eles eram... eles eram bem pulso firme assim quando precisava e bem carinhosos também”*.

Neste período Felipe também relatou estar mais distante dos pais, em função de ter mudado de cidade e não ter mais um contato tão freqüente com eles. Percebia que não estava dando aos pais tanta atenção quanto deveria, apesar de negar qualquer briga ou atrito entre eles: *“De uma forma geral tá boa [a relação com os pais], só que eu sinto que eu tô muito distante deles assim pelo fato de eu tá atarefado com trabalho e tudo mais, estar morando longe assim, eu sinto que eu não estou dando tanta atenção pra eles quanto eu queria. Mas nada de atrito, briga ou coisa assim”*. Entretanto, lembrou-se da ajuda recebida dos pais num

momento mais difícil pelo qual passaram ao longo daquele ano, quando ele abriu seu próprio negócio e, ao mesmo tempo, passou a residir somente com a companheira e a filha: *“Então a gente passou por situações... Pedi ajuda pra mãe dela [Margot], pedi ajuda pra minha mãe, mas nada também muito preocupante assim que fosse causar um grande incômodo pras pessoas”*.

Embora os relatos de Felipe demonstrassem, desde o período da gestação, uma necessidade de demarcar uma autonomia dele em relação aos seus pais, ele parecia reconhecer positivamente a ajuda que os pais prestavam a ele e à Margot. Considerava, além disso, que a relação entre ele e seus pais estava mais próxima desde que souberam da gestação, embora relatasse certo afastamento, em função do trabalho, no período em que Bruna estava com um ano. Esta necessidade de demarcar autonomia e, ao mesmo tempo, de uma maior aproximação com a família de origem parece caracterizar dois movimentos típicos de diferentes momentos evolutivos do ser humano, aqui sobrepostos, respectivamente: estar ao final da adolescência e tornar-se pai.

Por mais que não conseguisse descrever exatamente as expectativas que seus pais tinham em relação ao seu futuro, Felipe acreditava que eles se sentiam mais tranquilos ao ver que ele estava com a vida mais estável e tranquila. Chamou especial atenção ainda dois aspectos dos relatos de Felipe a respeito de seus pais, e que parecem estar à serviço da legitimação mútua dos papéis familiares frente à chegada de um novo membro: primeiro foi a percepção de Felipe de que ele era responsável pela legitimação do papel de avô de seu próprio pai, situação que ele mencionava gostar. Segundo, foi a o sentimento de ser reconhecido pelos seus próprios pais em seu papel de pai, vendo que eles estavam mais tranquilos em relação ao seu futuro agora que ele tinha se tornado pai.

Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência

Ao ser perguntado na entrevista da gestação sobre o conhecimento de pessoas que foram pais na adolescência, Felipe fez referência a sua própria mãe, que teve o irmão mais velho dele antes dos 19 anos. Entretanto, ele percebia que, era um contexto diferente de adolescência, pelo fato de a mãe na época residir no interior e, além disso, já trabalhar. Neste sentido, ele acha que para ela este acontecimento foi encarado com naturalidade: *“Lá, na época dela até, anos atrás, no caso, é bem diferente da gravidez na adolescência hoje em dia (...). Acho que naquela época era tudo meio assim, meio precoce também, assim. Não sei, acho que ela encarou com naturalidade, pra ela era uma coisa normal a gravidez”*. Além da mãe, Felipe fez menção sobre um amigo de seus irmãos mais velhos, que também foi pai

cedo. Entretanto, pela pouca convivência que teve com ele, Felipe não soube dizer como achava que tinha sido esta experiência para ele.

Já na entrevista dos quatro meses, as referências de Felipe sobre a parentalidade na adolescência foram quase inexistentes. Quando questionado a respeito de como estava sendo para ele ser pai neste momento da sua vida, Felipe respondeu: *“Tá sendo bom. Acho que, pelo fato de eu ser novo ainda, talvez tenham pontos que não sejam tão bons, mas, acho que no geral é bom, dá uma perspectiva maior e me ajuda a, talvez, quando for mais velho, ter uma experiência de vida mais forte assim digamos”*. Sendo assim, embora parecesse não estar vendo a paternidade de forma tão positiva enquanto se é *“novo”*, acreditava que a sua experiência poderia fortalecê-lo em relação ao futuro.

Na entrevista dos doze meses, Felipe acreditava que o fato de ser pai neste momento da sua vida o fazia evitar de ter atitudes consideradas negativas, comuns a muitos jovens, colocando-o *“nos trilhos”*: *“Eu acho que é bem positivo, te coloca nos trilhos digamos assim. (...) Por exemplo, quando se tem a minha idade [riso] geralmente a grande maioria das pessoas faz coisas assim que, por exemplo, eu na condição de pai não poderia fazer”*.

Ao falar sobre as suas representações quanto à parentalidade na adolescência Felipe lembrou-se da experiência da própria mãe, que teve seu primeiro filho antes dos 19 anos. Entretanto, para ele, os tempos eram outros e a gravidez na adolescência era vista como algo comum, diferentemente do que aconteceria nos dias de hoje. Ao falar sobre isso ele também pontuou algo que parecia considerar importante para se ter um filho: estar trabalhando. Em outros momentos, conforme já descrito anteriormente, o trabalho era visto como um sinal de responsabilidade. Além disso, via que o fato de ser pai acabava por colocá-lo nos trilhos, sendo que abria mão de realizar algumas atividades comuns a outros da sua idade sem, no entanto, explicitar claramente quais atividades seriam estas.

Representações da mãe acerca do companheiro como pai

Na entrevista da gestação, primeira ocasião em que Margot foi entrevistada, ela relatou que a reação de Felipe ao saber que ela estava grávida foi de felicidade, e que só veio a confirmar uma suspeita que já havia se instalado nos últimos momentos antes da confirmação: *“Enquanto eu tava ali apavorada em casa, né, ele tava feliz lá!”*. Além disso, ela percebia que o advento da gestação fez com que ele, que era visto por ela como um pouco *“irresponsável”*, se tornasse uma pessoa mais responsável, em especial no que diz respeito ao aspecto financeiro e aos gastos com saídas e com bebidas: *“Agora acho que essa gravidez foi boa porque ele tá sabendo cuidar dele, sabe? Tá sabendo dar valor às coisas dele, entendeu?”*

(...) *Antes, no começo assim, ele não pensava muito no que fazer assim, pra ele só pensava em ‘Ah, eu vou levantar, vou ir trabalhar, aí depois o meu dinheiro vou gastar, vou gastar saindo, vou gastar bebendo’, sabe?’*. Diferentemente do que foi mencionado por Felipe neste mesmo período, Margot destacou que ele era um pai “babão”, que gostava de acariciar sua barriga e conversar com a filha ainda no ventre.

Na entrevista dos quatro meses, ela contou a respeito da emoção de Felipe frente ao nascimento da filha, e confirmou a mudança sobre a qual havia falado ainda na gestação, em relação à maneira de ele pensar a vida: *“Ele ficou bastante emocionado [no momento do nascimento], foi um momento muito bom assim, que mudou assim bastante, sabe, a maneira dele pensar sobre a vida, sabe, eu vi isso nele assim, mudou bastante isso”*. Margot via Felipe como um pai bastante empenhado e cuidadoso: *“Tá sendo um pai bem empenhado assim, ele tá ralando mesmo”*. Além disso, ela percebia que pai e filha se davam muito bem: *“Eu vejo que eles se dão muito bem assim, ela gosta bastante dele”*. O desempenho de Felipe como pai parecia ter superado positivamente as expectativas de Margot, que inicialmente demonstrava-se insegura quanto à possibilidade de ele se tornar um pai ‘desligado’: *“Ainda bem que mudou o pensamento dele, só que mudou pra melhor assim sabe? Tem uns pais assim que eles acabam até se desligando disso tudo e voltando à vida que tinham antes... e ele foi o contrário”*.

Na entrevista dos doze meses, Margot seguia com uma percepção positiva de Felipe como pai: *“Ele é bem atencioso com ela, é bem brincalhão... ele adora conversar com ela e ensinar as coisinhas pra ela...ele gosta de tocar violão assim e cantar pra ela...ele é um pai assim...ele tá sendo um pai bem prestativo”*. Margot achava bonita a relação que Felipe tinha com a filha: *“Eu acho bonito assim, eu acho bom. Era o que eu queria assim, essa relação que ele tivesse com ela”*. Ela percebia que Felipe estava feliz e entusiasmado com a família, com a filha: *“Agora eu acho que é o entusiasmo dele assim com a Bruna e tal. Ele fica muito feliz assim, com o desenvolvimento que tá tendo. Eu sinto que ele tá feliz, sabe, com a família dele, com a responsabilidade que ele criou... a importância que ele tem quanto à gente”*.

De forma semelhante ao que foi apontado por Felipe ao falar de suas representações sobre a paternidade e sobre si mesmo como pai, Margot também percebia que ele tinha se tornado uma pessoa mais responsável com advento da gestação e após, com o nascimento da filha. Margot se sentia feliz em perceber que Felipe estava sendo um pai tão bom quanto ela esperava, e que estava se dando bem com a filha. Tais mudanças pareceram amenizar certo receio que ela tinha de que Felipe se tornasse um pai desligado, ou que priorizasse retomar seu modo de vida anterior em detrimento da família.

Prática da paternidade

A prática da paternidade foi investigada a partir dos relatos de Felipe sobre seus comportamentos e atitudes em relação à filha e à companheira na gestação, aos quatro e aos doze meses de vida. Também foram incluídos os relatos da companheira sobre a prática da paternidade de Felipe nestes três momentos. Conforme já explicado anteriormente foram consideradas duas categorias de análise. A primeira, *Envolvimento paterno* que inclui as dimensões interação, acessibilidade e responsabilidade; e, a segunda, *Exercício da função paterna*.

Envolvimento paterno

Com relação à dimensão interação, na entrevista da gestação, pelos relatos de Felipe, pareceu que os momentos de interação com a filha (ainda na barriga) foram poucos e, mesmo quando aconteciam, eram permeados por certa distância: *“Eu costumo assim, ficar acariciando e tal, mas nada muito grudando, assim, uma coisa chiclete, assim”*. Por outro lado, a visão de Margot a esse respeito mostrou-se bastante diferente daquela relatada por Felipe. Para ela, Felipe tinha mais facilidade do que ela própria para interagir com a filha ainda na barriga, através de toques e conversas: *“Ele é o que mais fica brincando assim na minha barriga. (...) Ele conversa mais, e eu fico só mais tocando na minha barriga e ele já fica brincando, falando com ela e fica chamando ela. Chama, chama ela assim até ela chutar. Aí ele começa a conversar com ela, pergunta como é que ela tá, se ela tá fazendo arte”*.

Já na entrevista dos quatro meses, Felipe contou que nos primeiros dias após o nascimento de Bruna, Margot tinha um pouco de receio de realizar certas tarefas, algo que ele acabava fazendo: *“A Margot no começo tinha mais medo de trocar e dar banho e tudo mais. Então eu fazia esse tipo de coisa”*. Por outro lado, naquele momento, Felipe percebia que já não estava mais tão participativo, e que os cuidados acabavam ficando quase que integralmente à cargo de Margot: *“A Margot dá banho, troca, faz tudo sozinha”*. Além disso, Felipe já considerava mais difícil realizar certas tarefas com a filha, e acreditava que não era capaz de fazer tão bem quanto a companheira: *“Essa questão do banho, só por ser uma coisa que eu não... Eu vejo que eu não consigo fazer tão bem quanto a Margot assim. Não que não seja uma coisa legal, sabe? Mas é que fica entre o divertido e o perigoso, é bem complicado assim”*. Entretanto, brincar e fazer ela dormir estavam dentre as atividades que ele mais gostava de fazer com a filha: *“Pegar ela, brincar com ela, ficar com ela assim. Fazer ela dormir é uma coisa que eu gosto”*. Ele também percebia que já era possível entender algumas

formas de expressão da filha, como os diferentes tipos de choro, e se ela estava alegre ou brava: *“Até porque ela chora, e aí tu olha pra ela, ela dá risada! Não é um choro muito sofrido”*.

Margot confirmou a grande participação de Felipe nos cuidados de Bruna ao longo dos primeiros dias após a saída do hospital, período em que ele estava de licença paternidade: *“Ele dava banho nela, ele trocava a fralda”*. Contudo, da mesma forma que Felipe, percebia que naquele momento a participação dele nos cuidados já não era mais a mesma, em função do trabalho: *“Agora não tá ajudando muito porque ele tá trabalhando, daí fica difícil”*. Soma-se a isso o fato de que, pelo cansaço gerado por um dia inteiro de trabalho, Margot percebia que ele nem sempre estava disponível para participar dos cuidados: *“Dependendo da ajuda que eu peço assim, ele, se não tá tão cansado ele faz, troca uma fralda, vai com a Bruna no super. E tem vezes que não, tem vezes que ele tá muito cansado daí ele não faz nada assim, sabe, só chega e dorme”*. Por esse motivo, Margot tinha a expectativa de que no futuro Felipe fosse mais participativo no dia-a-dia da filha: *“Por enquanto eu entendo, ele trabalha e fica cheio de coisa na cabeça, por enquanto assim eu tô... tudo tranqüilo assim pra mim, sabe, mas depois assim se ele não tiver tanto trabalho, tanta coisa pra fazer, eu espero que ele cuide mais dela, participe mais do dia-a-dia dela”*. No entanto, ela o percebia como um bom cuidador nos momentos que ficava com a filha: *“Ele cuida bem, ele gosta de ficar com ela, ele só não fica mais com ela por causa do trabalho”*.

Já na entrevista dos doze meses, Felipe falou com prazer da reação que a filha tinha nos momentos em que ele chegava em casa ao final do dia: *“Geralmente quando eu chego do serviço ela tá sempre ali entretida com a Margot, então ela nem imagina que eu vou chegar em casa. E aí quando eu chego, meu Deus do céu! [risos] É uma festa! Daí ela vem, quer que eu pegue ela, aí eu pego ela, faço carinho”*. Ele também já conseguia identificar os momentos de birra da filha e percebia que ela já compreendia quando fazia coisas que não o agradavam: *“Por exemplo, ela vê que a gente tá fazendo alguma coisa ali que ela não sabe o que é, daí ela quer colo, quer colo, fica fazendo birra. (...) Quando eu não aprovo alguma coisa eu falo pra ela ‘Bruna, não!’, e aí ela já olha assim... daí ela já sabe, né?”*.

Ficou nítido também, no decorrer da entrevista, que Felipe estava gostando bastante desta fase do desenvolvimento em que a filha estava, ao perceber que agora ela respondia mais aos estímulos, diferentemente de quando ela estava com quatro meses de vida: *“Agora, é um clima muito mais de brincadeira assim, diversão, é uma coisa agradável no geral assim. Acho que antes por ela ser tão novinha e não reagir muito aos estímulos assim, acho que era uma coisa mais de trabalho, digamos assim, né, tinha que tá ali trocando fralda, essas*

coisas". Por outro lado, no que dizia respeito justamente às tarefas de cuidado com a filha, Felipe admitia participar muito pouco: *"Olha, eu faço menos do que antes [trocar fralda]. Eu acho que pelo fato de ela ser maiorzinha talvez ela faça com menos frequência e mais quantidade. Por exemplo, quando eu chego em casa à noite a Bruna precisa ser trocada só uma vez. Então é sempre a Margot que faz"*. Além disso, Felipe relatou dificuldades em realizar certas tarefas, como a própria troca de fraldas: *"Assim às vezes que eu tento trocar a fralda dela, mas assim eu tenho uns 'treco' assim porque agora o bichinho é louco, né, fica se mexendo, não pára. E aí eu fico nervoso, né?"*. Margot, por sua vez, falou a respeito dos momentos de interação entre pai e filha de uma forma positiva: *"Ela gosta, ela gosta bastante porque ele brinca bastante com ela"*. Ela falou também sobre a hora em que Felipe chegava do trabalho, e da reação de Bruna neste momento: *"Aí o pai dela chega, aí já é mais um brincadeira. Que ela fica feliz quando ele chega em casa"*.

Com relação à acessibilidade, na entrevista da gestação, essa parecia comprometida por questões do trabalho de Felipe, algo que estava sendo mais bem manejado na fase final da gestação: *"Eu tenho acompanhado [as consultas de pré-natal] agora que já tá na 34ª semana, eu acho, mais ou menos, que daí a partir de agora as consultas serão semanais. Aí eu consegui uma liberação lá onde eu trabalho pra acompanhar ela mais, né, agora nesse processo, assim. Até o mês passado eu não acompanhava muito, que eu não tinha tempo e tal pra vir aqui acompanhar ela"*. Igualmente em função do trabalho, Felipe não tinha estado presente em nenhuma ecografia até aquele momento: *"Já [fez ecografias], inclusive eu não participei de nenhuma. Mas ela marcou uma pra semana que vem, daí eu vou tá aqui pra ver"*.

Da mesma forma, para Margot, o trabalho de Felipe fazia com que ele não pudesse estar presente nas consultas médicas e ecografias: *"Fica difícil e fica chato lá no trabalho dele né, ele faltar e tudo o mais"*. Entretanto, de acordo com Margot, neste período final da gestação, inclusive no dia em que foi entrevistada, Felipe foi junto para evitar que ela andasse sozinha: *"Ele veio até porque eu pedi pra ele vir também porque como eu já tô nas últimas semanas, eu fico preocupada, né, de andar sozinha na rua e tudo o mais"*.

E as dificuldades em relação à acessibilidade seguiam presentes na entrevista dos quatro meses. Para Felipe, as dificuldades estavam ainda maiores, em função de estar residindo longe do local de trabalho: *"Eu trabalho o dia inteiro, e o fato da gente não estar morando tão perto do meu trabalho isso, sei lá, quatro horas de deslocamento que já influenciam bastante"*. Consequentemente, o tempo disponível para estar com a companheira e a filha era escasso, o que Felipe percebia não tanto como uma dificuldade para ele, mas mais

para a companheira: *“Eu tenho muito pouco tempo pra ficar com a Bruna e com a Margot, talvez pra mim não seja tão difícil mas mais pra ela [companheira] assim, sabe”?* Sua rotina de trabalho fazia com que o contato com a filha, enquanto ela estava acordada, fosse pequeno, em geral restrito aos finais de semana: *“Agora eu tô saindo de casa as quinze pras sete da manhã. Aí eu saio de casa esse horário, a Bruna e a Margot geralmente estão dormindo. Aí, sei lá, máximo que eu faço é um carinho nela assim, pra ela não acordar. E aí dependendo do horário que eu saio do serviço, na maioria das vezes ela [filha] já tá dormindo. Daí, como eu demoro pra dormir assim, algumas vezes ela acorda no meio da noite e aí eu consigo ter um pouco mais de contato com ela”*. Margot, em sua entrevista, apontava claramente a pouca disponibilidade de Felipe para estar com a filha, algumas vezes mesmo aos finais de semana, quando tinha compromissos de trabalho: *“Ele trabalha o dia inteiro assim e chega tarde em casa, então eu fico o dia inteiro com ela, chega de noite a gente dorme, daí quem cuida dela sou eu. (...) Fim de semana ele tem compromisso, né, então ele passa um tempo assim com ela, mas não tanto como eu passo cuidando dela”*.

Na entrevista dos doze meses, embora Felipe acreditasse que tinha mais tempo disponível para estar com a filha, ainda considerava pouco, especialmente em função da companheira, que ficava a maior parte do tempo sozinha com ela: *“Por trabalhar e tal e ter pouco tempo pra ficar com elas... Eu até vejo sim um pouco de dificuldade mais por parte da Margot assim também, por ficar cuidando dela sozinha e tal. Tenho pouco tempo pra tá presente, mas tento sempre”*. Entretanto, considerava que a situação estava um pouco melhor do que no período anterior, pois como o trabalho e a residência eram próximos, tinha mais tempo para ficar em casa com a mulher e a filha, além de ter criado o hábito de almoçar com elas todos os dias. Já Margot falou pouco sobre este aspecto, mencionando apenas que Felipe costumava estar presente em casa às noites e aos finais de semana.

Em relação à dimensão responsabilidade, esta foi manifesta na entrevista da gestação através das preocupações de Felipe quanto à saúde da filha e a possíveis complicações no momento do parto: *“Ah, saber se tudo vai acontecer bem, se a criança vai ser saudável, se a Margot vai, como é que eu posso dizer, assim... se não vai ter nenhuma complicação na hora do parto com ela”*. Quando falou sobre as mudanças em seus planos de vida, com o advento da gravidez, Felipe também demonstrou preocupação em ter sua própria casa, ter seu carro, algo que antes ele não pensava, pelo menos não a curto prazo.

Para Margot, uma das principais preocupações de Felipe neste período dizia respeito a conseguir cuidar da filha de uma forma adequada, inclusive financeiramente: *“Ele se preocupa em saber cuidar dela, se preocupa em ficar nesse emprego que ele tá agora porque*

esse emprego ele é muito bom assim. Ele ganha bem, sabe, pra uma coisa que ele gosta de fazer. E daí ele se preocupa mais é com o bem assim, se a gente vai saber cuidar dela, sabe”? Já as preocupações de Felipe em relação ao parto e à filha eram menos percebidas por Margot, que acreditava que o companheiro procurava não demonstrar para não deixá-la preocupada: *“Eu acho que ele não demonstra pra não me deixar preocupada, né, porque eu já sou bem preocupada assim com isso [parto]”*.

Na entrevista dos quatro meses, Felipe demonstrava-se preocupado por passar muito tempo fora de casa, deixando a companheira e a filha sozinhas: *“Como eu passo muito tempo fora de casa, a minha preocupação maior é que as duas estejam bem, porque a Margot fica muito tempo sozinha com ela [filha]”*. Além deste aspecto, tinha preocupações relativas à saúde da filha. No entanto, percebia que ela estava saudável e com um bom desenvolvimento: *“A maior preocupação assim, talvez seja igual pra todos, não sei. Que a criança tenha saúde, né? E que seja uma criança muito saudável, tanto mentalmente quanto na saúde em geral. E ela é, muito”*. Contudo, não havia sido sempre assim, pois logo que nasceu, Bruna fazia um barulho que o deixava preocupado: *“Tinha um medo só que quando ela nasceu, tipo ela tinha um probleminha, não sei se era no pulmão, se era na garganta. Que ela fazia um barulhinho estranho assim. Depois com o tempo passou assim”*.

Neste mesmo período, Margot percebia o esforço e a preocupação de Felipe em dar uma boa condição de vida para ela e a filha, e para poderem ter sua própria casa, haja visto que naquele período estavam residindo com a família de Margot: *“Tá trabalhando bastante, sabe, para dar conforto, por mais que não tenha tanto conforto como a gente não tá na nossa casa. Mas ele tá trabalhando pra isso, né, eu vejo o esforço desde o início assim”*. No entanto, em um determinado momento da entrevista, ela demonstrou certa insatisfação pelo fato de Felipe achar que sua responsabilidade se limitava em trazer o dinheiro para casa: *“É porque ele acha assim, na cabeça dele, que como ele trabalha ele já tá fazendo a parte dele, ele cuida dela, mas ele pensa que trabalhando trazendo dinheiro pra dentro de casa...”*.

Uma das preocupações de Felipe na entrevista dos doze meses dizia respeito justamente ao negócio que havia começado recentemente, em sociedade com um amigo: *“Eu abri empresa lá, com mais um sócio e faz pouco tempo, não tem um ano ainda. Acho que a grande preocupação é isso, por enquanto tá, digamos assim, tá tudo normalizado assim, mas acho que sempre tem uma preocupação assim, de ter uma garantia, né?”*. Entretanto, percebia uma evolução entre aquele período e o anterior, quando a filha estava com quatro meses, demonstrando ter conseguido atingir aquilo que esperava, ou seja, uma casa para a família, um bom emprego, uma maior tranquilidade financeira: *“Antes a minha grande*

preocupação era chegar aonde à gente tá hoje, ter uma casa pra morar, tudo direitinho, ter um emprego assim que financeiramente nos sustentasse, e tranqüilidade, né?”.

Outra preocupação de Felipe, porém agora relativa à saúde da filha, era quanto a um possível problema nos pés, que ele acreditava causasse incômodo para ela. Felipe sentia-se receoso também em pensar que tal problema pudesse ter sido causado pelo estímulo precoce deles para que a filha caminhasse: *“Agora que ela tá começando a dar os primeiros passinhos, não sei, eu acho que ela tem um pouco de dificuldade, os pezinhos dela são meio tortinhos. Talvez porque a gente incentivou ela muito cedo talvez, tenho medo que isso possa ter causado algum empecilho, assim, fisicamente”.*

Já Margot não fez referência aos aspectos relativos à responsabilidade neste período, pontuando apenas, de forma breve, que considerava a ajuda financeira de Felipe como um aspecto “fundamental”. Entretanto, Margot fez menção de receber também a ajuda financeira do pai nos momentos em que era necessário.

Examinando conjuntamente os relatos de Felipe e Margot sobre o envolvimento paterno, alguns aspectos se sobressaem. Quanto à dimensão interação, foram encontradas falas divergentes em relação ao período da gestação. Enquanto Felipe fez poucos relatos quanto aos momentos de interação com a filha, Margot apontou justamente o contrário, ressaltando o quanto Felipe costumava acariciar sua barriga e conversar com a filha, que reagia aos seus sinais. Tal divergência talvez esteja relacionada a uma postura mais distante de Felipe durante a entrevista da gestação, sendo que ele teve também dificuldades em falar sobre suas expectativas em relação ao período após o nascimento, como pôde ser visto em outros momentos.

Por outro lado, os relatos de ambos apontaram a participação ativa de Felipe nos primeiros dias de convivência com a filha, quando teve a oportunidade de ficar mais tempo com ela. Contudo, tanto Felipe quanto Margot perceberam que houve uma diminuição desta participação a partir do momento em que Felipe teve que retornar ao trabalho. Ademais, a partir dos quatro meses, Felipe começou a apontar certas restrições em relação aos cuidados da filha, em especial para aquelas atividades que ele não se sentia tão capaz de realizar quanto a companheira, como dar banho na filha. Margot, por sua vez, embora demonstrasse compreender que a pouca participação de Felipe acontecia em função do trabalho, não parecia conformada e contava com uma maior participação futura de Felipe nos cuidados com a filha.

As restrições de Felipe em relação a certas atividades de cuidado pareceram ser ainda maiores aos doze meses de vida da filha, quando ele falou sobre sua dificuldade em trocar as fraldas dela. Este aspecto poderia estar relacionado ao fato de que, neste período, Felipe

relatava ainda participar muito pouco das atividades de cuidado com a filha, o que parecia o deixar cada vez menos familiarizado com as mudanças em relação a estas atividades, diferentemente dos primeiros dias de vida da filha, quando relatou uma participação mais ativa. Entretanto, ao contrário de sua participação nos cuidados, a relação de Felipe com a filha parecia cada vez melhor e, aos doze meses, tanto os relatos dele quanto de Margot apontaram interações bastante positivas entre pai e filha, através de momentos de brincadeira e diversão.

No que diz respeito à acessibilidade, notou-se que a questão do trabalho de Felipe esteve presente em sua fala nos três momentos em que ele e Margot foram entrevistados. Durante a gestação, o trabalho de Felipe foi relatado por ambos como algo que restringia sua disponibilidade em se fazer presente às consultas médicas e ecografias. Na entrevista dos quatro meses, tal disponibilidade parecia ainda menor, e Felipe tinha muito poucos momentos para estar com a filha, algo que era confirmado por Margot, que relatou a pouca disponibilidade de Felipe mesmo aos finais de semana. Já na entrevista dos doze meses, embora relatasse estar mais disponível, Felipe permanecia preocupado com a possibilidade de que a pouca presença dele pudesse estar causando dificuldades para Margot, que acabava cuidando da filha sozinha.

Os relatos de Felipe e Margot em relação à dimensão responsabilidade demonstraram que, embora ele tenha mencionado alguns receios em relação à saúde e desenvolvimento da filha, uma das maiores preocupações de Felipe, desde a gestação, foi a de poder dar boas condições de vida para a companheira e a filha, especialmente no que diz respeito à parte financeira. Talvez por esse motivo que, conforme pôde ser analisado em relação às outras dimensões, o trabalho de Felipe tenha sido apontado como um aspecto de considerável influência sobre o envolvimento paterno. Ao mesmo tempo em que o trabalho parecia ser visto por Felipe como a maneira possível de ter tranquilidade em relação ao aspecto financeiro, este acabava limitando sua possibilidade de estar presente e de participar das atividades diárias da filha. Em relação a este ponto, Margot, embora compreendesse e valorizasse o esforço de Felipe para proporcionar conforto à família, ao mesmo tempo parecia um pouco insatisfeita por, na visão dela, ele acreditar que sua responsabilidade se limitava a trazer dinheiro para dentro de casa.

O exercício da função paterna

Neste eixo foram analisados os relatos de Felipe e de Margot que se referiam tanto à questão do apoio oferecido pelo pai à companheira e à relação mãe-filha, sua intermediação

na relação mãe-filha, quando ajudava a mãe a sair do seu estado de fusão com a filha e a retomar seu contato com o mundo externo, a colocação de limites e os ensinamentos fornecidos pelo pai à filha, bem como a possível interferência da mãe sobre o exercício da função paterna, através de incentivos ou, por outro lado, de empecilhos na relação pai-filha.

Durante a entrevista da gestação, Felipe pouco se referiu às formas de apoio oferecidas à Margot. Entretanto, algumas falas de Felipe causaram a impressão de que ele se sentia responsável por Margot, devido à mudança brusca que havia ocorrido na vida dela em função da gravidez, e percebia que ela precisava de sua proximidade e cuidado: *“E é mais, assim, o que incomoda ela é mais isso, no caso, ela precisa muito de uma aproximação, assim, de alguém que esteja próximo dela, até por aquele fato que eu te expliquei, né, que é uma mudança muito brusca pra ela”*. Justamente este aspecto parecia refletir uma preocupação de Felipe, que percebia a companheira como muito dependente dele, algo que julgava ruim para ambos: *“A forma como as coisas aconteceram tornaram a Margot muito dependente de mim, sabe? Não sei se isso seria melhor ou pior se ela fosse mais, como é que eu posso dizer, assim... se ela não precisasse tanto de mim. Eu vejo que pra ela seria melhor, sabe, pra mim seria um pouco melhor, mas pra ela seria muito melhor”*. Entretanto, Felipe percebia ser este um aspecto que poderia vir a mudar com o tempo, e com o crescimento da filha: *“Mas é que, é uma coisa que, por enquanto a situação que agente se encontra, a nossa relação, isso é bem difícil, né. Talvez quando a Bruna já for um pouco maior e tal, ela comece a ver, assim, que isso [ser mais independente] vai ser melhor pra ela, que vai trazer mais benefícios pra ela”*.

Já Margot, que parecia sentir insegura em relação às mudanças de seu corpo durante a gestação, e que referia-se a si mesma como “desconfiada” em relação à Felipe, fez menção aos elogios recebidos dele quanto a estas mudanças: *“Olha, eu sempre... eu [gagueja]... sou muito desconfiada com ele, né, daí eu fico perguntando, perguntando, mas ele diz que, pra ele, ele acha até que mudou pra melhor [o corpo dela durante a gestação], porque ele acha lindo, né, a barriga e tal”*. Além disso, Margot mencionou que recebia apoio de Felipe em todos os aspectos, inclusive frente aos momentos em que ela se sentia mais carente. Ela percebia que Felipe sabia compreender e identificar estes momentos, procurando ficar ao lado dela, ser “companheiro”: *“Tudo, tudo, tudo [ele a apoiava]. Quando eu preciso dele, quando eu tô assim, não sei, não digo que eu tô difícil de lidar, mas é que eu não sei, eu só fico muito carente assim. Como eu sou filha única pra mim é... os meus pais me estragaram assim, né? (...) Então ainda bem que ele me entende assim, sabe, que ele tá sempre aqui do meu lado, pra tudo. Tudo o que eu preciso ele tá ali. Ele é bem companheiro”*. O apoio recebido de

Felipe foi algo que surpreendeu Margot, que inicialmente acreditava que ele não seria assim: *“Até pensei assim no começo, pensei que ele não ia conseguir dar esse apoio”*.

Na entrevista dos quatro meses, chamou a atenção o relato de Felipe a respeito de sua participação no processo de nascimento da filha, quando esteve praticamente todo o tempo ao lado da companheira: *“Eu fiquei com ela o tempo inteiro”*. Nos momentos em que percebia que as coisas estavam mais difíceis para Margot, em função das dores das contrações ou do nervosismo, procurava acalmá-la: *“Cada contração era meu Deus do céu! São as últimas contrações são as piores, né? Daí, ela tava passando horrores ali, tava tentando deixar ela calma, mas nessa hora é bem difícil”*. Ele chegou a falar sobre o quanto ficava nervoso e preocupado cada vez que tinha que deixar Margot sozinha na sala de preparo para o parto: *“Volta e meia quando iam preparar alguma grávida pra entrar na sala do parto eu tinha que sair e tal... E nesse meio tempo ficava ouvindo, nervoso assim, preocupado com o que podia tá acontecendo”*.

Nos primeiros dias após o nascimento da filha, Felipe lembra-se de ter dado mais apoio à Margot, pois estava mais presente em casa. Justamente por esse motivo sentiu-se inseguro nos primeiros dias em que voltou ao trabalho, tendo que deixar Margot em casa com a filha: *“Sentia um pouco de insegurança assim de sair de casa, das duas ficarem sozinhas lá e tal”*. O que lhe tranqüilizou um pouco mais neste período foi a presença da sogra, que ajudava Margot nos cuidados com Bruna. Quando questionado a respeito do relacionamento com Margot nos primeiros dias após o nascimento da filha, destacou que, naquele período, não estava muito preocupado com a relação do casal, por perceber que a atenção de ambos estava voltada para a filha: *“Talvez o relacionamento, pelo menos pra mim assim, foi uma coisa assim que eu não me preocupei tanto assim. Até pelo fato das nossas atenções estarem voltadas totalmente assim pra Bruna, sabe? Então... uma coisa maior do que isso, do que o relacionamento entre eu e a Margot”*.

Algo que chamou a atenção sobre o período em que Bruna estava com quatro meses foi a percepção de Felipe de que a *“exigência”* da filha era estar a todo momento perto da mãe, enxergando-a ou ouvindo sua voz: *“Digamos assim, a única... eu não sei se exigência dela seria o melhor termo, mas é que ela tem que tá sempre perto da Margot assim, ela tem que enxergar a Margot, sabe, pelo menos nem que seja ouvir a voz dela assim”*. Entretanto, ele percebia que, por determinados períodos de tempo, ele conseguia distraí-la para que Margot pudesse fazer alguma outra coisa: *“Eu fico com ela assim, às vezes quando ela tá distraída assim ela nem lembra da Margot. Mas daí quando ela lembra ela já começa a querer. Mas é tranqüilo assim, pego ela, cuido dela, às vezes quando a Margot tá, sei lá,*

fazendo alguma coisa, eu faço ela dormir e tudo mais". Entretanto, Felipe considerava esta uma condição natural, não havendo como separar mãe e filha neste momento em que Bruna ainda era tão novinha e que estava sendo amamentada: *"Ela [Margot] já é mãe. Uma questão que não tem que separar, só porque, uma que ela é muito nova ainda, se ela quiser mamar a Margot tá ali, né, senão..."*. Ele acreditava que quando a filha ficasse mais velha, e que já se alimentasse de outras coisas, que não somente o leite materno, não necessitaria mais tanto ter a mãe sempre por perto: *"Eu sei que isso daqui a pouco ela vai começar a comer alimentos e tudo mais e aí vai diminuir um pouco essa parte de ter que tá sempre a Margot muito perto dela"*.

Ademais, Felipe referiu sentir-se desconfortável nos momentos em que estava com a filha e ela começava a solicitar a presença da mãe: *"É difícil pra mim também, porque se eu to cuidando dela, ela começa a chorar e tudo mais. Faz parte, mas é uma situação, né, que a criança tá desconfortável e tudo mais, tu sente um pouco desconfortável também"*. Porém, ele acreditava que esta situação poderia estar sendo ainda mais difícil para a companheira, por não lhe permitir fazer com tranquilidade as atividades básicas do dia-a-dia: *"Mas pra Margot deve se pior ainda, né? Porque, por exemplo, tomar banho, essas coisas básicas, poder se cuidar assim, tranqüila, sem ter que se preocupar... Isso ela não pode fazer agora assim, sabe?"*. Por esta razão, ele procurava incentivar e valorizar os momentos em que outras pessoas ajudavam nos cuidados com a filha: *"Eu vejo que isso é importante um pouco também pra Margot se sentir melhor e tudo mais. É barra pesada assim, tipo, que ela fica em um período integral assim com ela, o tempo inteiro mesmo, sabe? Então, sei lá, trinta minutinhos que seja, pra ela já deve ser muito bom, poder, sabe, fazer o que ela quiser"*.

Por esse mesmo motivo, de acordo com Felipe, o casal ainda não dispunha de oportunidades para ficarem a sós, ou para fazerem quaisquer atividades sem a filha, pois ela exigia a presença da mãe a todo o momento: *"Não tem como, sabe? Porque a Bruna depende muito da Margot ainda"*. E a sua percepção era de que não havia muito a ser feito nesse sentido, ao menos temporariamente, pois a filha estava num período em que precisava da presença da mãe em tempo integral. Ele esperava que no futuro, quando a filha fosse maior, o casal pudesse ter mais liberdade para estar sem a filha em determinadas situações: *"Logo a gente vai poder assim ter um pouco mais de tempo pra nós dois"*.

Felipe percebia ainda que Margot estava insatisfeita por eles estarem residindo na casa dos pais dela, onde faltava privacidade e conforto. Ele então procurava sanar esta insatisfação através de conversas com a companheira sobre as perspectivas de mudança a este respeito: *"É uma situação assim que pra ela não trás muito conforto assim, ela não se sente muito bem,*

não tem muita privacidade. Então eu procuro assim mostrar pra ela que as coisas estão andando, que vai acontecer”. Entretanto, de modo geral, Felipe acreditava que Margot não estava, naquele momento, satisfeita com o apoio por ele oferecido e que estava aquém das expectativas da companheira: “Ah, talvez não [esteja satisfeita com o apoio dele]. Mas eu sei que ela entende, sabe que o meu tempo assim é bem corrido. E que isso de uma certa forma vai trazer benefícios pra gente futuramente, né? Mas, talvez as expectativas dela sejam maiores do que isso”.

Margot, na entrevista dos quatro meses, também falou sobre o apoio que Felipe lhe deu no momento do parto: *“De manhã cedo eu fui pra sala lá me preparar, né, e daí o Felipe tava sempre comigo ali na hora, que botaram o soro em mim e tal, ficou dormindo ali na cadeira, ficou sempre do meu lado assim, sempre pedi pra ele não sair do meu lado”.* Tal apoio foi visto por Margot como algo fundamental para que ela tivesse conseguido passar por aquela situação, em função de ter sentido muita dor e medo de ficar sozinha: *“Nossa, se não fosse ele tá do meu lado ia ser muito diferente, ia ser bem difícil, sabe? Porque ele me deu muita segurança, ele ficou do meu lado e segurou a minha mão, me acalmava, sabe, tinha vários enfermeiros, médicos ali do meu lado e tal, não era a mesma coisa, sabe, daí eu acho que se tornou mais fácil este momento pra mim”.*

Em relação aos primeiros dias em casa, Margot lembrou-se de Felipe tê-la ajudado bastante nos cuidados com Bruna, em função de ela ainda estar se recuperando do parto: *“A minha mãe me ajudou assim, o Felipe ficou comigo uma semana daí me ajudou bastante a cuidar dela porque eu tava me recuperando ainda”.* Já no período em que foi entrevistada, quando Bruna estava com quatro meses, Margot percebia que Felipe era a única pessoa que, além dela mesma, poderia ficar com a filha sem que ela chorasse: *“Ele é a única pessoa que pode pegar ela e ela não vai chorar”.* Ela mencionou ainda que Felipe costumava ensinar diversas coisas à filha, estimulando-a a aprender coisas novas: *“Ele ensina ela tudo, ele quer ensinar, ele quer fazer ela aprender as coisinhas, né. Ele ensinou ela a pegar os objetos, né, e daí no fim ela aprendeu a fazer sons assim sabe? É muito engraçado!”.* Margot dizia sentir falta dos momentos em que Felipe estava com ela, em especial neste período em que ela precisava dele por perto: *“A gente acaba sentindo muito mais falta da pessoa [companheiro], poder ver, tu olhar, assim, pra tudo, né, sentir que ele tá perto de ti assim, principalmente agora que eu preciso muito dele assim por causa da Bruna”.* Além disso, ela parecia estar sentindo falta dos momentos em que o casal podia ficar a sós, mas considerava que ainda não era possível: *“Eu gostaria de ter [momentos a sós com Felipe], só que eu tô vendo que não dá, tem que esperar, tem que ser paciente, cuidar dela. Eu sei que um dia a gente vai ter o*

nosso momento, pra poder aproveitar mais o tempo. (...) Acho que mudaria bastante assim o nosso relacionamento, não digo que não tá bom assim, mas acaba desgastando um pouco, né”.

Diferentemente do que foi relatado aos quatro meses, na entrevista dos doze meses Felipe mencionou que estava procurando dar mais apoio para Margot e organizando-se para ficar com a filha nos momentos em que a companheira precisava fazer outras coisas, como ir a uma consulta no postinho, por exemplo: *“Não tem alguma coisa assim específica que eu esteja fazendo pra ajudar ela [Margot], pra apoiar ela. São coisas espontâneas, momentâneas assim. Tipo, coisas mais do dia-a-dia assim, ‘Ah, essa semana eu [referindo-se à Margot] queria ir no postinho fazer consulta’. Aí eu ajudo ela, vou com ela pra ficar com a Bruna e tal”.* Nesta mesma direção, ele também acreditava que agora Margot estava satisfeita com o apoio que ele lhe dava, diferentemente do que ele havia relatado na entrevista dos quatro meses.

Além deste aspecto, Felipe percebia também que Margot andava muito afastada das amigas e da prima com quem tinha uma boa relação. Por acreditar que este isolamento não estava sendo positivo para a companheira, Felipe mencionou que procurou insistir para que Margot voltasse a procurar as pessoas, fazer coisas diferentes: *“Até pouco tempo atrás assim, tipo ela não marcava mais de encontrar nenhuma amiga dela, fazer alguma coisa assim, sabe? Tive meio que insistir pra ela fazer isso assim”.* Por outro lado, Felipe percebia que ela ficava muito incomodada quando ele saía para encontrar algum amigo, sentia-se prejudicada por não poder sair, ter que ficar cuidando de Bruna. Por esse motivo, Felipe disse que já não saía mais nos momentos em que Margot estava em casa com Bruna, a fim de evitar atritos entre os dois: *“Aí, eu não to saindo também, sabe? Aí ou ela faz com que eu fique, ou ela quer sair... ela vai e sai também. Não sei, não acho isso tão legal. Mas também não é uma coisa que me incomoda muito não. Eu abro mão assim, diversas vezes, pra não causar esse tipo de atrito assim com ela. ‘Tá, tudo bem, se tu vai ficar enchendo o saco, então eu não vou’”.* Para Felipe, este tipo de atitude da companheira era motivado por ciúmes e falta de confiança: *“Não sei, acho que ela ainda não confia em mim assim, completamente, sabe?”.*

De acordo com Felipe, ele e a companheira continuavam sem muitas oportunidades para ficarem a sós, sem a presença e as demandas da filha. Tais momentos seguiam acontecendo apenas quando a sogra ia visitá-los, em finais de semana alternados, oportunidade que eles aproveitavam para estar juntos, assistir uma televisão, ir ao supermercado: *“Olha, acho que é mais quando a mãe da Margot vai lá nos visitar assim. (...) A gente fica vendo televisão, fica junto assim mesmo, sabe? É porque é difícil quando a*

Bruna tá junto, porque ela exige muita atenção, então a gente não pode dar atenção unicamente um pro outro, sabe? Então, eu sei lá, é uma coisa normal assim, mas faz bastante diferença”. No entanto, Felipe considerava importante que eles tivessem mais destes momentos: “Acho que podia ser com mais freqüência, sabe? Mas eu também não posso ficar exigindo muito das outras pessoas. (...) Tem momentos assim que tem que ser só o casal, sabe?”. A vida sexual estava bastante complicada pelo fato de Bruna ainda dormir na cama do casal. Soma-se a isso o fato de que a filha ficava enciumada com qualquer aproximação do casal: “E a Margot também não consegue fazer ela dormir no berço, preocupada que ela tem que acordar de noite, mamar e tudo mais. E até também pelo fato de que, às vezes assim, antes mesmo de qualquer coisa acontecer, a gente tá se dando um carinho eu e a Margot, e a Bruna fica com ciúmes assim, chora”.

Margot, neste período, tinha começado a fazer alguns pequenos serviços para a empresa de Felipe. Inicialmente ele disse ter ficado preocupado em função de ela estar trabalhando e cuidando da filha, mesmo que para isso não precisasse sair de casa. Chegou a cogitar possibilidade de ela voltar a se dedicar exclusivamente aos cuidados da filha: “A Margot tá ajudando a gente, né, como eu te falei antes, trabalhando lá quando ela pode e tal. E aí às vezes a Bruna não deixa assim. Então eu fico preocupado mais assim com a questão tipo... será que não seria melhor a Margot só cuidar da Bruna?”. Entretanto, Felipe descartou esta possibilidade após conversar com Margot e perceber que talvez, para ela, este tempo em que ela estava trabalhando servia como uma distração, como uma forma de sair um pouco daquela rotina dos cuidados com a filha: “Ela disse ‘Não, eu vou continuar fazendo o que eu gosto de fazer’. (...) É que ela gosta, acho que é uma forma dela também se distrair um pouco, no dia-a-dia assim. O trabalho, digamos assim, é a forma de se distrair dela. O contrário de mim, né, eu me distraio quando tô em casa. Ela se distrai com o trabalho”. E justamente por causa dessa rotina Felipe considerava que a filha era mais agarrada com a mãe do que com ele: “Ah, ela gosta muito de mim, mas a Margot é tudo pra ela agora. Não tem... É o ‘mamá’, é a ‘mamãe’, é tudo, né? Acredito claro que devido à forma assim que é a nossa rotina e tudo mais, influencia muito nisso, né? Mas a Margot é de uma forma geral assim quem ela é mais apegada”. Ele percebia que este apego entre mãe e filha era algo natural e importante para a filha, algo que funcionava como um porto seguro para alguém da idade dela: “Acho super natural isso. E acho importante até porque é importante a criança ter uma pessoa, assim, pra se apegar e tal. Ela é muito novinha, não conhece a vida ainda, e as coisas. Então é importante ela ter alguém pra ser o porto seguro dela assim”.

Em relação à filha, Felipe falou sobre sua dificuldade inicial em lidar com as situações em que tinha que ter uma postura mais rígida com ela, dizer-lhe um ‘não’: *“Olha, no começo era bem difícil porque ela chorava, né, era uma coisa... uma situação que ela não conhecia assim. Aí ela ficava assustada, né? ‘Ah, meu pai tá me xingando’, aí ela chorava e tal, eu me sentia meio mal assim”*. Entretanto, relatou que, naquele momento, esta tarefa estava sendo mais tranqüila para ele, e até agradável, algo que considerava como um *“ensinamento”*: *“Agora acho que é uma coisa muito mais de ensinamento mesmo assim, ‘Olha isso não deve fazer’ e tal. É uma coisa muito mais tranqüila. Me sinto até agradável assim de dizer ‘não’ pra ela quando ela não deve fazer alguma coisa. Não fico mal”*. Ele contou também que Bruna gostava muito de chamar a atenção de Margot nos momentos em que a companheira não estava olhando ou brincando com a filha. De acordo com Felipe, a filha, muito esperta, já havia até desenvolvido uma tática para obter a atenção da mãe: *“Inclusive ela [filha] desenvolveu uma tática de chamar a atenção da Margot, né [risos]? Quando a Margot dava comida pra ela assim, sei lá, por ela ser pequenininha assim ela engasgava com pedacinho de comida e tal, e a Margot se assustava, ‘Meu Deus do céu, minha filha tá engasgada!’, ia lá e tirava a comida, era um alvoroço. E aí agora ela, não tem nada de comida na boca dela, ninguém tá alimentando ela e ela vai lá e se engasga assim. Só que a Margot agora já tá esperta, né? [risos]”*.

Na entrevista dos doze meses, Margot referiu que Felipe sabia identificar os períodos em que ela estava cansada e precisando da sua ajuda: *“Ele sabe a hora que eu tô muito cansada assim, ele compreende a hora que eu tô precisando mesmo da ajuda dele, ele vai lá e me ajuda, eu não preciso ficar pedindo, pedindo e pedindo. Esses momentos assim, que eu acho que me agradam mais”*. Além disso, Margot sentia-se valorizada pelo companheiro, que costumava elogiá-la bastante: *“Me sinto, me sinto [valorizada]. Ele me trata assim de uma forma que me valoriza bastante, sabe? Ele me admira muito, ele fica me elogiando e tal, como mãe, como mulher”*. Entretanto, de acordo com Margot, algumas vezes Felipe não atendia seus pedidos para cuidar da filha, ou o fazia de má vontade, algo que lhe deixava estressada: *“Eu pedia ajuda assim pra ele ‘Ah, fica com ela, brinca com ela um pouco’ e ele às vezes tá muito cansado daí ele faz, mas faz com má vontade, sabe? Daí é nesse momento assim que eu fico mais estressada!”*.

Da mesma forma que Felipe, Margot afirmou que, em função da filha, era muito difícil reservar um tempo apenas para o casal: *“Não [tinham tempo só para o casal]. É muito difícil assim, com a Bruna”*. E, assim como Felipe, ela também sentia falta destes momentos: *“Eu acho que é essencial assim, sabe? A gente agora tá precisando de um tempo só pra gente*

assim. A gente tá muito preocupado assim com ela [filha], tá vivendo muito essa situação assim, do desenvolvimento dela”. Por esse mesmo motivo, também percebia que a vida sexual estava aquém do esperado: “É, poderia melhorar [a vida sexual], mas não por culpa dele ou por minha culpa, mas pelo momento que a gente tá agora, né, com a Bruna”.

Margot, nesta etapa, falou ainda sobre a sua satisfação em presenciar os momentos em que Felipe estava com a filha. Ela percebia que, para o companheiro, estes momentos eram importantes para fazer com que ele percebesse que a filha gostava dele e sentia sua falta: *“Eu gosto, sabe, eu gosto de ver ele participando também do desenvolvimento dela e tal. Eu sinto assim que ele fica feliz que ela goste dele e sinta falta dele”.*

No que diz respeito à criação da filha, Margot apontou algumas discordâncias entre ela e Felipe a este respeito: *“Algumas coisas assim eu sou muito, muito cuidadosa com ela, e ele acha que não necessita tanto cuidado assim com criança”.* Neste momento, de acordo com Margot, ela e Felipe procuravam conversar para chegar a alguma decisão: *“A gente conversa, a gente chega numa decisão assim, sabe, sem brigar. A gente aprendeu assim a não brigar, não discutir, e conversar mais mesmo”.*

Ao examinarem-se conjuntamente os relatos acima sobre o exercício da função paterna de Felipe, alguns aspectos podem ser destacados. No que diz respeito ao apoio emocional oferecido à companheira, os relatos de Felipe e Margot apontaram que ele conseguiu, de forma considerável, estar sensível às necessidades da companheira e servir como fonte apoio para ela em momentos especialmente difíceis, como na gestação e durante o trabalho de parto. Durante a gestação, embora os relatos de Felipe apontassem certo desconforto com o comportamento dependente de Margot, ele parecia compreender que este fazia parte de um momento especial, não apenas pela gestação, mas também pela mudança que esta trouxe para a vida da companheira. Margot, por sua vez, pareceu sentir-se muito apoiada pelo companheiro e acolhida em seus sentimentos de carência e insegurança neste período.

Chamaram a atenção os relatos de Felipe e Margot quanto ao apoio emocional por ele disponibilizado enquanto ela estava em trabalho de parto. Este parece ter sido um momento crucial para ambos, que trouxe à tona sensações de medo e nervosismo. Entretanto, por mais que se sentisse nervoso e preocupado, Felipe, com sua presença e apoio, pareceu ter passado à Margot o sentimento de segurança necessário para que ela conseguisse atravessar este momento tão delicado e novo para ela. Por outro lado, o apoio de Felipe à Margot nos momentos que se sucederam ao nascimento da filha assumiu um caráter um pouco diferente. Enquanto na gestação as atenções estavam voltadas totalmente para Margot, aos quatro meses estas também se dirigiam à filha. Mais do que isso, Felipe parecia perceber a importância de

outras fontes de apoio, como a da mãe de Margot, em especial nos primeiros dias após o nascimento da filha, quando ele teve que retornar ao trabalho. Entretanto, Felipe percebia que talvez Margot não estivesse satisfeita com o apoio que ele lhe oferecia, enquanto ela fazia menção justamente à falta que sentia de uma maior presença do companheiro neste período.

Neste período, os relatos de Felipe também apontaram certa dificuldade em lidar com a grande dependência de Bruna em relação à Margot, embora compreendesse que este tipo de relação era característico deste período do desenvolvimento da filha. Nesse sentido, Felipe parecia compreender e apoiar o estado de fusão entre Margot e Bruna, mas, ao mesmo tempo, já começava a apontar para a necessidade de uma maior separação entre as duas no futuro, quando a filha estivesse mais crescida. Neste período, Felipe parecia funcionar apenas como um 'cuidador substituto' nos breves momentos em que Margot se fazia ausente parecendo, de acordo com o relato de Margot, ser a segunda pessoa depois dela mesma, com quem a filha tinha maior familiaridade. Ademais, Margot, neste período já trouxe relatos de pequenos ensinamentos que o pai costumava dirigir à filha,

Em razão de uma maior fusão entre mãe e filha, característica comum para esse período, a relação do casal estava em segundo plano e eles não dispunham de momentos para ficar a sós, em função das demandas da filha. Tal impossibilidade de momentos de privacidade do casal parecia ser vista por ambos como passageira e própria desta etapa de maior dependência da filha. Entretanto, ambos tinham expectativas de que estes momentos voltassem a acontecer no futuro, quando a filha estivesse mais crescida.

Aos doze meses, Felipe relatou estar proporcionando um maior apoio à Margot, algo que foi confirmado com ela, que também mencionou sentir-se valorizada e admirada por ele como mãe e também como mulher. Neste período também ficou mais evidente a vontade de Felipe de que Margot retomasse alguns relacionamentos de amizade que tinha antes do nascimento de Bruna. Mais do que isso, ele percebia que o trabalho estava funcionando como uma forma de Margot se distrair da rotina de cuidados com a filha. Nesse sentido, percebe-se que Felipe já começava a fazer movimentos para estimular a saída de Margot do estado de fusão com a filha. Por outro lado, os momentos de privacidade do casal, embora presentes, pareciam ainda muito raros. Ademais, o casal parecia ainda ter muita dificuldade em retirar a filha da cama deles e transferi-la para o berço, algo que acabava interferindo também na vida sexual, causando insatisfação para ambos.

Neste período também começou a se destacar a função de Felipe como aquele que impunha limites à filha. Tarefa que inicialmente não parece ter sido fácil para ele, mas com a qual acabou se acostumando com o passar do tempo. Enquanto isso, Margot, em seus relatos,

mostrava cada vez mais seu reconhecimento em relação à figura paterna de Felipe, demonstrando satisfação com a relação entre pai e filha, e procurando conversar com o companheiro frente a discordâncias em relação à criação da filha.

Discussão sobre a experiência e a prática da paternidade na Família 1

Em relação à experiência da paternidade de Felipe, primeiro eixo de análise do presente estudo, os relatos iniciais sobre seus sentimentos e percepções frente à notícia da gravidez apontaram que, mesmo esta não tendo ocorrido num contexto de planejamento, foi recebida com aparente tranquilidade de sua parte. Apesar de ter atribuído sua reação mais tranquila ou, como ele mesmo disse, “sem pânico”, pelo fato de Margot já estar apresentando sintomas gravídicos há algum tempo, Felipe, ao longo das entrevistas, apresentava uma aparente necessidade de mostrar-se como uma pessoa que mantinha os acontecimentos de sua vida sob controle, apesar de ser ainda jovem. Isto talvez se devesse ao fato de ele, já há algum tempo, estar construindo uma vida própria, com uma considerável autonomia em relação aos seus pais, encaminhando-se, ao menos neste aspecto, para o que se pode chamar de uma vida adulta. De fato, como pôde ser visto no estudo de Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005) com 10 adolescentes cariocas de camadas populares, o final da adolescência foi por eles caracterizada como marcada por uma maior responsabilidade, particularmente no que diz respeito à aquisição de um trabalho e à possibilidade de auto-sustento. Nesse sentido, Felipe, que também era de nível sócio econômico baixo, parece que já estava neste caminho, poderia ser visto e mesmo ver a si mesmo já como um jovem adulto, que tinha suas responsabilidades e se mantinha com o dinheiro que ganhava com seu trabalho. Já a reação de Margot à notícia da gravidez, na visão de Felipe, foi de choque, talvez pela razão de que ela ainda levava uma vida tipicamente adolescente. Em outros momentos, Felipe falou a respeito da grande repercussão que a gravidez tinha gerado na vida de Margot que, diferente dele, ainda vivia com os pais, estudava e dependia financeiramente da família.

Com relação a seus pais, Felipe apontou diferenças na forma como sua mãe e seu pai reagiram à notícia da gravidez. Enquanto a mãe havia se mostrado feliz com a possibilidade de ser avó novamente, o pai, por sua vez, demonstrou certa preocupação com as repercussões desta na vida do filho ainda jovem e, mais ainda, pareceu questionar a capacidade que ele teria em lidar com esta nova condição. É possível que, neste momento em que a gestação foi anunciada aos pais, a reação deles estivesse permeada por suas próprias vivências e expectativas em relação ao filho, que agora se tornava pai num momento de vida ainda marcado por certa instabilidade, tanto emocional quanto financeira. Para Passos (2008), a

adolescência por si só já se constitui como um período em que podem surgir embates, crises e frustrações relacionais entre pais e filhos, por ser uma etapa em que os filhos passam a expressar aos pais os indícios das escolhas que fazem para suas vidas. Entretanto, tais escolhas nem sempre estão de acordo com as expectativas alimentadas pelos pais. Por esse motivo é possível que, para o pai de Felipe, a revelação de que o filho se tornaria pai ainda nesta etapa de sua vida pode, em alguma medida, ter causado certa frustração e incitado diversas preocupações. Cabe ressaltar, no entanto, que esta foi a reação inicial e, conforme será discutido mais adiante, não necessariamente a que prevaleceu ao longo do processo.

As representações de Felipe acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai revelaram que ele, durante a gestação, vivenciou certo estranhamento em relação aos seus sentimentos. Felipe parecia com dificuldades em acompanhar o processo de gestação, seja por esta representar um acontecimento novo e inesperado para alguém de sua idade, seja por esta não ocorrer em seu corpo, o que pode dificultar a vivência da paternidade nos homens de modo geral. Alguns autores (Doucet,2009; Genesoni & Tallandini,2009) apontam para esta diferença entre pais e mães na vivência da gestação, justamente pelo fato de os pais não terem como experimentá-la corporalmente. Por esse motivo, os pais, neste período, podem vivenciar sentimentos de irrealidade, pela falta de provas tangíveis da existência do filho (Genesoni & Tallandini, 2009), bem como sentimentos de exclusão, em função de não poderem vivenciar as mudanças físicas da gestação, os quais podem ser agravados quando os pais são também excluídos do processo de gravidez pela conduta de profissionais de saúde ou por características eventualmente excludentes dos do pré-natal (Finnbogadottir et al., 2003). Em adolescentes, como no caso de Felipe, poder-se-ia pensar que este maior distanciamento da gravidez fosse justificado pela sua pouca idade e pelo fato de estarem vivendo um período de sua vida em que se está muito voltado para si mesmo, suas questões, seus interesses. Soma-se a isso o fato de a gravidez não ter sido planejada e ter ocorrido dentro de uma relação ainda recente e, de certa forma, não tão estável. Entretanto, os resultados de outro estudo que analisou as expectativas e sentimentos de futuros pais revelaram que esta impressão de maior distanciamento do papel paterno durante a gravidez esteve presente tanto nos relatos dos adolescentes quanto dos adultos (Levandowski & Piccinini, 2006). Sendo assim, Felipe parecia estar vivenciando um processo de certa forma comum aos futuros pais, sejam eles adolescentes ou não.

Por outro lado, apesar de perceber certo distanciamento desta vivência corporal da gestação, Felipe apresentava uma paulatina adaptação ao seu novo papel de pai, que pôde ser vista tanto através das mudanças em sua rotina, bem como nos planos para o futuro, que agora

incluíam a filha. Dentre estas mudanças, destacou-se o maior cuidado dispensado à Margot. Pode-se pensar que tal cuidado estivesse à serviço não apenas de um sentimento de responsabilidade de Felipe pela grande reviravolta que aconteceu na vida dela, mas também da possibilidade de, através dos cuidados dispensados à Margot, ele se sentisse também, indiretamente, cuidando da filha que estava em seu ventre, conforme apontado também por Doucet (2009). Por esse motivo que Brazelton e Cramer (1992) consideram como um dos benefícios da presença e do apoio do pai no momento da gestação a possibilidade de que ele, desta forma, comece a desfrutar da alegria da paternidade. Nesse sentido, parece que Felipe encontrou uma forma de fazê-lo através de seu zelo para com a jovem companheira.

As representações de Felipe acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai revelaram mudanças ainda mais drásticas nos dois períodos após o parto quando ele foi entrevistado. Nitidamente, cada vez mais Felipe sentia-se pai e, mais do que isso, tinha a clareza sobre as mudanças que a chegada da filha havia ocasionado em sua vida. Definitivamente ele parecia não se sentir mais a mesma pessoa, e incorporava cada vez mais a paternidade na sua jovem vida. Sentia-se mais maduro, mais responsável e cada vez mais habilidoso em seu papel de pai e, mais do que isso, parecia estar satisfeito em ser pai. Tais dados vão ao encontro de alguns estudos que apontam que, ao contrário do estereótipo negativo frequentemente atribuído aos pais adolescentes, estes costumam engajar-se num processo de mudança condizente com o advento da paternidade em suas vidas, esforçando-se em manejar suas novas responsabilidades e em reorganizar seus planos, expectativas e sonhos (Carvalho et al., 2008; Frewin et al., 2007). Ainda em relação a este tema, Stern (1997) já apontava a reorganização da identidade como um importante processo da constelação da maternidade. Ao transpor tais idéias para o contexto da paternidade, pode-se chegar à conclusão de que o pai, assim como a mãe, passa por importantes transformações em sua auto-identidade. Nesse sentido, Felipe, com a chegada da filha, acabava por mudar seu centro de identidade de filho para pai, de namorado para progenitor e de um jovem sem filhos para chefe de família. Conforme Stern, este processo de reorganização faz-se necessário como forma de o pai alterar seus investimentos emocionais, sua distribuição de tempo e energia, bem como suas atividades. Cabe ressaltar que, no caso de Felipe, toda esta reorganização relativa à paternidade ocorria numa etapa de vida que, por si só, já implica num importante processo de mudança psíquica e de consolidação da identidade, qual seja, a adolescência.

O processo de reorganização da identidade, de acordo com Stern (1997), traz consigo a necessidade de modelos e a retomada de identificações com os próprios pais e com outras figuras parentais. Em relação a este tema, Felipe reforçou, em diversos momentos, que não

possuía um modelo específico de paternidade sobre o qual se baseava. Entretanto, de forma sutil, o seu próprio pai se fez presente em algumas de suas falas, como no momento em que fez referência a ele para tomar uma importante decisão em sua vida, a de mudar-se ou não de cidade, e que levou em conta valores que lhe foram passados pelo pai. Na verdade, a presença ou não de um modelo específico de paternidade nas falas dos jovens pais sobre seus modelos de paternidade estaria relacionada com a co-existência de características tanto da segunda individuação, esperada na adolescência, como da terceira individuação, típica da parentalidade (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2009b). A segunda individuação, conforme já mencionado na parte introdutória deste trabalho, é caracterizada pelo desligamento emocional dos objetos infantis internalizados, num processo de separação e diferenciação dos mesmos, a fim de que o adolescente possa seguir rumo à formação de seu próprio grupo familiar (Blos, 1996). Já a terceira individuação tem como eixo central a parentalidade, ou seja, a possibilidade de vinculação objetal com o filho, bem como o envolvimento com um cônjuge, concomitante a uma busca de identificações dos pais com seus próprios pais (Colarusso, 1990). Os aspectos da segunda individuação encontrados no estudo de Levandowski et al. (2009b) diziam respeito à ênfase dada pelos pais adolescentes nas diferenças entre eles e seus próprios pais, bem como na oposição aos mesmos e a seus aspectos considerados negativos enquanto pais. Já as características da terceira individuação estariam presentes na consideração dos aspectos positivos dos pais e da educação recebida, bem como a vontade de manutenção dos acertos ou transformação dos erros e inadequações cometidos por eles. Ao transpor tais aspectos teóricos e empíricos para as vivências de Felipe, pode-se pensar que, ao mesmo tempo em que demarcava a constante necessidade de mostrar-se como um jovem separado de seus pais e possuidor de suas próprias referências de paternidade, ele algumas vezes deixava emergir aspectos da paternidade de seu próprio pai que eventualmente lhe serviam de base em suas atitudes. É importante ressaltar que a demanda por modelos a seguir está presente em pais de qualquer idade (Cramer & Palácio-Espasa, 1993; Krob et al., 2009). A forma como os homens se vêem como pais pode ser considerada não apenas fruto de uma questão individual, mas sim resultado de um conjunto de relações complexas e dinâmicas entre biografia pessoal, realidade social e entre as relações interpessoais que são estabelecidas neste processo (Finn & Henwood, 2009).

Ainda quanto às representações sobre seus pais, Felipe falou sobre a sua dúvida ou mesmo desconhecimento em relação às expectativas que os pais alimentavam em relação ao seu futuro. Mais do que isso, durante a entrevista da gestação, ele parecia achar que talvez sempre tivesse estado aquém das expectativas parentais, por nunca ter feito muitas coisas que

os pais queriam que ele fizesse. Em relação a este aspecto Passos (2008) nos aponta que os adolescentes investem muita energia para tentar decifrar o “enigma” de seus pais, ou seja, as expectativas que eles possuem em relação ao filho, cujo conteúdo trata-se de material recalcado das lembranças, frustrações e conflitos vividos pelos pais e, por este motivo, impassíveis de serem decifrados a olho nu. Partindo deste pressuposto, ressalta a autora, o adolescente, em sua busca, pode encontrar respostas muito diferentes a este enigma parental. Nesse sentido, Felipe, naquele momento, parecia tentar decifrar as expectativas que os pais possuíam em relação a ele, sem, contudo, entender o que exatamente lhe seria esperado enquanto filho.

Por outro lado, Felipe parecia acreditar que a eminente chegada da filha trazia uma nova perspectiva para a relação entre ele e seus pais. Chamou a atenção o modo pelo qual ele falou a respeito da filha como a primeira neta legítima de seu pai, fato que parecia lhe deixar lisonjeado. Parecia que, desta forma, Felipe sentia reconhecida a importância do seu papel de pai dentro da família, de forma a legitimar-se enquanto pai, ao mesmo tempo em que legitimava o seu próprio pai enquanto avô. Para Passos (2005), esta reciprocidade e o reconhecimento dos lugares e posições dos pais e dos filhos no interior do grupo familiar são parte integrante e fundamental da constituição dos laços de filiação. A nova perspectiva no relacionamento de Felipe com seus pais pareceu ainda mais evidente após o nascimento de Bruna. Neste período, ele falou sobre o quanto os pais se sentiam mais tranquilos e seguros por perceberem que ele estava “no caminho” e falou também sobre a ajuda que eles disponibilizavam, através dos cuidados com Bruna ou da ajuda com a construção da casa e com a parte financeira. Parecia que Felipe percebia, cada vez mais, o reconhecimento que os seus pais faziam deste seu novo papel na família. Tanto que, na entrevista dos doze meses, ele fez maior referência às lembranças de sua própria experiência enquanto filho, e da forma como seus pais eram com ele. Estas lembranças apontam um importante passo no processo parental, já que permitem ao pai identificar-se com seus próprios pais, reconhecendo as semelhanças entre eles e, ao mesmo tempo, construir, na diferenciação com eles, uma nova identidade de pai (Colarusso, 1990; Darchis, 2000). Desta forma, parecia que Felipe não se sentia mais visto como aquele adolescente cujos pais temiam e desconfiavam do seu desempenho enquanto pai, mas sim como aquele que estava construindo uma nova etapa na história familiar.

Ao falar sobre suas representações acerca da parentalidade na adolescência, Felipe lembrou a história da própria mãe, que engravidou de seu primeiro filho, irmão mais velho dele, ainda na adolescência. Para Felipe, o fato de a mãe estar trabalhando, na época de sua

primeira gravidez e, além de tudo, residir no interior, tinha feito com que a maternidade fosse vista como um acontecimento natural. Ao falar sobre isso, Felipe trouxe novamente à tona a importância que ele dava ao trabalho como um possível aspecto minimizador dos efeitos de uma gravidez na adolescência. Além disso, para ele, o fato de ser pai o fazia evitar ter certos comportamentos comuns a outros adolescentes da sua idade, algo que também foi constatado em outro estudo brasileiro com pais adolescentes (Hoga, & Reberte, 2009). Entretanto, as representações de Felipe em relação à parentalidade na adolescência já pareciam completamente permeadas por sua própria experiência enquanto jovem pai, fato que possivelmente o fazia relatar de forma mais positiva e natural um evento como este, por mais que os aspectos negativos também se fizessem presentes neste processo. Desta forma, ele parecia procurar ressignificar, de uma forma positiva, a perda da liberdade característica da adolescência, que o impedia de levar uma vida semelhante aos seus pares não pais.

Em relação às representações de Felipe acerca da filha, outro aspecto analisado sobre a experiência da paternidade, estas apresentaram uma evolução semelhante às suas representações sobre a paternidade. Desta forma, Felipe apresentou uma dificuldade inicial, durante a gestação, em falar sobre suas representações acerca da filha, talvez pela impossibilidade de imaginá-la como um ser, em meio a turbulências de sentimentos de uma gravidez na adolescência. Cabe ressaltar que, neste período, Felipe ainda não havia estado presente em nenhuma das ecografias já realizadas por Margot. Nesse sentido, poderia se pensar que a vivência deste momento geraria importantes repercussões sobre as representações de Felipe em relação à filha. A primeira ultrassonografia foi considerada um momento marcante para pais suecos adultos investigados por Finnbogadottir et al. (2003), constituindo-se como uma prova concreta da existência da gestação, ao possibilitar a visão da imagem do feto. Mais do que isso, os autores apontaram para a diminuição dos sentimentos de irrealidade e exclusão eventualmente vivenciados pelos pais, fazendo com que se sentissem orgulhosos, felizes e agradecidos por suas novas vidas. Para alguns dos pais entrevistados, esta experiência foi ainda mais profunda ao sentirem os movimentos fetais ou ao ouvirem as batidas do coração do bebê. Por outro lado, pode-se pensar que esta dificuldade de Felipe em falar sobre como imaginava que seria a filha ou sobre como seria sua relação com ela pode estar atrelada ao fato de que, enquanto adolescente, ele apresentasse certas limitações para imaginar sua vida além do momento atual, em função de não ter ainda totalmente desenvolvida a sua capacidade de pensar em termos abstratos, e de lidar com situações hipotéticas, não presentes no aqui e agora, característica do pensamento formal (Piaget & Inhelder, 1976). No estudo de Levandowski e Piccinini (2006) tanto os futuros pais

adolescentes quanto adultos demonstraram certa incerteza quanto a si mesmos no futuro, bem como uma dificuldade de pensar para além da experiência atual da gravidez. No entanto, os futuros pais adultos pareceram sentir-se mais preparados para aceitar as possíveis mudanças advindas da paternidade, enquanto os adolescentes, quiçá justamente por esta limitação cognitiva que os impediria de imaginar um futuro mais adiante, pareceram nem conseguir pensar muito sobre tais transformações.

Por outro lado, pôde-se constatar uma importante evolução em relação às representações de Felipe sobre a filha nos períodos que se sucederam ao nascimento. Felipe, tanto aos quatro quanto aos doze meses, caracterizou a filha de forma bastante positiva, como uma criança bastante esperta e bem humorada. Tendência semelhante tem sido reportada na literatura, pelo menos com casais adultos. Por exemplo, o estudo de Kaitz e Akatzir (2004), mostrou que pais israelenses que foram entrevistados no período pré e pós-parto, demonstraram um aumento de sentimentos positivos em relação aos filhos no período pós-parto, quando comparado ao período gestacional, possivelmente atrelados a uma possibilidade maior de vinculação entre eles e seu bebê. Nessa mesma direção, no presente estudo, após o nascimento da filha, diferente ao que acontecia na gestação, Felipe conseguia tecer identificações entre ele, a filha e Margot, tanto em aspectos físicos, quanto relativos ao temperamento e ao jeito de ser da filha. Nesse sentido, ao fazer estes movimentos psíquicos, Felipe já parecia incluir a filha na sua cadeia de “interações imaginárias” (Brazelton & Cramer, 1992), as quais são desenvolvidas a partir das fantasias dos genitores a respeito de si mesmos, de seus parentes mais próximos, de seus ideais e medos, e que fazem com que eles confirmem significado ao menor gesto ou vocalização por parte da criança. O nascimento do bebê provoca uma reconstrução das representações paternas sobre quem o bebê é, e sobre quem irá tornar-se (cf. Stern, 1997). Entretanto, neste momento, tal reconstrução se faz como base nas linhas gerais fornecidas pelo bebê, tais como seu sexo e seu temperamento, e também pela experiência real e vivida da paternidade. Nesse sentido, Felipe, que na gestação tinha dificuldades em falar sobre suas representações a respeito da filha, após o nascimento, e com base na sua vivência como pai e na sua relação real com Bruna, parecia enriquecer cada vez mais as suas representações relativas a ela.

Quanto às representações de Felipe acerca de Margot como mãe, apesar de ele inicialmente considerar que, para ela, a gestação havia levado a grandes mudanças em sua vida, como a saída da casa dos pais para viver com ele e o abandono da escola, acreditava que ela estava com muita vontade de ser mãe, “maravilhada” com toda aquela nova situação em sua vida. Talvez esta percepção tenha diminuído o sentimento de culpa algumas vezes

experimentado pelos pais durante a gestação, que podem se sentir como únicos responsáveis por toda a situação vivenciada pela mulher durante a gestação (Brazelton & Cramer, 1992), o qual, no caso de Felipe, pode ter sido agravado pelo fato de Margot ter deixado de lado sua vida de adolescente para dedicar-se à maternidade.

Por outro lado, após o nascimento de Bruna, apesar de considerar que Margot estava sendo uma mãe cuidadosa, Felipe percebia que ela estava cansada com a sua rotina com a filha. Cabe ressaltar que a rotina de cuidar de um bebê gera uma mudança significativa para qualquer pessoa, porém, pode apresentar um impacto ainda maior sobre o estilo de vida de uma adolescente, especialmente se ela levava uma vida cercada por amigos e colegas não pais (Beers & Hollo, 2009). De acordo com estes autores, as jovens mães podem estar em maior risco para problemas de adaptação às mudanças associadas à gravidez, bem como a uma maior incidência de depressão, fator que pode ser agravado caso a adolescente esteja num contexto de apoio social diminuído e relações afetivas pobres. No caso de Felipe, tal relato sobre o maior cansaço de Margot quanto aos cuidados com a filha aconteceu justamente num período em que ele se encontrava mais afastado, e em que ela própria mencionou sentir sua falta, fato que pode ter contribuído para o agravamento desta situação. Ademais, na entrevista dos quatro meses, Felipe demonstrou sua insatisfação com as atitudes de Margot quanto ao relacionamento do casal, que apontavam que ela possivelmente se sentia mais insegura e desconfiada em relação ao companheiro. Embora Felipe parecesse compreender que esta maior desconfiança estivesse relacionada ao fato de que, enquanto ele tinha uma rotina para além da aquela circunscrita às relações com a companheira e a filha, o dia-a-dia de Margot se limitava ao envolvimento com a filha, ele tinha dificuldades em lidar com esta cobrança. Stern (1997) já apontava que, no puerpério, um dos eventuais sentimentos pelos quais as mulheres passam é o justamente o temor de que o companheiro fuja, decida cair fora ou que busque a satisfação de suas necessidades em outro lugar, algo que é característico deste momento de maior fragilidade e dependência das mães e, no caso de Margot, de uma jovem mãe. Entretanto, o autor aponta justamente para a dificuldade que pode se estabelecer quando os papéis a serem cumpridos (ex. a mulher mais dependente, o homem mais apoiador) são incompatíveis ou estão fora de sincronia para os membros do casal. Esse parecia ser justamente o caso de Felipe, que manejava com alguma dificuldade esse período de maior dependência de Margot, sentindo-se sobrecarregado com as exigências que lhe eram atribuídas.

Do mesmo modo, aos doze meses, sua visão em relação à Margot seguia sendo não muito positiva. Entretanto, neste momento, sua maior queixa se referia à pouca paciência de

Margot para lidar com o comportamento mais teimoso de Bruna. De fato, como pode ser visto na revisão de literatura realizada por Dias e Teixeira (2010), as transformações emocionais e cognitivas por quais as adolescentes passam podem levá-las a uma maior dificuldade em desempenhar de maneira satisfatória o papel materno, já que muitas vezes não dispõem dos recursos psicológicos necessários para entender e tolerar as demandas e frustrações advindas da maternidade. De acordo com os autores, esta eventual falta de habilidade para o exercício do papel materno, somada ao pouco conhecimento sobre o desenvolvimento infantil pode constituir-se como fator de risco para o desenvolvimento do bebê, fato que pode ser superado, por exemplo, através do fornecimento de apoio para esta jovem mãe. Sendo assim, no caso de Felipe, tal dificuldade de Margot pode ter se sobreposto a sua própria dificuldade em lidar com as limitações e restrições advindas da paternidade, o que pode ter feito com que ele se mostrasse menos acolhedor e com uma postura mais crítica em relação à conduta de Margot enquanto mãe.

Já as representações de Margot acerca de Felipe como pai apontaram que, para ela, a chegada da filha tinha gerado repercussões positivas na vida dele. Ela percebia que, desde a gravidez, Felipe mostrava indícios de uma maior responsabilidade e a mudança de perspectiva em relação à antiga vida de “não pai”, quando parecia mais inconseqüente e despreocupado em relação a si mesmo, ao trabalho e ao dinheiro, o que é condizente com o que se espera de um jovem. Após o nascimento da filha, Margot ressaltou características bastante positivas em relação a Felipe como pai. Para ela, Felipe estava, cada vez mais, mostrando-se um pai cuidadoso e entusiasmado com a filha, superando as expectativas dela em relação a este aspecto. Nesse sentido, Margot parecia dar sinais de seu reconhecimento em relação à Felipe como pai, e da sua importância na vida dela e da filha. Este movimento psíquico de Margot constitui-se como um aspecto de fundamental importância para a legitimação e reconhecimento de Felipe enquanto pai (Passos, 2005) e, conseqüentemente, para o estabelecimento de uma boa relação entre pai e filha.

Para a análise do segundo eixo temático deste trabalho, referente à prática da paternidade de Felipe, foram considerados os relatos tanto de Felipe quanto de Margot referentes ao envolvimento paterno e ao exercício da função paterna. Nesse sentido, no que diz respeito à interação, primeira dimensão do envolvimento paterno, Felipe parecia ser um pai que, à medida que a filha crescia, costumava valorizar e buscar cada vez mais momentos de maior contato e interação com a ela. Ele demonstrava grande satisfação ao falar sobre os momentos de brincadeiras com Bruna, ressaltando o quanto estes se tornavam mais prazerosos conforme a filha desenvolvia uma maior capacidade de reação aos estímulos. Por

outro lado, ficou nítido, tanto nos relatos de Felipe quanto de Margot, que a participação dele nos cuidados com a filha dava-se de forma bastante limitada. Esta limitação apontou para duas explicações possíveis. A primeira dizia respeito ao afastamento de Felipe destas tarefas a partir do momento em que teve de retornar ao trabalho. Nos primeiros dias em casa, Felipe parecia realizar algumas tarefas com maior facilidade do que Margot, que ainda se recuperava do processo de parto. Entretanto, na medida em que não foi possível, com o retorno ao trabalho, vivenciar a rotina com a filha na mesma proporção que antes, também sua participação nos cuidados tornou-se cada vez menor. Já a segunda diz respeito a uma eventual maior afinidade de Felipe com os momentos de interação com a filha não diretamente relacionados às tarefas de cuidado. Nesse sentido, enquanto os seus momentos de brincadeira pareciam evoluir conforme a filha crescia, sua participação nas tarefas de cuidado fazia um movimento contrário, e as dificuldades nesse sentido pareciam cada vez maiores. Em relação a este último aspecto, Parke (1996) ressaltou que os pais, mais do que as mães, costumam despende uma parte maior do tempo com os filhos em brincadeiras e que, embora geralmente exerçam um papel secundário nos cuidados, têm um importante papel enquanto parceiros de brincadeiras. Por outro lado, também a percepção de que não era tão habilidoso quanto Margot ao executar determinadas funções, como dar banho e trocar as fraldas da filha, pode ter feito com que Felipe acabasse por se envolver menos neste tipo de atividade (Lamb, 1996). Cabe ressaltar que, no que diz respeito especificamente ao contexto da adolescência, o estudo de Dias e Aquino (2006) revelou que, assim como pode ser visto em relação a estudos com pais adultos, cuidar de filho continua sendo visto como tarefa tipicamente feminina, embora possa se observar um maior envolvimento dos jovens pais em atividades domésticas e de cuidado com as crianças.

Margot, por sua vez, parecia alimentar expectativas de que Felipe se envolvesse mais nos cuidados com a filha. Para ela, o principal empecilho para um maior envolvimento de Felipe estava relacionado ao trabalho, não apenas em função do tempo em que ficava no emprego, mas também por causa do cansaço por este ocasionado. Com base no que apontam alguns estudiosos do envolvimento paterno, existem ao menos dois aspectos a serem levados em consideração dentro da situação vivida por Felipe e Margot e que poderiam, de alguma forma, exercer influência sobre a participação dele nos cuidados com a filha. O primeiro diz respeito justamente às questões relativas ao trabalho de Felipe. Alguns autores apontam que aqueles pais altamente comprometidos com o trabalho e que costumam passar longas horas no emprego costumam envolver-se menos em atividades com os filhos (Lamb, 1996; Parke, 1996), que era o que parecia acontecer no caso de Felipe. Já o segundo diz respeito à situação

empregatícia da mãe, já que alguns autores apontam justamente para a possibilidade de haver um maior envolvimento do pai naquelas famílias onde a mãe trabalha (Lamb & Lewis, 2010; Pleck, 1997), o que poderia ser explicado pela maior necessidade de que os pais dividam as tarefas, já que a mãe não estaria disponível em tempo integral. Cabe ressaltar que este aspecto se torna ainda mais delicado no contexto da parentalidade na adolescência. Alguns autores apontam que, de modo geral, enquanto os projetos e percursos escolares e profissionais dos jovens pais tendem a serem preservados com a chegada de um filho, as trajetórias femininas nesse sentido parecem ser mais fortemente abaladas frente à maternidade (Heilborn et al., 2002). Esse parecia ser o caso de Felipe e Margot, sendo que ele, que já havia abandonado a escola mesmo antes da gestação, se mantinha trabalhando fora de casa como costumava fazer, enquanto ela tinha acabado por abandonar a escola para priorizar as tarefas da maternidade. Nesse sentido, Margot, que não trabalhava e, desta forma, passava seu tempo envolvida nos cuidados com a filha, parecia entender a pouca participação de Felipe, mas, ao mesmo tempo, almejar seu maior envolvimento.

De forma semelhante, as questões relativas ao trabalho de Felipe também pareciam interferir sobre a dimensão acessibilidade. Tal aspecto se fez presente desde a gestação, quando a inflexibilidade nos horários de trabalho impossibilitava sua participação nas consultas de pré-natal e ecografias, e se agravou aos quatro meses, quando passou a residir longe do trabalho e possuía ainda menos disponibilidade para estar com a filha. Uma melhora na acessibilidade de Felipe foi relatada na entrevista dos doze meses. Neste período, o fato de trabalhar perto de casa permitia à Felipe dispor de mais momentos de convivência com a filha, tendo ele inclusive organizado os intervalos de almoço para este fim.

Embora os resultados tenham apontado para consideráveis dificuldades de Felipe no âmbito da acessibilidade, ele ainda assim se mostrou um pai bastante responsável. Desde a gestação, ficou aparente o envolvimento de Felipe com os aspectos relativos a sua responsabilidade enquanto pai, quando falou sobre suas preocupações e planos relativos à filha. Contudo, o aspecto que mais chamou a atenção em relação à dimensão responsabilidade foi a grande preocupação de Felipe em ter um emprego que proporcionasse as devidas condições financeiras para sustentar a filha, manter a casa. Margot também fez menção a este assunto, destacando o esforço de Felipe para conseguir obter as coisas para a família.

Esta relação entre responsabilidade paterna e provisão financeira da família ficou também evidente no estudo de Tuffin et al. (2010) com pais adolescentes neozelandeses. No referido estudo, a importância da responsabilidade paterna esteve muito presente na fala dos participantes e constantemente manifesta através da capacidade de provisão financeira dos

filhos. Nesse sentido, de acordo com os autores, a prioridade, para muitos adolescentes passa ser a de ganhar dinheiro e, desta forma, poder sustentar o filho. Um dos pais do estudo chegou a mencionar que, desde o nascimento do filho, sua vida havia se tornado apenas trabalho. Talvez esta fosse realmente a maior preocupação de Felipe enquanto pai e, por esse motivo, ele acabava ficando menos disponível para interagir com a filha, já que sua vida também envolvia a priorização do trabalho, como forma de sustento da família e, assim, de assumir esta responsabilidade vista como “paterna”. Este tipo de situação pode desencadear sentimentos contraditórios nos pais (Tuffin et al., 2010): o trabalho cansa e, por este cansaço, torna-se mais difícil a convivência com o bebê, seu choro, suas demandas. Por outro lado, pode haver uma cobrança maior da companheira para que o pai fique mais tempo com ela e o bebê, o que para o pai só seria possível se ele deixasse seu trabalho. Tais sentimentos se fizeram presentes nos relatos de Felipe, sendo que ele, ao mesmo tempo em que se mostrava preocupado em ter que deixar Margot e Bruna sozinhas por longos períodos, também enfatizava o trabalho como meio pelo qual poderia garantir o sustento e a estabilidade financeira da família. Conforme também foi apontado no estudo de Almeida e Hardy (2007) com pais adolescentes brasileiros, embora Felipe já trabalhasse mesmo antes da concepção de Bruna, a chegada da filha parece ter trazido um novo significado e peso para o trabalho, sendo este o meio pelo qual ele pôde se tornar o provedor de sua família. Cabe ressaltar que estas questões relativas ao trabalho e à paternidade são apontadas não apenas em estudos com pais adolescentes, mas também com adultos. Por exemplo, na revisão de literatura sobre a paternidade realizada por Genesoni e Tallandini (2009), os autores encontraram que, dentre uma das maiores dificuldades encontradas pelos pais no período pós-parto estaria em renegociar a divisão dos afazeres domésticos ou de cuidados com o filho, e a impossibilidade de flexibilizar o horário de trabalho. Entretanto, os autores apontaram que, muitas vezes, a satisfação como pai estaria positivamente relacionada a uma performance de sucesso no trabalho, e por isso os homens tenderiam a não mudar seus hábitos nesse sentido, oferecendo pouca ajuda prática para suas famílias.

Ainda em relação à prática da paternidade, mas agora em relação ao exercício da função de paterna, os relatos tanto de Felipe quanto de Margot apontaram para o quanto, de maneira geral, ele pareceu funcionar como importante fonte de apoio emocional para ela, desde a gestação, até o último momento em que foram entrevistados, aos doze meses de Bruna. Na gestação, embora Felipe demonstrasse certo incômodo com a maior dependência que Margot estava apresentando em relação a ele, entendia tratar-se de um momento particular, em função da gravidez e da eminente chegada da filha. Margot, neste período,

ressaltou sobre o quanto Felipe lhe estava apoiando, e demonstrando maior sensibilidade para lidar com este período de maior carência. Nesse sentido, ao que parece, Felipe conseguiu oferecer o suporte emocional necessário e importante para que Margot conseguisse adaptar-se melhor e desfrutar mais da gestação (Parke, 1996).

O apoio de Felipe à Margot durante o parto também foi um aspecto que chamou a atenção. Felipe, apesar de sentir-se nervoso e preocupado, procurou ficar ao lado de Margot de forma a ajudá-la a sentir-se mais calma. A importância da presença de Felipe neste momento foi confirmada por Margot, que relatou que o apoio dele neste momento foi fundamental, diferente daquele proporcionado pelos profissionais de saúde que ali estavam. Em relação a este tema Parke (1996) ressaltou que a presença do pai durante o parto pode incrementar ainda mais a experiência emocional vivida pela mãe neste momento. Mais do que isso, ele aponta justamente para a possível diferença que há entre o apoio dos profissionais de saúde e do pai durante o parto. Enquanto, por exemplo, as enfermeiras tenderiam a se ausentar com mais frequência, o pai, além de permanecer ao lado da companheira de forma mais contínua, tenderia a proporcionar maior contato físico, através de toques e carinhos. Entretanto, conforme foi analisado na revisão de literatura (Hallgren et al., 1999), há que se ter o cuidado se realmente existe esta disponibilidade emocional do pai para estar presente e apoiar, bem como da vontade da parturiente em que ele presencie o parto. No caso de Felipe, os relatos parecem confirmar que ele agiu como um acompanhante ativo no processo de parto (Motta & Crepaldi, 2005) proporcionando à Margot o conforto emocional e a segurança necessários para ajudá-la neste momento.

Felipe também pareceu sensível em perceber que as demandas em relação ao cuidado da filha poderiam estar gerando uma sobrecarga em Margot, especialmente quando Bruna estava com quatro meses, período em que ele relatou estar mais afastado, em função do trabalho e, por esse motivo, inseguro em deixar mãe e filha sozinhas. Sendo assim, Felipe reconhecia e valorizava a importância de que Margot pudesse contar com outras fontes de apoio, especialmente da mãe dela, para ajudá-la a cuidar da filha, ou mesmo para ter tempo para cuidar de si. Deste modo, ele parece ter tentado suprir a sua lacuna enquanto parte da matriz de apoio de Margot, incentivando e valorizando a entrada e ao auxílio de outras pessoas neste momento, em especial da mãe da companheira, a qual é vista pela literatura como importante fonte de apoio, instrução e de segurança no período pós-parto (Stern, 1997). Margot, por sua vez, falou sobre o quanto o nascimento de Bruna tinha feito com que ela sentisse uma falta maior do apoio de Felipe e de sua presença ao lado dela e, justamente neste momento em que ela precisava tanto dele, algo que pareceu mudar quando a filha estava com

doze meses, período em que Felipe conseguia estar mais presente. Neste período, fora ajudá-la em tarefas concernentes à filha, Margot relatou também sentir-se bastante valorizada por Felipe, que costumava elogiá-la não apenas enquanto mãe, mas também como mulher. Tais relatos de Margot sinalizam que Felipe possivelmente estaria, através destas falas dirigidas a ela, estabelecendo um importante passo no exercício da função paterna, reconhecendo sua importância como mãe (Le Camus, 2002; Passos 20005), porém, além disso, lembrando-a de que também é uma mulher (Fulgêncio, 2007) e ajudando-a a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito (Winnicott, 1965/1979).

Após o nascimento da filha, Felipe também pareceu entender e adequar-se ao momento inicial do relacionamento mãe e filha, caracterizado por uma maior fusão e dependência. A relação do casal havia ficado em segundo plano, e Felipe demonstrou compreender que tal movimento era típico deste novo momento em suas vidas, com a passagem de uma díade para tríade e, mais ainda, deste momento inicial, em que Bruna precisava maciçamente de atenção. Por outro lado, justamente por esta característica de maior simbiose no relacionamento entre mãe e filha, ele apresentou certa dificuldade em lidar com o descontentamento de Bruna nos momentos em ela ficava longe da mãe. Já Margot, neste mesmo período em que Felipe falou sobre esta dificuldade, relatou que ele era a única pessoa, além dela, que conseguia estar com a filha sem lhe causar estranhamento, demonstrando, assim, reconhecer e valorizar seu papel enquanto cuidador.

Aos doze meses, tanto Felipe quanto Margot falaram com maior ênfase sobre a falta que estavam sentindo de momentos só para o casal e sobre a dificuldade em manter uma vida sexual satisfatória. Entretanto, eles já pareciam realizar alguns movimentos que sinalizavam uma possível saída deste período de maior simbiose entre mãe e filha. Felipe, que antes buscava intervir o mínimo possível na relação mãe-filha, agora procurava estimular Margot a retomar o seu contato com o mundo externo, incentivando-a a buscar pessoas que lhe eram próximas, e das quais havia se afastado após o nascimento de Bruna. Por outro lado, ele se mostrava um pouco descontente por, neste período, Margot tentar limitar sua vida social, queixando-se nos momentos em que saía com os amigos. Ele percebeu também que o trabalho estava sendo uma importante fonte de distração para Margot, de forma a fazê-la sair um pouco daquela rotina em que se dedicava exclusivamente aos cuidados da filha. Margot, por sua vez, permanecia valorizando muito o contato entre pai e filha, a participação de Felipe na vida de Bruna, parecendo, desta forma, exercer também uma das suas funções enquanto mãe, ao facilitar o conhecimento mútuo entre eles e, mais do que isso, ao permitir e valorizar a entrada do pai no mundo da filha (Le Camus, 2002; Winnicott, 1965/1979).

Chamou a atenção o modo como Felipe, aos doze meses, falou sobre os momentos em que precisava colocar limites à filha. O que antes era visto por ele como uma dificuldade, agora era percebido como algo agradável, um ensinamento necessário. Talvez esta dificuldade inicial fosse justificada pelo fato de pai e filha precisarem de um tempo para o reconhecimento mútuo, para o entendimento das reações e, assim, Felipe sentir maior segurança ao impor limites à Bruna, sem achar que assim estivesse causando algum mal a ela, mas sim, ensinando-a sobre as coisas do mundo, e protegendo-a de eventuais perigos. Ademais, Margot e Felipe pareciam ter formas diferentes de lidar com a filha. Enquanto ela parecia ser mais cuidadosa e, quem sabe, protetora, Felipe parecia deixá-la mais livre, demonstrando também entender os momentos em que a filha procurava fazer coisas apenas para chamar a atenção. Margot, da mesma forma, já havia falado, na entrevista dos quatro meses, sobre os ensinamentos de Felipe à filha, como pegar objetos, fazer sons. Tais relatos parecem ir ao encontro do que foi apontado por Le Camus (2002), quando dizia que os pais funcionam como importantes agentes de socialização para os filhos sendo que eles tenderiam a estimulá-los em sua comunicação e em sua aprendizagem, encorajando-os, mais do que as mães, a deixá-los encontrar soluções por si mesmos.

Nesse sentido, os dados aqui discutidos em relação à experiência e à prática da paternidade de Felipe mostram que ele, de modo geral, parecia estar adaptado a sua nova vida de pai e conseguindo lidar adequadamente com as situações que esta lhe proporcionava. As dificuldades também se fizeram presentes, porém, Felipe parecia encontrar meios de lidar com estas de forma a não comprometer sua prática enquanto pai. Cabe ressaltar que, embora se tratasse de uma família onde os progenitores eram considerados adolescentes, ao menos por sua idade cronológica, não se pode pressupor que os problemas foram maiores do que aqueles enfrentados por pais adultos. Talvez esta condição tenha ocorrido pelo fato de que Felipe já levasse uma vida “de adulto” ainda antes da gestação, por morar sem os pais, ter seu próprio dinheiro. Por outro lado, não parece ser só isso, haja vista que ele apresentou mudanças progressivas com o advento da paternidade, que lhe levaram para um caminho de maior responsabilidade e, quem sabe, maturidade emocional, movimentos característicos da entrada na parentalidade.

Família 2: Daniel, Priscila e Luiza

Breve descrição da família

A Família 2 era formada pelo casal Daniel e Priscila, ambos com 16 anos na época da gestação, e de Luiza, primeira filha do casal. Daniel e Priscila namoraram durante um ano até começarem a morar juntos, na casa da família de Priscila, ainda antes da gravidez. No período da primeira entrevista, ao terceiro trimestre de gestação, eles já estavam morando juntos há mais de um ano, totalizando em torno de dois anos de namoro. A decisão por morarem juntos aconteceu de forma paulatina. Daniel costumava passar boa parte dos seus dias na casa de Priscila, até que, segundo Daniel, à convite da sogra, começou a dormir por lá aos finais de semana e, aos poucos, foi “*ficando*” todos os dias, levou suas coisas, e não saiu mais. Embora estivessem construindo casa própria, Daniel e Priscila seguiam residindo na casa dos pais dela até o momento da última entrevista, quando Luiza estava com um ano. Na casa, além de Daniel, Priscila, Luiza e os sogros de Daniel, também residiam a irmã de Priscila e o namorado, um avô e uma tia.

Daniel e Priscila foram colegas desde a sétima série do ensino fundamental. Inicialmente eram amigos, ou “*melhores amigos*”, que estavam sempre juntos e possuíam amigos em comum. Durante o período em que eram apenas amigos, chegaram a ter outros relacionamentos, até que, no ano seguinte, quando estavam na oitava série, começaram a namorar. Priscila conta que inicialmente achava Daniel muito “*criança*”, incapaz de um relacionamento sério. No entanto, relatou que foi justamente o jeito criança de Daniel que acabou conquistando-a, seu jeito meigo de falar com ela. Já Daniel disse que considerava Priscila uma guria bonita e legal, características que o atraíram. De acordo com Daniel, foi ele quem tomou a iniciativa de pedir para ficar com Priscila, pois já gostava dela há algum tempo. Como namorados, eles costumavam sair à noite e também passear em alguns parques da cidade. De acordo com Priscila, no início do namoro brigavam muito por causa de ciúmes, em especial quando saíam à noite e faziam uso de bebida alcoólica. Por esse motivo, eles decidiram parar de beber e, desde então, “*nunca mais tinham brigado*”.

Priscila estava com 14 anos quando teve sua primeira relação sexual, com seu primeiro namorado, anterior à Daniel. Já a sexarca de Daniel ocorreu aos 13 anos de idade, com uma parceira que não era sua namorada. Daniel considerava Priscila sua primeira namorada, ou seja, a primeira com quem assumiu um relacionamento envolvendo compromisso.

Daniel era filho único e seus pais já estavam juntos há 18 anos. Tanto o pai quanto a mãe de Daniel possuíam ensino médio completo e eram de nível sócio econômico médio-

baixo. Já Priscila era a caçula de uma família de quatro filhos, sendo que dois irmãos eram fruto de dois relacionamentos anteriores de seu pai, e uma irmã de um relacionamento anterior de sua mãe, a única sobre a qual fez referência durante as entrevistas, que residia na mesma casa e de quem parecia mais próxima. Os pais de Priscila também estavam juntos há 18 anos. O pai de Priscila possuía ensino médio incompleto, tendo cursado até a segunda série, enquanto a mãe possuía ensino fundamental incompleto, tendo cursado até a sétima série. Sua família era de nível sócio-econômico baixo.

Na época da primeira entrevista, ao terceiro trimestre de gestação, tanto Daniel quanto Priscila cursavam a segunda série do ensino médio, ainda colegas de turma, sem nunca terem sido reprovados. Entretanto, poucos dias antes da primeira entrevista, Priscila tinha parado de ir ao colégio em função de desconfortos ocasionados pela gravidez. Soube-se depois, quando foram entrevistados aos três meses de Luiza, que Daniel também deixou de ir à escola alguns dias após Priscila, inicialmente em função da suspensão das aulas por causa da Gripe A e, depois, por sua vontade de ter mais tempo para permanecer com Priscila e Luiza.

Enquanto Priscila nunca havia trabalhado, Daniel, durante a gestação, realizava estágio remunerado e também já havia trabalhado vendendo churrasquinhos. Começou a vender churrasquinhos junto com o pai de Priscila, tão logo soube que ela estava grávida. Entretanto, em seguida foi chamado para um estágio na área de informática em uma empresa pública. Daniel tinha como planos para o futuro cursar uma faculdade (de engenharia ou administração de empresas) e ter um carro próprio. Priscila também planejava terminar os estudos e cursar faculdade de jornalismo.

Aos três meses de Luiza, Daniel e Priscila não tinham retomado os estudos. Daniel seguia trabalhando como estagiário no mesmo local de antes e, além disso, no turno inverso ao trabalho, vendia pastéis feitos por Priscila nas residências e casas de comércio da vizinhança. Daniel e Priscila pensavam em retomar os estudos no ano seguinte, cursando um supletivo à noite, os dois juntos. Nesse período, Daniel também seguia planejando realizar uma faculdade e, além disso, também pensava em abrir um negócio próprio, uma pastelaria.

Já na entrevista dos doze meses, Daniel e Priscila seguiam sem estudar. O plano continuava sendo de voltarem aos estudos no ano seguinte, quando estivessem com 18 anos, para ter a possibilidade de cursar o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Neste mesmo ano, Daniel chegou a fazer uma tentativa de retomar os estudos. Trabalhava à tarde no estacionamento de um mercado e estudava à noite. No entanto, largou a escola por não estar tendo tempo de ficar com a filha. Da mesma forma, largou o emprego no mercado para voltar a vender os lanches feitos por Priscila. Algumas mudanças também aconteceram em relação

aos planos de Daniel: ele agora pensava em seguir a carreira de bombeiro. Quando questionado sobre seus planos de cursar faculdade, respondeu que ainda pensava sobre isso, mas que começava a considerar difícil a possibilidade de conciliar trabalho e estudos. Por esse motivo, considerava mais viável fazer um concurso público para ser bombeiro. Já Priscila não cogitava trabalhar naquele momento, em função de a filha ser muito pequena. Tinha planos de trabalhar quando a filha estivesse com dois anos de idade, pois considerava que com esta idade a filha já teria a capacidade de lhe contar caso a “*judiassem*” judiassem’ na creche.

Experiência da paternidade

A experiência da paternidade de Daniel foi analisada longitudinalmente (com exceção à reação à notícia da gravidez), de acordo com os relatos obtidos nas três etapas de coletas de dados: gestação, três meses e um ano de vida do bebê e os resultados serão descritos a seguir para cada categoria. Conforme já mencionado anteriormente, para a análise deste eixo foram consideradas sete categorias: *Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez*, *Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai*, *Representações do pai acerca da filha*, *Representações do pai acerca da companheira como mãe*, *Representações do pai acerca dos seus próprios pais*, *Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência* e, por fim, *Representações da mãe acerca do companheiro como pai*

Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez

Durante a entrevista da gestação, Daniel relatou que, apesar de bem recebida, a gravidez não havia sido planejada pelo casal. Antes de ter filhos, Daniel pensava em adquirir sua própria casa e terminar os estudos: “*É, não é que eu não pensava assim, né? Mas pensava por mim, pelo menos ter minha casa primeiro, ter condições. Nós planejava assim, depois que terminasse o colégio, né*”. Quando suspeitaram que Priscila estava grávida, o casal decidiu manter segredo por um tempo, até contar para a mãe dela e, em seguida, realizar o exame confirmatório, na sexta semana de gestação. Quando questionado sobre como se sentiu frente à confirmação, Daniel afirmou ter se sentido feliz: “*Foi bom. Me senti feliz, né*”.

A reação de Priscila à gestação foi, de acordo com Daniel, de felicidade: “*Ela ficou bem feliz*”. Apesar de ficar em dúvida sobre se Priscila pensava ou não em ser mãe neste momento, percebia que ela era muito apegada às crianças da família, e que por isso gostou de saber que também seria mãe: “*Não sei se pensava [em ter filhos neste momento], eu sei que, é que como o primo dela e a prima dela tiveram filho, né, teve dois casal lá no meio que teve*

filho e aí... Como ela gosta de criança e eu também gosto, né, e tudo se apegando com as crianças, aí, sei lá”.

Já a reação da mãe de Daniel, na percepção dele, foi “*tranqüila*”, sem desespero: “*Eu acho que ela reagiu tranqüila assim, ficou bem tranqüila. Porque também não tem o que fazer, né? Tem gente que fica aí nervoso, se desespera, mas vai fazer o quê? Depois que fez não adianta, né?*”. Ao falar sobre a reação da mãe, Daniel mencionou que ela riu e lhe disse que agora então ele teria que trabalhar: “*Ela começou a rir e eu ‘É sério’, daí ela ‘Que bom!’.* *Foi difícil de acreditar na hora, mas daí depois ela riu, mas ela falou ‘Vai ter que trabalhar agora, né?’*”

O pai ficou sabendo da notícia neste mesmo momento, e reagiu de forma semelhante à mãe, também ressaltando que o filho teria que começar a trabalhar: “*Ele tava em casa também quanto eu falei pra mãe que ela ia ser vovó. Aí ele tava na cozinha, aí ele veio pro quarto, né, ‘Que história é essa?’ e eu, ‘Ué, é verdade!’ [risos]. ‘É, então vai ter que trabalhar agora!’, ele falou [risos]*”.

Analisados conjuntamente, os relatos de Daniel demonstraram que, de modo geral, a sua própria reação, da companheira e de seus pais foi de aparente tranqüilidade frente à notícia da gestação, apesar de esta não ter sido planejada. Por outro lado, desde este momento inicial, já se mostrou presente, através da fala dos seus pais, uma das preocupações que acompanharia Daniel ao longo dos outros dois momentos em que foi entrevistado: a de que Daniel trabalhasse para ter condições de sustentar sua nova família.

Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai

Na entrevista da gestação, Daniel referiu ter se sentido feliz desde o momento em que soube da gravidez de Priscila. Já neste primeiro momento em que foi entrevistado, no terceiro trimestre de gestação, apontou as mudanças ocorridas em sua vida com o advento da gestação: “*É, mudou bastante, né? Um filho, tudo....*”. Além de continuar estudando, Daniel tinha começado a trabalhar: “*De manhã eu trabalho, né, e de tarde eu vou pra escola, aí de noite eu vou pra casa e aí eu fico em casa com ela [Priscila]*”. De acordo com ele, o trabalho já era algo que estava em seus planos mesmo antes de Priscila engravidar, pois já estava inscrito para um estágio na área de informática há bastante tempo: “*Eu estudava, pretendia terminar os estudos e fazer uma faculdade, né, fazer uma faculdade e arranjar um serviço, mas eu já pensava em arranjar um serviço, porque eu já tinha me inscrito antes da Priscila engravidar. Eu acho que um ano e meio antes dela engravidar*”. Entretanto, assim que soube da gravidez, mesmo antes de ser chamado para o estágio, Daniel passou a trabalhar vendendo

churrasquinho junto com o sogro: “É, na real o meu sogro ia vender [churrasquinho], né? Só que ele comprou uma carrocinha pra ele vender, só que como a Priscila engravidou e ele deu pra mim. Aí eu comecei a vender churrasquinho”.

Daniel relatou que seus planos em relação ao futuro continuavam os mesmos, mas que, em função da gestação, alguns tinham sido antecipados: “Agora eu comprei os material, final de semana passado, pra começar a construir a casa já. Só adiantou a construção”. Neste período também ressaltou que terminar os estudos e fazer uma faculdade era algo que estava em seus planos, em especial em função da chegada da filha, para dar-lhe boas condições de vida: “Arranjar um serviço melhor e fazer a faculdade pra também poder dar um futuro bom pra minha filha, né?”.

Ao falar sobre como imaginava que seria como pai após o nascimento de Luiza, Daniel mencionou acreditar que seria uma experiência legal para ele, em função de sua afinidade por crianças: “Vai ser bem legal. É que eu gosto bastante de criança, né, e ter uma criança em casa é bom”. Além disso, Daniel pontuou acreditar que seria um pai do tipo “bobo”, que não sairia de perto da filha: “Bobo! Eu vou ficar em cima o tempo todo, na volta, ficar com ela no colo, o tempo todo brincando”. No entanto, achava que também passaria por algumas dificuldades, especialmente referentes às questões financeiras: “O lado bom é que tem uma criança junto, mas têm as dificuldades também, que o meu salário é pouco, né”?

Quando questionado, durante a gestação, Daniel mencionou não possuir quaisquer modelos de paternidade, tanto a serem seguidos, quanto evitados.

Já em relação às representações acerca da paternidade na entrevista dos três meses, segundo momento em que foi entrevistado, Daniel contou que, embora não estivesse presente na hora do parto, sentiu-se muito feliz no momento em que viu a filha pela primeira vez. Em relação aos primeiros dias de convivência com a filha, Daniel mencionou ter tido algumas dificuldades para se adaptar, em função de não estar acostumado a lidar com crianças: “Os primeiros dias, assim, tinha uma dificuldade, né, não era acostumado, assim, que nem lá em casa não tem criança. Não é acostumado, tudo muda, né? É bem diferente, os cuidados, que nem a casa é movimentada, assim, aí não fazer muito barulho pra não incomodar ela, né”? Entretanto, naquele momento, já se considerava mais adaptado em seu papel de pai: “No começo, assim, era meio estranho, né, não era acostumado ainda, mas agora já tô acostumado é bem tranquilo. Já sei todas as manhas dela”.

Daniel, neste período, relatou que a paternidade o fazia sentir-se mais responsável, relacionando tal responsabilidade ao fato de trabalhar para poder sustentar a filha: “Mais responsável em tudo. Tem que trabalhar, né, sustentar ela”. Ademais, relatou que a

paternidade estava sendo uma experiência melhor do que ele havia imaginado: *“Eu não imaginava que ia ser assim, tão bom”*. Daniel percebia-se como um pai próximo da família, que estava sempre junto da filha: *“Todo mundo fala que achava que eu não ia ser assim tão próximo assim, sempre junto, né, qualquer coisinha eu tô junto, que nem o serviço, esses dias que ela [filha] esteve no hospital, eu não fui trabalhar. Daí eu dei atestado lá, tudo, né. E aí, esses dias minha sogra tava falando, né, também que eu tô sempre junto”*. Daniel acreditava que a sua postura enquanto pai era algo que surpreendia as pessoas a sua volta, pois, diferentemente de outros pais, que *“largaram”* a menina após a gravidez, ele tinha não só assumido a gestação, mas também era bastante presente: *“Eu acho que eles achavam, né, que eu não ia assumir, assim, por causa que a maioria do pessoal quando engravida a guria, larga, né. Aí, decerto eles pensavam ‘Esse também’”*.

Diferentemente de quando foi entrevistado na gestação, neste período Daniel relatou que seu modelo de paternidade era proveniente de seus próprios pais, enfatizando o modo como lidavam com ele naqueles momentos em que ele era mais *“arteiro”*, sem bater, mas lhe restringindo certas atividades das quais gostava: *“Quando eu aprontava, meu pai e minha mãe nunca me bateram, né, eles sempre me deixavam de castigo. E eu ficava às vezes uma semana, um dia, tanto faz, né, um mês. Daí eles me cortavam, aí eu já sabia que agora não podia fazer mais, né, pra depois não me cortarem videogame, rua. (...) Eu acho que vai ser igual [o jeito que ele próprio irá cuidar da filha]”*. Por outro lado, Daniel também fez menção aos modelos de pai que considerava negativos, referindo-se, mais especificamente, ao seu concunhado, em função do pouco interesse em ficar com o filho e do jeito de ele lidar com a criança: *“Ele [concunhado] tem um filho com outra mulher, né. Aí, ele briga com a outra mulher pra não pegar a criança. Assim, ele não gosta de ficar com o filho, né. E quando fica com o filho, só grita com o guri, xinga. (...) Sei lá, é meio louco da cabeça”*.

Durante a entrevista dos doze meses, foram identificadas poucas referências de Daniel em relação as suas representações sobre a paternidade. Da mesma forma que relatou na entrevista dos três meses, Daniel referiu que a paternidade o fazia sentir-se cada vez mais responsável: *“Cada vez vai ficando mais responsável, né?”*. Como pai, achava que fazia o *“possível”*, procurando estar presente na vida da filha.

Seus modelos de paternidade neste período continuavam sendo seus próprios pais, por estarem sempre presentes e disponíveis para ajudar. Ademais, considerava que costumava *“mimar”* a filha tanto quanto seus pais o mimaram a vida toda, por ser filho único, assim como Luiza ainda o era. Do mesmo modo, lembrou-se novamente do concunhado ao falar sobre modelos negativos de pai. O desinteresse deste pai pelo filho e o modo negativo de lidar

com ele foram as razões expressas por Daniel para considerá-lo um mau exemplo de pai: *“Tem o marido da irmã dela [Priscila]. Só que ele tem um filho com outra mulher. Só que ele não vê a criança, quando ele pega a criança, ele só judia. Aí eu tenho pena do gurizinho, quando ele vai falar eu até, aí eu pego o gurizinho e vou brincar com ele, jogar bola no pátio (...) Ele nem gosta de pegar a criança. Não sei se é porque são separados os pais, né, não sei se isso influencia, mas ficam os dois brigando, um empurrando a criança um pro outro”*.

Analisados em conjunto, os relatos de Daniel sobre suas representações em relação à paternidade e a si mesmo como pai demonstraram que ele pareceu ter sentido certa dificuldade inicial em se adaptar ao papel de pai após o nascimento da filha. Aquela expectativa, na gestação, de que a paternidade seria algo bom, por sua afinidade com crianças, acabou por mostrar, na concretude da convivência com a filha, que sua anterior afinidade com crianças não lhe deixara preparado para a realidade de cuidar de uma criança pequena.

Os relatos de Daniel acerca dos modelos de paternidade, em especial aquele considerado negativo, pareceram funcionar como um parâmetro para o pai que ele mesmo procurava ser. Nesse sentido, de forma oposta ao modelo negativo de pai ausente e desinteressado, Daniel dizia ser um pai bastante presente na vida da filha, de forma a surpreender positivamente não apenas a si mesmo, mas também as pessoas a sua volta.

Assim como foi mencionado na categoria anterior, os relatos de Daniel acerca de suas representações sobre paternidade mostraram novamente a concepção de que, para ele, ser pai estava relacionado à possibilidade de trabalhar para, desta forma, ser capaz de sustentar sua nova família. Nesse sentido, o que antes apareceu como uma preocupação de seus pais, quando da notícia da gestação, agora se fazia presente na fala de Daniel como algo intrínseco à responsabilidade de ser pai.

Representações do pai acerca da filha

Na entrevista da gestação, Daniel não fez qualquer menção a como acreditava que a filha seria, mas apenas imaginava que teria uma relação *“legal”* com ela. Neste período ele falou sobre a sua emoção em presenciar as ecografias e poder escutar o coração da filha: *“Emocionado. O coração tava batendo assim...”*. No entanto, ao explicar o motivo pelo qual escolheu o nome da filha, Daniel expôs suas possíveis expectativas sobre como a filha seria: *“É que eu acho bonito [o nome que escolheu], né? E tem uma guriuzinha, a guria que trabalha com a irmã dela [Priscila] tem uma filha que se chama Luíza e ela é pessoa mais linda, né? É menininha também”*.

Na entrevista dos três meses, Daniel falou sobre as suas impressões em relação ao primeiro contato com a filha “pequeninha”, ainda no hospital, logo após o nascimento: *“Bem cabeludinha, bem pequeninha [risos]. (...) Eu fiquei assim prestando atenção nela, né. Tinha curiosidade pra saber como ela era, tudo, assim. Ela bem pequeninha ali”*. Em outro momento, falou ainda sobre a percepção de que a filha, logo após o nascimento, lhe pareceu “frágil”: *“Ela era muito frágil, era muito pequeninha”*.

Daniel, no período em que foi entrevistado, considerava a filha como uma criança tranqüila apesar de, naquele momento, estar um pouco “nervosa” em função dos dentes estarem começando a aparecer: *“Ela é bem quietinha, assim, bem calma. Agora que ela tá mais nervosa, assim, que tá nascendo os dentes, ela dá uns faniquitos nela”*. Neste período, Daniel considerava que fisicamente a filha se parecia muito com sua mãe, apesar de, segundo ele, algumas pessoas dizerem que ela tinha alguns de seus traços: *“Eu acho ela parecida com a minha mãe, fisicamente. Os olhos, assim, todo o mundo diz que os olhos são meus, mas eu acho assim parecidos com os da minha mãe. É, ela até dá os ares da minha mãe, assim, o jeito dela”*. Ele percebia ainda que a filha era considerada a “xodó” da família, em especial por, assim como ele, ser filha única do casal e, conseqüentemente, única neta dos avós paternos: *“Que nem eu sou filho único, né?”*

Chamou a atenção o entusiasmo com que Daniel falou sobre a filha, surpreso com o crescimento e o desenvolvimento dela: *“Bah, ela cresceu muito rápido! Nem dá pra notar, assim, quando tu vê já tá grande. Parece que foi ontem que ela nasceu e ela tá muito esperta (...) Ela cresceu, assim, de uma forma que esses dias a Priscila pegou as roupinhas dela, a primeira roupinha que ela colocou, né, muito pequeninha... a maioria não serve mais”*. Ele percebia ainda que a filha era capaz de realizar cada vez mais coisas novas a cada dia, como imitar pequenos sons que ele fazia na frente dela, ‘responder’ às suas conversas. Momentos frente aos quais ele considerava bom poder estar presente: *“Eu acho bonito, né. Cada dia ela descobre uma coisa, cada dia ela tá mais esperta. Ela, um dia que passa ela tá fazendo uma coisa diferente a cada dia. Por isso que é bom tá sempre presente, pra não perder os momentos dela”*. De acordo com Daniel, a filha também era bastante sorridente, tanto que ele acreditava que já no primeiro dia de vida a filha havia dado um “sorrizinho”: *“No primeiro dia ela já deu um sorrizinho, né. Dava um sorriso, assim. Com dois meses ela tava, não parava de rir. Até agora ela é assim, sorridente o tempo todo”*.

De forma semelhante, Daniel percebia que Luiza já tinha algumas “preferências”, mesmo sendo tão pequena. Uma destas era distrair-se em frente à TV, algo que ele relacionava com o fato de Priscila ter assistido muita TV e jogado muito *vídeogame* durante a

gestação: *“Que nem criança quando nasce, só dorme, dorme. Ela dormia um pouco assim quando tava acordada gostava de ficar olhando TV, bem aplicada. Ela gosta de TV que Deus o livre! A Priscila olhava tanta novela, jogava tanto videogame que ela gosta de ficar na frente da TV olhando [risos]. Ela fica, assim ó, impressionada com a TV. Se ela tá, assim, meio enjoadinha, chorando, te levanta com ela e fica na frente da TV, ela pára. Ou então põe ela deitada, assim, na frente da TV, ela fica bem quietinha”*. Daniel falou ainda, animado, sobre outros momentos em que ficava observando a filha, analisando suas reações aos brinquedos e às atividades dele e de Priscila: *“Tem no berço dela uns bichinhos, assim, pendurados, né e tem um que puxa e dá uma musiquinha, né. Tu põe pra tocar aquilo lá, ela fica batendo as pernas, bem excitada [risos]. Aí tem uma bonequinha, né, uma bonequinha com bordado o nome dela, tudo. E ela dorme e fica pegando a boneca o tempo todo. (...) Se a gente tá com ela no colo comendo, ela quer se avançar na comida. Ela quer comer já”!*

Durante a entrevista dos doze meses Daniel falou sobre o quanto tinham que ficar atentos à filha por ela já estar caminhando e querendo mexer em tudo: *“Tem que tá sempre cuidando. E o telefone fica numa mesa assim, e ela vai e pega o telefone”*. Percebia que a filha estava cada vez mais habilidosa e “firme” em sua capacidade de caminhar: *“Ela cai, assim, de vez em quando, assim, agora ela não tá mais caindo tanto. Ela cai mais, assim, quando é em degrau, como lá em casa não tem ela não cai muito, porque agora ela já tá bem firme, tá caminhando normal mesmo. Até corre já”*.

Neste período, Daniel considerava que Luiza fisicamente estava muito parecida com uma prima sua a qual, por sua vez, considerava parecida com ele: *“Eu acho que ela é parecida com uma prima minha. A minha prima quando era pequena era igualzinha, né. Que a minha prima também é magra, é espichada, né, é que nem eu. E eu também, no caso, eu sou parecido com meu primo também, que é irmão dela”*. Por outro lado, no que dizia respeito ao temperamento, Daniel a considerava com o jeito de sua própria mãe: *“[É parecida] Com a minha mãe [risos]. Que ela é muito... ela é braba assim, ela é exigente. Se tu não der uma coisa pra ela, ela mas! Ela não descansa até tu dar aquilo ali pra ela”*. De acordo com Daniel, esta visão era compartilhada por seu pai, que costumava chamar Luiza pelo nome da avó cada vez que via a neta brava: *“O meu pai também fala, quando meu pai vê ela braba ele fala ‘Olha a [avó paterna] aí, ó!’ [risos]”*.

Mais do que falar sobre o desenvolvimento e o crescimento de Luiza, foi justamente em relação ao temperamento da filha que Daniel fez mais referências neste período. Ele disse que não imaginava que a filha pudesse ser assim tão braba: *“Eu não imaginava isso, assim, o temperamento dela, né, mas ela é muito braba. Que nem ela pega qualquer coisinha ela quer*

botar na boca, se tu tirar dela, tu vai ter que entreter ela com outra coisa, né, pra tirar dela, senão tu não tira dela". Além disso, Daniel referia estar tendo certa dificuldade para lidar com o jeito teimoso da filha: *"Ela é teimosa! Se tu fala que não, aí sim ela quer ir. Mas é aquilo, né, a gente enterte com outra coisa, assim. Ela quer uma coisa que não pode pegar, não pode fazer, a gente tem que entreter ela com outra"*. Entretanto, percebia que nem sempre isto era possível, visto que a filha era uma criança difícil de "enganar": *"Que nem a gente às vezes bota o DVD pra ela olhar, pra disfarçar e ela não quer. Aí ela bate a perna e 'não', não tem como enganar [risos]"*.

Analisados conjuntamente, os relatos de Daniel em relação às suas representações sobre a filha mostraram que a dificuldade inicial, ainda na gestação, de falar sobre suas expectativas ou fantasias sobre como a filha seria após o nascimento, transformou-se em admiração e surpresa ao assisti-la em seu desenvolvimento e crescimento. No entanto, da mesma forma em que, aos três meses, Daniel falou com entusiasmo das novas habilidades da filha, aos doze meses, predominaram as falas relativas ao seu temperamento difícil. Chamou a atenção que este temperamento bravo e exigente da filha foi associado por Daniel e uma característica de sua própria mãe, percepção que parecia compartilhada por seu próprio pai, que chamava a neta pelo nome da avó paterna cada vez que esta demonstrava sua 'brabeza'.

Representações do pai acerca da companheira como mãe

Durante a entrevista da gestação, embora Daniel não confirmasse que a gestação tivesse sido um plano para Priscila neste momento de sua vida, percebia que ela estava feliz: *"Tá sendo bom porque ela gosta, né? Desde o começo ela tá bem feliz e tudo. Tá sendo uma experiência boa"*. Daniel também acreditava que a gestação não havia gerado grandes mudanças na vida de Priscila, que seguia com seus estudos neste período: *"Olha, mudar assim, eu acho que não, não mudou... Só o endereço que vai mudar [risos]. Mas acho que não mudou muita coisa, porque o colégio, nem o colégio ela não parou de estudar, né? Por causa que tem a licença e tudo, né, e daí ano que vem ela volta, pro terceiro ano"*. Da mesma forma, para ele, nem mesmo o corpo da companheira havia apresentado mudanças tão significativas, pelo fato de ela ser "fofinha" mesmo antes da gravidez: *"Porque mudança, mudança não teve, foi só a barriga que espichou. Porque engordar, engordar ela não engordou tanto, tanto, tanto... porque ela já era meio fofinha, né? Aí não mudou muita coisa e depois também volta tudo, né?"*. Entretanto, percebia que a gravidez tinha deixado a companheira mais "manhosa": *"Ah, é que ela fica muito manhosa. Ela sempre foi, mas agora com a gravidez ficou mais"*.

Na entrevista dos três meses, Daniel referiu que Priscila continuava a mesma pessoa tranqüila como era antes do nascimento de Luiza. Percebia apenas que, com a chegada da filha, ela estava feliz e mais “responsável”: “Ela tá, assim, mais responsável, né, mas ela tá bem feliz”. Para ele, Priscila estava gostando bastante de ser mãe e ele considerava que ela estava exercendo bem este novo papel: “Ela tá gostando bastante. (...) É uma boa mãe”. Daniel considerava que ele e a companheira tinham um jeito muito parecido de lidar com a filha, de estar o tempo todo brincando e interagindo com ela: “É o mesmo jeito [dele próprio], brincando o tempo todo. Fica o tempo que tá com ela no colo, ela fica brincando no mamar. (...) Ela cuida assim que nem eu, né, o tempo todo fica brincando ali com ela”.

Na entrevista dos doze meses Daniel novamente falou da companheira como uma mãe responsável, e também cuidadosa: “Ah, ela é bem responsável. Ela mudou totalmente, né, o jeito, assim. Sei lá, ela tá sempre cuidando da Luiza, onde a Luiza tá, ela tá de olho, tá cuidando. Uma boa mãe”.

Ao examinar conjuntamente os relatos de Daniel em relação às representações acerca de Priscila como mãe, pôde-se constatar que ele fez muito poucas referências à Priscila como mãe ao longo dos três momentos em que foi entrevistado. Entretanto, os poucos relatos denotaram uma percepção de que, na visão dele, a maternidade estava sendo uma experiência bastante tranqüila para Priscila. Mais do que isso, ele a via como uma boa mãe, que cuidava da filha e que gostava de ser mãe. Chamou a atenção que, durante a gravidez, os relatos de Daniel apontaram a expectativa de que as mudanças ocorridas com Priscila durante a gravidez, como em relação ao corpo e aos estudos, fossem facilmente passíveis de reversão ao longo do tempo, algo que, na visão de Daniel, parecia minimizar as possíveis repercussões da gestação na vida dela.

Representações do pai acerca de seus próprios pais

Ao falar, durante a entrevista da gestação, sobre sua mãe, Daniel referiu ter uma boa relação com ela, e não percebeu mudanças neste sentido com o advento da gestação: *Minha mãe sempre me dei bem e tudo. Não mudou a relação com a minha mãe. A gente se dá bem, conversa e tudo, a gente não briga*. Foi da mãe que Daniel lembrou ao falar sobre a quem recorria em situações de dificuldade, momentos em que ela lhe ajudava, lhe dava conselhos: *“Me dava conselho, me ajudava”*. Embora estivesse vivendo na casa de Priscila, o contato de Daniel com a mãe continuava sendo diário: *“Eu vou todo dia na casa da minha mãe”*. Ele apenas disse, aos risos, não gostar nos momentos que a mãe o ‘xingava’: *“É, só quando ela me xinga que não é bom [risos]”*. Ao falar sobre a sua infância, Daniel lembrou que a mãe

sempre foi muito presente, que participava de suas brincadeiras, e que era legal com ele: *“Ela era bem legal. Quando eu jogava videogame, tudo, quando ela ficava em casa também comigo jogando videogame e tudo, ela tava sempre comigo, me acompanhando”*.

Além da mãe, Daniel relatou que também tinha uma boa relação com o pai, apesar de ele ser uma pessoa um pouco *“ranzinza”* nos momentos em que estava preocupado com questões de trabalho: *“Com o meu pai me dou tri bem. Só que ele é meio ranzinza assim, sabe, por causa do serviço, quando ele tá meio atucanado por causa do serviço, que é muito serviço, né? Mas a gente se dá tri bem, tranqüilo”*. O pai foi referido como a pessoa mais próxima dele, de quem estava sempre junto: *“A minha mãe diz que eu sou puxa-saco do meu pai, né? Porque sempre aonde ele ia eu ia junto, tudo. Passo sempre junto com ele”*. Daniel lembrou-se do pai como uma pessoa bastante presente, desde a sua infância: *“Ah, ele participava bastante, ele jogava bola também comigo e tudo”*. E jogar bola era uma atividade da infância que ele e o pai ainda realizavam, por mais que houvesse desentendimentos entre eles durante esta atividade: *“Apesar de a gente estar sempre brigando [risos], a gente joga”*.

Tanto o pai como a mãe eram percebidos por Daniel como pessoas com as quais ele podia contar sempre: *“Ah, ela [avó paterna] me dá bastante apoio, né? E o que eu precisar, eu posso contar com ela, tudo, com o meu pai”*. Os pais foram mencionados como pessoas que estavam fornecendo um apoio material muito importante neste momento da gestação. Além de contribuir comprando fraldas, roupas e presentes para a filha, o pai também estava ajudando a comprar os materiais para a construção da futura casa de Daniel e Priscila, que seria erguida no terreno dos fundos da casa dos pais dele: *“Agora a gente, eu e ele vamos construir a minha casa lá, né? Final de semana agora, a gente já começou. (...) Ele [avô paterno] sempre me dá apoio, né? Que nem na casa ali agora, ele disse que vai me apoiar, tudo. Ele me ajuda a comprar os material e disse que vai me ajudar a construir a casa”*.

Durante a entrevista dos três meses, Daniel seguiu enfatizando a proximidade que ele tinha com seus pais, mesmo não morando junto com eles. O contato com os pais seguia sendo diário, situação que era facilitada pela proximidade das residências: *“Todos os dias eles [avós paternos] vão lá em casa. E final de semana que a gente vai mais pra lá, né, por causa que dia de semana a gente nem vai muito”*. Daniel, neste período, ainda mantinha o hábito de jogar futebol na companhia do pai, com quem dizia se dar bem: *“A gente se dá bem. A gente joga futebol juntos também, né, sempre juntos”*. Ademais, o pai seguia lhe ajudando com a construção da casa. Ele percebia que a família, que já era bastante próxima antes da gravidez, ficou ainda mais unida e feliz após o nascimento de Luiza: *“Está mais próxima [relação dele com a família]. Todo mundo bem feliz, assim, sempre juntos, sempre presentes”*.

Em alguns momentos durante a entrevista, Daniel fez menção aos conselhos que seus pais lhe davam em relação aos cuidados com a filha e, em especial, aos estudos. Em relação aos cuidados com a filha, Daniel relatou que os pais lhe davam conselhos sobre o modo de segurá-la: *“Ah, eles me falam ‘Ah, não pega a guria desse jeito, não faz assim’”*. É importante ressaltar que, ao falar sobre sua percepção em relação ao modo como outras pessoas cuidavam de Luiza, Daniel mencionou justamente que procurava alertá-las sobre o jeito como estavam segurando-a, o qual muitas vezes considerava inadequado: *“Que nem quando ela era pequena tinha gente que pegava de pé, assim, e eu falava ‘Não pega assim que ela é muito pequena ainda’”*. Além destes conselhos, Daniel mencionou que os pais estavam preocupados com o fato de ele ter interrompido os estudos naquele ano: *“Eles dizem pra mim estudar. Eles me xingaram bastante pra mim, no caso, voltar a estudar, né, mas aí não dá mais. Aí eu ‘Não, ano que vem eu volto’”*.

Na entrevista dos doze meses Daniel relatou que continuava tendo um contato muito próximo com seus pais, que seguiam indo visitá-los quase todos os dias, depois que chegavam do serviço. Ademais, eles seguiam auxiliando Daniel em vários aspectos. A mãe ajudava comprando fraldas, leite e outras coisas que Luiza necessitava. Já o pai continuava ajudando na construção da casa: *“Que nem agora ele [avô paterno] comprou, pra fazer as vigas em cima, ele comprou os ferros pra mim, né? E ele faz a casa, né, a mão-de-obra é tudo ele que faz”*. Os pais também costumavam dar conselhos para Daniel sendo que o principal, assim como foi relatado aos três meses, era para que ele terminasse os estudos. Além disso, Daniel tinha em seus planos fazer concurso para ser bombeiro. Tal plano surgiu justamente a partir de um conselho do pai: *“Os meus pais eles dizem, sempre eles falam pra mim que eu tenho que terminar os estudos, né, sempre os estudos. Que eles querem que eu termine os estudos, que nem o meu pai me falou esse negócio pra eu fazer o concurso [para ser bombeiro]”*.

Daniel percebia que seus pais tinham uma relação muito boa com Luiza, e que estavam sendo avós bastante presentes na vida dela: *“Todo dia, depois do serviço, de noite, eles [avós paternos] vão lá em casa. (...) E ela [filha] também, quando minha mãe e o meu pai chegam na porta ela fica bem faceira, vai correndo com eles, e quando eles vão embora ela quer ir junto. [risos]. Ela gosta bastante deles. Que nem o meu pai, às vezes o meu pai sai mais cedo do serviço, ele vai lá de tarde, lá em casa. Aí, ele chega lá, mas Deus o livre, ela fica bem faceira, dá pulos de alegria”!*

Neste período, ao falar sobre o modo como seus pais lhe cuidavam quando ele era criança, Daniel referiu que sua família costumava dizer que ele foi sempre uma criança muito mimada por seus pais. Embora não concordasse com a denominação ‘mimado’, acreditava

que, por ser filho único, a atenção de seus pais acabava sendo totalmente voltada para ele: *“Eu acho que não [era mimado]. Mas eu acho que a atenção toda era pra mim, né, porque eu sou filho único e tudo. (...) Eu sempre tive mordomia, tudo o que eu quis, eu sempre tive. Eu, eu acho que é só, não sei. Por que eu sou filho único, né, aí a atenção do meu pai e da minha mãe sempre foram pra mim”*.

Analisados em conjunto, os relatos de Daniel acerca de suas representações sobre seus próprios pais mostraram, desde o período gestacional, que, para ele, seus pais eram pessoas muito presentes em sua vida. Ademais, desde a gestação, os pais procuravam ajudá-lo nos cuidados com a filha, especialmente através de recursos materiais como fraldas e materiais para a construção da casa. Mais do que a presença física e o apoio oferecido pelos pais, Daniel parecia levar em consideração os conselhos que eles lhe davam, especialmente aqueles relativos ao trabalho e ao futuro profissional.

Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência

As representações de Daniel sobre a parentalidade na adolescência foram bastante presentes ao falar sobre este assunto durante a entrevista da gestação. Tal frequência justificase por sua grande convivência com pessoas que se tornaram pais e mães antes dos 19 anos de idade. Na sua família, duas primas tinham sido mães adolescentes e, para cada uma, na sua percepção, a repercussão da gestação aconteceu de forma diferente. Uma das primas era vista por ele como *“revoltada”*, e acabou engravidando quando os pais decidiram autorizar seu namoro: *“Ela era meio revoltada. Ela era assim ó... é que também o pai dela e a mãe dela eram separados e os dois queriam cortar o namoro dela, não deixavam ela namorar. Aí ela ficava revoltada, aí a mãe dela levava ela no colégio e o pai dela vinha buscar. Aí quando eles resolveram deixar, ela engravidou”*. Já para a outra ele acreditava que a experiência estava sendo mais tranqüila, em função de o pai do bebê ser trabalhador e de também pelo fato de o pai dela estar por perto, ajudando: *“Eu acho que ela tá bem assim, por causa que o cara é trabalhador, e o pai dela tá por perto, ajudando também. É, eu acho que ela tá bem”*.

Por outro lado, ele também conhecia uma amiga de Priscila para quem acreditava que as coisas não tinham sido fáceis, especialmente por ela ter se separado do pai do bebê: *“Foi complicado também, por causa que ela tinha um namorado, tudo. Aí quando ela engravidou, o namorado dela se separou dela. Aí ela criou o guri sozinha, né”*? De forma semelhante, Daniel também falou sobre um casal de amigos que teve uma filha e que, no entanto, além de não estarem mais juntos, também estavam em atrito: *“Tem um amigo meu, um ex-casal de amigo nosso, que agora eles não são mais casal, eles são separado. Eu continuo amigo dos*

dois, né? Eles mal se falam. Aí, eles tiveram uma guriazinha também. A guriazinha agora já tem 2 anos, a guria tinha 14 anos. (...) Pra eles não foi, o choque não foi pra eles [ter filho com esta idade], foi mais é pros pais dela porque ela era muito nova e tudo e o pai dela não gostava desse meu amigo”.

Durante a entrevista dos três meses, ao falar sobre este tema, Daniel mencionou perceber que o fato de ter se tornado pai neste período de sua vida, em que ainda era adolescente, tinha feito com que alguns de seus planos para o futuro fossem adiados, embora pretendesse retomá-los em breve: *“Eu não vou dizer que atrasou, né, mas adiou um pouco muitas coisas. Tipo faculdade que eu queria fazer, eu não vou deixar de fazer, né, mas atrasou um pouco. Mas por mim, aconteceu, aconteceu, né, tá bom. E aí, depois com o tempo eu recupero. Que nem o colégio, esse ano eu parei mas já fiz minha matrícula pra ano que vem voltar”.* Ao falar sobre este assunto, Daniel lembrou que, caso não tivesse deixado os estudos, faltaria apenas um ano para terminar o ensino médio: *“Faltava pouco. Se eu terminasse agora esse ano, se eu tivesse passado, faltava bem pouquinho”.*

Da mesma forma, na entrevista dos doze meses, Daniel seguiu apontando o estudo como o principal aspecto que foi afetado pelo fato de ter sido pai *“cedo”*: *“É, foi um pouco cedo, né, mas... pra mim tá sendo ótimo, né. Mas adiou algumas coisas, né. Eu não me arrependo, né, mas adiou muitas coisas que eu podia... que nem o colégio eu terminaria esse ano. Aí, eu não vou terminar, né. Terminar só ano que vem, se Deus quiser. Aí é isso, mas eu tô tranquilo”.* Ele se disse arrependido por ter deixado os estudos, e lembrou que poderia estar formado caso tivesse permanecido estudando: *“Eu me arrependo de ter parado. Porque, bah, eu teria terminando esse ano, né. Agora no final do ano eu estaria me formando, estaria no terceiro já. Podia tá formado já, só que daí eu parei, né”?*

Examinadas conjuntamente, as falas de Daniel revelaram que, para ele, uma das eventuais repercussões negativas da parentalidade na adolescência aconteceria naqueles casos em que o pai se mostrava ausente ou, mais ainda, em que pai e mãe estivessem em atrito. Por outro lado, após o nascimento a filha, ao falar sobre a sua própria experiência de ser pai na adolescência, Daniel trouxe à tona as repercussões que estavam acontecendo em sua própria vida, em especial relativas aos estudos. Ficou claro, ao falar sobre este assunto, que Daniel lamentava ter interrompido os estudos, apesar de negar qualquer arrependimento relativo à paternidade. Mais do que isso, tais sentimentos parecem ter se intensificado ao longo do tempo e, talvez, ao perceber que estava cada vez mais difícil retomar suas atividades escolares da forma como havia planejado.

Representações da mãe acerca do companheiro como pai

Durante a entrevista da gestação, Priscila falou de forma bastante positiva sobre a reação de Daniel ao saber que seria pai: *“Quando a gente ligou lá pra saber o resultado, porque foi ele que falou com o cara lá da clínica, né, foi ele que falou com ele e perguntou qual era o resultado. Daí, bah, ele ficou todo faceiro, né, começou a rir e daí eu ‘O que houve, o que houve?’, aí ele ‘ah, depois eu digo’ e me abraçou, ficou todo faceiro”*. Priscila percebia também que Daniel, já estava bastante ansioso para a chegada de Luiza, para poder ver seu rosto, pegá-la no colo: *“Ah, ele tá tri ansioso! Ele me fala todo dia ‘Ai, como é que será que vai ser a carinha dela? Ai, ela deve ser linda. Ai, to louco que nasça duma vez pra mim pegar no colo’”*.

Priscila relatou que inicialmente havia ficado preocupada com a repercussão da gestação sobre a vida de Daniel, que considerava *“desleixado”* com seus estudos. Porém, naquele momento, considerava que a atitude dele estava sendo diferente daquela que ela temia: *“Ele é meio desleixado com os estudo, eu pensava ‘meu Deus, agora sim, né, vai desleixar total dos estudos!’*. Mas não, ele tá trabalhando, tá estudando direitinho”. Ademais, percebia que ele tinha mudado também o seu jeito mais *“agitado”* de ser, e agora estava mais calmo, mais caseiro: *“Antes ele era bem, bem mais agitado assim, sabe? Mas agora ele tá bem calmo e tá mais caseiro assim, sabe? Antes ele saia pra jogar futebol com os amigos dele a qualquer hora. Agora não, esses dias os guris foram convidar ele, foi sábado, foram convidar ele pra jogar das dez às onze, e ele ‘Não, não. Não quero ir’*. Agora ele tá bem mais caseiro, sabe”?

Na entrevista dos três meses Priscila relatou que Daniel estava se saindo um pai bastante companheiro, que estava surpreendendo a todos. Ao falar sobre o jeito de Daniel como pai, Priscila fez menção aos comentários que a mãe dela fazia sobre ele: *“Ele é bem companheiro. Esses dias tava conversando eu, a minha mãe e a minha irmã. E a minha irmã tava achando que tava grávida também e a minha mãe disse assim pra ela ‘Ai, então tu já vai te preparando pra ti criar sozinha o teu filho, porque se tu acha que o [marido da irmã] vai ser que nem o Daniel, daí tu já tá bem enganada. O Daniel é um companheirão, ele nem parece que tem a idade que tem’”*. Priscila reconhecia o esforço de Daniel para conseguir dar as coisas para a filha, e o via como um *“trabalhador”*: *“Ele faz de tudo pra agradar e ele é bem trabalhador assim, sabe? Ele tá louco que a nossa casa fique pronta duma vez pra ele fazer um quarto bem lindo pra ela, como ele tanto quer. Quarto de princesa ele diz”*. Entretanto, ao contrário de como parecia pensar a mãe de Priscila, ela própria disse nunca ter

tido dúvidas de que Daniel seria assim, companheiro e trabalhador: “*Na verdade eu já esperava que ia ser o que tá acontecendo, sabe? Eu tinha certeza disso*”.

Para Priscila, havia uma diferença entre papel de pai e de mãe. Para ela, pai não teria tanto a responsabilidade do cuidado, mas sim da brincadeira. Nesse sentido, para ela, Daniel parecia estar se saindo bem em seu papel de pai: “*Ele é bem carinhoso, bem brincalhão com ela. É que nem todos pais, né? [risos]. Porque pai não é aquela coisa de tá ali em cima cuidando e... Pai é mais brincalhão, quer agitar, quer fazer. A mãe não. A mãe que já é mais ‘Não, não faz isso! Cuidado! Vai machucar’*”! Sendo assim, de acordo com aquilo que Priscila esperava de um pai, Daniel, segundo ela, estava se saindo tão bem ou ainda melhor do que ela esperava: “*Eu esperava que ele ia ser bem assim mesmo, e ele tá sendo bem do jeito que eu esperava... Até um pouco melhor*”.

Já na entrevista dos doze meses Priscila apontou uma melhora na postura de Daniel enquanto pai. Para ela, Daniel estava mais paciente com a filha: “*É, agora ele tá melhor [risos]. Agora ele já um pouco mais paciente porque ele pega, ela brinca com ela, tudo...*”. Priscila parecia atribuir esta melhora no jeito de Daniel lidar com a filha em função de ela já estar “*grande*”, visto que, na sua percepção, homens não costumam ter jeito para lidar com bebês: “*É que agora ela [filha] já grande, né, é porque normalmente homem não tem jeito com bebê*”.

Analisados em conjunto, os relatos de Priscila apontaram que Daniel estava sendo um bom pai, melhor do que ela esperava. Priscila demonstrou ter representações diferenciadas do que ela considerava papéis de pai e de mãe e, de acordo com estas representações, parecia considerar que Daniel estava sendo um pai adequado. Chamou a atenção o fato de que, para Priscila, Daniel tinha melhorado sua postura com a filha quando ela estava com doze meses, algo que atribuía à crença de que os pais têm mais jeito para lidar com crianças maiores, e não com bebês.

Prática da paternidade

A prática da paternidade foi investigada a partir dos relatos de Daniel sobre seus comportamentos e atitudes em relação a filha e à companheira na gestação, aos três e aos doze meses de vida. Também foram incluídos os relatos da companheira sobre a prática da paternidade de Daniel nestes três momentos. Conforme já explicado anteriormente, foram consideradas duas categorias de análise. A primeira, *Envolvimento paterno* que inclui as subcategorias, interação, disponibilidade e responsabilidade; e, a segunda, *Exercício da função paterna*

Envolvimento paterno

Durante a entrevista da gestação, Daniel falou brevemente sobre os momentos em que buscava interação com a filha enquanto ela ainda estava na barriga da companheira. Neste período, ele mencionava ter o hábito de passar a mão na barriga de Priscila e de ficar conversando com a filha: *“Fico passando a mão, fazendo carinho. Fico conversando assim, falando com ela [filha]”*. Nesta mesma época, Priscila confirmou que Daniel tinha o hábito de tocar em sua barriga, frente ao que a filha reagia movimentando-se no útero, algo que, de acordo com ela, deixava o companheiro *“faceiro”*. Chamou a atenção que, na percepção de Priscila, a bebê reagia mais ao toque do pai do que ao dela mesma: *“Às vezes eu tô com a mão assim, fico, fico um tempão e ela fica bem quietinha. Mas ele chega perto, assim, e põe a mão e ela começa a pular. Daí ela fica tri... fica bem faceiro, né? Daí eu começo ‘Ai, ela só te reconhece, não me reconhece, porque eu boto a mão ela não mexe pra mim, agora tu põe a mão ela mexe’. Daí ele fica todo faceiro, né”?*

Já na entrevista dos três meses, Daniel fez referência a vários momentos em que interagiu com a filha, através de brincadeiras: *“Chego em casa, fico com ela, né, quando a Priscila não fica, eu fico um tempão assim com ela. Eu fico o tempo todo que eu tô em casa, eu fico brincando com ela”*. E brincar foi a atividade que Daniel relatou mais gostar de realizar com a filha: *“Ah, brincar, né. Ela fica bem faceira, assim, eu fico brincando com ela, eu dou os brinquedinhos pra ela, ela fica bem faceira, fica se rindo o tempo todo”*. Ademais, Daniel percebia que a filha já fazia tentativas de imitá-lo em alguns momentos de interação: *“Ela brinca assim, eu faço ‘Hãn’ pra ela, e ela ‘Hãn’. E fica mais alto, né, enquanto eu vou fazendo, ela vai fazendo, né [risos]. Vai imitando. Vai respondendo, né, conversando”*. Como a filha dormia no quarto deles e, embora tivesse seu próprio berço, costumava dormir na cama dos pais, Daniel contou que a filha tinha o hábito de acordar já procurando brincar e interagir com eles: *“No final de semana, quando eu acordo ela tá do meu lado, assim, ela já se acorda rindo. Ela olha assim, ou então quando tu tá dormindo e ela tá acordada, ela põe a mão assim e começa a apertar o nariz ou a boca, ou então ela começa ‘Hãn, hãn’, a chamar, né”?*

Em relação aos cuidados com a filha, Daniel falou sobre algumas atividades das quais costumava participar, em especial nos primeiros dias, quando Priscila estava se recuperando dos pontos levados no parto, como passar remédio no umbigo da filha: *“O umbigo também, né, tava sempre passando aquele negocinho no umbigo, que eles deram lá no hospital, um álcool”*. Entretanto, sua participação nos cuidados era limitada. Daniel considerava que não tinha muita prática para realizar certas tarefas, que acabava deixando à cargo de Priscila, tais

como dar banho, trocar fralda ou mudar as roupas da filha: *“Eu não tenho muita prática, assim, pra trocar e dar banho eu não tenho... Eu tenho medo assim que, não sei muito bem. (...) Quando tá comigo, o que tem pra fazer eu faço, assim, só não essas coisas muito que eu não levo jeito. Que nem botar a roupa, eu fico um tempão pra botar uma roupa nela [risos]”*. Por esse motivo, nos momentos em que estava com a filha e que se fazia necessário realizar alguma destas atividades, Daniel mencionou que costumava chamar Priscila, para que ela o fizesse. Contudo, apesar de não envolver-se diretamente nestas atividades, costumava estar presente e participar de outra forma, através de brincadeiras e distrações com a filha, ou batendo fotos destes momentos: *“Eu fico junto. Enquanto a Priscila dá banho nela, eu fico brincando com ela”*.

Neste período, Priscila relatou que ela e Daniel costumavam dividir os cuidados da filha: *“É... Mais ou menos a gente divide, né, porque quando eu tenho que fazer alguma coisa ele cuida, né? E se ele tem que fazer alguma coisa também eu fico, não tem problema”*. Entretanto, conforme foi mencionado anteriormente, Priscila acreditava que o papel de um pai estava mais relacionado a brincadeiras e não a cuidados. Nesse sentido, os relatos de Priscila em relação aos cuidados de Daniel com a filha diziam mais respeito a uma postura de cuidado auxiliar ao dela, nos momentos em que se fazia mais necessário, como pode ser visto através deste relato: *“Ela acordava e eu dizia assim ‘Daniel, ela tá cagada, tem que pegar ali as coisas’. E ele se levantava rapidinho já ia pegando a fralda, o trocador, o lencinho, tudo... Aí eu mudava tudo daí dava os negócio pra ele, ele guardava tudo e ia dormir. Isso foi bastante tempo assim. Daí depois que já melhorei dos pontos, que eu já podia me movimentar melhor, aí eu não acordava mais ele”*. Por outro lado, ele falou com entusiasmo sobre os momentos de brincadeira entre pai e filha, e em nenhum momento relatou insatisfação em relação à participação de Daniel nos cuidados da filha: *“Ah, ele brinca... Só ele consegue tirar as maiores gargalhadas dela! [risos]”*.

Na entrevista dos doze meses, Daniel falou novamente sobre as brincadeiras com a filha: *“É que é muito tudo na brincadeira, que nem eu tiro o brinquedo dela, um negócio que é pequeno, qualquer coisa que ela pegue, daí ela ‘tô baba’ [braba]. Daí quando ela fala, não me agüento e começo a rir, né [risos]. Aí, nem tem que fique brabo, porque é tudo na brincadeira, né”*. Brincar continuava sendo a atividade que ele mais gostava de realizar com a filha. Nesse sentido, ele relatou sobre o seu momento preferido, quando brincavam antes de dormir: *“De noite, antes de dormir, ela faz muita bagunça, ela vem e sobe em cima de nós, né, aí, eu pego, fico brincando com ela. Ela sobe assim, eu joga ela pra cima e brinco com ela e ela fica bem faceira”*. Da mesma forma, ele percebia que a filha gostava de brincar mais

com ele do que com Priscila: *“Ela [filha] em questão, assim, de brincadeira, ela gosta de estar mais brincando é comigo né. Ai, em questão, assim, de afeto, de carinho é com a mãe dela”*.

Em relação aos cuidados com a filha, pelos relatos de Daniel, estes pareciam seguir predominantemente à cargo de Priscila. Entretanto, inicialmente, Daniel relatou que não havia uma divisão de tarefas em relação aos cuidados, mas dependia da disponibilidade de quem estivesse com a filha naquele determinado momento: *“É, no caso, assim, a gente não quer que tenha, assim, uma divisão de tarefas pra cuidar dela. É tudo assim, quem tiver ali, faz, né? Aonde ela estiver, estamos cuidando dela”*. No entanto, ao longo de sua fala, ficou claro que sua participação nos cuidados continuava apresentando certas restrições: *“Trocar eu não levo muito jeito, quem troca mais é a Priscila.... É só a Priscila”*.

Já Priscila, neste período, mencionou que *“todas”* as tarefas de cuidado relativas à filha ficavam à cargo dela. No entanto, relatou que Daniel costumava ajudar naqueles momentos em que era solicitado: *“Assim ó, normalmente quem cuida sou eu. Mas quando eu tô, assim, me sobrecarregando demais, quando eu vejo que tô me sobrecarregando eu pego e digo pra ele ‘Não, agora é a tua vez. Vai, dá banho, vai fazer o que tu tem que fazer. Dá comida, faz a mamadeira’. É quando eu tô me cansando mesmo”*!

No que diz respeito à acessibilidade de Daniel, durante a entrevista da gestação ele parecia disponível para participar de algumas atividades concernentes à gravidez, como consultas médicas e, em especial, ecografias. De acordo com Daniel, Priscila já tinha realizado diversas ecografias até aquele momento, e ele havia participado de quase todas. Ademais, neste período, Daniel estava trabalhando apenas no período da manhã enquanto à tarde ia à escola, junto com Priscila, e à noite ficava em casa também na companhia dela.

Priscila, neste mesmo período, confirmou que Daniel havia estado presente em praticamente todas as ecografias já feitas através de clínicas particulares. Apesar da disponibilidade de Daniel para participar destes momentos, Priscila mencionou que no hospital onde estava realizando o pré-natal, não era permitida a presença de Daniel na sala de ecografia. Por outro lado, de forma diferente ao que acontecia em relação à presença de Daniel durante as ecografias, Priscila contou que ele tinha pouca disponibilidade para estar presente nas consultas médicas, em função de estas acontecerem no turno em que ele estava trabalhando: *“Ele acompanhou duas consulta até agora, porque ele não pode ficar faltando o serviço. Ainda mais ficar dando atestado toda hora porque é pior ainda”*.

Na entrevista dos três meses, Daniel relatou que costumava passar bastante tempo com a companheira e a filha, pois realizava um estágio em informática no turno da manhã e, à

tarde, ficava apenas uma hora longe de casa para vender os pastéis na vizinhança. Soma-se a isso o fato de que ele tinha decidido não voltar a estudar naquele ano para ter mais tempo para ficar com a filha e para conseguir manter seu trabalho informal: *“Eu nunca, assim, pensei em parar de estudar, né, eu só esse ano que eu já não tinha mais chance, daí eu pensei assim ‘Ah, eu vou tá indo pro colégio e não vou passar, né’, aí eu perco tempo de ficar com a Luiza, de vender os pastéis também”*. Priscila, por sua vez, também não relatou qualquer desapontamento em relação à disponibilidade de Daniel para estar com a filha. Pelo contrário, parecia considerar adequado o tempo que ele tinha disponível para ficar com Luiza: *“Ele passa assim a tarde com nós, né? Ele... Porque ele trabalha de manhã, né, e ele chega almoça e sai pra vender os negócios e dali um pouquinho ele já volta. Passa uma hora, no máximo duas horas vendendo e já volta. Aí ele já chega e já pega ela. Daí ele fica quase esse tempo todo com ela”*.

Durante a entrevista dos doze meses, a dimensão acessibilidade trouxe relatos importantes. Neste período Daniel falou sobre a sua decisão de parar de estudar, a qual foi motivada justamente pelo pouco tempo que tinha disponível para ficar com a filha, em função da conciliação entre estudos e trabalho: *“Esse ano, né, eu fui começar a estudar, aí eu tava estudando de noite e trabalhando de dia [no estacionamento de um supermercado]. Só que no [trabalho] a gente fazia muita hora extra, ficava um pouco mais, né, aí, muitas vezes eu chegava atrasado no colégio. E daí, eu ia direto pro colégio, chegava em casa à meia-noite eu nem via ela, eu saía sete horas da manhã e voltava meia-noite, ela já tava dormindo. Eu nem tava vendo ela. Aí, eu resolvi parar, né”? Mais do que isso, ele percebia que não estava sendo possível, com tal rotina, acompanhar o crescimento da filha, o que foi determinante em sua decisão de parar os estudos: *“Eu ficava longe dela, eu não tava vendo ela crescer. Por causa que cada dia que passa é uma coisa diferente que ela faz, assim, né. É um momento que a gente não pode perder, né? E aí eu preferi passar mais com ela. Daí eu... ‘Não, vou parar de estudar’, né”? Desta forma, no período em que foi entrevistado, dizia passar pouco tempo longe da filha: *“Quando eu jogo futebol [risos] e quando eu vou vender os pastel [períodos em que ficava longe da filha]”*.**

De forma semelhante, Priscila também falou sobre o pouco tempo que Daniel dispunha para estar com a filha. Entretanto, atribuía esta pouca disponibilidade não aos estudos, mas ao trabalho anterior de Daniel, que lhe tomava inclusive os finais de semana. Ela percebia que este distanciamento estava tendo repercussões no relacionamento dele com a filha: *“E agora o Daniel tava trabalhando fora, né, e não tava passando muito tempo com ela [filha]. Aí ela não tava mais querendo ir com ele. Ele chegava em casa e ia brincar com ela,*

ela não queria. Queria ficar só comigo. Daí agora ele não tá mais trabalhando fora. Porque ele trabalhava feriado, final de semana, tudo, né, e ela tava perdendo contato com ele. E aí ela não queria mais ir com ele, no colo, nem nada. Agora ele trabalha em casa, né, e ela já tá mais apegada com ele”.

No que diz respeito à dimensão responsabilidade, esta foi identificada, na entrevista da gestação, através dos relatos de Daniel quanto a sua preocupação em conseguir um emprego. Daniel também mencionava grande preocupação sobre se poderia ou não estar presente durante o parto, por ser “*de menor*”: “*Por eu ser menor, eu pensei que eu não poderia ver, né? Mas daí eu pensei ‘Se ela é de menor que nem eu, por que eu não posso ver’*”? Além destas, referia não ter outras grandes preocupações, a não a de que a filha nascesse “*com bastante saúde*”. De forma semelhante, Priscila percebia que a grande preocupação de Daniel neste período era quanto à possibilidade de estar presente no parto: “*A única preocupação dele até agora é se ele vai poder assistir ou não [o parto]. Ele quer assistir, né? Só que daí doutor nenhum sabe explicar, que ‘Ai, a gente não sabe se pode, não sei mais o quê, tem que ver, quando chegar na hora tem que ver’ [fazendo referência ao que os “doutores” lhes diziam]. Aí, mas isso, ele tá ansioso pra saber”.*

Já na entrevista dos três meses, os aspectos relativos à dimensão responsabilidade se fizeram bastante presentes nos relatos de Daniel. Em relação ao parto, Daniel não esteve presente, em função de ter saído para comer justamente no momento em que Priscila deu a luz à Luiza: “*Eu tava lá [na sala de preparação para o parto] com ela [Priscila]. Aí, eu tava louco de fome e a mãe dela queria subir pra falar com ela. Aí a mãe dela subiu e eu descii, né, pra comer. Aí eu fui comer e voltei, né, mas não subi por causa que não dava pra trocar, né. Aí, nós íamos esperar um pouco pra trocar, né. Daí eu fiquei lá em baixo lá, eu tava até dormindo no banco já, aí a mãe dela mandou uma mensagem dizendo que tinha nascido”.* Daniel ficou chateado por não estar presente neste momento, visto que tinha se planejado para tal. Soma-se a isso o fato de que foi um parto de risco, com sofrimento para Priscila e para a filha: “*Eu queria ter visto o parto. Ela [Priscila] disse que sofreu no parto. A Luiza teve risco, assim, por causa que ela trancou, né”?*

Nos dias que se seguiram ao parto, enquanto Priscila e Luiza ainda estavam no hospital, Daniel teve que lidar com os percalços gerados pela epidemia de Gripe A (vírus H1N1), que restringia a possibilidade de visitas. Os cuidados e preocupações referentes a este aspecto se estenderam aos primeiros dias em casa: “*A gente tinha cuidado, agora até que não é tanto, mas no começo, assim, todo mundo que queria pegar a gente fazia passar álcool gel*

na mão, né, por causa da Gripe A. Bah, tá louco! O tempo todo nós lavávamos as mãos pra pegar ela, passávamos o álcool gel na mão pra pegar ela. Tinha que cuidar bastante”.

No entanto, a maior preocupação de Daniel no período em que foi entrevistado dizia respeito justamente a um problema de saúde que Luiza apresentava, chamado ‘traqueomalácia’, uma má formação da traquéia que ocasionava um forte ruído durante a respiração, agravado nos momentos em que a filha ficava mais atacada ou nervosa: *“Ela tinha muita rouquidão na hora de respirar, ela respirava e ficava roncando, assim, né. Até hoje ela ainda tem um pouco mas agora é muito pouco. Aí, os médicos falaram ‘Não, isso é normal, isso é normal’. Mas não pode ser normal, né? Um dia ela tava muito atacada a gente levou ela e ela ficou internada de madrugada. Aí, no outro dia eles bateram Raio X, tudo e viram que ela não tinha uma formação completa da traquéia. (...) Mas agora tá bem melhor do que era antes. Só quando ela fica muito nervosa, se ataca, aí... Daí também ela não pode se gripar, né, daí ela fica pior. Se ela trancar o nariz aí fica ruim, né”?* Por esta razão, os cuidados com a filha eram redobrados, em especial naquele período em que fazia muito calor: *“É, o problema é o calor, né. Porque também não pode ligar um ventilador, um negócio na frente dela porque ela não pode se gripar também, né, aí fica ruim, ela fica muito enjoadinha, daí a Priscila dá banho nela pra dar uma refrescada”.* Além dos cuidados para evitar que a filha se gripasse, Daniel, naquele momento, também estava preocupado com a possibilidade eminente de uma intervenção cirúrgica para a correção do problema, embora esta ainda não estivesse confirmasse e nem apresentasse um maior risco para a filha: *“Muitos médicos falaram que ela ia ter que fazer cirurgia. É que cada um fala uma coisa, né, agora a gente tá fazendo o tratamento com ela [em outro hospital]. (...) Daí quarta que vem ela faz o exame e aí já sabem se vai [ter que fazer cirurgia]. Se for uma cirurgia, assim, que a médica acha que vai ser, que não é tão grave, assim, uma cirurgia normalzinha, ela aproveita a anestesia do exame, que o exame é uma câmara que eles colocam no, lá na traquéia, né, aí ela já aproveita a anestesia e já fazem a cirurgia”.*

Daniel relatou também ficar atento naqueles momentos em que Luiza estava aos cuidados de outras pessoas, embora ficasse feliz de perceber o quanto a filha era paparicada pela família: *“Ah, a gente fica o tempo todo de olho, né. (...) é que a Priscila tem primos pequenos também, né, que quando eles vão pra lá eu fico de olho, porque criança não tem o jeito ainda, né?”.* Além disso, ele relatou ficar ansioso nos momentos em que ficava longe da filha, quando estava no trabalho: *“Que nem, quando eu fico, assim, no serviço lá que não tem muita coisa pra fazer, né, aí eu fico o tempo todo louco pra ir pra casa, né. Fico ansioso”.*

Priscila falou pouco sobre questões relativas à dimensão responsabilidade envolvendo Daniel neste período. No que diz respeito ao aspecto financeiro, por exemplo, mencionou que sua mãe era a responsável pelas contas da casa, e que Daniel ajudava comprando alguns alimentos. Entretanto, mencionou que ele tinha o hábito de abrir mão diversas vezes de comprar coisas para si, para comprar roupas e outros itens para ela e a filha.

Durante a entrevista dos doze meses, no que diz respeito à responsabilidade, uma das maiores preocupações de Daniel era concernente à construção da casa da família, para onde eram dirigidas todas as economias do casal: *“Que nem agora, a gente bota o dinheiro todo na casa”*. Nesse sentido, Daniel acreditava que, apesar de ter deixado seu último emprego para voltar a vender pastéis, estava conseguindo *“se virar”* financeiramente: *“Eu sai do serviço agora mês retrasado. Mas eu me viro, né, que nem eu sempre vendia meus lanches, lá e... dá a mesma renda, bem dizer, do que eu trabalhar lá no [emprego anterior]”*.

Já as preocupações relativas à saúde da filha estavam mais amenas, pois ela havia apresentado uma melhora considerável da traqueomalácia. Talvez por esse motivo que as preocupações de Daniel com a filha neste período pareciam assumir um caráter mais normativo, como as de que ela levasse tombos agora que estava caminhando: *“É só os tombos mesmos, porque ela cai bastante, né [risos]. Porque a saúde dela tá boa, tudo tranqüilo. Esse negócio que ela tinha da traqueomalácia, já nem faz mais, ela roncava bastante, né. Agora, é difícil mais quando ela se agita muito assim, daí ela, quando dorme é que ela dá uma roncadinha, mas é pouca coisa”*.

Priscila mencionou que Daniel nunca havia deixado de trabalhar: *“Até trabalhar não me preocupa tanto assim. Porque devagar a gente tá conseguindo ir, né. Mesmo que seja devagar, né, a gente tá conseguindo. Porque o Daniel não deixou de trabalhar nunca”*. Entretanto, percebia que o fato de Daniel ter deixado seus dois trabalhos anteriores tinha a ver como fato de ele ser uma pessoa que *“não gostava de receber ordens”*, característica que ela dizia compartilhar. Por esse motivo, um dos planos do casal era juntar dinheiro para poder abrir um negócio próprio: *“Tanto eu quanto ele, a gente não gosta de trabalhar pros outros, a gente não gosta de ser empregado. Tanto que, nos dois serviços que ele pegou, o que ele mais se incomodou foi isso, de ter que aceitar ordens, né? Então a gente quer pelo menos trabalhar um pouco e juntar um dinheiro pra a gente abrir um negócio pra nós”*.

Analisados conjuntamente, os relatos de Daniel e Priscila em relação à dimensão interação, apontaram que, para ambos, Daniel interagia bastante com a filha através de brincadeiras, momentos de descontração. Por outro lado, no que diz respeito aos cuidados, tanto os relatos de Daniel quanto de Priscila indicavam que estes ficavam à cargo de Priscila.

Para Priscila, Daniel participava dos cuidados oferecendo suporte naqueles momentos em que ela, por algum motivo, não podia cuidar sozinha da filha, ou quando se sentia sobrecarregada. Caso contrário, ela assumia todos os cuidados. Daniel, por sua vez, relatou que até mesmo para a filha, os papéis de pai e mãe eram divididos: o pai para as brincadeiras, a mãe para o afeto.

Em relação à dimensão acessibilidade, as falas do casal pareceram demonstrar que, desde a gestação, Daniel sempre se mostrou relativamente disponível para envolver-se com as atividades concernentes à gravidez ou, após o nascimento, para estar com a filha, exceto naqueles poucos momentos em que o trabalho não permitia. Por outro lado, tal situação mostrou-se diferente na entrevista dos dozes meses, quando ambos mencionaram ter passado por um período de menor disponibilidade dele para estar com a filha, algo que parecia estar repercutindo negativamente sua relação com ela. Esta pouca disponibilidade fez com que Daniel decidisse largar os estudos para poder ficar mais tempo com a filha. Sendo assim, no momento da entrevista, a situação estava mais tranqüila, sendo que Daniel não estava mais estudando e, além disso, tinha voltado a trabalhar em casa, o que lhe permitia dispor de bastante tempo para ficar com a filha.

Já no que diz respeito à responsabilidade, terceira dimensão do envolvimento paterno, esta apresentou uma mudança importante em sua configuração no período da gestação para o pós-parto. Enquanto na gestação as preocupações de Daniel eram concernentes à aquisição de um emprego e também à possibilidade de estar presente no momento do parto, aos três meses estas foram predominantemente dirigidas à saúde da filha. Luiza apresentava um problema de saúde que exigia maiores cuidados e, ainda, a possibilidade de ser submetida a uma intervenção cirúrgica. Por outro lado, aos doze meses, voltaram a predominar as preocupações relativas à parte financeira, visto que a saúde da filha apresentava um quadro mais estável.

O exercício da função paterna

Neste eixo foram analisados os relatos de Daniel e de Priscila que se referiam tanto à questão do apoio oferecido pelo pai à companheira e à relação mãe-filha, sua intermediação na relação mãe-filha, quando ajudava a mãe a sair do seu estado de fusão com a filha e a retomar seu contato com o mundo externo, a colocação de limites e os ensinamentos fornecidos pelo pai à filha, bem como a possível interferência da mãe sobre o exercício da função paterna, através de incentivos ou, por outro lado, de empecilhos na relação pai-filha.

Durante a entrevista da gestação, quando questionado sobre o tipo de apoio que costumava oferecer à companheira, Daniel fez referência a sua presença constante ao lado de

Priscila, ajudando-a no que ela precisasse: *“Ah, eu tô sempre perto dela, né. Tô sempre perto dela, o que ela precisa eu tô ajudando”*. Por esse motivo, Daniel acreditava que Priscila estava satisfeita com seu apoio, até mesmo pelas concessões que ele fazia para estar com ela: *“Eu acho que tá [satisfeita com o seu apoio]. Porque a gente passa o tempo todo junto, né? A gente fica o final de semana junto, tudo, eu nem saio pra rua mais. Antes eu saía pra rua, tudo. Agora eu só saio pra jogar futebol mesmo, na terça-feira, quando tem futebol, ou no final de semana”*.

Priscila, neste mesmo período relatou estar satisfeita com o apoio de Daniel: *“Tudo o que eu preciso ele faz”*. Ela admitiu ainda que o comportamento de Daniel estava *“até melhor”* do que ela esperava: *“Eu achava que ele ia ser assim, mais desleixado, sabe? Mas não, ele é super companheiro”*. Além disso, Priscila contou que Daniel costumava elogiá-la em relação às mudanças do seu corpo, algo que ela percebia como uma forma que Daniel encontrou para agradá-la, sendo que ela mesma parecia questionar a veracidade destes elogios: *“Ele fala que eu tô linda, né? Não sei se é mentira, mas eu acho que é só pra me agradar”*.

Durante a entrevista dos três meses Daniel referiu ter ajudado Priscila desde os primeiros dias com a filha, ainda no hospital, quando ficava o dia inteiro ao lado dela e de Luiza. De acordo com Daniel, como Priscila ainda sentia muitas dores e incômodos com os pontos, ele ficava boa parte do tempo com a filha no colo. Tal apoio se estendeu também após o retorno das duas à casa: *“Eu ajudava, como ela tava com os pontos ainda, né, ela não tava muito legal, eu ficava o tempo todo, assim, com a Luiza”*. Daniel referiu ajudar a companheira em outros momentos, permanecendo com a filha para que Priscila pudesse descansar: *“Eu, quando ela [Priscila], assim, tá muito cansada, né, aí por causa que ela amamenta, tudo, aí cansa, daí eu fico, ela vem pra casa, aí eu fico com ela pra ela descansar”*. Ao falar sobre isso, se lembrou do dia em que Luiza precisou ficar uma noite em observação no hospital, em função de uma gripe, agravada pela condição da traqueomalácia: *“Como ela [Priscila] ficou a noite lá, ela não dormiu direito, né. Dormiu numa cadeira. E eu não podia ficar lá, né. Aí, eu, quando ela veio pra casa, ela foi se deitar e eu fiquei com a Luiza”*.

Neste período, Daniel acreditava que Priscila estava satisfeita com a ajuda que ele disponibilizava para ela, até mesmo por ele estar abdicando de algumas atividades para permanecer com elas, e por ser bastante solícito nos momentos em que ela pedia sua ajuda: *“Eu acho que tá [satisfeita com o apoio dele]. Porque eu fico só dentro de casa, né, eu não saio pra rua. Eu saio pra rua só pra jogar futebol de noite, assim, mas ela pede, assim ‘Ah,*

pega a Luiza ali', eu pego pra ela fazer alguma coisa, qualquer coisa que ela vai fazer quando ela tá com a Luiza depois eu pego, né"?

Daniel mencionou que ele e Priscila estavam sempre juntos, embora não dispunham tempo para ficar a sós, sem a presença da filha. Sendo assim, todas as atividades realizadas pelo casal incluíam a filha, até em função da amamentação: *"Sim, a gente sempre tem o nosso tempo juntos. A Luiza tá dormindo a gente tá junto, tudo, tá acordada a gente tá junto. Sempre estamos. (...) Até por causa que ela amamenta também, né, toma mamá"*. Entretanto, ao falar sobre isso, não o fez em tom de queixa, mas com naturalidade, e dizia-se satisfeito com estes momentos que o casal dispunha para estar junto: *"Sei lá, é que a gente passa o tempo todo juntos, não tem, assim, dizer que a gente precisa de mais tempo porque o dia inteiro a gente passa juntos"*.

Priscila confirmou a ajuda recebida de Daniel, em especial nos primeiros dias com a filha, quando ela ainda tinha dificuldades para realizar certas atividades em função da dor e dos pontos provenientes do parto. Priscila percebia que também podia contar com Daniel para o que precisasse, que ele era muito disponível. Conforme já foi mencionado anteriormente, Priscila o via como uma fonte de apoio, em especial naqueles momentos em que ela precisava realizar alguma atividade que a impedia de ficar com a filha, quando delegava tal tarefa para Daniel: *"Se eu tenho que fazer alguma coisa, se eu tenho que arrumar a casa ou fazer a comida pra nós ou alguma coisa daí eu peço pra ele ficar, né. Às vezes eu não preciso nem pedir. Se ele vê que eu to fazendo alguma coisa, ele mesmo já vai e já pega"*. No entanto, algumas vezes, durante as brincadeiras entre pai e filha, Priscila costumava interpelar, por receio de que estas pudessem vir a machucar a filha: *"Às vezes ele começa a fazer cosquinha nela e eu 'Não, não, não! Não faz isso, tá louco? Capaz, fazer cosquinha na gurria. Vai machucar ela'"!*

Priscila se emocionou bastante ao falar sobre o quanto Daniel era importante para ela, e do quanto eles tinham uma boa relação. Percebia que esta relação poderia ficar melhor ainda no momento em que eles fossem para sua própria casa, onde pudessem ter privacidade e maior poder de decisão: *"Eu gosto muito dele assim, sabe? [Emocionada] Agora, no momento que a gente tá, eu não, não me veria sem ele. Bah, se a gente terminasse, sei lá eu o que eu ia fazer, porque é tão bom, sabe? O nosso dia-a-dia assim é tão bom. Tudo é tão bom... E eu acho que agora quando a gente for morar na nossa casa vai ser melhor ainda, porque daí a gente vai ter privacidade, fazer o que a gente quer. A gente vai poder nós mandar na casa, entendeu? É bem melhor"*. A falta de privacidade percebida por Priscila se estendia também para a relação do casal, em especial à vida sexual. Priscila considerava que

ela e Daniel tinham perdido um pouco a privacidade nesse sentido, em função de que estavam todo o tempo com a filha, e ela demandava atenção: *“Não tá que nem antes, né [a vida sexual], mas a gente vai se ajeitando... Porque ela [filha] é tão acostumada a dormir com nós, que às vezes ela tá no berço dela dormindo e ela vai se arrastando, se arrastando e quando vê ela tá lá na cama lá. Aí é difícil, né, a gente perde um pouquinho assim a privacidade”*. Nesse sentido, ela percebia que agora era uma relação à três, e que atenção que antes era exclusiva para o casal, agora era dividida com a filha: *“A gente nunca mais tá sozinho, né? A gente vive com ela, né? Então entre um beijinho que eu dou nele e um beijinho que ele me dá, a gente dá outro nela, né”!*

De acordo com Priscila, neste período ela e Daniel já tinham participavam de outras atividades além de ficar em casa. Enquanto Daniel mantinha o hábito de jogar futebol, Priscila freqüentava um grupo da Igreja. Entretanto, Priscila mostrava-se incomodada com este hábito de Daniel e lhe cobrava mais momentos para estarem juntos, frente ao que ele reagia mostrando à Priscila que ela também poderia abrir mão de suas atividades na Igreja: *“Minha única coisa assim é porque ele vai jogar futebol quase todo dia, né? Só que eu vou na Igreja, né? Eu vou terças e quintas, e quarta-feira eu tenho grupo. (...) Aí os dias que eu não vou na igreja, ele joga futebol. Aí eu digo ‘Ah, Daniel, tem que ficar em casa, a gente não vai se ver nunca’! Aí ele diz ‘Ué, então pára de ir um pouco na igreja!’ [risos]”*.

Na entrevista dos doze meses, Daniel falou pouco a respeito do apoio emocional que oferecia à companheira neste período. Referiu apenas que ela costumava pedir sua ajuda sempre que precisava e acreditava que ela estava satisfeita com o apoio que ele oferecia. Luiza seguia dormindo no quarto do casal, o que dificultava um pouco a vida sexual de Daniel e Priscila. Ademais, Daniel relatou que o casal ainda não dispunha de um tempo só para os dois e que todas as atividades eram compartilhadas com Luiza. Entretanto, Daniel parecia não sentir falta de momentos exclusivos com Priscila: *“A gente está sempre junto. (...) Sei lá, é que a Luiza agora já faz parte né... não... não sei assim, se faz falta [um tempo só para o casal]...”*. Daniel percebia ainda que Luiza era muito apegada a ele e Priscila, o que dificultava pensar na possibilidade de deixá-la aos cuidados de outras pessoas ou colocá-la numa creche: *“Ela é muito apegada, assim, com nós. Ela não é de... quem ela sai um pouquinho, assim, é com a minha mãe e meu pai, assim, que ela sai. Mas ela só sai com pessoa que ela tá acostumada. Se botar ela em uma creche ela não vai ficar, que ela é muito apegada, ela ainda mama no peito”*.

Daniel, neste período, falou bastante sobre a colocação de limites para a filha. Muitos destes relatos estiveram permeados pela percepção de que a filha possuía um gênio difícil,

além de certa teimosia, como já foi mencionado anteriormente. Nesse sentido, ele falou sobre a dificuldade de impor limites à filha, apesar de considerar que, da família, era o que mais conseguia fazê-lo: *“Eu tento divertir ela assim, né, pra não deixar ela chorar, mas tem vezes que eu vou assim, pego só pra ver se ela vai chorar mesmo, eu pego e tiro dela, assim, ela começa a chorar e fala ‘Dá, dá’. E eu digo ‘Não vou dar não, isso aqui tu não pode pegar’. Aí, ela começa a chorar, e não pára até dar outra coisa pra ela. Eu tento fazer que ela pare pra dar uma coisa pra ela, pra ela entender que aquilo ali não é uma coisa pra ela pegar, né, mas ela não pára... Aí, eu acabo cedendo [riso]. (...) Eu acho que eu ainda sou um dos que menos cede. Porque tudo mundo deixa, o que ela quer fazer todo mundo deixa. Só que eu já não deixo”*. Entretanto, admitiu não gostar destes momentos em que tinha que ser mais ríspido com a filha: *“Eu não gosto de brigar com ela, no caso assim, que nem é pra tirar as coisas dela, assim, que tem que dar uma brigada com ela pra ela entender que não pode”*.

Tais dificuldades relativas à colocação de limites pareciam exacerbadas pelo fato de a filha ser considerada uma criança agitada, que demandava atenção constante: *“Ah, tem que tá correndo atrás dela o tempo todo! Ela corre pra lá e pra cá, aí tem um degrau, que daí ela gosta de subir pra lá. Daí eu não deixo, boto uma cadeira ali pra ela não passar, né, ela dá toda a volta na casa, e quando tu olha ela tá ali já, esperando já, e dá risada. Tem que ficar de olho”*.

Por outro lado, em outros momentos da entrevista, Daniel foi bastante enfático ao falar sobre o quanto ele procurava estimular a filha na aquisição de certas habilidades, tais como caminhar ou levantar-se sozinha ao sofrer uma queda. Ele percebia que outras pessoas da família, inclusive Priscila, eram mais receosas e tinham mais dificuldades em estimular a filha nesse sentido: *“Que nem pra caminhar, eu que ensinei ela, né? Elas tudo, a Priscila, a mãe dela, a minha mãe, tudo, elas tinham medo de soltar ela. E eu soltava, eu deixava ela solta, assim, até ela ficar em pé, solta paradinha. Eu pegava um brinquedo e ia chamando ela e ela vinha até o brinquedo. Aí, ela começou a vim... começou a perder o medo”*. Através de seus relatos, Daniel parecia demonstrar uma maior confiança nas capacidades da filha e, por esse motivo, sentir-se mais seguro para estimular sua autonomia: *“Tinha vezes que ela queria sair, mas não soltavam a mão dela. Aí, eu pensava, né, ‘Ah, se ela tem a confiança pra ir, ela tem que ir sozinha’. Aí, eu falava ‘Solta ela!’ (...) Que nem agora, pra se levantar ela é preguiçosa. Ela estica a mão assim e fica chamando. Daí, eu falei ‘Não dá a mão Priscila! Ela sabe se levantar’. Aí, ela começou. Agora ela se levanta, tudo”*. Para Daniel, ele e Priscila tinham modos diferentes de lidar com a filha. Enquanto ele costumava deixá-la mais “solta”, Priscila gostava de ajudá-la mais frente às dificuldades: *“É que eu cuido do meu jeito, né? É*

que eu gosto assim de deixar ela fazer as coisas pra deixar, que nem se levantar, tudo, sozinha, deixar ela fazer as coisas sozinha pra ela aprender. Já a Priscila não. A Priscila gosta de ajudar, tudo, mas eu deixo ela mais solta”.

Diferentemente de Daniel, Priscila, na entrevista dos doze meses, fez diversos relatos referentes à falta de apoio oferecido por ele. Priscila falou sobre uma crise pela qual ela e Daniel haviam passado justamente em função de ele, durante um tempo, não tê-la ajudado nos cuidados com a filha: *“Andou um tempo agora que ele não queria me ajudar. Eu pedia ‘Ai, fica um pouquinho com ela’? Ele ‘Ah, não posso, tô cansado’. Principalmente quando ele trabalhava lá no [mercado]. Ele não queria cuidar dela”.* Soma-se a isso o fato de que Priscila sentia-se cobrada por Daniel para que começasse a trabalhar, algo que ela não concordava: *“Ele me enchendo o saco porque queria que eu começasse a trabalhar. Ele dizia ‘Ah, não, bah, só com o meu dinheiro que eu tô construindo lá [a casa] e tá indo muito devagar, tu tem que trabalhar’. E ele tá ansioso pra se mudar. Eu peguei e disse pra ele ‘Olha, não dá porque eu cuido dela, né, ela é apegada só em mim, se eu deixar ela numa creche, alguma coisa, pra trabalhar, vai ser pior”.* Tais acontecimentos fizeram Priscila questionar a união com Daniel, especialmente por perceber que ele demonstrava ser uma pessoa diferente da que ela esperava, chegando a compartilhar com sua mãe este sentimento de provável arrependimento: *“Desde quando eu engravidei, bah, ele fazia tudo pra mim. Quando eu tava grávida, bah, eu podia ficar deitada o dia todo que ele ficava fazendo tudo que ele podia pra mim. Aí, eu achava que quando a Luiza nascer ele vai me ajudar muito, né? Aí depois quando ele começou a fugir, né, porque daí ele não queria cuidar dela, daí eu já tava até arrependida. Tava conversando já com a minha mãe, dizendo ‘Bah, escolhi a pessoa errada pra mim ter filho’. E a mãe dizia pra mim ‘Viu, tu não quis esperar mais um pouco. Então, agora tu não vai te estressar porque não adianta’”.*

Contudo, no período em que foi entrevistada, Priscila relatou que uma conversa séria com Daniel tinha amenizado o problema. Priscila percebia que, após ter conversado com ele sobre sua falta de apoio, Daniel havia mudado sua atitude e começado a ajudá-la mais, algo que estava deixando-a satisfeita: *“Depois que eu conversei com ele, disse pra ele ‘Olha, agora eu já tô até pensando que eu já escolhi a pessoa errada, porque tu não tá me ajudando em nada. Agora dizer que trabalha, que tá comprando as coisas pra nós não é dizer que tá ajudando. Porque não adianta tu trabalhar, tu dar as coisas, mas não tá perto da gente’. E aí eu disse pra ele ‘Eu tô me sentindo uma mãe solteira. Então é melhor eu ficar solteira do que casada e não tendo ajuda em nada’. Daí agora ele melhorou, bah! Agora ele tá do jeito que eu imaginava [risos]. (...) Agora ele cuida dela, tudo. Se eu peço pra ele ‘Ah, fica com ela’,*

ele fica, não se recusa. E antes ele se recusava". Mais do que isso, parecia que Priscila também havia mudado sua atitude frente a certas atitudes de Daniel, convocando-o com mais ênfase aos cuidados com a filha: *"Aí eu tava toda a hora atrás [da filha] e o Daniel tava toda hora só sentado lá na frente conversando com os meus primos. Daí eu 'Ó, agora tua vez de ir atrás. Eu cansei as minhas pernas'. Aí ele foi. Aí dali uns minutinhos já tava me chamando 'Eu acho que ela quer tu, ela não me quer mais'. E eu 'Não, ela não me quer, pode ir'! 'Ah, mas ela tá com sono [disse Daniel]'. 'Não, se ela tiver com sono tu pega ela e faz ela dormir que eu tô cansada' [Priscila respondeu]. Aí ele ficou, né"?*

Por outro lado, a fala de Priscila em certos momentos da entrevista deixava transparecer certa insegurança em deixar Luiza aos cuidados de Daniel e, mais do que isso, de ela própria separar-se da filha: *"Por mais que ele [Daniel] agora esteja, né, mesmo assim eu não deixo ela [filha] muito, né. Aí, que nem a minha sogra dizendo 'Ah, a gente tem que começar a sair e deixar a Luiza um pouco com ele'. Mas não, não saio. Deus o livre! Eu não consigo [risos]. Tá certo ele cuidar e tudo, mas eu tô monitorando um pouco, né? Mas sozinho não. Nem pensar! (...) Eu quero ajuda, mas eu quero ficar por perto, assim, né, não sair e deixar ela assim. Mas o que eu peço pra ele fazer ele faz"*. Talvez este receio estivesse relacionado ao fato de Priscila não concordar com o modo de Daniel lidar com a filha, que não considerava adequado para uma menina: *"Ah, na verdade, ele cuida ela assim como se tivesse cuidando um gurizinho. Ele tinha que ter tido um gurizinho, né? Porque daí ele quer brincar, quer se atirar no chão. Faz umas brincadeiras de guri. Quer mostrar carrinho, essas coisas, né? (...) Porque daí ele já quer correr, quer atirar pra cima, bah! A gente tem que tá toda a hora 'Calma, ela é uma menina. Ela é delicada' [risos]"*. Priscila também expressou novamente as suas concepções em relação aos papéis de pai e mãe: *"Pelo que eu saiba dos pais, o pai não é aquele que tá toda a hora grudado, quem tá grudada sempre é a mãe. O pai até dá uma ajudinha, aquela coisa, mas não é toda a hora grudado, né? Então agora ele [Daniel] tá normal, agora ele tá pai então"*.

Priscila também falou sobre as dificuldades em o casal dispor de um tempo a sós e, em especial, em ter a privacidade necessária para uma vida sexual mais tranquila. Contudo, diferentemente de Daniel, ela não parecia satisfeita com tais circunstâncias e esperava mudanças nesse sentido: *"A gente não tem quase chance [de ter relações sexuais], né, daí são poucas as vezes que a gente tem essas chances. (...) Só que eu acho que, agora quando a gente se mudar pra nossa casa vai ser melhor, porque daí ela vai ter o quarto dela separado e ela vai dormir no quarto dela sozinha. Daí vai ser bem melhor, porque a gente já vai ter mais a nossa privacidade, né, no nosso quarto separado. Então eu acho que vai melhorar"*.

Priscila percebia ainda que estava difícil de lidar com as demonstrações de ciúme da filha toda a vez que ela e Daniel se aproximavam ou tentavam trocar carinhos: *“É que normalmente a Luiza tem ciúmes, né? Daí se a gente se abraça, se a gente fica se beijando, ela vai... ela não deixa e se intromete no meio. Daí então, pra gente poder fazer isso mesmo, sem que ela interfira, ou ela não pode estar perto, ou ela está dormindo. A gente pode até estar abraçados, mas ela tem que estar no meio, sabe? Daí ela tem que estar sendo abraçada junto. Mas se a gente está eu e ele, sozinhos, se a gente se abraça ou se a gente se beija, aí deu...”*. Por esse motivo, Priscila percebia que ela andava evitando a aproximação de Daniel, algo que o deixava descontente: *“Ele demonstra bastante carinho por mim, sabe? E até eu não andava demonstrando tanto carinho por ele quanto eu queria, e ele continuava demonstrando. E daí ele até se estressou comigo né, porque cada vez que ele chegava perto de mim, a Luiza já começou a chorar, aí eu ‘Ah, não, sai, sai, sai, sai...’.* Daí eu já me estressava, sabe? Mas daí agora a gente está conseguindo, assim, mais... mostrar mais carinho, respeito, sabe? Agora a gente está se respeitando mais”

Ao falar sobre a educação da filha, Priscila relatou que tanto ela quanto Daniel tinham dificuldades em impor limites à filha, algo que atribuía ao fato de Luiza ser a primeira filha: *“A gente ainda não conseguiu dizer ‘não’ pra ela. Mas a gente vai indo, né? Primeiro filho, né, daí é difícil saber o que tem que fazer e o que não tem que fazer [risos]. Porque ela [filha] pegou o meu ponto fraco, tanto o meu, quanto o do Daniel”*. Um dos relatos de Priscila deixou transparecer a dificuldade que eles pareciam ter para lidar com as reações da filha naqueles momentos em que ela era contrariada ou frustrada em suas expectativas: *“Ela pega uma coisa que ela não pode mexer, a gente vai dizer não pra ela, ela se atira no chão, começa a bater os pés no chão, esperneia e começa a gritar. Se a gente vai chegar perto, ela bate na gente. Daí ou a gente tem que dar pra ela, pra ela se acalmar, o que ela quer pegar, ou tem que sair de perto e deixar. Que daí ela vê que não tem mais ninguém olhando e pega e se levanta e sai a brincar de novo [risos]”*.

Analisados conjuntamente, os relatos de Daniel e Priscila relativos ao exercício da função paterna demonstraram que, durante a gestação, da mesma forma que ele relatou ser um companheiro bastante presente na vida de Priscila, bem como disponível para ajudá-la no que ela precisasse, ela também expressou sua satisfação com o apoio de Daniel, não apenas no que dizia respeito à presença constante, mas também aos elogios recebidos do companheiro.

Da mesma forma, aos três meses da filha, Daniel parecia seguir bastante presente e prestativo à Priscila, que o via como uma importante fonte de apoio. No entanto, neste período começaram a aparecer algumas discordâncias de Priscila em relação ao jeito de

Daniel lidar com a filha. De forma semelhante, Priscila parecia mais incomodada do que Daniel com o fato de o casal ter perdido um pouco de sua privacidade com a chegada da filha.

Aos doze meses se sobressaíram os relatos de Daniel relativos a sua dificuldade em lidar com o temperamento da filha e, conseqüentemente, em impor os limites esperados para uma criança de sua idade. Por outro lado, ele sentia-se aparentemente mais seguro do que outras pessoas da família para permitir à filha uma maior exploração do ambiente e de suas capacidades, sem colocar-lhe tantas restrições.

Já Priscila falou sobre a decepção que tivera com Daniel, por este não ter, por um período, lhe ajudado da forma como ela esperava, o que lhe fez inclusive questionar a continuidade da relação. Entretanto, uma conversa entre os dois tinha amenizado esta crise e, no momento da entrevista, Priscila parecia novamente satisfeita com o apoio que Daniel lhe disponibilizava.

Por outro lado, o que para Daniel era visto de forma positiva, no que dizia respeito a sua atitude mais permissiva em relação às explorações da filha, para Priscila parecia representar motivo de preocupação. Desta forma, Priscila parecia demonstrar certa contradição em suas atitudes: ao mesmo tempo em que esperava de Daniel um maior apoio nos cuidados com a filha, admitia não sentir-se segura ou confiar suficientemente no companheiro a ponto de deixar a filha aos cuidados dele, sem a sua 'supervisão'.

Neste mesmo período, Priscila relatava ainda ter pouco tempo a sós com Daniel, fato que parecia agravado pelo ciúme que a filha manifestava a cada aproximação do casal. Ademais ela confirmou as dificuldades já expressas por Daniel em relação à dificuldade de ambos em impor limites à filha, que pareciam não saber como lidar com as suas manifestações de birra ou desapontamento.

Discussão sobre a experiência e a prática da paternidade na Família 2

Quanto à experiência de paternidade, primeiro eixo de análise do presente estudo, os relatos de Daniel em relação aos seus sentimentos e percepções em relação à notícia da gravidez revelaram que esta não estava nos planos de Daniel, que antes de ser pai pensava em terminar os estudos e ter sua própria casa. Apesar de manifestar ter achado bom e ter ficado feliz frente à notícia da gravidez, pode-se pensar que, neste período, talvez Daniel não tivesse ainda a noção da repercussão que este evento traria em sua vida. Em relação à Priscila, Daniel mencionou não saber quando e se ela pensava em ser mãe, o que sugere que o jovem casal se encontrava numa etapa de seu relacionamento em que eles sequer imaginavam-se enquanto pais, quanto mais planejar e falar sobre o momento para ter filhos. Ademais, os pais de

Daniel, na visão dele, reagiram com surpresa, porém tranquilidade frente à notícia de que ele seria pai. As falas tanto da mãe quanto do pai de Daniel neste momento da notícia foram permeadas por valores que, de certa forma, eles pareceram transmitir ao filho, relativos à conexão entre paternidade e trabalho, os quais se fizeram muito presentes nos relatos de Daniel ao longo da pesquisa.

As representações de Daniel acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai revelaram que a gravidez gerou importantes repercussões sobre sua vida, especialmente relativas à entrada no mercado de trabalho. Antes da gravidez, trabalhar, embora já fosse um plano para aquele momento, ainda estava bastante relacionado à vida de estudante, na forma de estágio, possivelmente objetivando a aquisição de experiência para uma futura vida profissional. Entretanto, em função desta nova perspectiva da paternidade, trabalhar passou a ter outro foco: o sustento da família. Daniel, que antes estava inscrito para começar um estágio profissionalizante, para o qual demonstrava interesse, porém, sem ter pressa, agora, com a chegada da filha, havia adquirido um trabalho informal, bastante diferente daquilo que almejava anteriormente, mas que lhe trazia retorno financeiro imediato. Sendo assim, conforme foi também revelado no estudo de Negura e Deslauriers (2010), com futuros jovens pais canadenses, o trabalho, para Daniel, parecia não ter mais um fim em si mesmo, mas estava ligado à condição de pai, como forma de cumprir com as novas obrigações ou, como ele mesmo disse, como algo que o fazia sentir-se mais responsável. Ademais, assim como os pais do referido estudo, Daniel, no período da gestação, aspirava melhorar sua vida profissional através de um novo emprego e de uma faculdade, ou seja, apresentava a perspectiva de manter ou mesmo incrementar os seus planos profissionais, até mesmo como forma de proporcionar um bom futuro à filha. Sem querer avaliar, neste momento, os possíveis prejuízos que a paternidade precoce parecia acarretar na vida profissional de Daniel, as falas dele em relação às mudanças ocorridas em sua vida possivelmente representam uma importante etapa do processo de construção da paternidade, com a mudança de prioridades, a fim de adaptar-se a sua nova identidade de pai. Para ele, a idéia de um bom pai, “*responsável*” parecia bastante atrelada à capacidade de sustentar a família. Sendo assim, em seu processo de reorganização da identidade (Stern, 1997), Daniel acabava por abandonar – ou, ao menos, deixar um pouco de lado – a sua identidade de jovem estudante sem compromissos, a fim de priorizar esta nova identidade de pai trabalhador e responsável. Desta forma, apesar de sua pouca idade, ele parecia, de fato, sentir-se pai.

Outro aspecto que apresentou uma mudança importante, mas relativa ao período da gravidez para o após o nascimento, foram as idéias de Daniel quanto a sua vida com a filha.

Durante a gravidez, sua afinidade com crianças o fez vislumbrar de forma positiva a paternidade, sem maiores empecilhos, ao considerar que ser pai seria algo “*legal*”. Por outro lado, após o parto, na vivência com seu “bebê real” (Brazelton & Cramer, 1992), Daniel apresentou certa dificuldade em acostumar-se com a rotina de cuidar de uma criança pequena. De forma semelhante, no estudo de Levandowski e Piccinini (2006), com futuros pais adolescentes e adultos, os autores apontaram uma tendência de os adolescentes, mais do que os adultos, apresentarem uma expectativa mais idealizada quanto ao desempenho do papel paterno, de certa forma ignorando ou negando as eventuais dificuldades concernentes à paternidade. Winnicott (1975) já dizia que o idealismo é uma das características mais emocionantes da adolescência, visto que não é próprio dos adolescentes estabelecer uma visão à longo prazo, a qual se constrói com base na experiência e, por isso, eles se permitem experimentar a liberdade de formular planos ideais. Pode-se pensar ainda que Daniel, justamente por sua pouca idade, tivesse pouco contato e, desta forma, raras ou nulas oportunidades de trocar experiência com outros pais em relação ao cuidado de bebês, além de pouco conhecimento sobre aspectos do desenvolvimento infantil.

Durante a gestação, Daniel mencionou não possuir quaisquer modelos – negativos ou positivos – de paternidade. Possivelmente esta ausência de modelos em sua fala teria a ver com o momento de vida pelo qual passava em que, enquanto adolescente, Daniel possivelmente se encontrava num processo de separação psíquica das figuras parentais, na busca de uma identidade própria (Aberastury, 1981) e, com isso, possivelmente ignorando as referências que lhe serviram de base até então, especialmente de seus próprios pais. Por outro lado, pode-se pensar que talvez neste momento, a realidade de cuidar de um filho, de ser pai, estivesse ainda um pouco distante de Daniel, que tentava se adaptar a este novo acontecimento em sua vida, ao inesperado. Sendo assim, a incerteza de como seria cuidar de um bebê, pode ter feito com que ele não conseguisse identificar modelos que lhe serviriam como base nesta tarefa. Entretanto, após o nascimento de Luiza, possivelmente devido ao contato concreto com a filha e suas demandas, Daniel passou a identificar à sua volta tanto modelos positivos, advindos da mãe do pai, quanto negativos de paternidade. Assim como foi relatado por grande parte dos pais adultos do estudo de Krob et al. (2009), o modo como os próprios pais lidavam com Daniel quando criança foi visto por ele como uma referência positiva, a ser repetida na criação da filha. Esta referência forte aos próprios pais parece ser justificada pela relação bastante próxima que Daniel tinha com eles, mesmo antes da gestação, e que perdurou ao longo do primeiro ano de vida da filha. Chamou a atenção o fato de o modelo negativo citado por Daniel encontrar-se totalmente fora da relação entre ele e seus

pais, estando representado na figura de seu concunhado. Além disso, de forma sutil, ele também mencionou como modelos negativos de pais aqueles que abandonaram a gestante quando souberam da gravidez, destacando-se a si mesmo como uma referência positiva, haja vista que permanecia bastante presente na vida da companheira e da filha. Para Levandowski et al. (2009b), a forma como um homem se projeta como pai leva em conta não apenas o modelo paterno recebido, mas também outros modelos. No caso de Daniel, a convivência com outros pais vistos por ele como desinteressados ou mesmo cruéis em relação aos filhos, o fez criar um parâmetro daquele tipo de pai que ele próprio evitava ser.

De forma semelhante, ao falar sobre suas representações sobre a parentalidade na adolescência, Daniel trouxe à tona a sua avaliação de que, uma repercussão possivelmente negativa da gravidez na adolescência estaria relacionada à possibilidade de que o pai viesse a abandonar mãe e filho ao deparar-se com este acontecimento, algo que não se aplicava a ele próprio, que permanecia ao lado de Priscila. Entretanto, ao falar sobre estas representações após o nascimento da filha, Daniel também fez referência aos possíveis fatores negativos deste fenômeno, mas agora com base na sua própria experiência enquanto pai adolescente. Nesse sentido, ele demonstrou a ambivalência de sentimentos experimentados com a paternidade, vendo-a de forma positiva, mas, ao mesmo tempo, como um acontecimento que gerou importantes repercussões em sua vida, especialmente por ter, na visão dele, adiado o plano de terminar os estudos e cursar uma faculdade. Ao contrário de alguns estudos que apontam que a evasão escolar dos adolescentes tende a ocorrer ainda antes do advento da gestação (Heilborn, et al., 2002; Orlandi & Tonelli, 2008) e, mais do que isso, que é considerada como um dos possíveis fatores de risco para que o adolescente venha a se tornar pai (Schelemborg et al., 2007), Daniel, até aquele momento, nunca havia sido reprovado e parecia não cogitar a possibilidade de sair da escola. Entretanto, a ocorrência precoce do fenômeno da paternidade pareceu ocasionar uma reviravolta em sua vida, sendo vivenciada, em alguma medida, com uma parcela de sofrimento. Na pesquisa de Hoga e Reberte (2009) com pais adolescentes brasileiros, alguns participantes demonstraram arrependimento em relação à paternidade. Um dos principais motivos mencionados para este sentimento foi a necessidade de assumirem muitas responsabilidades em uma fase da vida em que eles não se sentiam devidamente preparados. Além disso, o arrependimento também estava relacionado com a expectativa não satisfeita de ter outra trajetória de vida, em função da necessidade de fazer readaptações em suas vidas, muitas das quais implicaram a postergação ou o abandono dos estudos e de antigos sonhos, de forma a priorizar a sobrevivência da família. No caso de Daniel, embora ele tenha reforçado diversas vezes que não estava arrependido com a

paternidade, deixou evidente este sentimento de luto por seus antigos sonhos da adolescência. Cabe ressaltar que a decisão de jovens pais em permanecer na escola tende a ser bastante influenciada pelo apoio que os seus próprios pais e que os pais da companheira oferecem em relação a esta decisão, mesmo sabendo que esta pode limitar a capacidade do adolescente em contribuir para a família (Marsiglio & Cohan, 1997). Nesse sentido, as falas dos pais de Daniel, já no momento em que a gravidez foi anunciada, demonstraram certa expectativa de que ele trabalhasse para sustentar a família. Sendo assim, por mais que em outros momentos eles o incentivassem a voltar a estudar, não pareciam estar dispostos, talvez por limitações financeiras, a arcar com os custos do sustento da neta para que Daniel pudesse dedicar-se aos estudos. A evasão escolar é vista como um dos motivos para se considerar a parentalidade na adolescência como um problema de saúde pública ou social, por limitar a obtenção de empregos melhores pelos jovens pais e o acesso de seus filhos a recursos que permitiriam seu melhor desenvolvimento, contribuindo, assim, para a perpetuação do ciclo de pobreza (Barker & Castro, 2002). Embora muitas vezes a evasão escolar seja um evento ainda anterior ao advento da parentalidade (Heilborn, et al., 2002; Orlandi & Tonelli, 2008), no caso de Daniel, esta foi uma consequência deste evento em sua vida, fato que, ao menos neste momento, parecia gerar limitações sobre suas possibilidades acadêmicas e profissionais.

Já as representações de Daniel acerca de seus próprios pais deixaram transparecer mais ainda a importância deles em sua vida, e a relação bastante próxima entre eles. Tanto que, apesar de estar a algum tempo morando na casa dos pais de Priscila, Daniel mantinha contato diário com seus pais. Não é de estranhar, portanto, que os pais tenham sido mencionados como modelos positivos de paternidade, sendo que, ao falar de sua própria infância, Daniel deixou transparecer a sensação de ter tido pais bastante carinhosos e presentes, algo que perdurava até o momento atual, em que os pais lhe serviam como importante fonte de apoio emocional e financeira. Nesse sentido, parece que, para Daniel, as gratificações e satisfações vividas como filho deixaram pontos de referência consciente para que ele estabelecesse relações satisfatórias com a própria filha (Cramer & Palácio-Espasa, 1993), estabelecendo, assim, uma relação de continuidade do modelo parental (Parke, 1996). Tais referências eram tão fortes que os conselhos recebidos dos pais muitas vezes lhe serviam como base concreta para suas atitudes com a filha, desde o modo de pegá-la no colo, como para decisões a serem tomadas em sua vida, como a de fazer concurso para seguir a carreira de bombeiro. Chamou a atenção que, embora tenha falado sobre o quão próxima e positiva era a sua relação com a mãe, Daniel destacou a proximidade maior que possuía com o pai. Pode-se pensar que esta aproximação com a figura paterna tenha ocorrido em função das mudanças representacionais

características da parentalidade, em que a mulher tenderia a voltar seu foco para a relação com sua mãe (Stern, 1997), enquanto o homem possivelmente ficaria mais direcionado para o relacionamento com seu pai (Brazelton & Cramer, 1992). Entretanto, no caso de Daniel, esta identificação e proximidade maior com o pai estavam presentes mesmo antes da gravidez, o que parecia caracterizar um movimento psíquico típico da consolidação da identidade do adolescente do sexo masculino, sendo a relação pai-filho uma base importante de identificação neste processo (Montemayor, 1986).

Quanto às representações de Daniel acerca da filha, outro aspecto analisado sobre a experiência da paternidade, percebeu-se certa dificuldade da parte dele em falar, durante a gestação, sobre como imaginava que a filha seria. Tal dificuldade poderia estar relacionada ao fato de Daniel, enquanto adolescente, não conseguir estabelecer uma visão à longo prazo das situações (Winnicott, 1975), para além do seu momento de vida atual, em função de não ter ainda totalmente desenvolvida a sua capacidade de pensar em termos abstratos, e de lidar com situações hipotéticas, não presentes no aqui e agora, característica do pensamento formal (Piaget & Inhelder, 1976). Por outro lado, apesar de ter falado pouco sobre suas expectativas e pensamentos em relação à filha neste período, Daniel indiretamente deixou transparecer, através da escolha do nome, que tinha suas expectativas estabelecidas, dentre outras formas, através do contato anterior, ou do “estar com” (Stern, 1997) uma menina “*linda*” que se chamava Luiza, justificativa por ter escolhido este nome para sua própria filha.

Já o nascimento da filha fez com que Daniel se deparasse com a fragilidade de um bebê pequeno, ao mesmo tempo em que procurava conhecer a filha, entender seu funcionamento. Para Darchis (2000), faz parte deste primeiro contato com o bebê da realidade, que os pais consigam realizar que este bebê estranho e próximo, desconhecido e familiar seja seu. Nesse sentido, de acordo com a autora, os pais acabam por integrar a identidade de pai ou mãe que se faz com a atribuição de uma identidade ao bebê da realidade. Sendo assim, a partir do nascimento, a filha já se apresentava para Daniel em toda sua concretude, e a possibilidade de interação com ela parece ter gerado um incremento em suas representações a respeito da filha. Neste movimento psíquico, Daniel passou a atribuir identidade à filha, de acordo com as experiências vividas com ela. Em relação ao desenvolvimento e ao crescimento, os relatos de Daniel foram bastante positivos, sendo Luiza caracterizada por ele como uma criança muito esperta, que a cada dia desenvolvia novas habilidades. Por outro lado, quando estava maior, Daniel também a descreveu como uma criança temperamental, teimosa e brava, características com as quais tinha dificuldade em lidar. Em relação a este aspecto, alguns autores apontaram que os pais adolescentes, mais do

que os adultos, tenderiam a perceber seus bebês como apresentando um temperamento mais difícil (Lamb & Elster, 1986), fator que poderia eventualmente interferir também sobre o modo como eles costumavam lidar com seus filhos. Para Marsiglio e Cohan (1997), esta visão mais negativa dos adolescentes em relação ao temperamento dos filhos poderia ser explicada pelo pouco conhecimento destes jovens pais sobre o desenvolvimento infantil e, além disso, por eles tenderem a ser emocionalmente menos maduros do que os adultos, fator que poderia levar também a maiores dificuldades de interpretação e de manejo dos comportamentos do bebê. Conforme será visto mais adiante, na discussão sobre a prática da paternidade de Daniel, ele realmente parecia apresentar algumas dificuldades no exercício da função paterna e, mais especificamente, no estabelecimento de limites.

Ainda em relação a este assunto, chamou atenção a forte identificação que Daniel estabeleceu entre o temperamento da filha e de sua própria mãe, ao considerá-las como bravas e exigentes. Vale ressaltar que a atribuição de significados ao comportamento do bebê, também chamada de “projeção”, é parte fundamental do desenvolvimento infantil, ao introduzir o bebê no mundo simbólico dos adultos, de forma a possibilitar a construção da sua própria rede de valores e capacidades, a qual é permeada justamente pelas expectativas, ideais, predileções e aversões de seus próprios pais (Brazelton & Cramer, 1992). No caso de Daniel, porém, esta atribuição de significados assume um caráter especial por ele perceber de forma negativa o temperamento da filha e, mais ainda, por identificar tal temperamento como semelhante ao de sua própria mãe. Sabe-se que os pais tendem a reagir não somente ao aspecto objetivo do comportamento infantil, mas ao significado que nele infundem (Brazelton & Cramer, 1992). Nesse sentido, ao atribuir um significado, de certa forma, negativo ao temperamento da filha, Daniel estaria possivelmente sinalizando que seria mais difícil para ele manejar tal comportamento. Ademais, ao associar os comportamentos da filha com os de sua própria mãe, pode-se pensar que Daniel corria o risco de estar atribuindo à filha características de uma pessoa adulta, cujas vontades não são passíveis dos limites necessários à vida de qualquer criança. Para Brazelton e Cramer (1992), as novas ligações estabelecidas entre pais e filhos são sempre baseadas em ligações antigas, as quais muitas vezes superpõem-se umas às outras. De acordo com os autores, repetições do passado podem manifestar-se discretamente, como quando se diz que o bebê se parece com um parente próximo, ou lhe atribui o nome de uma pessoa amada, como se assim ele estivesse desenvolvendo aquela mesma característica que um dos pais vivenciou na infância e, conseqüentemente, podendo evocar o mesmo tipo de resposta emocional suscitada naquele período. Sendo assim, ao lidar com este comportamento

da filha, Daniel poderia estar, na verdade, trazendo à tona os conflitos vivenciados com a imagem criada desta mãe brava e exigente com a qual teve de lidar em sua infância.

No que diz respeito às representações de Daniel sobre a companheira como mãe, foram identificados poucos relatos. Aqueles que se fizeram presentes revelaram que, para Daniel, a chegada da filha tinha gerado apenas repercussões positivas na vida de Priscila, e que os eventuais aspectos negativos, como a saída da escola, poderiam ser facilmente revertidos. Uma das características mais marcantes de Daniel ao longo das entrevistas foi justamente esta dificuldade em externalizar ou de refletir, de forma mais aprofundada, a respeito dos aspectos subjetivos da paternidade e de si mesmo como pai. Esta dificuldade de refletir sobre si mesmo e sobre suas vivências neste processo de paternidade pareceu estender-se a sua capacidade de empatia, ou seja, de tentar colocar-se no lugar do outro e, neste caso, de procurar analisar a situação a partir da perspectiva de Priscila. Isso talvez se dê pelo fato de que Daniel, enquanto adolescente, ainda encontrava-se em processo de consolidação de sua identidade e, por esse motivo, sem ter completamente desenvolvida a sua capacidade de estabelecer relacionamentos genuinamente íntimos, típicos da vida adulta, os quais envolvem uma maior proximidade afetiva e de comunicação, a revelação de informações importantes sobre si mesmo a outra pessoa, bem como a capacidade de considerar mais prontamente o ponto de vista de outrem (Papalia et al., 2006). Para Montemayor (1986), a habilidade para estabelecer relacionamentos íntimos seria facilitada pela formação de uma identidade madura e consolidada e, por este motivo, raramente desenvolvida antes da vida adulta. Nesse sentido, de acordo com o autor, a baixa capacidade para intimidade encontrada entre a maior parte dos adolescentes poderia ser parcialmente responsável pela maior insatisfação e discórdia muitas vezes identificadas entre os casais adolescentes, as quais podem conseqüentemente levar a uma interação menos sensível com o bebê. Cabe ressaltar, no entanto, que esta maior dificuldade em refletir sobre os aspectos subjetivos da paternidade não impediu Daniel de avaliar positivamente o papel de Priscila como mãe, ao considerá-la carinhosa, responsável, enfim, uma boa mãe.

Já as representações de Priscila acerca de Daniel enquanto pai demonstraram que ela tinha uma visão bastante positiva das mudanças ocorridas nele com a gestação e, mais ainda, com o nascimento da filha. Ela parecia perceber nitidamente uma evolução de Daniel no que diz respeito a um maior comprometimento e responsabilidade em seu papel de pai, por mais que ele ainda fosse um adolescente. Ademais, ao falar sobre suas representações a respeito de Daniel, Priscila trouxe à tona suas crenças em relação ao papel de um pai na vida da criança, dentre as quais a de que pai não é aquele que cuida, mas que brinca com a criança, e também

a de que homens não costumam ter muito jeito para lidar com crianças pequenas. Esta crença de Priscila parece ter relação com a tendência apontada por Parke (1996) de que os pais, apesar de exercerem um papel secundário no cuidado dos filhos, são vistos como exercendo uma importante função enquanto parceiros de brincadeiras. Cabe ressaltar que estas atitudes em relação aos papéis de gênero de pais e mães vão constituir-se como importante fator de influência sobre o envolvimento paterno (Parke, 2000), um dos aspectos discutidos em relação à prática da paternidade.

Para a análise do segundo eixo temático deste trabalho, referente à prática da paternidade de Felipe, foram considerados os relatos tanto de Daniel quanto de Priscila referentes ao envolvimento paterno e ao exercício da função paterna. Assim, no que diz respeito à interação, primeira dimensão do envolvimento paterno, os relatos tanto de Daniel quanto de Priscila deixaram claro que ele sempre procurou interagir com a filha, desde a gestação, quando costumava fazer carinho na barriga de Priscila e conversar com a filha. Durante este período, Priscila parecia estimular a interação entre pai e filha, ainda na barriga, enfatizando para Daniel sobre o quanto a filha reagia mais ao seu contato do que ao dela própria. Cabe ressaltar, em relação a este aspecto, que o apoio e o incentivo da companheira constituem-se como importantes fatores de influência sobre o envolvimento paterno (Lamb, 1997; Parke, 1996; Silva & Piccinini, 2007). Nesse sentido, aqueles pais que recebem mais apoio e incentivo de suas companheiras para, tenderiam a envolver-se mais com seus filhos. Nos dois momentos em que foram entrevistados após o nascimento de Luiza, os relatos de Daniel e Priscila revelaram que ele costumava seguir interagindo bastante com a filha. Entretanto, neste momento, esta interação se manifestava predominantemente através dos momentos de brincadeira, os quais seguiam sendo bastante incentivados por Priscila. As brincadeiras entre pai e filho são consideradas, por alguns autores, como um importante papel paterno. Doucet (2009), por exemplo, fala sobre uma “forma masculina” de cuidado, que privilegia o uso do corpo, do brincar e da aventura. Para ela, em especial no primeiro ano de vida, quando a mãe se recupera do parto, este tipo de aproximação permite ao pai se conectar com o bebê de uma forma diferente, especial. Além disso, para Parke (1996), os pais possuem um importante papel enquanto parceiros de brincadeiras sendo que eles, mais do que as mães, costumam utilizar uma maior parte do seu tempo com os filhos em atividades desta natureza, enquanto os cuidados ficariam em segundo plano.

Por outro lado, justamente no que diz respeito às tarefas de cuidado, a participação de Daniel se mostrou bastante limitada. Um dos motivos mencionados por Daniel para esta pouca participação foi a sua percepção de que não levava muito jeito para realizar

determinadas tarefas com a filha, como trocar fraldas ou roupas e dar banho, considerado também um fator de influência sobre o envolvimento paterno (Lamb, 1997). Além disso, quando Daniel e Priscila falaram sobre a participação dele nas tarefas de cuidado, seu papel aparecia muito mais como de ajudante, do que como ator principal nestas atividades. Sendo assim, ele participava naqueles momentos em que Priscila, por algum motivo, não podia, ou então, quando a auxiliava alcançando utensílios ou apenas fazendo-se presente e interagindo com a filha. De fato, muitas vezes o pai é visto neste papel de alguém que exerce o cuidado com os filhos de forma ocasional, naqueles momentos em que a mãe apresenta a necessidade de dedicar-se a outras tarefas (Summers et al., 1999). Segundo Allen e Hawkins (1999), algumas mães tendem a considerar os pais como “ajudantes” no trabalho familiar, considerando as atividades de casa e relativas aos filhos como uma responsabilidade sua. Para estes autores, esta postura mais radical, em alguns momentos, pode dificultar uma maior participação dos pais, já que é a mãe quem passa a determinar o que precisa ou não ser feito, pressupondo que as atividades sejam feitas à sua maneira. Este tipo de comportamento pode sinalizar uma desconfiança da mãe em relação à capacidade do pai para o trabalho familiar, o que faz com que respondam de forma crítica e pouco apoiadora aos esforços dele em participar da vida doméstica, negligenciando, assim, a responsabilidade e colaboração mútuas. Entretanto, ao menos neste momento, a pouca participação de Daniel nas tarefas de cuidado não parecia constituir-se como um problema para o casal. Priscila já havia sinalizado que considerava as atividades de cuidado como sendo uma atividade tipicamente feminina, enquanto as brincadeiras seriam mais características do papel masculino, tendência semelhante a que foi apresentada no estudo de Dias e Aquino (2006) realizado com pais e mães adolescentes.

No que diz respeito à acessibilidade, segunda dimensão do envolvimento paterno, importantes questões foram identificadas. Através da análise desta dimensão foi possível entender como maior profundidade as repercussões da paternidade sobre a vida acadêmica de Daniel, em especial após o nascimento de Luiza. Durante a gestação, Daniel estava estudando e trabalhando, o que restringia sua disponibilidade em estar presente em alguns eventos do pré-natal, como consultas médicas, porém, sem aparentemente gerar maiores repercussões sobre sua acessibilidade em geral. Por outro lado, o nascimento da filha fez com que Daniel sentisse a necessidade de fazer-se mais presente, até para poder acompanhar seu crescimento e desenvolvimento. Aos três meses de Luiza, a decisão por adiar o retorno à escola não pareceu gerar grandes transtornos para Daniel, visto que já se sentia conformado pelo fato de que não iria mesmo passar de ano. Por outro lado, no ano seguinte, quando havia voltado a

estudar, Daniel se viu frente à necessidade de fazer uma escolha entre trabalho e estudos, como forma de poder ficar mais tempo com a filha, e acabou por priorizar o primeiro. Ao analisar esta escolha a partir da visão cultural dos modelos de paternidade, pode-se pensar que Daniel tentou, de certa forma, conciliar dois papéis que considerava importante na vida de um pai: a de garantir o sustento da família, ou seja, a visão do pai como o “ganha-pão” e, ao mesmo tempo, a do ideal de pai como aquele que participa ativamente da rotina de seus filhos (Lamb, 1996; 2000). Dentro deste contexto, para Daniel, o estudo, sua antiga prioridade enquanto adolescente sem filhos, acabou por perder espaço agora que ele havia se tornado pai.

Chamou a atenção o fato de que a relação de Daniel com os estudos tenha se desgastado à medida que a filha crescia, e que ele se via frente à concretude das demandas da paternidade. Assim como foi identificado em outros momentos das entrevistas, os relatos de Daniel referentes à acessibilidade revelaram que o seu plano de retomar os estudos foi ficando cada vez mais distante, menos palpável. Durante a gestação e o terceiro mês Daniel ainda falava com ênfase sobre seus planos de terminar os estudos e cursar uma faculdade. Já aos doze meses ele admitiu que manter estes planos seria algo difícil, praticamente inviável, pois já havia enfrentado a difícil conciliação entre paternidade, trabalho e estudo. Outro fator que também pode ter contribuído para esta decisão de Daniel em abandonar os estudos foi identificado nas falas de Priscila, ao mencionar que a filha passou a se distanciar do pai durante aquele período em que ele esteve mais ausente. Com esta fala Priscila não apenas deixou clara a sua visão quanto à importância da presença de Daniel na vida da filha, mas também levantou a possibilidade de que este eventual distanciamento da filha possa ter, em certa medida, sido fonte de sofrimento para Daniel. Estes dados em relação à acessibilidade trazem à tona um importante aspecto revelado em alguns estudos com pais adolescentes. Ou seja, para muitos jovens pais, a entrada no mercado de trabalho causou o adiamento ou mesmo abandono dos estudos como forma de priorizar a sobrevivência da família (Hoga & Reberte, 2009), além de ser vista como uma “promoção” à condição de adulto, pois, para eles, ser homem significava ser responsável, sustentar a família, ajudar em casa e ter um trabalho remunerado (Almeida & Hardy, 2007).

Quanto à responsabilidade, terceira e última dimensão analisada em relação ao envolvimento paterno, os relatos de Daniel e Priscila revelaram que esta apresentou variações conforme o período em que foram entrevistados. Na entrevista dos três meses, o foco era a preocupação com a saúde da filha, que apresentava uma condição de saúde especial naquele momento, em função de uma má formação da traquéia. Por outro lado, a preocupação de Daniel com o aspecto financeiro se fez bastante presente tanto na gestação quanto aos doze

meses de vida da filha. Priscila, por sua vez, na entrevista dos doze meses, parecia tranqüila pelo fato de Daniel estar trabalhando e, desta forma, ela própria não precisar trabalhar. Tanto que ela tinha a expectativa de que, assim que conseguissem juntar algum dinheiro, pudessem abrir um negócio próprio, onde ela e Daniel pudessem trabalhar por conta própria, sem ter que se submeter a ordens de outrem. Em relação a este tema, o estudo de Futris, Nielsen e Olmstead (2010) que analisou a visão de mães adolescentes sobre as contribuições financeiras dos pais adolescentes, revelou que na medida em que os pais demonstravam sua utilidade financeira para as mães adolescentes, elas tornavam-se mais propensas a vislumbrar um futuro com eles, assim como a apoiar o contato pai-filho. Nesse sentido, o fato de Daniel estar sempre trabalhando parecia favorecer os planos de Priscila em relação a um futuro comum entre eles. De modo geral, por mais que tenha havido mudanças em relação a este tema ao longo dos anos, a provisão financeira da família ainda costuma ser vista como uma tarefa tipicamente masculina, ou como um dos principais – se não o principal - papel do pai, seja ele adulto (Dessen & Braz, 2000; Lamb, 2000) ou adolescente (Fagan et al., 2003; Tuffin et al., 2010) . Soma-se a isso o fato de que, para Teti e Lamb (1986), os meninos, mais do que as meninas, são pressionados a evitarem atividades consideradas “inapropriadas” para o seu gênero, o que acaba se convertendo na construção de mais estereótipos masculinos, bem como menor flexibilidade e mais ansiedade em relação aos papéis sexuais para os homens do que para as mulheres. Para estes autores, no entanto, as conseqüências desta construção em relação aos papéis sexuais se fazem ainda mais evidentes durante a adolescência, quando os estereótipos masculinos apresentam-se de forma mais rígida. Sendo assim, por estarem em fase de auto-afirmação e de construção da identidade, os adolescentes tenderiam a abraçar com mais força os estereótipos masculinos em relação ao papel sexual, dentre os quais, no caso de pais adolescentes, o de responsáveis pelo sustento da família. No caso de Daniel, tais pressões em relação ao seu papel enquanto pai ficaram evidentes através desta preocupação constante em conseguir manter-se com condições financeiras favoráveis para o sustento da família, enquanto que, para Priscila, a entrada no mercado de trabalho não era percebida como uma obrigação e, por esse motivo, não constituía-se como fonte de preocupação.

Ainda em relação à prática da paternidade, mas agora quanto ao exercício da função paterna, os relatos de Daniel e Priscila revelaram que ele serviu como importante fonte de apoio emocional para ela, em especial, nos dois primeiros momentos em que foram entrevistados, durante a gestação e aos três meses de vida de Luiza. Chamou a atenção o relato de Priscila a respeito do quanto Daniel, durante a gestação, estava se mostrando companheiro, algo que superou suas expectativas, pois ela acreditava que ele seria mais

desleixado. Já Daniel, quando falou sobre o apoio oferecido à Priscila neste período, destacou mudanças em seus hábitos de vida, ao deixar um pouco de lado as atividades que costumava realizar com frequência antes da gravidez, a fim de poder estar mais com ela. Possivelmente esta expectativa inicial de Priscila, de que Daniel seria mais “*desleixado*” estivesse relacionada à crença de que, enquanto adolescente, ele não conseguiria abrir mão da vida que levava, mais descompromissada, e adaptar-se a esta nova rotina de pai, a qual impunha maiores restrições. De forma semelhante ao que aconteceu com Daniel, no estudo de Cabral (2003) os pais adolescentes relataram que, dentre as mudanças em suas vidas ocorridas com o advento da paternidade, estava justamente a necessidade de abrir mão das brincadeiras, zoações e molecagens típicas da vida de adolescente, a fim de passar a outro *status* que implica seriedade, obrigações, vínculos e dependência, e que pressupõe a diminuição do tempo livre e do convívio com os pares. Por outro lado, cabe ressaltar que esta questão da diminuição da liberdade e do convívio com pares foi também observada em estudos com pais adultos, como no de Finnbogadottir et al. (2003), em que alguns pais demonstraram, no início da gestação, sentirem-se culpados por acharem difícil abrir mão da vida antiga, o que gerou sentimentos de confusão e de falta de liberdade. De acordo com os autores, alguns homens expressaram claramente que se sentiam tristes pela perda de sua vida de solteiro, bem como referiram medo de perder sua liberdade e sua vida antiga com os amigos, especialmente com aqueles que ainda não eram pais. Sendo assim, tais modificações referidas por Daniel e confirmadas por Priscila durante o período gestacional parecem ser características da paternidade de um modo geral. O que talvez possa ocorrer é que, durante a adolescência, tais mudanças sejam mais bruscas, em função de o adolescente possivelmente levar uma vida com menos responsabilidades e restrições, além de tender a conviver menos com amigos que, assim como ele, também sejam pais.

De forma semelhante, Daniel pareceu ser uma importante fonte de apoio para Priscila no período seguinte ao nascimento de Luiza quando, quando se demonstrou sensível a maior necessidade de apoio e cuidado à Priscila naquele período. Esta importância pôde também ser constatada a partir do relato emocionado de Priscila sobre o quanto estava gostando da vida que levava com Daniel, e da impossibilidade de imaginar-se sem ele naquele momento. Já dizia Winnicott (1965/1979) que, para uma mãe, é um alívio verificar que o pai se comporta da maneira como ela esperava. Nesse sentido, Priscila, neste período, demonstrou que parecia estar bastante satisfeita com o apoio recebido de Daniel, que se mostrava bastante prestativo, disponível e presente em sua vida. Sendo assim, ao que parece, Daniel conseguiu, neste período, exercer a função de cuidador ou *holding* para Priscila (Fulgêncio, 2007), oferecendo

o apoio necessário para que ela conseguisse dedicar-se aos cuidados com o bebê, acolhendo este momento peculiar da relação entre mãe e filha. Tanto Daniel quanto Priscila destacaram ainda mudança ocorrida sob o ponto de vista de que agora não eram mais apenas um casal, mas sim pai, mãe e filha. Daniel, naquele período, parecia compreender e mesmo gostar do fato de que agora o casal não dispunha mais de períodos para ficarem à sós, estando sempre juntos, só que na companhia da filha. Os relatos de Priscila confirmaram que a relação de casal naquele momento havia se transformado, de modo a incluir a filha. Nesse sentido, todas as atividades do casal, mesmo os momentos de carinho, agora eram divididas com Luiza.

Por outro lado, aos doze meses de vida de Luiza, Priscila demonstrou-se extremamente queixosa por, durante algum tempo, Daniel não ter lhe sido tão apoiador quanto ela esperava que ele fosse. Para ela, a ajuda de Daniel limitava-se a trabalhar e comprar coisas, enquanto o suporte nos cuidados com a filha deixava a desejar. Entretanto, os relatos de Priscila apontaram para rumos contraditórios em relação a este aspecto: ao mesmo tempo em que ela esperava e cobrava de Daniel um maior apoio, em especial no que diz respeito aos cuidados com a filha, parecia sentir-se insegura quanto à capacidade dele em conseguir cuidar de forma adequada. Embora tal atitude possa refletir a insegurança e a ansiedade experimentadas pelas mães frente aos primeiros momentos de separação com os filhos, fato que pode gerar certa dificuldade por parte delas em deixá-los sem a sua presença (Fulgêncio, 2007; Winnicott, 1963/1983), pode ser vista também como uma dificuldade da mãe de exercer sua função enquanto intermediadora da relação pais-filhos e de facilitadora do conhecimento mútuo entre eles (Winnicott, 1965/1979). Nesse sentido, talvez Priscila estivesse apresentando certa dificuldade em sair deste período de maior fusão com a filha, ao impedir ou criticar as tentativas de Daniel em fazê-la exercer outras atividades além daquelas concernentes à filha, como trabalhar, e também ao tentar controlar ou mesmo impedir um contato maior entre pai e filha quando ela não estava presente. Soma-se a isso o fato de Priscila relatar certa dificuldade em acolher e retribuir os carinhos de Daniel para com ela neste período. As reações de ciúme da filha à aproximação do casal faziam com que Priscila repelisse Daniel, demonstrando não suportar ou mesmo não saber lidar com tal comportamento da filha. Nesse sentido, a função do pai enquanto aquele que auxilia a mãe a recuperar-se do estado de preocupação materna primária, ao lembrá-la de que também é uma mulher (Fulgêncio, 2007) parece ter encontrado barreiras importantes no caso de Daniel. Cabe ressaltar que, talvez por coincidência, dentre os três casais entrevistados, Daniel e Priscila foram os únicos que moraram durante todo o período da pesquisa na casa dos pais dela, algo que pode ter representado uma importante fonte de apoio para o casal, mas, por outro lado, gerado uma maior interferência sobre os

aspectos de parentalidade destes jovens pai e mãe. Ademais, eles também foram os mais jovens dentre os pais e mães entrevistados e, em especial no caso de Daniel, a chegada da filha parece ter gerado uma repercussão mais conturbada e a necessidade de mudanças mais drásticas em sua vida em relação aos outros pais, o que talvez possa ter sido refletido sobre seu exercício da função paterna.

Ainda em relação à função paterna, de acordo com Winnicott (1965/1979) não está nas mãos da mãe tornar férteis as relações entre pais e filhos, mas está em seu âmbito possibilitá-las, ou, por outro lado, impedi-las ou desfigurá-las. Nesse sentido, para Priscila, parecia que algumas vezes Daniel não sabia se relacionar com Luiza, tratando-a como um “*gurizinho*”, por realizar com ela brincadeiras mais agitadas, algo que fazia Priscila interferir de forma a interromper a brincadeira, ou a fazer Daniel mudar seu jeito de brincar com a filha. Entretanto, é importante ressaltar a impossibilidade de afirmar que tais comportamentos de Priscila indicassem uma tendência a interferir de forma negativa na relação entre Daniel e Luiza, algo que só poderia ser analisado em um período de tempo mais longo. Daniel, por sua vez, falou sobre o quanto seu jeito de lidar com Luiza não era muito bem visto por Priscila. Enquanto ele achava importante estimular uma maior autonomia da filha, deixá-la explorar o ambiente e ajudá-la menos, Priscila, de acordo com ele, costumava interferir mais nas explorações de Luiza, não a deixando levantar-se sozinha quando caía e não soltando sua mão ao caminhar. Ele percebia que a sua forma de lidar com Luiza estava auxiliando em seu crescimento, e mostrava-se seguro e confiante no potencial que a filha apresentava no desenvolvimento de novas habilidades. Nesse sentido, apesar de sua pouca idade e do pouco conhecimento a respeito do crescimento e desenvolvimento de crianças pequenas, Daniel parecia exercer de forma adequada a sua função enquanto tutor nas aprendizagens cognitivas da filha, ao propor mais desafios e ao encorajar, mais do que Priscila, a deixar Luiza encontrar soluções por si mesma (Le Camus, 2002).

Em contrapartida, outro aspecto que chamou a atenção em relação ao exercício da função paterna foi a dificuldade de Daniel em impor limites à Luiza nos momentos em que estes se faziam apropriados, aspecto que também se fez presente nos relatos de Priscila. Embora considerasse ser a pessoa da família que mais conseguia fazê-lo, Daniel demonstrou dificuldade em lidar com o temperamento da filha, e admitiu que costumava ceder às suas exigências. Soma-se a isso o fato de que Daniel parecia associar a colocação de limites a uma situação de briga e, por este motivo, algo que parecia ser uma fonte de sofrimento para ele. Já para Priscila, esta dificuldade – que também via como dela própria – seria justificada pelo fato de Luiza ser a primeira filha do casal e, por conseguinte, eles não saberem ainda o que teria de

ser feito. Conforme já foi discutido anteriormente, uma visão mais negativa dos pais em relação ao temperamento dos filhos, algo que parece mais comumente observado em adolescentes, poderia levar a uma maior dificuldade de interpretação e manejo dos seus comportamentos (Marsiglio & Cohan, 1997). No caso de Daniel, esta dificuldade de impor limites poderia ter sido ainda agravada pela condição mais delicada de saúde de Luiza, decorrente do quadro de traqueomalácia que, embora já praticamente resolvido, demandava maior cuidado e atenção por parte dos pais e, possivelmente, suscitava neles mais angústias e preocupações. Cabe ressaltar que, dentro da teoria constelação da maternidade (Stern, 1997), a primeira preocupação da mãe seria justamente relativa ao tema de vida-crescimento. De acordo com Stern, a questão central deste tema estaria relacionada justamente à capacidade da mãe em manter seu bebê vivo e em fazer com que ele cresça e se desenvolva fisicamente, estando dentre as preocupações relativas a este tópico o medo de que o bebê morra ou deixe de respirar. No caso de Daniel, pode-se cogitar que a condição mais frágil de saúde da filha, a qual possuía uma malformação que afetava justamente seu sistema respiratório e que se manifestava por um forte ronco em sua respiração, possa ter suscitado sentimentos de culpa e sofrimento (Castro & Piccinini, 2002) e, desta forma, influenciado em sua aparente dificuldade em colocar limites à filha. Sendo assim, sem ter a pretensão de determinar os motivos para tal conduta, o fato é que Daniel parecia estar com dificuldades em exercer uma tarefa importante da função paterna neste período. Tal tarefa pressupõe o pai como aquele que, dentre outros aspectos, impõe limites à criança e protege a mãe dos impulsos destrutivos exagerados que a criança possa eventualmente dirigir a ela – onde entraria o comportamento de bater, outrora mencionado por Priscila –, proporcionando as medidas e os contornos necessários a tais comportamentos (Fulgêncio, 2007).

Em suma, os dados aqui discutidos em relação à experiência e à prática da paternidade de Daniel revelaram que ele pareceu, de modo geral, mostrar importantes adaptações em sua vida com o advento da paternidade. Sendo assim, enquanto pai, ele parecia ter assumido e incorporado a chegada da filha em sua vida, demonstrando-se responsável e preocupado com as questões relativas a sua nova família. Entretanto, os efeitos possivelmente negativos deste acontecimento na fase da adolescência também se fizeram presentes, dentre os quais se podem destacar os prejuízos em sua vida escolar e a entrada precoce no mercado de trabalho. Entretanto, Daniel parecia esforçar-se em enfrentar as dificuldades que surgiam de forma a manter-se presente e participativo na vida da filha. Ademais, algumas particularidades de Daniel relativas à prática da paternidade, como a dificuldade em impor limites à filha e a pouca participação nas tarefas de cuidado não podem ser atribuídas unicamente a sua pouca

idade, sendo que podem estar permeadas por aspectos relativos à paternidade nos mais diferentes contextos, não apenas quando esta acontece na adolescência.

Família 3: Matheus, Carla e Alice

Breve descrição da família

A Família 3 era formada pelo casal Matheus e Carla, de 19 e 17 anos, respectivamente, na época da gestação, e de Alice, filha do casal. Matheus e Carla namoraram durante seis meses até que ela ficou grávida. Apesar de ter havido uma “*desconfiança*” inicial, a gravidez só foi confirmada aos quatro meses. Tão logo houve a confirmação, Matheus decidiu morar com Carla. Na época da primeira entrevista, ao terceiro trimestre de gestação, eles moravam sozinhos numa casa de propriedade da bisavó de Carla. No mesmo terreno, porém em outras duas casas, moravam a mãe, o padrasto e a bisavó de Carla. Antes de morarem juntos, Carla morava com sua bisavó materna e Matheus com sua mãe.

Matheus e Carla se conheceram através de uma amiga em comum, que “*ajeitou*” para os dois ficarem juntos. Eles ficaram juntos por duas semanas até que começaram a namorar. Carla disse que inicialmente não teve nada que a atraiu em Matheus, mas que depois foi gostando do jeito carinhoso que ele tinha para com ela. Já Matheus referiu ter achado Carla uma guria bonita na primeira vez que a viu. Como namorados, eles costumavam sair bastante, ir a festas, pagodes, bailes *funk* e shows de *rap*. Apesar de referirem uma boa relação como namorados, as brigas naquele tempo já eram bastante frequentes.

Carla tinha quinze anos quando teve sua primeira relação sexual, com um namorado, cuja idade não soube informar. Ela relatou ter tido cinco namorados, sendo que com dois, incluindo Matheus, teve relações sexuais. Já Matheus não soube precisar a idade que tinha quando teve sua primeira relação sexual. Entretanto, disse ter tido outras três namoradas antes de Carla, com as quais teve relação sexual. Além disso, ele admitiu que, por duas vezes, duas de suas namoradas provocaram abortos de gestações indesejadas. De acordo com Matheus, ele e Carla costumavam usar camisinha, mas esta “*estourou*”, fato causador da gestação. No entanto, esta versão não foi confirmada por Carla, que disse nunca ter usado camisinha ou outros métodos contraceptivos nas relações sexuais com Matheus. Carla disse que chegou a adquirir pílula anticoncepcional por receio de engravidar, mas contou que sua bisavó “*escondeu*” as pílulas como uma forma de pressionar para que ela utilizasse camisinha e ficasse protegida de doenças sexualmente transmissíveis.

Matheus tinha apenas um irmão mais velho. Seus pais estavam separados há aproximadamente oito anos, pois, de acordo com ele, o casamento “*não deu mais certo*”. O pai de Matheus possuía ensino fundamental incompleto, tendo cursado até a quarta série. Matheus não soube informar a escolaridade de sua mãe. Ambos eram de nível sócio-econômico baixo. Já Carla era filha única e seus pais também estavam separados há aproximadamente nove anos. De acordo com ela, o motivo da separação foi uma traição do pai, o que fez com que sua mãe o deixasse. Tanto o pai quanto a mãe de Carla possuíam ensino fundamental incompleto, tendo cursado até a sexta série, e eram de nível sócio-econômico baixo.

Durante o terceiro trimestre de gestação, primeiro momento em que foram entrevistados, Matheus estava trabalhando em uma fruteira de seu pai. Em função do trabalho, havia três anos que deixara de estudar. Ele interrompeu os estudos na sexta série do ensino fundamental. Antes da interrupção, já tinha sido reprovado nesta mesma série, entretanto, não soube informar quantas vezes. Até começar a trabalhar, disse ter tido boas notas. No entanto, após ter conseguido seu primeiro emprego, motivado pela vontade de ter seu próprio dinheiro, começou a faltar aulas e chegar frequentemente atrasado, além de apresentar uma queda considerável em suas notas, até que decidiu priorizar o trabalho em detrimento dos estudos. Entretanto, no período em que foi entrevistado, planejava voltar a estudar, para dar um futuro melhor para a filha. Já Carla cursava o segundo ano do ensino médio. Entretanto, tinha deixado de ir à escola há aproximadamente dois meses, em função de dores nas costas causadas pela gestação. Ela tinha o plano de, ao final do ano, após o nascimento da filha, retornar para fazer provas e trabalhos perdidos, o qual não foi concretizado. Carla referiu ter tido sempre boas notas, exceto em matemática, matéria que lhe rendeu duas reprovações.

No segundo momento em que foram entrevistados, aos quatro meses de Alice, Matheus estava desempregado há duas semanas. Antes disso, já havia trocado de emprego duas vezes, em função de não ter o cadastro de reservista do quartel, o que lhe impedia de ter carteira assinada. Neste período falou novamente em voltar a estudar. Cogitava a possibilidade de cursar EJA (Ensino de Jovens e Adultos) no ano seguinte. Carla também não tinha retornado aos estudos, ao contrário daquilo que planejava. Ela contou que pensou em voltar, mas que as pessoas lhe aconselharam a não sair e deixar em casa a filha tão novinha. Seu plano era também de cursar um EJA no ano seguinte.

Na entrevista dos doze meses, Matheus e Carla estavam em crise, e foram entrevistados em diferentes momentos. Durante a entrevista de Carla, o casal estava separado havia duas semanas. Enquanto Carla tinha voltado a morar com a bisavó (antes disso eles

moraram um tempo com os avós maternos de Matheus), Matheus estava novamente residindo com a mãe. Mais do que separados, Carla referiu que eles estavam em conflito. Ela contou que até então eles já tinham se separado em torno de cinco vezes, desde que passaram a morar juntos, mas que sempre acabavam voltando. As separações, de acordo com Carla, eram motivadas por brigas constantes do casal e pelo temperamento explosivo de Matheus. De acordo com Carla, algumas brigas chegaram a envolver agressões físicas mútuas. Neste período Carla tinha começado a cursar EJA à distância e estava trabalhando como diarista na casa de uma vizinha. Antes disso, já tinha trabalhado fazendo panfletagem em campanha eleitoral. Por este motivo, Alice passava o dia sob os cuidados de uma vizinha. Carla tinha como planos, neste período, terminar os estudos e fazer um curso de enfermagem ou nutrição.

Já Matheus, quando foi entrevistado, um mês depois de Carla, contou que o casal já tinha voltado a se entender, embora permanecesse morando em casas separadas. Entretanto, de acordo com Matheus, o casal planejava voltar a morar junto assim que tivesse condições de ter sua própria casa, pagar aluguel. Diferentemente de Carla, ele negou qualquer agressão física entre o casal, embora confirmasse que eles brigavam com frequência. Neste período, ele estava trabalhando como azulejista, mas já planejava trocar de emprego. Ele seguia sem estudar, embora ainda tivesse planos de voltar aos estudos e fazer um curso de mecânica.

Durante esta última entrevista, Matheus contou que tinha outra filha, fruto de um relacionamento anterior, que durou um ano. Cabe ressaltar que nenhuma menção a este respeito havia sido feita por ele nas entrevistas anteriores, sequer ao responder à *Entrevista de Dados Demográficos*, quando foi lhe perguntado diretamente se Alice era sua primeira filha. De acordo com Matheus, a sua primogênita estaria então com três anos. Ele contou que conviveu muito pouco com ela (somente três meses), e que em seguida a ex-namorada foi morar no interior do estado, levando a filha e, desde então, ele não a viu mais. Segundo Matheus, ele chegou a pagar pensão durante um tempo, mas deixou de fazê-lo em função de não poder ter contato com a filha. Ele contou ainda que a ex-namorada trocou de endereço e telefone sem avisá-lo, entretanto, não forneceu maiores informações sobre as razões para esta conduta por parte dela. Carla, ao longo das entrevistas, não fez qualquer menção sobre este assunto.

Experiência da paternidade

A experiência da paternidade de Matheus foi analisada longitudinalmente (com exceção à reação à notícia da gravidez), de acordo com os relatos obtidos nas três etapas de coletas de dados: gestação, quatro meses e um ano de vida do bebê e os resultados serão

descritos a seguir para cada categoria. Conforme já mencionado anteriormente, para a análise deste eixo foram consideradas sete categorias: *Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez*, *Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai*, *Representações do pai acerca da filha*, *Representações do pai acerca da companheira como mãe*, *Representações do pai acerca dos seus próprios pais*, *Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência* e, por fim, *Representações da mãe acerca do companheiro como pai*.

Sentimentos e percepções do pai frente à notícia da gravidez

Durante a entrevista da gestação, Matheus contou que, apesar de não ter sido uma gravidez planejada, ele recebeu a notícia como algo “*normal, sem sustos*”, e disse ter ficado feliz: “*Ah, pra mim foi normal, não tive nenhum susto, nada assim, tem muitas pessoas que bah, mas eu não. Fiquei feliz ‘afú’*”. Ele afirmou ainda que foi o primeiro a ficar feliz com a notícia: “*Não, pior que a gente não esperava, daí quando vê, veio, sabe? Eu fui o que mais fiquei feliz primeiro*”.

Quanto à reação de Carla, Matheus relatou que, apesar de ela ter ficado feliz, também teve medo de que ele a deixasse: “*Ela não, não teve um susto. Ela ficou feliz, mas é que ela tinha medo, né, que eu fosse dar no pé*”. Da mesma forma, de acordo com ele, a família de Carla também tinha o mesmo receio e, por isso, mudou sua atitude para com ele: “*Eles nem falavam comigo direito... Porque eles pensavam que eu ia fugir*”. Por esse motivo, ele disse ter tomado a decisão de morar com Carla, a fim de tranquilizar a família, atitude que pareceu melhorar a relação de Matheus com os familiares dela: “*Aí eu quis vim pra cá [morar com Carla], foi eu que falei pra ela que nós ia morar junto, né, pra deixar eles mais tranquilo. Ai hoje são isso ai comigo, os mais ‘tri’. O medo deles era que eu fosse deixar ela, né?*” Matheus disse entender este tipo de preocupação: “*A preocupação deles era essa. Eu entendo eles, sabe? Imagina, eu tenho a filha, o cara vai lá, vai engravidar e vai largar*”.

Já a reação de seus próprios pais à notícia da gravidez foi percebida de forma bastante positiva por Matheus. De acordo com ele, seus pais, mesmo antes da confirmação da gravidez, já questionavam o casal desta possibilidade, e ficaram muito felizes com a confirmação: “*Deu risada [a avó paterna]. É porque a minha mãe é muito alegre, Deus o livre, não queira conhecer ela! Tá sempre rindo, bah, é uma pessoa feliz, tá sempre rindo! Me deu os meus parabéns e ficou toda faceira*”!

Mesmo o pai, que Matheus estava mais receoso em dar a notícia, reagiu de forma positiva, cumprimentando o filho pela novidade: “*O meu pai que eu pensava que ia ser... que*

bah, eu cheguei nele e Deus o livre, chegou a dar um aperto... ele que descobriu, porque no meu falar ele falou 'Eu sei'. Aí quando vê ele 'A Carla tá grávida, né?', daí eu falei 'É', e ele 'Meus parabéns'!" Ele ressaltou o quanto este apoio inicial da família lhe deixou feliz: *"Só me deixou feliz os dois [avó e avô paterno]. Bah, por incrível que pareça! Eles me deram o maior apoio. Bah, desde a primeira vez que eu falei pra ela, pra ele, pro meu irmão"*.

Analisados conjuntamente, os relatos de Matheus concernentes às reações das pessoas frente à notícia da gestação apontaram que esta parece ter sido mais bem recebida por ele mesmo e sua família, do que pela companheira e pela família dela. Talvez pelo fato de que o receio de Carla e de sua família estivesse atrelado às expectativas quanto às atitudes do próprio Matheus frente a este novo acontecimento. Desta forma, frente a esta insegurança inicial apresentada pela família de Carla, Matheus procurou demonstrar seu comprometimento com a gestação através da decisão de morar junto com Carla. Atitude que, de acordo com Matheus, teria amenizado o desconforto inicial sentido pela família da companheira.

Representações do pai acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai

Durante a entrevista da gestação, Matheus referiu estar sentindo-se muito feliz com a gravidez e a perspectiva de ser pai. Diferentemente do que via acontecer com outras pessoas, ele disse não ter ficado assustado com a gravidez e com a possibilidade de ter que trabalhar mais para poder sustentar a filha: *"É que pra mim não... Várias pessoas tomam um susto, um baque, eu não, né? Todo o mundo dizia 'Agora vai ter que trabalhar em dobro', o negócio é só trabalhar e sustentar e criar, né? Não é difícil... Se a minha mãe me criou"*. Matheus contou que, até aquele momento, não tinham acontecido muitas mudanças em sua vida com o advento da gestação. Ele percebia apenas que ele e Carla tinham deixado um pouco de sair depois que ela engravidou: *"Ah, a gente só não sai mais. A gente saía, vivia na rua"*.

Ao falar sobre como imaginava que seria como pai após o nascimento da filha Matheus disse acreditar que seria um bom pai, tomando como referência a educação que seus próprios pais haviam lhe dado: *"Ah, um pai bom. Não vou bater, vou criar, vou educar direitinho, que nem a minha mãe e o meu pai me educaram"*. Para tanto, ressaltou que procuraria entender e adaptar sua forma de lidar com uma criança, sem precisar ser agressivo naqueles momentos em que ela chorasse: *"Agora eu tenho que colocar a cabeça pra frente e saber lidar com a criança. Eu não vou, toda a vez que ela chorar e não quiser parar de chorar, eu não vou tocar ela na parede"*.

Ao ser questionado sobre seus possíveis modelos de paternidade Matheus novamente fez referência ao seu próprio pai como um modelo positivo, de carinho e, ao mesmo tempo, de

firmeza: “Ah, ele [avô paterno] era tri, ele era carinhoso, assim, ele era... Tipo, bah, nem sei explicar como ele é, sabe? Ele é meio durão, não sei explicar. O meu pai é ‘faca na bota’. Ele é ‘tri’, bah!”. Por outro lado, ao falar sobre quem não gostaria de ser parecido como pai, ele citou o pai de suas primas, que via como um mau exemplo, em função de sua atitude para com as filhas que, ao invés de dar amor e carinho, utilizava-se do dinheiro como forma de ‘comprá-las’: “Ele era um pai tri esperto, ele comprava as filhas dele, sabe? Sempre com dinheiro. Eu não quero ser assim, eu quero dar amor e carinho pra minha filha. Quando eu tiver dinheiro, eu dou, quando eu não tiver, paciência. Mas eu não vou deixar faltar nada também”.

Já em relação às representações acerca da paternidade na entrevista dos quatro meses, segundo momento em que foi entrevistado, Matheus contou que ser pai estava sendo uma experiência legal para ele, que estava feliz e percebendo mudanças em sua vida com a chegada da filha: “Pra mim tá sendo legal, né? Me sinto feliz, é outra... como é que eu posso te dizer? Ah, é outro tipo de vida. A gente só se dedica pra ela [filha] agora, né”? Neste período ele contou, orgulhoso, que as pessoas lhe faziam elogios quanto ao seu jeito como pai e ao seu modo de lidar com crianças: “Eu já recebi bastante elogio já. Por causa que tinha um outro bebê de onze meses e ela tava enjoadinha e aí eu peguei ela, ela ficou quieta, parou de chorar e começou a se rir pra mim, e ela não é de rir e começou a se rir. Aí eu virei ela, botei pra dormir, que nem eu faço com a Alice, porque a Alice é muito espoleta, então o bebê era bem calminho, bah, pra mim era, né, tô acostumado com ela, toda hora. Daí elas se assustaram ‘Bah, olha ali ele é bem prestativo’ [risos]. Aí fiz ela dormir no meu colo”.

Neste período, ao falar sobre os seus modelos de paternidade, Matheus fez referência ao seu avô como alguém que procurava se espelhar nos cuidados com a filha, por ser um homem lutador, trabalhador e próximos das filhas: “Ele sempre falou pra nós que, pra nós não decepcionar ele até ele morrer, que ele queria nós fosse que nem ele, assim. Porque o meu vô sempre foi lutador, trabalhou desde os nove anos. (...) Bah, Deus o livre, as filhas dele ficam tudo na volta dele”.

Na entrevista dos doze meses Matheus falou sobre o quanto se sentia feliz em ser pai, em poder acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de Alice, participar da sua conquista de novas habilidades: “Ah, me sinto feliz. Ela cada vez mais ela... a gente nota coisa diferente nela, né, que ela aprende muita coisa. Agora ela tá falando, ela corre, ela, bah, tudo ela descobre”. Foi durante esta entrevista que Matheus falou pela primeira vez sobre sua experiência anterior de paternidade, com a filha que estava então com três anos de idade e com a qual teve muito pouca convivência. Por esse motivo, a possibilidade de estar

perto de Alice, acompanhando-a em sua evolução, foi especialmente destacada por Matheus, que não teve esta oportunidade com a filha mais velha: *“A gente fica, sei lá, é tri estranho, algumas coisas que eu nunca vi assim, entendeu? É que a minha outra filha foi diferente dela, eu não via... Agora eu tô acompanhando tudo, pra mim às vezes eu fico assim, bah, nem acredito, entendeu? Eu vi ela caminhar o primeiro passo, a primeira palavra, tudo! (...) A minha outra filha eu não pude e da Alice eu tô acompanhando tudo. Às vezes eu não acredito, entendeu? Porque antes, bah, quando eu pensava ‘bah, eu não acredito que não tenha nada que eu não possa fazer, eu sou pai, eu tenho direito’, entendeu? É isso que eu ficava, não aceitava. Daí com a Alice foi tudo diferente”*.

Matheus, neste período, também falou sobre as mudanças que aconteceram em sua vida com a chegada de Alice, relativas especialmente à rotina de trabalho e cuidados com a filha, que ele considerava um pouco cansativa: *“A gente tem que se esforçar, que nem eu batalho um monte por ela, porque a gente tem gasto, bah! A vida da gente muda, é outro tipo de rotina, né? A vida da gente muda. Não vou dizer que não é cansativo, até pra mãe dela, que a mãe dela agora tá trabalhando. Bah, às vezes a gente trabalha, cuida dela e bah... Cansativo, mas também não é difícil, pra mim não é difícil. Só às vezes é um pouco cansativo”*. Entretanto, Matheus considerava a si mesmo como um pai bastante presente e preocupado com a filha, idéia que ele dizia ser reforçada pelas pessoas com as quais convivia: *“Eu acho que eu sou um pai legal, presente. Eu me preocupo com a minha filha também, pelo menos o que todo mundo vê e diz pra mim”*.

Em relação aos modelos que procurava seguir no cuidado com a filha, Matheus fez menção à própria mãe. Ele disse que procurava ser um pai tão cuidadoso e preocupado quanto a mãe foi para com ele e o irmão, e mesmo como ela era com a própria neta. Já em relação ao modelo que considerava negativo, Matheus evitou falar sobre, e deu a entender apenas tratar-se de alguém da família de Carla: *“Mas como é que pode uma pessoa não ter um carinho por uma criança, criança não tem culpa, né? E as pessoas às vezes dão uma coisa e depois ficam falando. (...) Bah, nem vou falar, porque senão é pior. Melhor nem falar”*.

Analisados em conjunto, os relatos de Matheus quanto as suas representações de paternidade e a si mesmo como pai apontaram que, desde o início, ele se sentiu confortável e feliz em seu papel de pai. Apesar de, no período gestacional, não ter percebido mudanças em sua vida com o advento da gravidez e de acreditar que a paternidade não seria difícil, na entrevista dos doze meses admitiu que a rotina de trabalho e cuidados com a filha tinha se tornado um pouco cansativa.

A família sempre apareceu como uma referência muito forte nos relatos de Matheus ao elencar seus modelos de paternidade. Nesse sentido, ao falar sobre as pessoas nas quais procurava se espelhar em seu papel de pai, destacou positivamente características como: ser carinhoso e, ao mesmo tempo, “durão”, lutador, trabalhador, cuidadoso e preocupado. Em certa medida, algumas destas características se fizeram presentes nos relatos de Matheus ao falar sobre si mesmo como pai.

No entanto, o que mais chamou a atenção nos relatos de Matheus foi a comparação que ele mesmo fez em relação a sua experiência anterior de paternidade, com a sua filha mais velha, com a qual não tinha mais contato, e a atual, enquanto pai de Alice. De certa forma, a convivência restrita com sua filha mais velha e a impossibilidade de participar de seu crescimento e desenvolvimento, pareceu fazer com que ele valorizasse ainda mais sua presença na vida de Alice, e a oportunidade de compartilhar os momentos importantes da vida da filha.

Representações do pai acerca da filha

Na entrevista da gestação, Matheus falou sobre o quanto estava ansioso para o nascimento da filha, para ver como seria seu rosto: “*Eu fico assim ó, toda hora eu pergunto ‘quanto falta’ quando ela vai no médico, e nunca chega, bah, eu tô louco que chegue de uma vez! Ver o rostinho dela, como é que vai ser*”. Ele também acreditava que seria bastante apegado à filha: “*Eu vou ser tri apegado a ela, né? Vai ser bom. Ela só vai ficar comigo*”.

Neste período ele contou sobre sua reação ao saber que seria pai de uma menina, algo que ele almejava: “*Bah, quando eu vi que era uma menina... bah, tá louco, eu queria que fosse*”. Quando questionado sobre os motivos pelos quais tinha preferência por uma menina, Matheus justificou que meninos costumam ser mais vulneráveis, por exemplo, a envolvimento com drogas: “*Menina é melhor que guri, né? Sei lá, o guri depois que cresce é mais fácil de tu perder ele... nessa vida aí que tá. (...) Ah, entrar nas drogas e nesses negócios, aí, nessa vida aí, não leva a nada. Aí mulher já é um pouco mais difícil, né?*”

Na entrevista dos quatro meses, Matheus falou sobre o seu primeiro contato com a filha. Apesar de não ter participado do parto, conforme era sua intenção, ele contou sobre a sua emoção em vê-la pela primeira vez no hospital quando, mesmo sem terem lhe dito que era sua filha, ele disse ter conseguido identificá-la: “*Um monte de bebê, não tinha uma ‘tia’ ali, eu pensei ‘Bah, qual que é a minha, será’ [risos]? E teve uma que eu fiquei... a que eu tava cuidando era a minha filha, sabia? Sabe quando tu olha assim, mas fica, bah, eu fiquei com aquela coisa assim nela e era ela. Ela tem o rosto d’eu. Eu chorei, bah... emoção*”.

Ele falou também sobre suas impressões a respeito da filha, que considerava estar crescendo e se desenvolvendo de forma muito rápida: *“Ela se desenvolveu muito rápido. Bah, tá muito esperta. Ela já, ela conhece a minha voz, a da Carla. (...) Ela já quer engatinhar. Outro dia ela tava nas minhas coxas, daqui a pouco tava na minha barriga. Bah, muito avião ela! Uma coisa que parecia que ia demorar tanto tempo ela já tá fazendo. Ela vai caminhar muito rápido e vai falar muito rápido”*.

Matheus considerava a filha como uma criança mais *“agitadona”*, diferentemente do período logo após o nascimento, quando percebia que a filha era mais calma: *“No começo ela era mais light. Mais calminha, não era tão agitadona ainda”*. Entretanto ele ressaltou que, naquele período, já se sentia mais adaptado, e sabendo manejar as *“artes”* da filha: *“Foi tudo do tempo ao tempo. Quando ela foi começar a ficar arteira, nós já tava sabendo a lidar com ela”*. Ele considerava inclusive mais fácil de lidar com ela agora que estava maior e mais esperta: *“Agora é mais barbada. Comigo pelo menos eu pego ela e saio e ela fica quietinha e ri. Saio com ela no carrinho e ri pros outros. (...) Ela é maior, né? Tá melhor pra pegar, ter cuidado. Ela tá mais esperta, agora ela brinca, ela ri, ela bagunça [risos]”*. Neste período ele disse inclusive já ser capaz de identificar os diferentes tipos de choro da filha, conforme sua entonação, o jeito de chorar: *“Se ela chorar de fome, a gente sabe, se ela chorar de cólica a gente sabe. Não é só do jeito de chorar. Às vezes ela chora um pouquinho mais fraco, um pouquinho mais forte”*.

Matheus, neste período, considerava a filha parecida com ele, tanto fisicamente quanto em seu jeito, que ele caracteriza como agitado: *“Eu acho que ela tem o jeitinho meu, de quando eu era bebê. Esses tempos nós tava olhando as fotos aí. É que nem eu, ela é eu escrita. Agitadinha. (...) Eu sou agitado. A mãe dela já é mais na manha”*. De acordo com Matheus, não só ele considerava a filha parecida consigo, mas mesmo sua própria mãe já costumava chamá-la pelo diminutivo de seu nome cada vez que ela demonstrava-se mais agitada, ou que fazia algo que remetia ao jeito do filho quando ele era bebê: *“Minha mãe falou assim ‘Bah, tô passando isso duas vezes’. Ela diz quando tá dando banho nela [filha], ou alguma coisa, que ela puxa até os brincos ‘Pára Matheusinho’ [risos]”*!

De forma semelhante, na entrevista dos doze meses, Matheus seguia achando a filha muito parecida consigo. Ao falar sobre as semelhanças entre os dois, em especial no que dizia respeito ao temperamento, Matheus fez referência a si mesmo tanto nos dias atuais, quanto em seu jeito quando era bebê: *“Às vezes ela... que eu sou bem estressado, né, então pra mim, qualquer coisa, é dois minutos eu já me estresso. E ela [filha] é igual, às vezes, bah, têm uns ‘chiliquizinho’, começa a se tremer quando a gente não deixa ela pegar as coisas. E ela é*

igualzinha a mim, meu gênio. Até a Carla sabe. (...) Não é que... em mim não dá esses chiliques, mas, tipo quando eu era bebê, ela é igualzinha quando eu era bebê, entendeu? Às vezes eu fico pensando 'Bah, eu era assim, meio louquinho' [risos]". Ele novamente atribuiu à filha a característica de ser "agitada": "*Ela grita, ela sai correndo, ela pula, ela corre, ela dança, bah, ela faz tudo já, tu não tem noção! É agitada*".

Neste período ele falou também de forma bastante positiva sobre o desenvolvimento da filha. Para Matheus, a filha era uma criança muito esperta: "*Ela faz tanta coisa! Tu não tem noção, bah! Não tem como eu falar isso ou aquilo... Por isso que eu falo, ela é muito esperta, cara, ela é muito esperta*". Ele falou entusiasmado e de forma carinhosa sobre o quanto ficava feliz com cada nova aquisição da filha: "*Bah, ela tá um amor, tu não tem noção. Tudo que ela faz a gente fica feliz com ela. (...) Ela gosta de jogar bola. Ela sai, ela joga, ela corre, ela grita gol*".

Analisados conjuntamente, os relatos de Matheus em relação as suas representações sobre a filha apontaram que, desde o início, no período gestacional, ele já se mostrava empolgado e ansioso pelo nascimento dela, pela possibilidade de poder ver como era seu rosto, como seria estar com ela. Na gestação, ele demonstrou estar feliz em saber que seria pai de uma menina, pois considerava mais difícil lidar com meninos. Entretanto, pode-se pensar também que esta 'preferência' estivesse, já naquele momento, permeada pela possibilidade de construir com Alice uma história diferente daquela que teve com sua filha mais velha.

Outro aspecto que chamou a atenção nos relatos de Matheus foi a forte relação que fez entre o temperamento da filha e o dele próprio. Entretanto, em alguns momentos, esta semelhança foi ilustrada por características dele enquanto bebê, algo que indica a possibilidade de que esta construção tenha sido feita não apenas a partir de sua própria experiência, mas do que escutava sobre a experiência dos seus pais, em especial de sua mãe, ao lidarem com seu jeito mais 'agitado' quando ele era bebê.

Representações do pai acerca da companheira como mãe

Quando foi entrevistado durante a gestação, Matheus disse acreditar que Carla não pensava em ser mãe neste momento da sua vida, mas bem mais tarde: "*Ah, bem mais pra lá [ela pensava em ser mãe]. Ela ainda é muito, sabe? Muito... bem na manha ela é, ela é quase parada*". Entretanto, na visão dele, Carla estava "curtindo" a gravidez, por ele estar sempre fazendo carinho nela, conversando com a filha: "*Ela tá curtindo, que eu faço carinho nela, na barriga. Toda hora eu converso com a minha filha, quando ela vai se deitar, eu brinco, eu*

falo”. Além disso, ele falou sobre a reação positiva de Carla ao ver a filha durante a primeira ecografia: *“Ela ficou toda faceira. Sorriu... eu até tirei foto”*.

Por outro lado, Matheus percebia que Carla, após a gravidez, estava demonstrando um maior incômodo frente aos momentos em que ele saía de casa sozinho: *“Só que às vezes ela entra numas viagens. Tipo, se eu, às vezes ela tá aqui, eu pego a moto pra ir em algum lugar, ela já começa ‘Tu só quer dar banda, só quer dar banda’”*. Além disso, Matheus relatou que, quando foi morar com Carla, após a gravidez, acabou se afastando de diversas pessoas com as quais costumava conviver, inclusive de amigos muito próximos, para evitar desavenças com a companheira: *“Depois que eu me casei [fui morar] com ela, também, eu deixei de falar com várias pessoas... homem, mulher. Mulher por causa de ciúmes, né? Tu sabe... E homem porque, sei lá, quando tu casa é diferente, sabe? Não é mais a mesma pessoa.(...) Eu tinha um amigo meu que era um irmão, sabe? Aí às vezes a Carla brigava e ‘pá’. Aí eu tinha que sair pra algum lugar que a Carla queria, e eu fazia sempre as vontades dela”*. Ele mencionou ainda que Carla não respeitava mais suas opiniões, e sentia que havia perdido sua autoridade dentro de casa, algo que parecia tolerar em função da gravidez: *“Às vezes eu digo ‘Ô Carla, tu não respeita minhas... Eu não tenho mais autoridade dentro de casa’. Bah, tá demais, tomara que nasça de uma vez”!*

Por outro lado, ele também percebia que a gravidez tinha gerado mudanças positivas na vida de Carla que, de acordo com ele, estava mais madura e responsável: *“Pegou mais responsabilidade, ela aprendeu a fazer bastante coisa que ela não sabia, ela amadureceu”*. Quando questionado sobre que coisas Carla havia aprendido com a gravidez, ele fez menção, em grande parte, a tarefas domésticas, como cozinhar e limpar a casa, as quais, de acordo com Matheus, ela havia aprendido com ele mesmo e com pessoas da família: *“[Fazer] comida. Ser uma dona de casa também, que ela é. Ela limpa, grávida, ela varre, ela faz tudo. Antes ela não fazia nada. Ela não sabia. (...) Eu [ensinei], porque eu sempre soube cozinhar, a mãe dela, todo mundo, a minha mãe... foram dar uma ajuda pra ela”*.

Na entrevista dos quatro meses, Matheus referiu que, logo após o nascimento de Alice, Carla ainda estava um pouco assustada com a maternidade, como se ainda não tivesse *“caído a ficha”*. Dentre outros aspectos, considerava que ainda havia um pouco de receio, tanto por parte dela quanto de sua família, de que ele fosse deixá-la: *“Ah, no começo não tinha caído a ficha dela, mas depois, engrenou. Ela tava meio assustada, a família, eles pensaram que eu ia largar ela, não ia assumir ela”*. Em parte Matheus também acreditava que essa dificuldade inicial se dava pelo fato de Carla ter sido sempre uma menina muito mimada pela bisavó, que lhe fazia todas as vontades: *“Ela era muito mimada pela vó [bisavó] dela, a vó dela fazia...*

mas ela não fazia nem suco, a vó dela que fazia, trazia pra ela na cama, imagina, uma guria de dezessete anos! Ela sempre foi mimada, daí agora tá bem diferente”.

Por outro lado, ele dizia-se surpreso por perceber a rápida mudança de Carla, que agora estava mais responsável: *“Ah, ela tá mais responsável. Mudou pra melhor. (...) Bah, eu não esperava tanto, tanto assim dela. Pelo que ela era, não esperava que ela ia mudar tão rápido, entendeu? Eu confiava nela, sabia que ela podia mudar, mas ela mudou muito rápido”.* Neste período, ele novamente falou sobre as tarefas que ela teria aprendido junto com ele, como cozinhar: *“Ensinei ela a cozinhar, fazer... ela não fazia nada, né? A gente foi junto, foi indo, foi indo...”.* Matheus também não poupou elogios ao falar do jeito de Carla como mãe, sobre sua maneira de cuidar de Alice: *“Ela é super atenciosa com a Alice, bah, é uma mãezona mesmo! (...) Ela, se tiver que acordar de madrugada, ela acorda, quando eu também acordo ela acorda, bah, é uma guerreira. Ela se dedica toda hora pela filha dela, ela é bem companheira”.*

Durante a entrevista dos doze meses, Matheus mais uma vez mencionou a respeito da dificuldade inicial de Carla com a maternidade, a qual atribuía ao fato de, na visão dele, ela ter sido muito mimada pela família: *“Antes ela tava um pouco perdida, mas depois ela engrenou, pegou a manha. Lá no começo, ela tava meio assim, mas depois caiu a ficha dela. (...) A Carla sempre foi uma pessoa, como é que eu posso dizer? Ela era muito mimada pela família, mas ela sempre teve os objetivos dela, de progredir, então eu sabia que ela ia se desenvolver”.* Por outro lado, naquele período, ele voltou a falar de forma positiva sobre a forma como Carla era com Alice, de seu jeito como mãe: *“A Carla cuida bem dela [filha]. Eu acho que o jeito dela é bem... bem mãe ela, prestativa”.*

Matheus e Carla tinham passado recentemente por uma crise conjugal, quando ficaram algumas semanas separados. De modo semelhante, a relação de Matheus com a família de Carla também não estava indo bem, e ele fez diversas críticas à mudança de comportamento dos familiares de Carla após o nascimento de Alice: *“Antes da Alice nascer ela [Carla] era mimada, entendeu? Ela ganhava tudo. Depois que ela me conheceu, aí parou tudo. (...) Não sei se é comigo, um pouco a Alice atrapalha eles, entendeu? (...) Eles se fazem de vó, de vô e ninguém é ninguém. Porque eles se fazem que gostam da criança e eles nem gostam, eles não tem paciência com a criança, eles gritam com a criança, eles... bah, tá louco”!* Mais do que isso, ele atribuía parte da culpa pelos desentendimentos do casal à família de Carla: *“Não se falamos [ele e os familiares de Carla]. Pra eles eu sou um maloqueiro. Porque eles têm raiva da Carla, entendeu? Que a vó [bisavó] dela é uma interesseira, uma mercenária que gosta de*

dinheiro e ela quer que a Carla case com uma pessoa rica. Entendeu? E a Carla falou pra ela que ela não quer. E o problema é que aquela 'véia' se mete demais na vida dos outros”.

Nesse sentido, aquela harmonia inicial outrora mencionada por Matheus entre ele e os familiares de Carla agora era vista por ele como “*cinismo*”: “*É que eles são muito cínicos, entendeu? Eles se fazem de teu amigo e falam de ti pelas costas, pessoa assim pra mim não me serve, entendeu? Eu não falo, mas muitas vezes eu matei a fome da mãe dela que não tinha o que comer e ia comer lá em casa, mas depois eu não prestava, entendeu?*”. Mesmo assim, ele procurava entender o lado da companheira, por tratar-se de sua família: “*O problema é a família dela [Carla], entendeu? Eu entendo ela, que nem eu sempre falei com ela 'Eu sempre vou te entender'. Que nem ela falou 'Eu tô com vocês tudo [família de Matheus], mas às vezes tu é tua família e tudo, mas e como tu acha que eu me sinto?'. Eu falei 'Eu sei, por isso que eu sempre tô do teu lado'. E eu tô sempre tentando ajudar ela, entendeu?*”?

Analisados conjuntamente, os relatos de Matheus demonstraram que, na visão dele, Carla tinha apresentado mudanças positivas com o advento da maternidade. Apesar da dificuldade inicial, percebia que ela tinha se tornado uma boa mãe, bastante cuidadosa e atenciosa para com a filha. Já na entrevista dos doze meses, apesar de seguir vendo positivamente o papel de Carla enquanto mãe, ele se mostrou desapontado com a forma pela qual a família dela tinha se apresentando nos últimos tempos, fato que acreditava ter interferido na própria relação do casal e, ao que parece, ao menos em certa medida, também na forma como ele mesmo a via. Isto porque, em mais de um momento, Matheus pareceu atribuir a separação temporária do casal à interferência negativa da família dela, pelo menos na sua percepção.

Representações do pai acerca de seus próprios pais

Durante a entrevista da gestação, Matheus fez menção, diversas vezes, aos pais. Estes pareciam ser suas referências enquanto pessoa e enquanto pai, bem como suas maiores fontes de apoio. Em relação ao pai, ao declarar sua preferência por ser pai de uma menina, pelo menor risco de envolvimento com drogas e de envolvimento com situações de risco, Matheus lembrou-se do que seu próprio pai dizia em relação às preocupações em ter filhos homens: “*O meu pai sempre me disse 'Se um dia que tu tiver teus filhos, tu vai ver porque que o pai não deixa tu sair pra rua e fazer as coisas'. E agora eu já tava pensando 'Bah, será que eu vou me incomodar?'. Agora eu vi o que meu pai sentia*”.

O pai também foi lembrado quando Matheus falou sobre seus antigos planos profissionais: *“Caminhoneiro eu queria ser também. Porque o meu pai era antes”*. Ao falar sobre a vontade que tinha em ser caminhoneiro, profissão de seu pai, Matheus fez referência às lembranças de quando podia viajar junto com ele: *“Então eu viajava com ele. Já fui pra tudo o que é lugar... Salvador, Bahia, São Paulo. E eu dizia pra ele ‘Quero ser que nem tu’, porque eu gostava de dirigir, né, nas estradas, bah”*! Entretanto, seu plano de ser caminhoneiro havia mudado desde que ele soube que seria pai, porque esta era uma profissão que lhe deixaria muito tempo longe da família, algo que não lhe agradava: *“Ah, agora, mudou tudo. Agora eu não vou mais poder ser caminhoneiro, porque senão eu vou ficar muito longe da minha filha e da minha mulher”*. Esta parecia ser uma decisão permeada pela sua própria experiência como filho de um caminhoneiro, que sofria por ter pouco tempo para estar junto do pai: *“O meu pai vinha um dia pra dormir assim, às vezes ele chegava às sete horas da noite. No outro dia, de manhã ou de tarde ele tinha que tá indo já. Bah, é tri ruim”*!

Em outros momentos da entrevista, ao falar sobre o pai, Matheus ressaltou suas características positivas: *“Ali [no bairro onde o pai de Matheus reside] rola tudo lá, né? Rola várias ‘trampa’. Mas sabe que o meu pai é certo, o meu pai, bah, Deus o livre! Tipo, tu pode ter uma tevê 29 polegadas, se tu quiser cinco ‘pila’ e se tu disser que é roubada ele não compra”*. Mais do que isso, ele mencionou receber muito apoio do pai naquele período, tanto em termos financeiros, quanto na forma de conselhos que ele lhe dava: *“Eu vou fazer uns cursos agora, que meu pai vai pagar pra mim. (...) Fora os dinheiros que ele me dá, ele me dá vários conselhos, me dá apoio... bah, o meu pai é sem palavras”*!

De forma semelhante, Matheus falou da mãe de forma bastante positiva, caracterizando-a como uma mulher *“batalhadora”*, que se esforçou e sofreu para criar ele e o irmão. Matheus mencionou também sobre sua vontade de um dia poder retribuir aquilo que sua mãe havia feito por ele: *“A minha mãe saía às seis horas da manhã, comigo e mais o meu irmão e um monte de sacola pra ir trabalhar. A minha mãe sofreu... Bah a minha mãe foi uma batalhadora! Por isso que eu falo, se um dia eu ficar rico, eu quero ajudar ela pro resto da minha vida”*.

Neste período, Matheus mencionou que a relação com a mãe, que já era boa, estava ainda melhor em função da gravidez de Carla: *“Mudou porque ela tá mais feliz, né? Mas eu e ela tá normal, mas tipo ela liga toda hora pra perguntar como é que a Carla tá, como é que eu tô, como é que tá a Alice”*. Mais do que isso, ele percebia que a mãe estava mais tranqüila desde que ele tinha saído do bairro onde morava, considerado perigoso, para ir viver com Carla: *“Eles [avós paternos] tão super feliz porque de repente eu casei, eu saí de lá. Que a*

minha mãe tinha preocupação de mim lá na rua com a Carla, tudo. Porque lá não tem hora pra dar tiro. E até de eu me envolver, sabe? Porque eu chegava e ela fazia um questionário, todo o dia. Daí eu falava ‘Mãe, eu não me envolvo, eu não faço’. E agora ela fica mais faceira, ela consegue dormir descansada”.

Na entrevista dos quatro meses, Matheus falou sobre o quanto seus pais estavam apegados à Alice, especialmente por terem tido dois filhos homens e, agora, uma neta. Ele ressaltou, ainda, que o sonho de seu pai era ter uma filha e, por esse motivo, estava todo “bobo” com a chegada da neta: *“Bah, minha mãe, com a minha filha ela gasta pra caramba. Compra presente, compra boneca, sabe como é que é vó, né? Bah, Deus o livre! E ela teve dois homens e o meu pai, então, que o sonho dele era uma filha tá todo bobo também. Ele falou que ia fazer de tudo pra minha filha, é apegado com ela”.* De acordo com Matheus, a avó paterna era uma pessoa muito presente na vida da neta, que ia visitá-la quase que diariamente, e que costumava declarar que a neta era “tudo” para ela: *“A minha mãe, Deus o livre, minha mãe, ela é... a Alice é tudo pra ela. Esses dias ela falou ‘Vocês nem pensem em tirar essa guria de mim, porque essa guria é tudo pra mim!’, quase chorando”.*

Neste período, Matheus relatou que a mãe era a pessoa que mais lhe ajudava desde o nascimento da filha: *“Minha mãe fazia leite, ajudava a dar banho, ajudava a cuidar... Foi ótimo, porque às vezes até tu pegar a ‘manha’, até acalmar, leva um tempo”.* Mais do que ajudar nos cuidados com a filha, a mãe de Matheus costumava dar-lhe conselhos e cobrar sua responsabilidade em relação à filha, especialmente nos períodos em que ele ficava desempregado. Matheus considerava esta atitude da mãe como uma forma de cuidado, por querer o bem do filho: *“A responsabilidade aumenta, né? E a minha mãe já fica... Se eu dou duas semanas sem trabalhar ela já cai em cima ‘Olha a tua filha, não sei o que...’. (...) Porque o cara vê que família é família, não adianta. Tá sempre, né, tentando ver o bem, não falam pelo mal da gente”.* A mãe de Matheus parecia exercer este papel de maior cobrança não apenas agora que ele tinha uma filha, mas também quando ele era criança. De acordo com Matheus, a mãe era quem o fazia andar “na linha” e estudar. Ele percebia que seu desempenho nos estudos era bom no período em que morava com a mãe, antes da separação de seus pais, diferentemente do período em que viveu com o pai, logo após a separação: *“Minha mãe era na linha, não podia nem sair pro pátio. Ficava só em casa, estudava, e só. Quando eu morei com a minha mãe eu passei por média até a sexta, depois que eu saí, eu desandei no estudo, até porque ela tava sempre em cima, me ajudava a estudar. Não fazia por mim, né? Me ajudava com o certo”.*

Já o pai de Matheus, que em função do trabalho esteve mais ausente no período logo após o nascimento de Alice, parecia mais presente quando a neta estava com quatro meses: *“O meu pai vinha pouco. Meu pai trabalhava, tava sempre em função. Agora ele vem bastante, ele liga pra nós, pra nós levar quando precisa”*. Matheus mencionou ainda que sempre foi mais apegado ao pai, enquanto o irmão era mais próximo da mãe. Esta maior proximidade com o pai fez com que Matheus decidisse morar com ele logo que houve a separação, algo que, naquele tempo, parecia ter deixado a mãe magoada: *“O meu pai, não sei, porque eu sempre tive um amor por ele, eu tenho o amor dos dois igual, só que o meu irmão era, assim, um pouquinho mais da minha mãe e eu mais colado com o meu pai. E às vezes ela fala que, que quando eles se separaram eu saí de casa no primeiro dia eu fui junto com meu pai. E ela fica triste ela fala, ela tem essa mágoa”*. Entretanto, Matheus mencionou que o pai, que tinha sido mais distante quando ele era pequeno, havia mudado seu jeito de ser após a separação. Mais do que isso, ele contou que o pai referia arrependimento de não ter sido tão presente na vida dos filhos, e aconselhava Matheus a ser um pai diferente do que ele próprio tinha sido: *“Agora, sabe que ele [avô paterno] mudou desde que ele se separou da minha mãe. Um tempo atrás nós tava conversando, e ele disse pra mim não ser que nem ele, falou que eu tenho que ser... Ele foi um pai bom também, só que ele falou que se arrepende de não ter... porque ele não saía muito comigo e com o meu irmão, porque ele não tinha tempo, né”?*

Durante a entrevista dos doze meses, Matheus seguia falando sobre o quanto seus pais eram apegados à neta: *“Na ponta do beco lá em cima é o apartamento da minha mãe, na ponta de baixo é o do meu pai. Daí ela [filha] desce aquele beco correndo e se vai. Aí assim ela fica... Aí, tipo, se eu fico ali [na casa do avô paterno] vinte minutos, meia hora com ela, eu subo pra minha mãe, quando eu desço pro meu pai ele já fala ‘Ah, por que tu não deixou a gurria aqui?’”. Daí eu subo pra minha mãe, minha mãe diz ‘Ah, por que tu não deixou a gurria aqui?’, eles ficam tudo assim”*. Além disso, ele se sentia reconhecido em seu papel de pai, sendo que recebia elogios de seus pais por estar mais responsável e dedicado à filha. Os pais continuavam sendo percebidos como uma fonte de apoio importante para Matheus, tanto na parte financeira quanto nos cuidados com Alice: *“Eles me ajudam a cuidar dela [filha]. O meu pai agora, muitas vezes eu precisei, que eu não tinha dinheiro e ele me ajudou em fralda, leite. Minha mãe também”*.

Cabe ressaltar que a entrevista dos doze meses coincidiu com um período difícil para o casal, que recentemente havia passado por uma separação. A relação de Matheus com a família de Carla estava estremecida, e ele não poupava críticas nesse sentido. Talvez por esse motivo, cada vez que falava sobre sua própria família, Matheus aproveitava para tecer suas

críticas à família de Carla: *“Por isso que eu digo, eles [avós paternos] já disseram, o dia que eu não tiver, pra eu não ter vergonha e pedir, porque eu não gosto de pedir e enquanto isso a família dela [Carla] negando um leite que é um e cinquenta e que eu nem sabia... Se eu soubesse jamais ia deixar faltar, entendeu? Por a Carla ter orgulho ela quis apelar pra família dela. Bah, daí eu fiquei louco quando eu fiquei sabendo disso”*.

Analisados em conjunto, os relatos de Matheus revelaram que seus pais se constituíam como importantes figuras de apoio para ele, tanto em relação ao aspecto financeiro quanto emocional. Mais do que isso, as experiências vividas como filho permeavam suas falas constantemente, servindo de referência para o seu papel de pai. Como avós, os pais de Matheus permaneciam fortes com sua presença e influência sobre a relação de Matheus com a filha, bem como sobre seu relacionamento com a companheira e com a família dela.

No que se refere especialmente à relação de Matheus com sua mãe, esta parecia envolver admiração e, ao mesmo tempo, gratidão por seu esforço como mãe, por ter criado os filhos sem a presença constante do pai. Talvez por tal motivo que, em alguns momentos, as falas de Matheus pareciam apontar a neta como sendo um presente dele para seus pais, como a filha que eles não tiveram, e em especial para sua mãe, que pediu à Matheus que nunca lhe tirassem a neta.

Representações do pai acerca da parentalidade na adolescência

Na entrevista da gestação, ao ser questionado sobre se conhecia que se tornaram pais durante a adolescência, Matheus fez referência à três amigas dele e de Carla que estavam grávidas naquele momento, fenômeno que ele denominou de “febre”: *“Sabe quantas amigas nós temos que tão grávidas? Mais quatro! Parece que foi uma febre, sabe? Um grupinho de amigas e, tipo, eu me dou com os pais, e ela [Carla] se dá com as mães, e todo mundo engravidou”*. Ao falar sobre como achava que estava sendo a experiência para estas amigas, Matheus fez menção especial a uma delas, cujo namorado “não lhe dava bola”, diferentemente dele próprio, que se considerava um companheiro carinhoso: *“Bah, tem um, eu vou te dizer, o namorado dessa minha amiga que já tá no segundo [filho], ele nem dá bola pra ela! E eu falo pra Carla, que eu sou tri carinhoso com ela, com a minha filha. E os outros nem dão muita bola”*.

Durante a entrevista dos quatro meses, ao falar sobre este assunto, Matheus relatou que o fato de ser um pai “novo” acarretava em uma menor liberdade, por ter compromissos com a casa e a família, diferentemente dos amigos da sua idade que não eram pais: *“A única coisa que muda é que é tudo, tu não tem mais, né, a liberdade, só isso. Eu, no caso, meu tipo*

de vida mudou agora, é outra coisa. (...) Porque a maioria dos meus amigos é 'gurizão', então eles têm namoradina, porque eu tenho dezanove anos. Daí no caso eles têm família deles, vivem da mãe deles, se eles quiserem ficar ali na rua o dia inteiro eles ficam, mas eu não, eu tenho compromisso com a minha casa, minhas coisas". Matheus considerava ainda que, diferentemente de outros pais da sua idade, ele era um pai bastante presente e participativo: *"É raro pai da minha idade se preocupar e cuidar, porque eu tô sempre em cima, eu sempre tô com a minha filha pra cima e pra baixo, eu dou banho, eu troco ela, eu visto"*.

Durante a entrevista dos doze meses não foram identificadas quaisquer referências de Matheus a respeito da parentalidade na adolescência. Ao ser questionado sobre como estava sendo para ele ser pai neste momento de sua vida, ainda jovem, Matheus apenas estabeleceu uma comparação entre a sua experiência anterior, quando, aos 17 anos de idade, teve sua primeira filha, e a atual, enquanto pai de Alice, avaliando esta de forma mais positiva que a anterior, quando não conseguiu participar como gostaria.

Analisados conjuntamente, os poucos relatos de Matheus a respeito de suas representações sobre a parentalidade na adolescência apontaram que ele próprio se via como um pai diferente de outros da sua idade que, na sua visão, não seriam tão participativos e cuidadosos como ele. Por outro lado, o fato de ser pai também o diferenciava de outros meninos da sua idade que não tinham filhos, por estar envolvido em compromissos e responsabilidades característicos da paternidade. Chamou a atenção que Matheus parecia não apenas reconhecer-se como um pai jovem diferenciado, mas também esperar que a sua companheira o reconhecesse e o valorizasse como tal.

Representações da mãe acerca do companheiro como pai

Durante a entrevista da gestação, Carla não soube dizer se Matheus pensava em ser pai naquele momento, mas acreditava que, inicialmente, a gravidez tinha sido algo difícil para ambos. Por outro lado, Carla percebia que a gestação tinha gerado repercussões positivas sobre a vida de Matheus, especialmente referentes a um compromisso maior com o trabalho: *"Ele também era bem... vivia na rua, ele não trabalhava nos últimos meses, ele vivia na rua, né, mas agora não"*.

Assim como o que foi mencionado por Matheus, Carla também falou sobre o quanto ele ficou feliz, durante a ecografia, ao saber que seria pai de uma menina: *"Ah, ele se sentiu feliz! Ainda mais quando ele soube que era gurua, ele disse que ficou aliviado"*. Carla acreditava que este sentimento de alívio se deu em função de meninos serem mais vulneráveis

a envolvimento com drogas: *“Acho que porque guri tem um momento ruim, né, se tu não der bastante... Às vezes tu até dá amor e carinho, mas às vezes se drogam, esses ‘bagulhos’, já guria é mais difícil”*.

Na entrevista dos quatro meses, Carla falou sobre o quanto Matheus estava feliz com o nascimento da filha. Ela relatou que o nascimento tinha sido um evento bastante esperado por Matheus, e que ele inclusive havia prometido parar de fumar se tudo ocorresse bem durante o parto, promessa que estava cumprindo até então: *“Bah, era tudo que ele mais queria [o nascimento da filha]. Ele até prometeu que se ela nascesse bem, ele ia parar de fumar cigarro. E ele parou”*.

Carla avaliava que Matheus estava sendo um bom pai, bastante cuidadoso: *“Bah, ela [filha] é tudo pra ele! Eu acho ele um bom pai, ele cuida super bem dela”*. Carla parecia surpresa por, diferentemente de outros pais “novos”, Matheus se mostrar cuidadoso e interessado: *“Porque às vezes eu vejo uns pais que não são muito... são novos, mas não dão muita atenção, sabe? Não ligam. E ele cuida bem dela. Ele acalma muito ela”*.

Por outro lado, durante a entrevista dos doze meses, as falas de Carla em relação à Matheus mostraram-se bastante diferentes. Cabe lembrar que, no período em que foi entrevistada, Carla estava separada de Matheus e em conflito aberto com ele. Neste período, apesar de ainda considerá-lo um bom pai, Carla também parecia considerar que as características negativas de Matheus, que ela relatou terem mudado com a gravidez, agora estavam de volta: *“Ele é um bom pai, só que ele precisa se esforçar mais um pouquinho... Ele não tá dando muita bola pra filha dele. É que ele só pensa em andar na rua, não quer mais nem trabalhar”*.

Analisados conjuntamente os relatos de Carla mostraram que, inicialmente, suas representações sobre Matheus como pai pareciam bastante positivas. Até a entrevista dos quatro meses, Carla destacava as características positivas do companheiro, como o fato de ele ser cuidadoso e atencioso para com a filha. Por outro lado, na entrevista dos doze meses, Carla parecia considerar que Matheus estava mais distante e desinteressado com a filha, algo que provavelmente estava relacionado ao fato de, naquele período, o casal estava separado e em conflito, além de Alice estar morando na companhia da mãe.

Prática da paternidade

A prática da paternidade foi investigada a partir dos relatos de Matheus sobre seus comportamentos e atitudes em relação a filha e à companheira na gestação, aos quatro e aos doze meses de vida da filha. Também foram incluídos os relatos da companheira sobre a

prática da paternidade de Matheus nestes três momentos. Conforme já explicado anteriormente, foram consideradas duas categorias de análise. A primeira, *Envolvimento paterno* que inclui as dimensões interação, disponibilidade e responsabilidade; e, a segunda, *Exercício da função paterna*.

Envolvimento paterno

Durante a entrevista da gestação, no que diz respeito à dimensão interação, Matheus falou de forma breve sobre os momentos em que procurava interagir com a filha enquanto ela ainda estava na barriga de Carla. Durante este período, ele relatou que frequentemente passava a mão na barriga de Carla e falava com a filha: “*Ah, toda a hora [passa a mão na barriga e fala com a filha]. (...) Ah, sei lá, eu falo um monte de coisa pra ela*”. Neste mesmo período, Carla chegou a comentar que Matheus falava mais com a filha do que ela mesma. De acordo com Carla, dentre as conversas de Matheus com a filha, estava o pedido para que ela nascesse logo: “*Eu só não converso muito, o Lucas conversa mais. Ele sempre conversa com ela, todo dia de noite. Ele fica falando que quer que ela nasça de uma vez e ela não nasce nunca*”.

Durante a entrevista dos quatro meses, Matheus mencionou que costumava sair bastante com a filha e a companheira, algo que estava mais fácil naquele período em função de ele estar desempregado: “*A gente sempre sai junto, nós três [pai, mãe e filha]. Nós vamos sempre nas praças, porque agora eu saí do meu serviço*”. Mais do que isso, passear e brincar com a filha foram as atividades que Matheus relatou mais gostar de fazer com ela: “*Brincar com ela, passear... Que ela, bah, Deus o livre, ela tá muito esperta, qualquer lugar que tu vai ela começa a brincar, a rir*”.

Já no que diz respeito aos cuidados em relação à filha, Matheus mencionou que, ainda no hospital, ele foi o primeiro da família a trocar a roupinha da filha, em função de que, naquele período, a companheira ainda tinha um certo receio de fazê-lo: “*A primeira roupinha dela quem trocou fui eu no hospital. Ela [Carla] tinha medo de machucar ela, muito pequenininha. (...) Todo mundo diz que é frágil no começo, mas bah, tomei um suador, mas troquei*”. De forma semelhante, ele se dizia bastante participativo nos cuidados com a filha quando ela estava com quatro meses, realizando diversas tarefas como trocar fraldas e fazer mamadeira: “*Eu tô sempre na função, também, né, que eu ajudo a trocar, eu faço mamadeira, eu faço tudo. Tô sempre ajudando*”. Por outro lado, ele admitiu que tinha certa dificuldade em participar ativamente de algumas atividades, em especial a de atender a filha quando ela acordava de madrugada, principalmente durante o período em que estava trabalhando: “As

noites que ela acorda às vezes ele fica umas duas, três horas sem dormir. Ela mama de três em três horas. Ela complica, quando ela não quer dormir tu tem que estar disposto a ficar olhando TV com ela. (...) Às vezes eu não consigo, às vezes eu fico. Quando eu tava trabalhando, bah, deitava e empacotava". De forma semelhante, no que diz respeito ao banho, ele mencionou participar ajudando no preparo da água, enquanto Carla dava banho na filha: *"Pra dar banho eu sempre ajudo, esquento a água. Quando ela [Carla] tá pelando, já tô ali, já preparo"*.

Neste período, Carla ressaltou sobre o quanto Matheus gostava de estar com a filha. Ela contou que, quando ele ainda estava trabalhando, a primeira coisa que fazia ao chegar em casa à noite era lavar as mãos para poder pegar a filha: *"Ele trabalhava numa lavagem de carro o dia todo, das oito da manhã às sete e meia da noite. Aí ele chegava e a primeira coisa que ele vinha fazer era lavar a mão e pegar ela [filha]"*. Entretanto, no que diz respeito aos cuidados com a filha, Carla mencionou que estes ficavam mais sob sua responsabilidade, exceto nos momentos em que Matheus era solicitado a ficar com a filha para que Carla pudesse realizar alguma outra atividade: *"Eu faço tudo, tudo. (...) Às vezes eu quero fazer comida, daí eu peço pra ele pegar no colo, quero varrer ou fazer algum negócio, daí eu peço pra ele ficar com ela"*. Carla ressaltou que Matheus realizava com tranqüilidade algumas tarefas, enquanto outras, como dar banho, tinha certo receio. Ela confirmou ainda que Matheus foi o primeiro a trocar a roupa da filha no hospital: *"Dar banho ele tem medo. Mas ele troca a fralda, troca cocô, xixi, tudo... A primeira roupinha dela no hospital, que eu tinha medo, né, foi ele que botou"*. Carla, em seus relatos, não parecia incomodada por arcar com a maioria dos cuidados com a filha. Mais do que isso, ela demonstrou ter a idéia de que havia obrigações diferentes para homens e mulheres. Enquanto os *"maridos"* tinham a responsabilidade de trabalhar, as *"mulheres"* deviam cuidar dos filhos: *"Acho que a obrigação de todos os maridos é essa [trabalhar]. E de todas as mulheres é cuidar do filho"*.

Na entrevista dos doze meses, Matheus falou pouco sobre os momentos de interação com a filha. Mencionou apenas sobre o quanto a filha era apegada à ele, e do quanto ficava chateada nos momentos em que tinha que se separar do pai: *"A Alice eu não desgrudo dela. Quando eu vou embora ela chora, ela quer ficar comigo. E quando ela tá lá comigo ninguém tira ela do meu colo. Ela chora pra sair"*. Talvez estas poucas referências aos momentos de interação com a filha estivessem relacionadas ao fato de que, neste período, ele não estava morando junto com ela, e a via com bem menos freqüência do que antes. Do mesmo modo, poucas referências foram feitas em relação a sua participação nos cuidados com a filha. Ele mencionou apenas que, quando estava com ela, costumava dar comida, mas não dava banho,

pois isso era a avó paterna que acaba fazendo: *“Agora ela [filha] tá mais esperta. Mas acho que não mudou muita coisa. Ela toma mamadeira, come comida, entendeu? Come fruta, come tudo, iogurte, banana. (...) Não [dava banho] porque a minha mãe também dá banho nela, entendeu”?*

Neste período, Carla falou que Matheus tinha uma boa relação com a filha, brincava com ela, era cuidadoso: *“Ele se dá bem com ela. Eles brincam. Ele cuida bem, ele é bastante cuidadoso com ela”*. Por outro lado, em relação aos cuidados com a filha, Carla seguia afirmando que, como sempre, estes ficavam sob sua responsabilidade: *“Tudo é comigo. Tudo. Sempre foi tudo comigo”*.

Em relação à dimensão acessibilidade, na entrevista da gestação, Matheus falou pouco a respeito deste tema, mencionando apenas ter participado de todas as ecografias já feitas por Carla. Carla, por sua vez, confirmou que Matheus havia lhe acompanhado nas duas ecografias já feitas até então. Ela relatou ainda que Matheus, desde que eles tinham passado a morar juntos, estava acompanhando-a mais às consultas de pré-natal, o que antes não era possível por ele morar longe: *“Antes ele não ia, por causa que ele morava longe. Agora que a gente mora junto, sempre quando dá, que ele tá em casa, ele vai”*.

Na entrevista dos quatro meses, Matheus contou sobre seu aborrecimento quando do momento do parto, em função de não ter conseguido estar presente. Quando chegou ao hospital, no momento do parto, Matheus disse ter sido impedido de subir para acompanhar Carla, em função de já ter outra pessoa com ela: *“Não deixaram eu subir. O cara não me deixou, lá no [hospital], o porteiro e a mulher, aí a mulher começou a debochar de mim. Eu falei ‘A minha sogra tá lá, disse que tem que subir que ela já tá ganhando, só que se a minha sogra descer e eu subir não vai dar tempo’. (...) Eu quase briguei com o cara, com o segurança”*. Este acontecimento lhe deixou chateado, sendo que os planos eram de que ele estivesse presente na hora do parto. Em função deste acontecimento, Matheus só foi conhecer a filha no dia seguinte ao parto: *“Só no outro dia eu pude ver. Bah, eu chorei, fiquei tão brabo, tão brabo”*.

Em relação aos dias que se seguiram ao nascimento, Matheus contou que, em função do trabalho, havia tido muito pouco tempo para ficar com a filha, situação que tinha lhe deixando incomodado: *“Porque antes eu trabalhava das sete às oito, às vezes até a meia noite. E eu nunca podia ficar, chegava, ficava bem pouquinho, ela [filha] tava sempre dormindo”*. Por esse motivo, Matheus decidiu deixar o emprego, e assim dispôs de mais tempo para estar com Alice: *“Aí eu aproveitei ‘afú’ [muito] com ela agora depois que eu saí”*. Entretanto, de acordo com Matheus, além do pouco tempo disponível, outro motivo para

ele deixar o emprego foi a pouca flexibilidade da chefia frente a um momento em que ele precisou faltar, para levar a filha ao médico: *“Foi assim, quando nasceu minha filha, tinha sete dias pra ficar em casa com ela, não pedi, fui trabalhar os sete dias. Aí um dia eu tive que faltar que eu precisei levar ela no médico, o cara [chefe] veio e me falou que isso aí não é considerado, eu falei ‘Só lamento então, porque tu pode me botar pra rua, minha filha em primeiro lugar, cara. Serviço a gente pode ir atrás e arruma. Agora eu quero as contas, não preciso ficar passando por isso’”*. Já Carla, na entrevista dos quatro meses, não fez menção aos comportamentos de Matheus referentes à dimensão acessibilidade neste período.

Durante a entrevista dos doze meses, Matheus não estava residindo mais com a filha e, por esse motivo, dispunha de períodos reduzidos para ficar com ela, em geral restritos aos finais de semana: *“Eu pego ela sexta, sábado e domingo. Eu fico com ela, levo ela na praça, sempre levo ela em tudo que é lugar, ela tá sempre comigo. Quando ela tá lá, ela fica um pouco com a minha mãe, fica um pouco com meu pai, mas tudo eu tô no lado esperando pra levar ela”*. Matheus falou sobre o quanto era difícil para ele ter tão pouco tempo disponível para a filha, sendo que só podia pegá-la aos finais de semana, quando não estava trabalhando: *“Bah, fico triste... Esses dias eu ainda estava conversando com a Carla, agora quando eu fui entregar a Alice, que parece que passa voando. Pra ver ela [filha] demora um tempão, depois passa voando. Porque eu não pego ela no dia de semana porque eu trabalho, senão tava sempre com ela”*. Ele contou ainda que chegou a ficar algumas semanas sem ver a filha, no período em que ele e Carla estavam brigados, e que ele não se sentia confortável em visitá-la na casa da sogra: *“Uma semana e pouca, não deu duas semanas [sem ver a filha]. A mãe dela [Carla] levou ela, eu não ia pra lá, não podia nem ver a cara daquela gente, da família dela, daí eu nem ia lá. Tava trabalhando direto também”*.

Já Carla, que foi entrevistada um mês antes de Matheus, no auge da crise entre os dois, fez queixas em relação ao pouco interesse dele em procurar a filha, ficar com ela. Neste período, Carla relatou que era a sogra quem ia buscar a filha para passar o final de semana, e não Matheus, e que a filha estaria sentindo falta do pai, especialmente no período logo após a separação: *“Ah, eu acho que o Matheus deveria pegar ela [filha], né, e não ela [sogra]. Nem que fosse uma tarde, passar com ela, porque ela sente falta. Antes, ela chorava, chorava de noite nos primeiros dias, tinha febre e eu acho que é porque ela sentia falta dele, né? Mas ele não tá nem aí”*.

No que diz respeito à dimensão responsabilidade, durante a entrevista da gestação, Matheus relatou não ter quaisquer preocupações em relação à gravidez, ao bebê, ou ao momento do parto. Acreditava que, especialmente em relação ao parto, a preocupação maior

era de Carla. Entretanto, em algumas de suas falas, percebia-se a preocupação em proteger a companheira de eventuais situações que acreditava serem de risco para a gravidez, como deixá-la andar na carona de sua moto ou ir à shows onde havia muito aglomeração de pessoas: *“Falei que não [que Carla não ia ao show]. Deus o livre, a barriga, imagina! Bah, eu sei, as pessoas não conseguem nem se mexer, imagina ela grávida! Eu já passando mal de torcer a camiseta e o ar que não consegue respirar. Imagina ela grávida! É um perigo”*. Já Carla, neste período, mencionou apenas que Matheus era responsável pelo sustento da casa e dela própria: *“Ele que me sustenta, ele que faz tudo, né”?*

Por outro lado, na entrevista dos quatro meses, diferentemente do que foi relatado na gestação, Matheus falou sobre a grande preocupação que teve com o momento do parto. O advento desta preocupação se deu por, algumas semanas antes do parto, Carla ter sido diagnosticada com pré-eclâmpsia, condição que lhe levou inclusive a uma internação breve ainda na gestação. Por esse motivo, Matheus chegou a fazer uma promessa de que pararia de fumar caso tudo ocorresse bem no parto: *“Eu fiz promessa, eu fumava cigarro, não sei se vocês lembram? E eu parei de fumar fazem quatro meses. Porque ela correu o risco, as duas. (...) Aquilo ficou aquilo me atormentando, não conseguia dormir ‘O cigarro é mais forte que a tua filha, vale mais a pena?’, uma coisa assim, sabe? Nunca me esqueço... E daí na hora eu fiz a promessa, tu acredita? E eu dormi. O negócio acho que era pra eu fazer”*.

Já nos dias que se seguiram ao parto, Matheus falou sobre algumas dificuldades em lidar com a filha, em especial de não saber o que fazer quando ela se *“finava”*. Tal preocupação fez com que ele a levasse diversas vezes ao hospital: *“É muita coisa que vem, na hora que acontece que tu tem que tá sempre preparado pra enfrentar as coisas. No começo, né, a gente não sabia muito, daí quando ela chorava, ela se finava. Aí levava pro hospital todas as vezes. Teve uma noite que eu chamei o táxi duas vezes. (...) Então qualquer coisinha eu levo pro hospital”*. Outra preocupação de Matheus neste período era com as cólicas que a filha apresentava constantemente: *“Ela tinha muita cólica. Ela não mama na teta. (...) Diziam que podia ser do leite. Uma vez nós trocamos o leite dela, daí deu um monte. Agora passou, quando fechou os quatro meses”*.

Matheus também demonstrou sua preocupação em ter condições de garantir o sustento da filha, por mais que alguns entraves o impedissem de ter estabilidade nos diferentes empregos que já tivera: *“Eu não tenho meu terceiro do quartel, eu só pego agora em janeiro. Daí então eu tenho que ficar, né, pulando de galho em galho até, porque senão, né? Bah, a gente gasta pra caramba com leite”*. No período em que foi entrevistado, por exemplo, Matheus estava desempregado. No entanto, referiu que nunca ficava muito tempo sem

trabalhar, porque senão o dinheiro acabava: *“Eu não fico muito tempo, não chego a ficar um mês, quando dá três semanas, que nem agora, amanhã eu já tô indo lá por que eu já consegui um outro serviço. Eu não fico muito tempo, porque nem dá, que o dinheiro tá acabando tem que...”*. Carla, neste período, novamente afirmou apenas que Matheus era o responsável pelo sustento da família, inclusive para comprar roupas e outros utensílios pessoais dela: *“De roupa esses negócios, não ganho mais nada [que ganhava da bisavó]. Agora é o Matheus que tem que me dar”*.

Na entrevista dos doze meses, Matheus mencionou que seguia um pai bastante preocupado com a saúde da filha, e que, por seu jeito cuidadoso com ela, era chamado pelos outros de pai “babão”: *“Eu sou... tô sempre em cima. Às vezes até brincam comigo que eu sou pai babão, porque eu tô sempre em cima, porque se começa o nariz dela a escorrer ou coisa, eu já me preocupo com o remédio, as coisas...”*.

Já em relação ao aspecto financeiro, Matheus contou que, no período em que esteve brigado com Carla, não prestou ajuda financeira para ela e a filha, em função de ela ter ido embora sem ‘lhe falar nada’: *“Até hoje ela tá lá e eu ajudo ela, fiquei duas semanas sem ajudar ela, por ela ter saído, não ter falado nada, mas depois quando ela veio até mim, conversar, daí eu falei ‘Ah, agora sim tu tá vindo falar comigo, conversar. Eu vou te ajudar, não tem porque eu não te ajudar’. E eu tô ajudando ela”*. Nesse sentido, Matheus mencionou que, mesmo sem estar residindo com a companheira e a filha, costumava ajudar com algumas compras: *“Eu compro fralda, compro leite, os ‘Danones’ para ela, quando ela vai lá pra casa eu compro. E eu mando pra Carla também as coisas”*.

Por outro lado, Carla, que foi entrevistada um mês antes de Matheus, justamente no período em que haviam se desentendido, fez queixas por ele não auxiliar a comprar os itens necessários para a filha: *“Eu esperava que ele me ajudasse ao menos, não quero dinheiro dele, só quero que ele compre umas fraldas para a Alice, né, umas coisas assim”*.

Analisados em conjunto, os relatos de Matheus em relação à dimensão interação apontaram que ele interagiu bastante com a filha, através de brincadeiras e também nos momentos de cuidado, apesar de apresentar dificuldades com algumas atividades, como assisti-la quando acordava de madrugada ou dar banho. Carla, em suas falas, confirmou que Matheus costumava, desde a gestação, buscar interação com a filha e que apresentava certas restrições em relação a algumas tarefas de cuidado, como dar banho. Nesse sentido, para Carla, a participação de Matheus nos cuidados acontecia mais nos momentos em que ela precisava se afastar para realizar alguma outra atividade, algo que estava parecia estar de

acordo com suas concepções a respeito dos papéis de homens e mulheres no cuidado com os filhos.

Em relação à dimensão acessibilidade, os relatos apontaram variações de acordo com o período em que ocorreram as entrevistas. Na gestação, os relatos de Carla apontaram que Matheus procurava estar disponível para participar das atividades concernentes ao período pré-natal, como acompanhá-la às consultas médicas e ecografias. Já aos quatro meses, Matheus falou sobre as repercussões do trabalho sobre sua disponibilidade para estar com a filha, sendo um dos motivos pelos quais decidiu largar o emprego naquele período. Por outro lado, na entrevista dos doze meses, Carla demonstrou grande insatisfação por perceber que Matheus, desde a separação do casal, estava mais afastado da filha. Ele, que foi entrevistado um mês depois de Carla, confirmou que esteve mais afastado da filha por um certo período, mas que, naquele momento, estava mais próximo novamente, embora o fato de não morar mais com ela e também de estar trabalhando reduzisse seu tempo disponível para estar com ela.

Já em relação à responsabilidade, terceira dimensão do envolvimento paterno, os relatos apontaram que Matheus, ainda na gestação, demonstrava-se preocupado em proteger a companheira e, conseqüentemente a filha, de possíveis situações de risco. Após o nascimento, as preocupações com a saúde da filha se somaram aquelas referentes ao sustento financeiro da família, especialmente por ele não ter um trabalho estável. Pelos relatos de Matheus e de Carla, ficou evidente que ele era o principal responsável pela parte financeira, mesmo no período em que estavam separados. Foram identificadas poucas falas de Carla sobre os aspectos relativos à responsabilidade de Matheus enquanto pai e, quando ocorriam, eram referentes ao aspecto financeiro, algo que talvez estivesse relacionado ao fato, já mencionado anteriormente, de que Carla acreditava que a tarefa principal de um pai seria a de trabalhar, garantindo, assim, o sustento da família.

O exercício da função paterna

Neste eixo foram analisados os relatos de Matheus e de Carla concernentes tanto à questão do apoio oferecido pelo pai à companheira e à relação mãe-filha, sua intermediação na relação mãe-filha, quando ajudava a mãe a sair do seu estado de fusão com a filha e a retomar seu contato com o mundo externo, a colocação de limites e os ensinamentos fornecidos pelo pai à filha, bem como a possível interferência da mãe sobre o exercício da função paterna, através de incentivos ou, por outro lado, de empecilhos na relação pai-filha.

Durante a entrevista da gestação, foram identificados, em diversos momentos, relatos de Matheus que denotavam o apoio oferecido à companheira naquele período. Matheus mencionou que procurava acalmar Carla quando ela falava sobre suas preocupações relativas ao momento do parto: *“Ela já tá ficando nervosa. Eu falo pra ela, eu tento acalmar ela, né? Pra ela ir bem calma. Quando começa a chegar a hora, sabe? (...) Ela tem medo de ganhar, tem medo que vá doer. Daí eu converso bastante com ela”*. Ele procurava também organizar passeios com Carla durante os finais de semana, por perceber que ela ficava cansada de ter que ficar todo o tempo em casa: *“Agora a gente dá umas passeadas no domingo, que ela quer bastante sair, sabe? Tudo ela diz que ‘Ah, eu não agüento mais ficar em casa’”*. Matheus, neste período, percebia também que Carla andava desinteressada pela vida sexual do casal, entretanto, acreditava que esta seria uma situação passageira e, por esse motivo, procurava ser compreensivo e não fazer cobranças a este respeito: *“Ela não tem vontade. (...) Sei que não é pra sempre, é só por causa dum momento”*.

Por outro lado, não parecia fácil para Matheus ser compreensivo e apoiador para com Carla em todos os momentos. Isto por ele perceber que, durante a gestação, em especial após o quinto mês, ela andava mais irritada e impaciente para com ele. Entretanto, Matheus procurava evitar confrontos neste período da gestação, e acreditava que a situação mudaria após o nascimento da filha: *“Toda a hora que ela tá do meu lado eu dou carinho pra ela. Faço carinho no rosto dela, na barriga dela. (...) Eu demonstro [carinho] pra ela, mas ela só me solta as patas. (...) Só que ela tá se abusando por causa da gravidez, né? Depois tudo vai voltar, falei pra ela. Muitas coisas eu não falo, não debato com ela, por causa que ela tá grávida, para fazer as vontades dela. Deixa... ela tá no momento dela, de ela aproveitar. De repente depois ela muda mesmo”*.

Carla confirmou que estava bastante agressiva e irritada com Matheus durante o período da gravidez: *“Eu sou muito agressiva, tô muito agressiva com ele por causa da gravidez, sabe? Eu me irrita muito com ele. (...) É que eu tô bem chata, sabe, bem insuportável. Eu mesmo sei que eu tô. Eu pego no pé dele toda hora, eu irrita ele.”*. De acordo com Carla, Matheus costumava se queixar por ela não lhe dar carinho, por estar sempre brigando com ele: *“Ele sim, ele diz que eu, que eu não do carinho pra ele, que eu vivo brigando com ele... mas eu acho que não”*. Por outro lado, Carla confirmou que Matheus costumava ser bastante carinhoso com ela, e fazer de tudo para agradá-la: *“Ah ele vive... ele me trata bem, ele faz tudo, se eu quero um ‘refri’, ele vai lá e compra. Ele traz coisa boa pra mim comer, tentando me agradar”*. Falou também sobre os elogios que recebia dele em relação às mudanças do seu corpo: *“Ele fala que eu tô bonita, ele não fala que eu tô gorda”*.

Ela percebia ainda que Matheus era a pessoa que mais lhe ajudava, algo que considerava bastante positivo, em especial quando o comparava a outros jovens pais que conhecia, ou mesmo com sua própria mãe: *“Tudo, ele me ajuda em tudo! A minha mãe não tá me ajudando em nada assim, quem mais me ajuda é ele. (...) Como ele é comigo às vezes, os outros [jovens pais] não são com as minhas amigas, sabe? Daí eu comparo, fico comparando”*.

Carla também falou sobre a diminuição do seu desejo sexual durante a gestação, e confirmou que Matheus costumava respeitar sua posição de não ter relações: *“Da minha parte não [há desejo sexual]. Da dele sim, mas a minha não consigo. (...) Ele também notou, mas ele respeita, ele diz que depois vai passar”*. Por outro lado, Carla relatou que, em alguns momentos, Matheus costumava lhe fazer cobranças e queixas por ela não realizar certas tarefas domésticas: *“Eu tenho que cuidar do Matheus, né, às vezes ele reclama, que ele deixa a roupa dele e que eu não lavo, não faço almoço. Me cobrando...”*. Tais queixas se estendiam também ao seu jeito mais “chato” naquele período: *“Ele diz que eu tô chata, que eu fico reclamando de dor aqui, dor ali. Ele disse que antes de engravidar eu era legal. Tomara que eu volte a ser como eu era antes [risos]”*.

Durante a entrevista dos quatro meses, Matheus relatou que seguia procurando dar todo o apoio necessário à Carla. Dentre as formas de apoio mencionadas por ele estavam fazer comida e comprar coisas para ela e a filha: *“Tudo, comida, tudo. (...) Eu que faço as coisas, quando ela [Carla] quer alguma coisa eu vou lá, dou pra ela. Eu faço tudo pra ela, não deixo faltar nada, tudo que ela quer”*. Ele acreditava que Carla estava satisfeita com o apoio que ele oferecia e que, quando não estava, costumava lhe dizer e cobrar sua ajuda: *“Às vezes eu tô ali e ela [Carla] tá tomando só conta dela [filha], daí ela fica braba comigo ‘Não tá vendo que eu preciso de ajuda?’ [risos]. Daí eu ‘Ah, tá!’ Daí eu vou lá e ajudo”*.

Neste período, Matheus relatou que o casal não tinha um tempo para ficar a sós, e que tudo que faziam envolvia a filha. Ele mencionou não sentir falta de um tempo para ficar a sós com Carla e acreditava que estes momentos poderiam ser retomados no futuro: *“Eu acho que se uma hora nós... se é pra ter [momentos a sós], uma hora nós vamos, né, quem sabe uma hora. Depois que ela [filha] ficar maiorzinha. Daí quem sabe. Agora eu quero ficar com ela [filha]”*. Da mesma forma, a vida sexual também tinha ficado em segundo plano. Soma-se a isso o fato de que, neste período, apesar de ter um berço no quarto dos pais, Alice seguia dormindo na cama do casal: *“É muito pouco [a frequência com que o casal tinha relações sexuais]. Por causa da Alice, ela xaropeia, assim, demais. Ela xaropeia, xaropeia, que tem que ficar com ela. Daí, é muito difícil”*. Entretanto, Matheus não parecia tão incomodado com esta situação, pois acreditava que isto fazia parte da sua nova vida de pai: *“Ah, satisfeito a*

peessoa tem que ficar, né [risos]? Mas quando dá até dá [para ter relações sexuais], mas daí quando não dá tem que ter paciência. (...) Eu nunca tinha sido pai também, só depois, não sei se... Bah, tu deixa de fazer tanta coisa que tu nem pensa". Por outro lado, Matheus disse que ele e Carla estavam conseguindo demonstrar carinho um pelo outro, e que estavam sempre “grudados”: *“A gente está sempre grudado, todo mundo diz ainda que nós somos o casal perfeito”*.

Chamou a atenção que, neste período, embora Matheus afirmasse a forte relação entre mãe e filha, percebia que ele era o único que conseguia acalmar Alice nos momentos em que ela chorava sem parar: *“Bah, a Carla fica louca que ela [filha] chora, chora e aí eu só pego... Acho que ela chora pra vir pra mim, eu pego ela e deu. Bah, a Carla fica louca! Ela quer ficar comigo, só eu que acalmo ela”*. Quando questionado sobre se acreditava que Carla ficava incomodada com esta situação Matheus respondeu que na hora em que acontecia, sim, mas que ela sempre acabava pedindo sua ajuda para lidar com a filha nestes momentos: *“Não, só na hora, que a gente se implica, a gente conversa. Mas é pra mim que ela corre”*.

Carla, neste período, confirmou que Matheus costumava ajudá-la bastante. Nos primeiros dias que passaram com a filha, Carla contou que Matheus era quem costumava atendê-la de madrugada, quadro que depois mudou em função de ele ter que trabalhar, algo que ela considerava esperado, por acreditar que eles tinham obrigações diferentes enquanto mãe e pai: *“Nos primeiros dias ele acordava de madrugada e ficava com ela pra mim dormir, né? Mas agora ele não acorda mais. Agora fico só eu. É que ele tem que trabalhar também no outro dia. Então a obrigação de cuidar dela é minha, né? Porque ele trabalha”*. Entretanto, Carla mencionou que por vezes Matheus costumava queixar-se que tinha de fazer as “obrigações” de ambos: *“Às vezes ele fala ‘Eu faço as minhas obrigações e as tuas ainda’. Às vezes ele me ajuda a cuidar dela, ajuda a fazer comida. Às vezes eu peço pra ele, que nem hoje, eu pedi pra ele varrer aqui”*. E ela se dizia feliz por ter encontrado alguém como Matheus: *“Eu me sinto feliz de ter encontrado um guri como ele. Porque não é todo guri que assume tudo que ele tá assumindo”*.

Carla relatou que ela e Matheus, neste período, não dispunham de momentos a sós, mas estavam sempre com a filha. No entanto, ela dizia não sentir falta destes momentos, e achava que esta situação mudaria quando a filha ficasse mais velha: *“Não tem como [dispor de tempo só para o casal]. Quando eu penso que ela [filha] dorme, assim, não dá vinte minutos, meia hora, ela já acorda de novo. (...) Quando ela crescer mais um pouquinho... mas agora ela é muito novinha”*. Ela considerava esta situação atual bastante diferente de antes do nascimento de Alice, quando ela e Matheus chegavam a “enjoar” um do outro de tanto tempo

que ficavam juntos: *“Ah é muito diferente... Antes a gente vivia junto, a gente até enjoava um da cara do outro. Agora não. Às vezes eu fico com ela [filha] lá no quarto e ele fica aqui na sala vendo TV. É totalmente diferente”*. Diferentemente do que foi dito por Matheus em sua entrevista, Carla relatou que o casal estava com dificuldades em demonstrar carinho um pelo outro, até em função de que agora as atenções estavam voltadas para a filha: *“Não, eu não tenho [demonstrado carinho por Matheus]. Ele se mostrou bastante carinhoso comigo, mas agora tá meio... não tem me mostrado muito. Eu acho que é esse negócio de não ficar mais sozinho, né? Tem sempre ela [filha]”*.

Carla falou ainda sobre sua dificuldade em lidar com os momentos em que a filha tinha crises de choro, quando ficava nervosa, sem conseguir acalmá-la: *“Eu não consigo ver ela chorando. (...) Eu tinha que me controlar e acalmar ela”*. Durante estes momentos, contou que era Matheus quem conseguia acalmar a filha: *“Ela pára mais com ele do que comigo. Às vezes ela chora, chora, chora no meu colo, e ele pega ela e ela pára”*. Carla ressaltou perceber que, apesar de a filha passar a maior parte do dia na companhia dela, era com Matheus que ela mais se acalmava: *“Inclusive eu passo o dia todo com ela, e ela se acalma mais com ele do que comigo”*.

Na entrevista dos doze meses, Matheus, que foi entrevistado um mês depois de Carla, afirmou que chegou a ficar um tempo sem prestar qualquer tipo de ajuda para ela, em função de ela ter saído de casa sem conversar com ele. De acordo com Matheus, Carla ficou bastante brava com sua conduta, mas agora, que tinham se entendido, acreditava que ela estava satisfeita com a ajuda que ele proporcionava: *“Antes naquele tempo que eu não tava dando as coisas ela ficou bem ‘brabona’. Mas agora ela tá [satisfeita]”*.

Matheus contou que o casal, mesmo antes do período de separação e agora, que haviam reatado, não dispunham de períodos a sós, mas estavam sempre na companhia da filha. Entretanto, ele considerava este um aspecto natural da rotina com a filha: *“Não [dispunha de períodos a sós com Carla]. Sempre com a Alice. (...) Porque nós não vamos deixar ela com alguém ou vamos pagar alguém só pra gente ficar junto, se nós podemos ficar com ela também, entendeu? Que nem eu te falei, a rotina muda, é tudo outra coisa, temos que fazer o que dá pra ela fazer também”*. Apesar de dizer-se satisfeito com tal situação, Matheus, em outro momento da entrevista, ao falar sobre a vida sexual do casal, dizia “ter” que estar satisfeito com os poucos momentos em que o casal conseguia ter relações: *“É pouco, porque a maioria das vezes tem a Alice e às vezes eu tava cansado e coisa. Não tinha como fazer planos, dependia do dia. (...) Tem que ficar [satisfeito], vou fazer o que, né? É por causa que muita coisa é que nem eu te falei, foi a Alice, né? Vou fazer o que? Tem que entender. E tinha*

época que ela tava indo dormir era uma hora da manhã e nós tudo trabalhava sete horas da manhã, e podre, a gente dormia às vezes primeiro que ela”.

No que diz respeito à colocação de limites, Matheus relatou que a filha às vezes tinha “chiliques” nos momentos em que lhe diziam um não: *“Ah, os chiliques só às vezes, esses ‘chiliquezinhos’ quando a gente diz ‘não’ pra ela, que ela começa a gritar, assim, bah, Deus o livre! Aí às vezes chora”.* Entretanto, disse que conseguia conter a filha nestes momentos, e que ela costumava respeitá-lo: *“Eu converso com ela, que ela não pode fazer assim, daí ela olha pra mim, ela pára. Eu falo pra ela ‘Que feio, tu vai fazer assim com o papai’? Aí quando tu vê ela vem correndo, me abraça e pára de chorar. É tudo questão de conversar, que ela entende”.*

Já Carla, que foi entrevistada um mês antes de Matheus, quando estavam em plena crise, queixou-se da pouca ajuda que estava recebendo de Matheus naquele momento. De acordo com Carla, Matheus a tratava mal, brigava com ela, a xingava, além de terem ocorrido alguns episódios de agressão física mútua: *“Ele não me trata muito bem. Ele é meio grosso, sabe? Me xinga muito, briga muito comigo. (...) Ele me dá chute, me dá tapa. Mas eu dou nele também”.* Carla contou que nos momentos em que tentou conversar com Matheus sobre Alice, para pedir ajuda nos cuidados com a filha, em especial relativos à parte financeira, ele lhe fez ameaças e não concretizou a ajuda prometida: *“Chegamos a nos falar mas também não deu certo conversar. Porque ele disse que ia me matar, que ia fazer um monte de coisas, né? (...) Só pedi para que ele me ajudasse, né, mas ele disse que ia me ajudar e ele não me ajudou”.* Entretanto, por mais que naquele momento negasse qualquer possibilidade de reconciliação, em função do jeito agressivo de Matheus, Carla afirmou acreditar que não encontraria alguém que a amasse tanto quanto ele: *“Mas eu sei que ele me ama um monte, eu acho que até eu nunca vou encontrar alguém que me ame como ele, só que ele é muito agressivo. (...) Talvez nem seja amor, né, talvez seja medo de perder, né?”.*

Paralelo a toda essa situação, Carla contou que Matheus fazia acusações de que ela não o deixava ver a filha, algo que, de acordo com ela, não condizia com a verdade, já que “implorava” para que ele pegasse Alice: *“Ele diz que eu não deixo ele ver a Alice, mas isso é mentira porque eu imploro pra ele pegar a Alice. E diz que eu fugi com a Alice, que ele vai ter que me matar”.* Talvez pela crise que o casal estava passando naquele momento, e pelo fato de não estar mais residindo junto, Carla não fez referência a outros aspectos relativos ao exercício da função paterna, como a colocação de limites e os ensinamentos de Matheus para com a filha.

Os relatos aqui agrupados a respeito do exercício da função paterna apontaram que, durante a gestação, Matheus parecia ser uma importante fonte de apoio para Carla, ao procurar tranquilizá-la em seus receios e preocupações relativos ao parto, bem como ao ser mais tolerante frente aos seus momentos de maior irritação e impaciência. Nesse sentido, ele pareceu adequar-se às exigências inerentes ao período da gestação, entendendo tratar-se de um momento particular e passageiro.

De forma semelhante, na entrevista dos quatro meses, Matheus pareceu prestar o apoio necessário à Carla neste período em que, ao mesmo tempo em que ela se recuperava do parto, surgiam demandas específicas de um bebê pequeno. Mais do que isso, Matheus conseguia dar suporte a ela nos momentos em que tinha dificuldades para lidar com a filha, demonstrando a tranquilidade necessária para acalmar Alice em suas crises de choro.

Matheus também parecia lidar de forma tranqüila com este momento em que o casal precisava dividir a atenção com a filha pequena, e no qual a vida romântica e sexual do casal estava em segundo plano. Ele próprio demonstrava que a sua prioridade, naquele período, era estar, sempre que possível, na companhia da filha, por mais que isso significasse abrir mão da privacidade do casal. De forma diferente do que foi exposto por Matheus, Carla percebia que, durante este período, Matheus não estava mais tão carinhoso com ela quanto costumava ser, e atribuía esta situação ao fato de o casal não ser mais sozinho, tendo a filha para dividir sua atenção.

Por outro lado, na entrevista dos doze meses, a situação estava bem diferente. A relação do casal se mostrava instável, fato que parecia interferir no apoio que Matheus prestava à Carla neste período. Enquanto Carla relatava não poder contar com Matheus para nada, Matheus admitiu que esteve chateado com ela por sua conduta e que, por esse motivo, tinha deixado de ajudá-la durante certo período de tempo. Talvez pela própria situação que o casal estivesse passando naquele momento, foram identificados poucos relatos sobre o exercício da função paterna de Matheus, em especial aqueles relativos à colocação de limites e aos ensinamentos dele para com a filha.

Discussão sobre a experiência e a prática da paternidade na Família 3

Quanto à experiência de paternidade, primeiro eixo de análise do presente estudo, os relatos de Matheus quanto aos seus sentimentos e percepções frente à notícia da gravidez revelaram que, apesar de esta não ter sido planejada, foi bem recebida por ele, que se disse feliz. Da mesma forma, Matheus relatou que a gestação foi bem recebida por sua família, que parece ter ficado feliz com a notícia. Por outro lado, de acordo com Matheus, a reação de

Carla e de sua família deu-se de forma diferente. Para ele, Carla, quando soube que estava grávida, ficou receosa de que Matheus fosse deixá-la, receio que parecia ser compartilhado pela família dela. Em relação a este tema, cabe ressaltar que diversos estudos apontam para uma reação inicial negativa da família de meninas adolescentes ao advento da gestação (Dadoorian, 2003; Lima et al., 2004; Moreira, Viana, Queiroz, & Jorge, 2008), por mais que a aceitação e o apoio se façam presentes num segundo momento. Esta reação mais negativa por parte dos familiares da adolescente poderia estar relacionada à probabilidade de que a gravidez na adolescência gere um maior impacto sobre a vida das meninas do que dos meninos, os quais parecem ter suas trajetórias de vida mais preservadas do que as primeiras, especialmente nas classes populares (Heilborn et al., 2002). De acordo com Heilborn, a repercussão da maternidade sobre as trajetórias das adolescentes do sexo feminino nas classes populares é confirmada ao compará-las com as das adolescentes sem filhos, as quais tendem a possuir algum tipo de renda e, mais ainda, a encontrarem-se, mais do que as adolescentes mães, inseridas no universo escolar. Já em relação aos adolescentes pais e não pais, de acordo com a autora, há uma tendência de maior similaridade em suas trajetórias de vida, indicando que, possivelmente, o impacto seria menor do que aquele gerado sobre as mães adolescentes. Ao transpor tais idéias para o contexto de Carla pode-se pensar que sua família, de antemão, já se preocupava com a repercussão que este evento teria em sua vida, sendo que ela ainda não havia terminado os estudos, não trabalhava, e dependia de sua família para sobreviver. Sendo assim, tal preocupação pareceu ainda maior frente à possibilidade de que Matheus viesse a não assumir a paternidade, a qual pareceu ter sido amenizada quando ele decidiu ir morar com Carla, de forma a consumir – ao menos informalmente – sua união com ela e a disponibilidade em assumir a criança.

As representações de Matheus em relação à paternidade e a si mesmo como pai revelaram que, durante o período gestacional, ele ainda não parecia sentir grandes mudanças em sua vida com a chegada da gravidez. Mais do que isso, ele mostrava-se tranqüilo ao falar sobre a possível necessidade de ter que trabalhar mais para poder sustentar a filha, diferentemente do que aconteceu na entrevista dos doze meses, quando admitiu que embora não fosse difícil, a rotina de trabalho e cuidados com a filha estava sendo um pouco cansativa. Esta perspectiva mais idealizada de Matheus, durante a gestação, em relação à paternidade após o nascimento da filha parece ser característica deste momento em que ele ainda não havia se deparado com as demandas concretas apresentadas pela filha e, mais ainda, com a cansativa rotina de conciliar o trabalho e os cuidados com uma criança pequena. Ademais, para autores como Levandowski e Piccinini (2006), parece haver uma maior tendência de os

futuros pais adolescentes, mais do que os adultos, apresentarem uma expectativa mais idealizada quanto ao desempenho do papel paterno, de certa forma ignorando ou negando as eventuais dificuldades concernentes à paternidade.

Chamou a atenção o fato de que, durante a gestação, mesmo quando não era questionado diretamente sobre modelos de paternidade, Matheus fazia menção aos cuidados recebidos de seus próprios pais como pontos de referência para o futuro cuidado com a filha. Então, desta forma, ele trabalharia e sustentaria a filha como a sua própria mãe fez com ele, e também seria um pai que, assim com seus pais, criaria e educaria a filha sem precisar bater. Desta forma, Matheus parecia estar realizando um movimento identificatório importante no processo de construção da identidade de pai (Darchis, 2000), ao partir à procura do que, para ele, significa ser um pai, lembrando e se deparando com os pais que ele mesmo teve para, agora, pensar o pai que ele próprio gostaria de ser. Por outro lado, não apenas os pais apareceram como referência de cuidado para Matheus. O avô e o tio também apareceram como referências positivas e negativas, respectivamente. Contudo, o que mais chamou a atenção nos relatos de Matheus o fato de, na entrevista dos doze meses, ao revelar que possuía outra filha, fruto de um relacionamento anterior, ele ter caracterizado positivamente sua experiência de paternidade atual, utilizando-se, para tal, de sua própria vivência anterior de pai como referência, a qual foi permeada pelo distanciamento entre ele e a filha. Nesse sentido, ele parecia procurar não repetir os aspectos negativos de sua experiência anterior e, mais do que isso, aparentava valorizar ainda mais a possibilidade de acompanhar os diversos momentos e acontecimentos do desenvolvimento de Alice, que ele não teve a oportunidade de compartilhar com sua filha mais velha.

Os poucos relatos de Matheus quanto as suas representações sobre a parentalidade na adolescência apontaram que ele, ao comparar-se com outros meninos da sua idade que também eram pais, caracterizava a si mesmo de forma positiva. Nesse sentido, Matheus via-se como um bom pai, pois, diferentemente de outros pais adolescentes, era carinhoso e presente na vida da companheira e da filha. Por outro lado, ao comparar-se com outros adolescentes sem filhos, Matheus percebia que a paternidade havia implicado em uma diminuição de sua liberdade, pois, ao contrário de seus amigos não pais, que moravam com seus próprios pais e que podiam ficar na rua o dia inteiro, ele, apesar de sua pouca idade, já tinha compromissos com sua nova família. No estudo de Cabral (2003), também com pais adolescentes, eles relataram que a paternidade implicou na necessidade de abrir mão das brincadeiras, zoações e molecagens típicas da vida de adolescente, a fim de passar a outro *status* que implica seriedade, obrigações, vínculos e dependência, e que pressupõe a diminuição do tempo livre e

do convívio com os pares. Entretanto, a diminuição da liberdade e do convívio com pares foi também referida em estudos com pais adultos, como no de Finnbogadottir et al. (2003), em que alguns pais falaram sobre a dificuldade de ter que abandonar a vida antiga sem filhos e também sobre sentimento de falta de liberdade que eventualmente se fazia presente com a chegada de um filho. Entretanto, pode-se cogitar que tal sentimento seja exacerbado frente à paternidade na adolescência, em função de o adolescente, quando comparado a um adulto, possivelmente levar uma vida com menores responsabilidades e restrições, além de tender a conviver menos com amigos que, assim como ele, também sejam pais.

Os relatos de Matheus sobre suas representações acerca de seus próprios pais só vieram a confirmar o quão importantes eles eram em sua vida e, mais do que isso, a potente fonte de referência que eles representavam para suas construções em relação à vida e à paternidade, bem como sobre sua forma de ser e de se ver enquanto pai. Ao falar sobre o pai, por exemplo, Matheus o fazia em tom de respeito e admiração. Destacou-se, neste contexto, a forma como Matheus relatou seu antigo sonho de tornar-se caminhoneiro, assim como o pai. Este sonho foi construído com base em suas lembranças das viagens que fazia com o pai, de conhecer lugares novos, viajar pelas estradas. No entanto, junto com estas lembranças prazerosas vieram também àquelas remetentes ao sentimento de que o pai não se fez tão presente em sua infância, justamente pelo fato de estar sempre viajando. Em relação a este aspecto, Cramer e Palácio-Espasa (1993) explicam que, assim como as gratificações e satisfações vividas enquanto filho deixam pontos de referência conscientes para que o pai busque estabelecer relações satisfatórias com seu próprio filho, as frustrações e decepções dessa vivência possivelmente também darão lugar a remorsos, e tentativas de evitar que o filho vivencie tais tipos de sentimentos. Ou seja, a experiência de “estar com” (Stern, 1997) um pai caminhoneiro, que não podia estar tão presente na vida do filho quanto ele esperava, pareceu permear as representações de Matheus acerca do pai. Nesse sentido, ao evocar a sua própria experiência como filho, Matheus manifestou, enquanto pai, que não queria que a filha passasse pela mesma situação que ele passou enquanto filho. Este pareceu então o fator motivador para abandonar o antigo sonho de ser caminhoneiro.

Por mais que admitisse ser mais apegado ao pai, Matheus, em seus relatos, também demonstrou a profunda admiração e reconhecimento pela figura da mãe em sua vida. Ele considerava a mãe uma batalhadora, além de reconhecer o seu papel enquanto aquela que costumava cobrar-lhe suas responsabilidades, não apenas enquanto criança e adolescente, quando se mostrava preocupada com seu desempenho em relação aos estudos, mas também agora que ele tinha uma filha, ao apontar-lhe o trabalho como uma de suas responsabilidades

enquanto pai. De forma semelhante, no estudo de Sutter e Bucher-Maluschke (2008), com pais adultos, alguns pais consideravam suas próprias mães como modelos de responsabilidade diante dos filhos, em especial naqueles contextos em que a figura paterna se fazia mais ausente. Mais do que isso, assim como o que foi apontado em outros estudos com pais adolescentes (Miller, 1994; 1997), a mãe de Matheus também era vista por ele como importante fonte de apoio e de ensinamentos nos cuidados com a filha, especialmente nos primeiros momentos após o nascimento, quando ele ainda não estava acostumado com os cuidados com filha pequena.

Justamente por esta história de dedicação, sacrifício e cuidado que Matheus contou em relação à mãe, ele parecia sentir-se culpado quando, frente à separação do casal, ele escolheu ficar com o pai e não com ela. Ele percebia que a mãe carregava uma mágoa por esta escolha que ele havia feito naquele momento. Talvez por esse motivo que Matheus tenha mencionado a vontade de, se um dia ficasse “rico”, ajudar sua mãe para “o resto da vida”. A vontade de Matheus em reparar ou compensar a mãe por tudo que ela havia feito por ele e pela mágoa que ele acreditava ter lhe causado, foi também manifesta por Matheus, de forma indireta, quando ele falou sobre os momentos em que a mãe, dizia para que não lhe tirassem a neta, pois ela era tudo em sua vida. Matheus ressaltou também o fato de que Alice parecia ser para os avós a filha mulher que eles não tiveram, e por isso eram muito apegados a ela. Desta forma, Alice parecia também constituir-se, de certa forma, como um presente de Matheus para seus pais. Pode-se pensar ainda que possivelmente a preferência de Matheus em ser pai de uma menina também estivesse permeada por esta vontade em poder dar aos pais aquilo que eles próprios não tiveram, ou seja, uma filha mulher. Este aspecto do filho como um presente ou como uma forma de reparação aos próprios pais foi também encontrado nos estudos de Levandowski (2005) e Dadoorian (2003), especialmente em relação às mães adolescentes. Para Levandowski (2005), o simples fato de dar um neto aos pais já se constitui como importante fonte de prestígio e poder na relação do adolescente com eles, pois um neto representa a continuidade genética da família, ou seja, a descendência. Entretanto, de acordo com a autora, esta valorização pode ser ainda maior quando este neto ou neta esta à serviço da reparação de algo que os pais não tiveram, como no caso de Matheus, a possibilidade de dar aos pais a filha mulher que eles tanto queriam. Desta forma, ao dar uma neta à mãe ele poderia estar, de certa forma, procurando compensá-la pela sua dedicação enquanto mãe e, mais ainda, buscando reparar a mágoa que ele sentia ter lhe causado. Soma-se a isso o fato de que a própria mãe de Matheus, em sua fala, referia-se à neta com um aparente sentimento de posse, como algo que era seu e que não poderia lhe ser tirado. Cabe ressaltar, no entanto, que

tais aspectos também podem ter sido exacerbados por tratar-se do contexto da adolescência que, por suas características próprias de maior dependência material e emocional, em geral implicam numa maior participação e influência direta das figuras parentais do adolescente em seu processo de parentificação.

Quanto às representações acerca da filha, os relatos de Matheus revelaram que, desde o período gestacional, ele já conseguia imaginar como seria sua relação com ela, apesar de demonstrar-se ansioso para vê-la pessoalmente, saber como seria o seu rosto. Neste período ele já manifestou sua felicidade por saber que seria pai de uma menina, fato que, conforme já foi mencionado anteriormente, poderia estar ligado à representação da filha como um presente seu aos pais. Entretanto, cabe ressaltar que, apesar de Matheus não ter feito qualquer menção a respeito desta situação até a entrevista dos doze meses, o fato é que ele já era pai de uma menina, com quem relatou ter tido muito pouco contato. Por esse motivo pode-se cogitar que esta preferência por ser pai de uma menina poderia também estar à serviço de uma auto-reparação, ou seja, pela possibilidade de construir com Alice uma nova história, diferente daquela que teve com sua filha mais velha. Chamou a atenção justamente o fato de Matheus não ter mencionado sua outra filha sequer quando foi diretamente perguntado sobre a existência de outros filhos além da própria Alice. Talvez esta ausência da filha mais velha em seus relatos expressasse justamente a negação do seu insucesso enquanto pai em sua experiência anterior, ou mesmo, a necessidade de esconder que, assim como outros pais de sua idade sobre os quais fez críticas, ele também não conseguiu ser um pai exemplar. Em contrapartida, o súbito aparecimento da filha mais velha nos relatos de Matheus na entrevista dos doze meses poderia significar uma melhor elaboração deste acontecimento em sua vida e, quem sabe, uma necessidade de utilizá-lo como um modelo a não ser repetido. Cabe ressaltar que tais relatos se deram justamente num período permeado pela recente crise ocorrida entre o casal e o conseqüente afastamento de Carla e da filha, o que poderia propiciar um maior risco de que a história vivida com a filha mais velha voltasse a se repetir com Alice.

As representações de Matheus sobre a filha após o nascimento demonstraram que ele a considerava como uma criança bastante esperta e agitada. Esta última característica foi identificada por Matheus como sendo dele próprio, ou seja, como uma característica sua que foi transmitida à filha, a qual também considerava parecida consigo em seu aspecto físico. Nesse sentido, ao identificar a filha como possuidora de aspectos de si mesmo Matheus incluía a filha na sua cadeia de “interações imaginárias” (Brazelton & Cramer, 1992), desenvolvidas a partir das fantasias dos genitores a respeito de si mesmos, de seus parentes mais próximos, de seus ideais e medos, e que fazem com que eles confirmem significado ao

menor gesto ou vocalização por parte da criança. Para os autores, o nascimento do bebê reacende algumas destas fantasias e, por este motivo, ele acaba por ser incluído em roteiros imaginários já encenados no passado. No caso de Matheus, esta identificação entre ele e a filha parecia ser reforçada pela mãe dele, que se considerava vivendo esta experiência de lidar com uma criança agitada “*duas vezes*” – uma com o filho e outra com a própria neta. Nesse sentido, uma característica que porventura poderia ser considerada negativa – a agitação –, para Matheus parecia ser vista de forma bastante positiva, talvez justamente pela possibilidade de ver na filha a duplicação de si mesmo, evocando assim, o desejo narcisista de reproduzir (espelhar) a própria imagem (Brazelton & Cramer, 1992).

Quanto às representações de Matheus acerca de Carla como mãe, seus relatos passaram a impressão de que, antes da gestação, ele a via como uma menina mimada, extremamente dependente da família, em especial dos cuidados da bisavó. Por outro lado, ele percebia que a maternidade a tinha feito amadurecer, associando tal amadurecimento em grande parte ao fato de Carla ter aprendido a ser uma boa dona de casa, a cozinhar e a limpar. Chamou a atenção o fato de que o próprio Matheus se sentia como um dos principais responsáveis por tais ensinamentos à Carla. Mais do que isso, ele mostrou-se surpreso por Carla ter conseguido mudar tão rapidamente, tornando-se, a seu ver, uma mãe dedicada e prestativa.

Ademais, ao analisar conjuntamente os relatos de Matheus quanto às representações acerca de Carla pode-se ter a impressão de que esta dependência que ela possuía em relação a sua família, em especial a sua bisavó, antes da gravidez, parecia ter sido transferida Matheus no momento em que ela engravidou. Nesse sentido, de acordo com os relatos de Matheus, Carla parecia insegura, temendo que ele a abandonasse e, além disso, manifestando crises de ciúme frente aos momentos em que ele se afastava, em especial quando saía para encontrar os amigos. Matheus mencionou que, em função das vontades dela, acabou deixando de lado amigos e atividades que costumava fazer e, ademais, sentia que não tinha autoridade dentro de casa, fato que era tolerado pelo fato de Carla estar grávida. Cabe ressaltar que a gravidez é comumente caracterizada por um momento de maior fragilidade e insegurança para as mulheres. Contudo, para Beers e Hollo (2009), as mães adolescentes podem, por muitas razões, estar em maior risco para problemas de adaptação às mudanças associadas com a gravidez. Dentre tais razões, os autores apontam que, em termos de desenvolvimento, elas podem não estar preparadas para os desafios da maternidade e, por tal motivo, serem forçadas a amadurecer antes de estarem realmente prontas. Além disso, suas emoções podem ser muito voláteis, algo que já é característico da adolescência e que poderia ser exacerbado frente à

ocorrência da gestação. De forma semelhante, Matheus acreditava que, após o nascimento da filha, Carla ainda apresentava um certo receio de que ele a abandonasse. Em relação a este aspecto, Stern (1997) mencionava que, durante o puerpério, considerado como um período de maior fragilidade e dependência para as mães, elas podem ser assoladas por uma série de medos, desejos, sentimentos e idéias, dentre os quais o temor de que o companheiro fuja, decida cair fora ou que busque a satisfação de suas necessidades em outro lugar. Nesse sentido, no caso de Carla, tais sentimentos de certa forma comuns à maternidade de um modo geral, poderiam ter sido exacerbados pela maior insegurança característica da adolescência.

Chamou a atenção ainda que, na entrevista dos doze meses, quando Matheus e Carla estavam em crise, ele seguia a vendo como uma boa mãe, prestativa. Por outro lado, suas representações em relação à família de Carla apresentaram uma mudança importante, sendo que ele passou a ver os familiares dela de uma forma bastante negativa, chegando a atribuir parte da crise conjugal à interferência deles. Apesar de ele não parecer considerar Carla como possuidora destas mesmas características que ele considerava negativas em seus familiares, – como interesseiros, mercenários, cínicos – torna-se importante questionar até que ponto tais representações não poderiam interferir na forma como ele mesmo a via e, conseqüentemente, gerar o afastamento do casal.

Já as representações de Carla em relação à Matheus como pai revelaram que ela percebeu mudanças bastante positivas nele com o advento da gestação. Esta visão mais positiva permaneceu até a entrevista dos quatro meses, quando Carla o percebia como um pai cuidadoso, diferente de outros pais da idade dele, que não davam atenção para os filhos. Entretanto, na entrevista dos doze meses, os relatos de Carla demonstraram que ela parecia considerar que ele havia voltado a apresentar as mesmas características negativas de antes da gravidez, como não querer trabalhar mais e só querer andar na rua. É importante destacar que, no período em que Carla foi entrevistada, o casal estava separado e, mais do que isso, vivendo uma situação conflituosa. Cabe ressaltar que o tipo e a qualidade do relacionamento conjugal parece consistir num importante fator de influência sobre a paternidade, como foi apontado tanto em estudos com pais adolescentes (Dias & Aquino, 2006; Florsheim & Smith, 2005), quanto com adultos (Genesoni & Tallandini, 2009; Silva & Piccinini, 2007). Dentro deste contexto, assim como o que acontecia com o relacionamento conjugal de Matheus e Carla naquele momento, uma revisão da literatura internacional sobre casais adolescentes (Bunting & McAuley, 2004) apontou que, de modo geral, haveria uma tendência para o término da relação conjugal e da coabitação do jovem casal ao longo do tempo, fato que também estaria relacionado com um decréscimo do contato do pai com a criança. Outro estudo internacional

destacou ainda a idade paterna como um importante fator para a continuidade do relacionamento, sendo que quanto mais idade os pais tinham no período pré-natal, maior era a probabilidade de estarem envolvidos com as mães de seus filhos aos três anos de vida destes (Gee & Rhodes, 2003). A partir destes estudos, poder-se-ia pressupor que a manutenção do relacionamento do casal seja mais difícil nos casos em que ambos são adolescentes, como no caso de Matheus e Carla e, conseqüentemente, possa interferir no acesso e no envolvimento do pai com a criança, conforme será discutido em relação à prática da paternidade.

Para a análise do segundo eixo temático deste trabalho, referente à prática da paternidade, foram considerados os relatos tanto de Matheus quanto de Carla referentes ao envolvimento paterno e ao exercício da função paterna. Assim, no que diz respeito à interação, primeira dimensão do envolvimento paterno, os relatos tanto Matheus quanto de Carla demonstraram que ele já buscava ativamente interagir com a filha desde o período gestacional, quando costumava passar a mão na barriga de Carla e conversar com a filha. Após o nascimento da filha, Matheus relatou que, dentre as atividades que costumava realizar com ela estavam passear e brincar. No que diz respeito aos cuidados de Matheus com a filha, os relatos de ambos apresentaram-se semelhantes em seu conteúdo, entretanto, enquanto Matheus parecia considerar-se bastante participativo e envolvido nos cuidados, Carla parecia considerá-lo mais como um auxiliar naqueles momentos em que ela não podia ficar com a filha. Tais resultados se assemelham aos achados de outros autores sobre envolvimento paterno que apontam que as mães costumam relatar níveis mais baixos de envolvimento paterno do que os pais (Coley & Morris, 2002). Dentre as atividades que Matheus não parecia sentir-se à vontade para realizar estavam dar banho e atender a filha nos momentos em que ela acordava de madrugada, esta última justificada pelo cansaço sentido após um dia de trabalho. Cabe ressaltar, no entanto, que Carla parecia satisfeita com a participação de Matheus nos cuidados com a filha, por mais que reconhecesse tais limitações. Mais do que isso, ela demonstrou claramente acreditar que homens e mulheres apresentavam tarefas diferentes em relação aos cuidados com os filhos. Para Carla, enquanto a obrigação dos homens seria trabalhar, a das mulheres seria cuidar do filho. Esta visão de Carla parece seguir a tendência apontada por alguns autores de que os pais ainda podem ser tradicionalmente identificados como provedores da família, enquanto as mães como principais responsáveis pelo cuidado (McBride et al., 2005), a mesma apontada em estudo realizado com pais e mães adolescentes (Dias & Aquino, 2006).

No que diz respeito à acessibilidade, segunda dimensão do envolvimento paterno, chamaram a atenção os relatos de Matheus em relação ao impedimento de sua participação no

momento do parto. Sem querer entrar nos possíveis motivos pelos quais sua presença não foi permitida naquele momento, é importante ressaltar que este acontecimento pareceu deixá-lo bastante abalado e com o sentimento de estar sendo desvalorizado enquanto pai. Ademais, sua presença no parto já era algo planejado com antecedência, sendo a impossibilidade desta percebida como uma frustração. Em relação a este tema Carvalho (2003) mencionou que a participação do pai nem sempre é valorizada pelos profissionais de saúde que, em alguns casos, o percebem como alguém que atrapalha a mãe neste momento. Para a autora, esta atitude excludente em relação ao pai, muitas vezes, interfere também em sua motivação para participar, exacerbando o medo e a ansiedade desencadeados pela situação de parto.

Já no que diz respeito à dimensão acessibilidade no período após o nascimento, Matheus referiu que decidiu deixar um de seus empregos, dentre outros motivos, para poder ter mais tempo para estar com a filha. De fato o trabalho é apontado por diversos autores como um possível empecilho para um maior envolvimento paterno (Lamb, 1997; Lewis & Dessen, 1999; Parke, 1996; Pleck, 1997; Silva & Piccinini, 2007). Entretanto, de forma diferente do que aconteceu com Matheus, pode-se pensar que a muitos pais não é viável a decisão de sair do trabalho para, desta forma, poder dedicar-se mais aos filhos. No caso de Matheus, contudo, sua vida laboral já parecia apresentar certa instabilidade, tanto pela impossibilidade de ter um trabalho de carteira assinada, mas, ao que parece, também pelo seu comportamento mais impulsivo, que o levava a sair ou trocar de emprego com bastante frequência. Tendência semelhante foi apresentada por estudo realizado com jovens pais canadenses (Negura & Deslauriers, 2010), em que a grande maioria ainda não possuía um emprego estável, com o qual eles estivessem satisfeitos e que lhes gerasse o nível de segurança desejado. Ao invés disso, os jovens realizavam trabalhos precários, que requeriam menos instrução e pouca experiência, passando por períodos de desemprego. Pode-se cogitar que este comportamento de Matheus em relação ao trabalho possa estar relacionado justamente ao fato de ele, enquanto adolescente, ainda se sentir respaldado por outras pessoas, como seus pais, nos momentos em que não podia dispor de seus próprios recursos financeiros.

Os comportamentos de Matheus remetentes à dimensão acessibilidade também pareceram apresentar mudanças importantes aos doze meses da filha, período em que ele e Carla não estavam mais residindo juntos. Enquanto Matheus, em seus relatos, lamentava só poder estar com a filha aos finais de semana, Carla, por sua vez, queixava-se do pouco interesse dele em procurar pela filha. É importante mencionar que Carla foi entrevistada um mês antes de Matheus, logo após a separação do casal e num momento aparentemente mais acirrado da crise entre os dois. Ao falar, em sua entrevista, sobre este período imediatamente

posterior à separação, Matheus admitiu que realmente ficou quase duas semanas sem procurar a filha que então residia na casa da sogra, por estar trabalhando “*direto*”, mas também por não suportar ter contato com a família de Carla. Entretanto, o que se percebeu é que, mesmo quando o casal já havia retomado seu relacionamento, o fato de não residirem juntos parecia seguir interferindo na disponibilidade de Matheus para estar com a filha. Em relação a este aspecto, Beers e Hollo (2009) destacam justamente que pais de crianças nascidas de mães adolescentes são mais propensos a não serem casados ou não coabitarem com a mãe de seus filhos, o que poderia ser um fator de influência sobre a acessibilidade e o engajamento deles com seus filhos. Isto porque, de acordo com os autores, embora existam evidências conflitantes sobre o impacto do relacionamento afetivos entre pais e mães na manutenção do comportamento paterno, a maioria dos estudos sugere que estar num relacionamento afetivo com a mãe do bebê aumenta o engajamento do pai com ele. Por outro lado, uma relação conflituosa com a mãe da criança ou com sua família, como no caso de Matheus, foi apontada por eles como uma possível barreira à participação paterna. Em relação especificamente à coabitação, os autores mencionaram que esta parece exercer um impacto positivo sobre o envolvimento paterno, provavelmente devido ao maior acesso do pai à criança. Tendência semelhante foi apresentada no estudo de Dias e Aquino (2006), com casais adolescentes. No referido estudo, a união entre pais e mães apareceu como um fator importante para a participação dos pais nos cuidados dos filhos, isto é, nos casos em que o casal coabitava, os pais demonstravam-se mais participativos nos cuidados com os filhos, quando comparados àqueles que não coabitavam. Cabe ressaltar que a influência da coabitação sobre o envolvimento paterno também foi apontada em estudo com pais adultos, destacando que os pais que mantinham uma relação amorosa e, além disso, coabitavam com as mães de seus filhos, estavam mais envolvidos nos cuidados destes do que aqueles que não coabitavam (Johnson, 2001), embora outro estudo tenha questionado tal influência (Teitler, 2001). Claramente, no caso de Matheus, o fato de não estar mais residindo com Carla e Alice parecia influenciar de forma importante sua acessibilidade para com a filha, condição que esteve ainda mais prejudicada nos períodos de maior conflito entre o casal e, mais ainda, entre Matheus e a família de Carla.

Quanto à responsabilidade, terceira e última dimensão analisada em relação ao envolvimento paterno, os relatos de Matheus revelaram que houve um incremento das preocupações relativas à filha com o passar do tempo. Enquanto na gestação elas foram pouco referidas, no parto se fizeram presentes em função da condição de maior risco apresentada por Carla, como diagnóstico de pré-eclâmpsia. Após o nascimento, as dificuldades mencionadas

pareciam dizer respeito ao período de adaptação com a filha pequena, em lidar com os eventos do dia-a-dia que até então pareciam uma novidade para Matheus. Pode-se pensar que talvez sua dificuldade em saber como lidar os episódios em que a filha “*se finava*” ou que apresentava cólicas pudesse estar relacionada ao fato de ele, ainda jovem, ter pouco conhecimento sobre os aspectos do desenvolvimento infantil (Marsiglio & Cohan, 1997). Por outro lado, tais dificuldades e preocupações parecem muito mais características da própria transição para a paternidade, dos receios em relação a como lidar com um bebê, entender e cuidar dele (Krob et al., 2009), do que relacionadas ao fato de Matheus ser um pai jovem. Ademais, apesar de Alice não ser sua primeira filha, ele não parecia ter tido a oportunidade de vivenciar de perto este processo de adaptação com a filha mais velha, o que tornava, de certa forma, este acontecimento como algo totalmente novo em sua vida.

As preocupações de Matheus em relação à parte financeira também se fizeram presentes, em especial por ele não ter um emprego estável. Chamou a atenção que os poucos relatos de Carla identificados em relação à dimensão responsabilidade foram relativos ao papel de Matheus enquanto aquele que sustentava a família, que comprava os utensílios que ela e a filha necessitavam. Talvez esta relação tenha se dado justamente pelo fato de Carla, conforme já mencionado anteriormente, acreditar que o principal papel de um pai era justamente o de trabalhar para poder sustentar a família. Em relação a este aspecto, o que se percebe é que, de modo geral, por mais que tenha havido mudanças em relação aos papéis de pai e mãe na família, a provisão financeira ainda costuma ser vista como uma tarefa tipicamente masculina, ou como um dos principais – se não o principal – papel do pai, seja ele adulto (Dessen & Braz, 2000; Lamb, 2000) ou adolescente (Fagan et al., 2003; Tuffin et al., 2010). Nesse sentido, o não cumprimento desta tarefa pode ser fonte de insatisfação não apenas para os pais adolescentes que podem sentir-se frustrados em não conseguir dar conta deste papel (Tuffin et al., 2010), quanto pode interferir na visão das mães adolescentes a seu respeito, sendo que parece mais fácil para elas vislumbrar um futuro em comum com o pai de seus filhos naqueles casos em que ele consegue demonstrar sua “utilidade financeira” (Futris et al., 2010). Na entrevista dos doze meses, as queixas de Carla eram justamente relativas à diminuição do interesse de Matheus pelo trabalho e à redução do seu auxílio financeiro para com a filha, o que parecia acirrar ainda mais a situação conflituosa entre o casal.

Ainda em relação à prática da paternidade, mas agora em relação ao exercício da função de paterna, os relatos tanto de Matheus quanto de Carla revelaram que ele serviu como uma importante fonte de apoio para ela durante a gestação e nos primeiros meses após o nascimento de Alice. Durante a gestação, este apoio foi expresso através dos carinhos e

elogios de Matheus para com Carla e de sua maior compreensão e tolerância frente aos momentos de irritação dela e à diminuição do seu desejo sexual naquele período. Nesse sentido, parecia que Matheus estava, adequadamente, servindo como “matriz de apoio” (Stern, 1997) para Carla neste período de maior fragilidade, insegurança e dependência, como é a gestação. No entanto, é importante ressaltar que esta não pareceu constituir-se como uma tarefa fácil para Matheus, em especial no que diz respeito a lidar com o humor irritado de Carla. Tanto que, para ele, o nascimento de Alice parecia representar a possibilidade de que Carla voltasse a ser como era antes da gestação. Este aspecto também foi apontado no estudo de Finnbogadottir et al. (2003), realizado com pais suecos entrevistados durante a gestação de suas companheiras, o qual revelou que alguns pais expressaram sentimento de insegurança e ansiedade frente à imprevisibilidade e às mudanças de humor de suas parceiras, além da sensação de que nada daquilo que faziam parecia contentá-las. Pode-se cogitar que tal dificuldade possa ser exacerbada frente ao não planejamento da gravidez e, mais ainda, quando esta ocorre na adolescência, período em que as oscilações de humor já são uma característica bastante comum (Knobel, 1981), como era o caso de Matheus e Carla.

Matheus demonstrou ainda a preocupação em organizar passeios com Carla aos finais de semana, justamente por ela queixar-se para ele sobre estar cansada de ficar apenas em casa. Conforme Heilborn et al. (2002), uma das possíveis repercussões da maternidade sobre a vida das adolescentes de classes populares estaria justamente na retirada delas de um espaço mais público, acirrando a internalidade em relação à casa. De acordo com os autores, são constantes, entre as mães adolescentes de classes populares, as queixas com respeito à solidão e ao isolamento. É importante lembrar que Carla deixou de freqüentar a escola durante a gestação e, além disso, o casal parecia ter diminuído drasticamente a sua vida social, deixando de fazer programas que eram habituais no período anterior à gravidez, como ir a shows e festas. Ou seja, é inevitável pensar que as mudanças advindas da gestação e da maternidade parecem exercer uma enorme repercussão sobre o estilo de vida de uma adolescente, especialmente de classe baixa.

De forma semelhante, Matheus parecia seguir sendo visto como uma importante fonte de apoio para Carla no período seguinte ao nascimento da filha. Para ela, Matheus estava se mostrando bastante prestativo e apoiador, diferente de outros meninos da idade dele que ela conhecia e, mais do que isso, parecia estar correspondendo às expectativas que ela apresentava em relação ao papel paterno. Tanto Matheus quanto Carla ressaltaram, na entrevista dos quatro meses, que o casal não dispunha de períodos para estarem a sós, e que as atenções estavam totalmente voltadas para Alice. Neste período, Matheus pareceu lidar

adequadamente com o fato de que o nascimento da filha havia gerado uma importante repercussão sobre a vida do casal e, em especial, sobre a vida sexual, e considerava este um aspecto característico da paternidade e, mais ainda, da vida com uma filha pequena, que demandava atenção constante. Por outro lado, para Carla, o nascimento da filha parecia ter gerado um afastamento do casal, que já não trocava carinhos com tanta frequência e que não permanecia mais tanto tempo junto como antes.

Chamou a atenção, neste período, que Matheus tenha aparecido, nos relatos de ambos, como aquele que conseguia acalmar a filha nos momentos em que ela chorava sem parar. Enquanto Carla parecia apresentar dificuldade e mesmo sentir-se nervosa frente a este comportamento da filha, Matheus, apesar de sua pouca idade, parecia demonstrar a segurança e a continência para lidar com a situação. Nesse sentido, ele parecia, nestes momentos em que Carla estava mais sensível e que apresentava dificuldades em conter o choro de Alice, já firmar a sua entrada na vida da filha (Fulgêncio, 2007), oferecendo-se a ela como um elemento diferente e dando o suporte necessário para a contenção de suas tendências instintuais (Passos, 2007). Alice, por sua vez, parecia também já reconhecer a presença do pai e, quem sabe, perceber a diferença entre ele e a mãe, ao acalmar-se justamente nos momentos em que estava em seu colo. Desta forma, ela, à sua maneira, também já parecia converter o pai como uma pessoa importante em sua vida (Winnicott, 1965/1979).

Na entrevista dos doze meses, os relatos de Matheus sinalizavam que, mesmo antes da crise conjugal, o casal não dispunha de períodos a sós, e mesmo a vida sexual permanecia restrita. Mais do que isso, os relatos de Carla demonstraram que a relação conflituosa do casal parecia interferir sobre o apoio que ele dispunha para ela, ou melhor, para a falta deste. Sendo assim, neste período, Carla não se sentia apoiada por Matheus, pelo contrário, sentia-se agredida e ameaçada por ele. Talvez por este motivo que foram identificados poucos relatos tanto de Matheus quanto de Carla referentes ao exercício da função paterna neste período, em especial relativas aos ensinamentos e à colocação de limites dele para com a filha. Em relação a este aspecto, Matheus apenas comentou brevemente que costumava manejar os episódios “*chilique*” da filha através de conversas.

Em suma, os dados aqui discutido em relação à experiência e à prática da paternidade de Matheus revelaram que de modo geral, ele pareceu inicialmente adaptar-se bem à vida de pai, apresentando mudanças importantes e características do processo de transição para a paternidade, apesar de sua pouca idade. Por outro lado, a visível instabilidade da relação do casal parecia exercer importante influência sobre a prática da paternidade e sobre o exercício da função paterna de Matheus, em especial no último período em que ele e Carla foram

entrevistados, aos doze meses de Alice. Desta forma, e relação conflituosa com Carla parecia ter gerado um afastamento importante de Matheus em relação à filha, e trazendo à tona o risco de um distanciamento permanente, assim como havia acontecido em sua experiência anterior de paternidade. Entretanto, não se pode afirmar que tais dificuldades estejam relacionadas simplesmente ao fato de Matheus e Carla serem adolescentes, por mais que alguns autores ressaltem a maior propensão de conflitos conjugais e do rompimento do casal no contexto da adolescência (Bunting & McAuley, 2004; Gee & Rhodes, 2003), fator que, indiretamente, pode constituir-se como uma importante influência sobre os aspectos relativos à paternidade.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL

No capítulo anterior, foram apresentadas as particularidades de cada um dos casos analisados, com base nos eixos temáticos propostos para o presente estudo, os quais foram discutidos à luz da literatura sobre o tema. No corrente capítulo serão analisadas as eventuais semelhanças entre os casos com relação a cada um dos eixos temáticos, as quais serão também discutidas a partir da literatura existente.

Em relação ao primeiro eixo temático, experiência da paternidade, a análise revelou que as gestações aconteceram sem planejamento, apesar de terem sido bem recebidas pelos jovens pais. Quanto à reação dos familiares à notícia da gravidez, não foram identificadas reações demarcadamente negativas ou de rejeição, apesar de dois participantes (Felipe e Daniel), revelarem que seus próprios pais manifestaram certas preocupações em relação à gravidez. Cabe destacar que a família do adolescente é apontada por alguns autores (Dias & Aquino, 2006; Trindade & Menandro, 2002) como de grande importância frente ao acontecimento da gestação, sendo que se constitui como fonte fundamental de apoio material e afetivo para os jovens pais, e mesmo como fonte de orientação no manejo dos cuidados e problemas enfrentados com as crianças. Nesse sentido, a família, e em especial os pais, são vistos como uma importante fonte de auxílio ao jovem no enfrentamento das dificuldades inerentes à tarefa de ser pai, auxiliando-os a minimizar os eventuais efeitos negativos deste evento sobre suas vidas (Lewandoski & Piccinini, 2002). Apesar de a reação inicial dos pais do adolescente à notícia da gravidez não poder ser vista como determinante do apoio que será capaz de prover ao jovem pai no futuro, pode-se pensar que a inexistência de uma reação hostil, de certa forma, já poderia auxiliar o adolescente em seu processo de enfrentamento e aceitação deste acontecimento em sua vida.

As representações acerca da paternidade e sobre si mesmo como pai revelaram que, de certa forma, os jovens pais do presente estudo apresentaram importantes mudanças em suas vidas com o advento da paternidade, procurando adaptar-se aos seus novos papéis de pai. Especialmente para dois casos (Felipe e Daniel), a paternidade surgia como sinônimo de maior responsabilidade e de aquisição de compromissos diferentes daqueles que possuíam quando ainda não eram pais. Em um dos casos em que o adolescente (Matheus) já era pai de outra menina, pareceu que, com a experiência de ser novamente pai, ele pôde vivenciar de forma mais intensa as transformações da paternidade, possivelmente por ter uma participação mais ativa e uma maior convivência com ela do que havia tido com sua primeira filha. Nesse

sentido, o processo de reorganização da identidade (Stern, 1997) inerente ao processo de transição para a parentalidade pôde ser identificado, dentre outras formas, através destas mudanças ocorridas nas vidas destes jovens com a chegada das filhas, que os levou a introjetarem a identidade de pais e de responsáveis pela família. Cabe ressaltar que tais mudanças em relação à identidade aconteceram num período em que se pressupõe, por si só, que o próprio adolescente já esteja num processo de reorganização de sua identidade pessoal, quando passa a perceber e adaptar-se as suas próprias características psicológicas, a fim de descobrir quem realmente é e como se encaixa no mundo em que vive (Knobel, 1981; Steinberg & Morris, 2001). Nesse sentido, pode-se pensar que os três jovens do presente estudo vivenciaram uma sobreposição de processos que, por si só, suscitam importantes movimentos psíquicos de transformação e adaptação, inerentes à passagem da adolescência para a vida adulta, e também ao advento da paternidade.

Outro aspecto deste processo de reorganização da identidade apresentado nos relatos dos jovens pais desse estudo, foi a identificação de modelos parentais e a retomada de identificações com os próprios pais e com outras figuras parentais (Stern, 1997). Os três pais, em maior ou menor grau, fizeram referência aos seus próprios pais em algum momento, apesar de em dois casos (Felipe e Daniel), só terem conseguido fazê-lo após o nascimento de suas filhas. Esta dificuldade inicial em apontar modelos de paternidade, em especial no período gestacional, pode ser compreensível quando se pensa que, ao não se ter ainda contato com a concretude da rotina com o bebê, suas necessidades e características, torna-se mais difícil imaginar a si mesmo enquanto pai e, mais ainda, conseguir transpor os modelos ou referências de paternidade para a própria experiência. Ademais, um dos aspectos característicos da adolescência é o processo de desligamento emocional ou de separação psíquica das figuras parentais, na busca de uma identidade própria (Aberastury, 1981; Blos, 1996). Até então, o ego parental havia funcionado como uma própria extensão do ego da criança – agora adolescente – emprestando sua estrutura e organização. Porém, na adolescência há um rompimento deste processo que faz com que o adolescente precise assumir, cada vez mais, a responsabilidade sobre aquilo que faz e aquilo que é, sem depositar esta responsabilidade nas figuras que lhe serviram como base até então (Blos, 1996). Nesse sentido, pode-se pensar que talvez esta dificuldade inicial de dois pais do presente estudo (Felipe e Daniel) em fazer referência a modelos, em especial advindos dos próprios pais, seja característica deste processo de desligamento emocional da adolescência. No entanto, após o nascimento das filhas, esses pais conseguiram trazer à tona lembranças de suas vivências enquanto filhos e transpô-las a sua experiência enquanto pais. Cabe ressaltar que este

movimento identificatório em relação às figuras parentais se constitui como uma importante etapa do processo de constituição da paternidade (Cramer e Palácio-Espasa, 1993; Darchis, 2000), podendo interferir no modo como o pai se relaciona com seu bebê e sobre sua maneira de agir com ele (Stern, 1997).

As figuras parentais podem ser vistas tanto como modelos positivos, a serem seguidos, quanto como modelos negativos, a serem evitados ou transformados (Finn & Henwood, 2009; Gomes & Rezende, 2004; Krob et al., 2009). Chamou a atenção que, diferente de outros estudos com pais adolescentes em que os próprios pais eram muitas vezes percebidos como figuras ausentes (Lewandowski, 2005), ou pouco afetivas e até mesmo violentas na vida do adolescente (Devault et al., 2008), os jovens do presente estudo pareciam ver seus próprios pais de forma positiva, considerando-os modelos a serem repetidos em sua atuação enquanto pais. No caso de dois participantes (Daniel e Matheus), não apenas os pais, mas também suas mães foram mencionadas como referências positivas para eles nos cuidados com as filhas, confirmando que não apenas as figuras masculinas são mencionadas como modelos de paternidade para os jovens pais (Devault et al., 2008; Lewandoski et al., 2009). Chamou a atenção que ambos tenham mencionado ser bastante apegados e afetivamente próximos de seus pais, mais do que com suas mães. Em relação a este aspecto, Montemayor (1986) destaca a relação pai-filho como uma base importante do processo de identificação do adolescente, algo que pode ser exacerbado no contexto da paternidade, quando o homem já tenderia a ficar mais direcionado para o relacionamento com seu pai (Brazelton & Cramer, 1992). Isso talvez explique o porquê de os pais, mais do que as mães, terem sido identificados como referências de paternidade entre relatos dos pais deste estudo. Ainda em relação aos modelos parentais, um dos participantes (Matheus) relatou querer ser mais presente na vida de sua filha do que seu pai o foi quando ele era criança e procurava, assim, transformar a sua experiência enquanto filho como base para uma relação compensatória com a filha. Nesse sentido, ele abriria mão de um antigo sonho – ser caminhoneiro – para poder, diferentemente do seu próprio pai, ser mais presente na infância dela. Cabe ressaltar que mesmo esta vontade de ser mais presente na vida da filha do que seu próprio pai o foi também apareceu permeada pelo arrependimento que o pai desse participante (Matheus) manifestou a ele por ter sido ausente em sua infância, motivo pelo qual aconselhava o filho a ter uma postura diferente com sua própria filha.

Os relatos dos pais sobre suas representações acerca da parentalidade na adolescência destacaram alguns aspectos não tão positivos de suas experiências de paternidade, em especial relativos às perdas presentes neste processo. Nas falas de dois pais (Felipe e Matheus), estas

perdas foram identificadas através das diferenças apontadas entre eles e outros jovens não pais, que pareciam dispor de uma maior liberdade, ao contrário deles, que já possuíam uma vida com maiores restrições em função de serem pais. Cabe ressaltar que tais falas não foram expressas aparentemente de forma queixosa ou como algo negativo, mas mais como forma de anunciar que eles já não se sentiam como antes, enquanto jovens sem filhos, e que experimentavam uma rotina diferente de seus pares não pais. Por outro lado, as perdas vivenciadas com o advento da paternidade ficaram mais evidentes frente à análise da experiência de um dos pais (Daniel), que trouxe à tona sentimentos ambivalentes, suscitados principalmente pela grande repercussão que a chegada da filha gerou em sua vida acadêmica e, conseqüentemente, profissional. Nesse sentido, embora a gravidez na adolescência seja vista como possivelmente causadora de maior impacto sobre a vida da jovem mãe, em especial sobre seu percurso escolar e profissional (Heilborn et al., 2002), no caso deste jovem pai, a paternidade também representou a necessidade de mudanças drásticas neste âmbito, as quais foram claramente vivenciadas por ele com sofrimento. Para Winnicott (1975), a assunção precoce de responsabilidades poderia causar a perda dos esforços da atividade imaginativa da imaturidade, característica da adolescência. Nesse sentido, no caso deste pai (Daniel), a chegada da filha pode ter feito com que ele tivesse de assumir certas responsabilidades para as quais não estava preparado, dentre as quais a de garantir uma renda familiar que lhe permitisse sentir-se pai, e que lhe trazia a necessidade de abandonar antigos sonhos e planos construídos durante sua adolescência. Para um dos pais do presente estudo (Felipe), que já havia saído da escola mesmo antes da gravidez, houve um crescimento profissional considerável após o nascimento da filha, impulsionado pela vontade dele em dar boas condições de vida a ela, mesmo que para que isso ele tenha tido que contar com o apoio financeiro da família durante um período. Um dos pais (Matheus), entretanto, parece ter sofrido poucas mudanças com a chegada de filha, sendo que, apesar de já trabalhar mesmo antes da chegada da filha, já apresentava uma vida profissional incerta, com diversas mudanças de emprego. Já no caso de um dos pais (Daniel), este evento teria levado a um movimento no sentido oposto ao daquele pai que apresentou uma ascensão profissional (Felipe), mesmo que a intenção fosse semelhante – dar boas condições de vida à filha. Nesse sentido, a paternidade havia sido a causa para o abandono escolar, cujo retorno parecia cada vez mais distante conforme o passar do tempo, e para a necessidade de buscar empregos que talvez não fossem os que ele almejava antes do advento da gravidez, a fim de, enquanto pai, garantir o mínimo de condições para o sustento da família.

Semelhanças também foram encontradas entre as representações dos pais acerca de suas filhas. De modo geral, os três apresentaram um incremento destas representações após o nascimento, mas especialmente para dois dos pais do presente estudo (Felipe e Daniel) que, durante a gestação, apresentaram dificuldades em falar sobre como percebiam suas filhas ou sobre como imaginavam que elas seriam após o nascimento. Tal dificuldade poderia estar relacionada ao fato de que, enquanto adolescentes, eles possivelmente ainda apresentavam limitações em imaginar situações não presentes no aqui e agora (Piaget & Inhelder, 1976). Entretanto, esta também poderia ser atribuída às próprias características do período gestacional, que faz com que muitos pais experimentem um “sentimento de irrealidade” em função da falta de provas tangíveis da existência do bebê (Genesoni & Tallandini, 2009), ou pela ausência da “experiência corporal” da gestação, vivenciada pelas mães (Doucet, 2009) e que possivelmente facilitaria a construção das representações a respeito dos filhos. Por outro lado, após o nascimento das filhas, todos os pais, em certa medida, demonstraram conseguir incluí-las em suas cadeias de “interações imaginárias”, atribuindo significados as suas atitudes e ao seu temperamento, bem como tecendo identificações projetivas com as filhas, ao atribuir a elas características de si mesmos ou de seus familiares (Brazelton & Cramer, 1992). Para dois pais (Felipe e Matheus), tais identificações foram expressas de forma positiva, com contentamento, contrariando a idéia apresentada por alguns autores de que os pais adolescentes, mais do que os adultos, tenderiam a perceber o temperamento de seus bebês de forma mais negativa (Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997), aspecto que, por outro lado, foi identificado no caso de um dos pais (Daniel), que parecia incomodado e com dificuldades em lidar com o temperamento percebido por ele como bravo, teimoso e exigente da filha, o qual considerava semelhante ao de sua própria mãe.

As representações de dois pais (Felipe e Matheus) acerca de suas companheiras como mães apresentaram certas semelhanças. Ambos pareciam percebê-las como mais dependentes deles e mais inseguras, algo que era manejado por eles com certa dificuldade. Ademais, em função destas mudanças de humor e de atitude das companheiras, eles também relataram ter deixado de realizar certas atividades que não eram bem vistas pelas companheiras, para não fomentar brigas entre o casal. Cabe ressaltar que sentimentos como medo e insegurança são característicos da vivência materna do puerpério, dentre os quais aqueles relativos ao temor de que o companheiro fuja da situação ou que busque a satisfação de suas necessidades em outro lugar (Stern, 1997). Pode-se cogitar ainda que tais sentimentos possam ser exacerbados frente à inexistência ou enfraquecimento de uma rede de apoio mais ampla para estas mães, que passam a contar apenas, ou quase que exclusivamente como o apoio do companheiro. Este

parecia ser o caso de uma das mães (Carla, companheira de Matheus) que mencionava o companheiro como sua principal fonte de apoio, mas em especial de outra mãe (Margot, companheira de Felipe) que durante algum tempo morava mais afastada de sua família, passando grande parte de seus dias sozinha com a filha. Ademais, autores como Beers e Hollo (2009) ressaltam que as mães adolescentes podem estar em maior risco de adaptação às mudanças ocasionadas pela maternidade em função de, dentre outros fatores, não estarem preparadas para os desafios da maternidade e, por tal motivo, serem forçadas a amadurecer antes de estarem realmente prontas. Da mesma forma, para os pais, a difícil tarefa de compreender, lidar e acolher este período de maior fragilidade e insegurança das mães poderia ser exacerbada no contexto da adolescência, quando eles podem ainda não mostrar-se preparados para concentrar suas atenções em outras questões que não aquelas relativas ao seu próprio processo de amadurecimento (Beers & Hollo, 2009).

Já os relatos das mães quanto a suas representações acerca dos companheiros como pais revelaram que, para as três mães, eles tinham apresentado mudanças bastante positivas com a paternidade. Elas destacaram aspectos de uma maior maturidade e responsabilidade de seus companheiros, os quais pareciam ter deixado para trás suas vidas de adolescentes sem filhos, a fim de assumirem uma nova postura, mais comprometida e preocupada. Fator destoante foi identificado apenas nos relatos de uma das mães (Carla, companheira de Matheus) em sua última entrevista, aos doze meses da filha, quando estava separada do companheiro. Nesse sentido, a crise e o conseqüentemente rompimento do casal parecem ter feito com que ela mudasse seu ponto de vista a respeito do companheiro, demonstrando-se mais insatisfeita com a sua atuação enquanto pai. Desta forma, a mudança no tipo e na qualidade do relacionamento conjugal deste casal parece ter gerado uma importante repercussão também em suas representações acerca dele como pai, confirmando os achados de outros estudos com pais adolescentes (Dias & Aquino, 2006; Florsheim & Smith, 2005) e adultos (Genesoni & Tallandini, 2009; Silva & Piccinini, 2007) que destacam a interferência do relacionamento do casal particularmente sobre a paternidade e, pode-se pensar, também sobre a maternidade.

No que diz respeito à prática da paternidade, os relatos dos pais e mães do presente estudo apontaram que eles, de modo geral, costumavam interagir bastante com suas filhas desde o período gestacional, quando conversavam e faziam carinhos na barriga. Entretanto, foi unânime entre os casos a menção de que a interação entre pai e filha se fazia muito mais num contexto de brincadeiras e de passeios do que em relação às tarefas de cuidados, que ficavam quase que maciçamente à cargo das mães. Enquanto que para duas mães (Priscila e

Carla, companheiras de Daniel e Matheus) esta característica era vista como condizente com os diferentes papéis de pai e mãe frente aos cuidados com os filhos – trabalhar e brincar *versus* cuidar – outra (Margot, companheira de Felipe) parecia almejar uma maior participação do companheiro, não limitada apenas ao sustento da família. Ou seja, no presente estudo, pareceu predominar a visão mais tradicional de pai, bem como da divisão dos cuidados com os filhos, em que o pai ocupa o lugar de principal responsável pelo sustento da família e a mãe é vista como a principal responsável pelo cuidado (Doucet, 2009). Cabe ressaltar que esta divisão mais tradicional dos cuidados com os filhos e do papel do pai é identificada tanto em estudos com pais adultos (McBride et al., 2005), quanto em estudos com adolescentes (Dias & Aquino, 2006). Por outro lado, é importante mencionar que esta participação mais restrita dos pais nos cuidados de forma alguma significou uma ausência desta participação, o que pôde ser observado especialmente nos relatos referentes ao período imediatamente posterior ao nascimento quando, em função de as mães estarem se recuperando do parto, os pais acabaram por assumir as tarefas de cuidado com as filhas. No entanto, o retorno à rotina de trabalho ou o sentimento de não serem tão habilidosos quanto as mães na execução destas tarefas parece ter feito com que eles se distanciassem cada vez mais deste papel ao longo do primeiro ano de vida das filhas. Apesar deste maior distanciamento, pode-se dizer que os três pais do presente estudo pareceram, em maior ou menor grau, compartilhar certas tarefas de cuidado com as mães, apesar de ocuparem muito mais um papel de auxiliares no cuidado (Summers et al., 1999) do que de principais atores neste contexto.

A acessibilidade, segunda dimensão do envolvimento paterno analisada neste estudo, pareceu em certa medida influenciada pela vida laboral e/ou acadêmica dos pais, em especial para um deles (Felipe), que parecia o mais comprometido com seu emprego e com suas tarefas profissionais. Alguns autores pontuam que aqueles pais altamente comprometidos com o trabalho e que costumam passar longas horas no emprego costumam envolver-se menos em atividades com os filhos (Lamb, 1997; Parke, 1996), embora tal aspecto não possa ser considerado um parâmetro para a qualidade deste envolvimento. Nesse sentido, um dos casais (Felipe e Margot) mencionou restrições na disponibilidade do pai para estar com a filha, ocasionadas principalmente por suas condições de trabalho. Já para outro pai (Daniel), uma maior disponibilidade para estar com a filha só pôde ser obtida, segundo ele, pelo abandono da escola, haja vista que o trabalho não poderia ser deixado de lado, pois era o que sustentava o seu papel de provedor da família. Já um dos pais (Matheus), que parecia apresentar um comportamento mais impulsivo em relação ao trabalho, chegou a deixar um de seus empregos para poder ficar mais tempo com a filha. Ou seja, para os pais do presente estudo, uma maior

ou menor acessibilidade às filhas parecia mediada pelas características de sua vida laboral, algo que também foi apontado em diversos estudos sobre o envolvimento de pais adultos (Lamb, 1997; Lewis & Dessen, 1999; Parke, 1996; Pleck, 1997; Silva & Piccinini, 2007). Cabe ressaltar também que as três mães relataram dificuldades em relação aos períodos de menor acessibilidade dos pais para com as filhas, demonstrando, assim, que consideravam a presença do pai importante na vida das filhas. Chamou a atenção que duas mães do presente estudo (Priscila e Carla, companheiras de Daniel e Matheus) tenham falado sobre a repercussão que os períodos de maior ausência do pai causavam sobre o comportamento das filhas. Tais repercussões foram identificadas nos relatos maternos através da menção de um menor apego ou de um distanciamento em relação à figura paterna, no período em que o pai estava trabalhando direto, até outras manifestações, como febre e choro constante, como pareceu acontecer com uma das filhas, no período imediatamente posterior à separação de um dos casais (Matheus e Carla).

Para um dos pais do presente estudo (Matheus), outro fator importante que interferiu sobre a dimensão acessibilidade foi a separação conjugal ocorrida aos doze meses da filha, situação que pareceu ainda mais crítica no período em que o casal estava em conflito, quando o pai deixou de ver a filha por algumas semanas. Em relação a este aspecto, Amato e Dorius (2010) destacam que os pais que não residem com seus filhos tendem a manter um contato maior com eles naqueles casos em que há uma relação de cooperação com as mães, o que não parecia ser o caso deste casal (Matheus e Carla) no momento imediatamente posterior à separação. Apesar de o relacionamento conjugal ser um fator de influência sobre o envolvimento paterno que não se restringe à adolescência, pode-se supor que a questão da acessibilidade seja mais complicada neste período. Isto em função de os pais adolescentes, mais do que os adultos, apresentarem uma maior tendência a não serem casados ou não coabitarem com a mãe de seus filhos, o que poderia repercutir numa diminuição do envolvimento destes com seus filhos (Beers & Hollo, 2009; Bunting & McAuley, 2004; Dias & Aquino, 2006). Isso pôde ser constatado no caso deste pai (Matheus), haja vista que mesmo quando voltou a ter um relacionamento afetivo com a mãe de sua filha após o período de rompimento, o fato de seguirem residindo em casas separadas parecia ainda servir de empecilho para uma maior disponibilidade dele para estar com a filha.

No que diz respeito à responsabilidade, terceira e última dimensão do envolvimento paterno, algo comum nos relatos dos três jovens pais foi a preocupação com a situação financeira, isto é, com a capacidade de conseguirem garantir o sustento de suas novas famílias. Outras preocupações também se fizeram presentes nos relatos paternos, como

aquelas relativas à saúde e ao desenvolvimento das filhas, talvez justamente por estarem se deparando pela primeira vez com os cuidados com uma criança pequena, mas em especial no caso de um dos pais (Daniel), em função do problema de saúde da filha, que exigia maiores cuidados e atenção. Entretanto, as preocupações relativas ao trabalho e às condições financeiras foram as que mais chamaram a atenção no presente estudo, algo pode estar relacionado ao fato de a provisão financeira ser vista historicamente como uma das principais ou, na verdade, como a principal tarefa de um pai (Jablonski, 1999; Lamb, 2000; Parke, 1996). Nesse sentido, os três pais, em maior ou menor grau, demonstraram-se preocupados em conseguir sustentar suas famílias, em ter uma fonte de renda que lhes permitisse comprar os utensílios necessários para as filhas. Apesar de esta ser uma preocupação comum tanto a pais adultos (Dessen & Braz, 2000; Lamb, 2000) quanto a adolescentes (Fagan et al., 2003; Tuffin et al., 2010), pode ser que na adolescência esta assuma um caráter diferente em função de os adolescentes, mais do que os adultos, apresentarem uma tendência menor a possuírem um trabalho remunerado (Schelemberg et al., 2007) ou um emprego estável (Negura & Deslauriers, 2010). Dentre os jovens pais do presente estudo, apenas um deles (Daniel) ainda não trabalhava antes da gravidez, embora já estivesse inscrito para a realização de um estágio remunerado. Já para dois deles (Felipe e Matheus) o trabalho fazia parte da rotina mesmo antes da gestação, embora apenas um (Felipe) vivesse exclusivamente do seu próprio dinheiro, morando em sua própria casa, enquanto outro (Matheus) ainda vivia na casa da mãe. Entretanto, o que pôde ser visto é que, com a paternidade, o trabalho pareceu assumir uma nova perspectiva na vida destes jovens pais, e um peso maior, passando a se constituir como o meio pelo qual eles se tornaram provedores de suas próprias famílias (Almeida & Hardy, 2007). Nesse sentido, enquanto um dos pais (Felipe), com a eminente chegada da filha, foi impulsionado a buscar melhores condições de trabalho, que lhe permitissem uma maior estabilidade financeira, o segundo (Daniel), por sua vez, sentiu a necessidade de abandonar os estudos de forma a poder assumir o trabalho como sua atividade prioritária. Sendo assim, pode-se concluir que a responsabilidade advinda com a paternidade pareceu exercer um impacto considerável para a vida destes jovens, que apresentaram mudanças importantes em sua vida, especialmente relativas à situação laboral, a fim de darem conta de suas responsabilidades e compromissos enquanto pais. De fato, no estudo de Lewandoski e Piccinini (2006), enquanto os pais adolescentes tenderam a citar mais o aumento da responsabilidade como uma das principais mudanças pessoais ocorridas com a paternidade, os adultos enfatizaram mais a redução da liberdade. Para os autores, isto talvez se deva

justamente pelo fato de os adultos, mais do que os adolescentes, já terem assumido mais responsabilidades em função de sua idade e estado civil.

Ainda quanto à prática da paternidade, mas agora em relação ao exercício da função paterna, os três jovens pais pareceram constituir-se como importantes fontes de apoio para suas companheiras, em especial na gestação e durante os primeiros momentos após o nascimento, algo que foi identificado tanto em seus próprios relatos, quanto nas falas das companheiras. Para Stern (1997), o pai possui uma grande importância em relação à constituição da “matriz de apoio” da mãe, ao protegê-la fisicamente, bem como ao prover suas necessidades vitais, de forma a permitir um afastamento necessário das exigências da realidade externa e possibilitar a dedicação dela ao bebê. Para Winnicott (1963/1983), este apoio do pai é fundamental principalmente nos primeiros momentos, quando a mãe se encontra no estado de “preocupação materna primária”, período de grande vulnerabilidade e dependência. Os pais deste estudo, apesar de sua pouca idade, pareceram compreender e procurar adaptar-se a estes períodos de maior fragilidade de suas companheiras, mesmo que por vezes considerassem difícil lidar com a irritabilidade e com a mudança de humor delas durante a gestação, como no caso de um dos pais (Matheus), ou com a maior dependência em relação a eles neste período, como foi relatado por outro (Felipe). Ademais, nos primeiros dias com as filhas, os três pais pareceram estar bastante presentes, fornecendo o apoio necessário para que elas pudessem se recuperar com maior tranquilidade do momento do parto. Para Fulgêncio (2007) este *holding* que o pai oferece à mãe neste estágio inicial de maior dependência e regressão constitui-se como uma importante função paterna, que auxilia a mãe a realizar suficientemente bem sua tarefa como o recém-nascido. Nesse sentido, conforme a autora, a forma como o pai acolhe ou não este momento peculiar da mãe pode vir a atingir a forma como ela se relaciona com o bebê. As mães deste estudo, em seus relatos, demonstraram sentir-se bastante acolhidas e apoiadas neste momento, identificando os pais de suas filhas como suas principais fontes de apoio. É importante destacar que cumprir esta função talvez tenha sido uma tarefa ainda mais complicada para estes jovens pais que, de uma hora para outra, se viram obrigados a concentrar seu foco e sua atenção em outras pessoas num momento de seu desenvolvimento em que tenderiam a estar centrados em si mesmos e em seu próprio processo de amadurecimento (Beers & Hollo, 2009).

Por outro lado, os relatos de um dos casais (Felipe e Margot) apontaram para uma diminuição do apoio do pai tão logo ele teve que retornar ao trabalho. Para a mãe, este apoio fez muita falta, possivelmente por ainda estar num período de maior carência e de fragilidade, sentindo a necessidade de também ser cuidada. Pode-se chegar à conclusão, então, que o

trabalho do pai pode interferir não apenas sobre a acessibilidade paterna, mas também sobre sua capacidade em cumprir esta função de apoio para a mãe, em especial neste momento particular do puerpério. Cabe ressaltar que, de acordo com Stern (1997) as figuras maternas da vida da mulher também possuem uma importante função dentro da “matriz de apoio”, em geral ocupando-se em ajudá-la a sentir-se instruída e ajudada em seu papel de mãe. Apesar de a própria mãe ter sido referida como uma fonte de apoio nos momentos iniciais do puerpério desta mãe (Margot, companheira de Felipe), pode ser que ela, ainda assim, estivesse com a sua “matriz de apoio” mais prejudicada em função de não poder contar com um suporte mais freqüente do companheiro, que trabalhava distante do local de residência do casal, permanecendo ausente durante a maior parte do dia. Já para as outras duas mães do presente estudo (Priscila e Carla), esta diminuição do apoio dos companheiros foi percebida mais adiante, aos doze meses, e em função de conflitos vivenciados pelos casais.

Todos os pais entrevistados demonstram estar sensíveis às mudanças ocasionadas pela paternidade no sentido de que agora as atenções não estavam mais voltadas apenas para as atividades e interesses do casal, mas que passaram a ser divididas, ou mesmo priorizadas, para as filhas. Nesse sentido, eles pareciam tolerantes com o fato de que não dispunham mais de períodos a sós com suas companheiras e, mais ainda, com o esfriamento da vida sexual do casal. Entretanto, apenas um dos casais (Felipe e Margot) relatou, aos doze meses de vida da filha, a necessidade de retomar os momentos a sós do casal, quando também expressaram a falta de uma vida sexual mais satisfatória. Ademais, neste período, eles foram, dentre os entrevistados, aqueles que mais pareceram realizar alguns movimentos que sinalizavam uma possível saída deste período de maior simbiose entre mãe e filha, sendo que o pai (Felipe) pareceu desempenhar uma importante função neste sentido, ao estimular a mãe (Margot) a retomar antigas relações de amizade.

Já uma das mães (Priscila, companheira de Daniel), aos doze meses da filha, parecia não conseguir pensar ainda sobre a possibilidade de separar-se da filha e, além disso, em ter a confiança de deixá-la, nem que fosse por um curto período, sob os cuidados do companheiro. Além disso, ela seguia evitando as tentativas de aproximação dele, para fazer-lhe carinho, por não conseguir lidar com o ciúme e a birra que a filha apresentava nestes momentos. Neste sentido, parece que este pai (Daniel) encontrava barreiras para ajudar a companheira a sair deste estado de maior fusão com a filha, reforçadas talvez pelo fato de ele próprio referir não sentir falta de momentos a sós com a companheira. Sendo assim, por estes motivos, ele parecia não estar conseguindo desempenhar de forma satisfatória sua função de ajudar a companheira a recuperar-se do estado de “preocupação materna primária” (Winnicott,

1958/2000). Para Fulgêncio (2007), esta função do pai se daria no sentido de auxiliar a mãe a lembrar-se de que também é uma mulher, bem como de ajudá-la a retomar a amplitude do mundo que havia sido estreitada nos primeiros momentos de sua relação com o bebê.

Por outro lado, a diminuição das trocas afetivas e da vida sexual do casal com o nascimento dos filhos foi um aspecto também encontrado no estudo de Lewandoski, Piccinini e Lopes (2009a). De acordo com os autores, estes aspectos da relação do casal tenderiam a ser fortalecidos a partir do segundo ano de vida, quando a criança passa a ter mais independência em relação aos pais. Por outro lado, a frágil intimidade dos casais durante o período anterior à gravidez foi apontada pelos autores como um possível fator de influência para o enfraquecimento da relação de casal na transição para a parentalidade, fato que pode ter sido agravado pelo fato de eles, enquanto adolescentes, ainda não apresentarem as condições necessárias para o estabelecimento de uma intimidade genuína, talvez em função da falta de uma definição mais clara quanto à própria identidade. Tais dados também podem ser levados em conta ao se analisar a relação conjugal bastante instável e atribulada de um dos casais entrevistados (Matheus e Carla), que também apresentava, mesmo antes da separação, dificuldades em retomar alguns aspectos da vida conjugal.

Ainda em relação ao exercício da função paterna, os resultados do presente estudo revelaram que dois pais (Felipe e Daniel) conseguiram, de certa forma, servir como tutores nas aprendizagens cognitivas de suas filhas, estimulando-as em sua aprendizagem e na aquisição de uma maior autonomia (Le Camus, 2002). Entretanto, enquanto um deles (Felipe) demonstrou maturidade para exercer uma postura de autoridade frente à filha nos momentos em que se fazia necessário, estabelecendo limites e compreendendo a importância destes na vida da filha, o outro (Daniel), por sua vez, demonstrou grandes dificuldades em relação a este aspecto. Ele simplesmente parecia não conseguir impor limites à filha e sustentar sua autoridade perante ela, pelo contrário, parecia sentir-se mal cada vez que tentava fazê-lo, indicando sua dificuldade em desempenhar esta importante função (Fulgêncio, 2007; Winnicott, 1965/1979). Tal dificuldade pode estar relacionada à visão mais negativa deste pai (Daniel) em relação ao temperamento da filha, considerado difícil, fator que poderia dificultar o manejo de seus comportamentos (Marsiglio & Cohan, 1997), mas também possivelmente agravada pelo eventual sentimento de culpa e sofrimento que o pai apresentava frente ao problema de saúde da filha (Castro & Piccinini, 2002). É importante destacar que poucos foram os relatos de um dos casais (Matheus e Carla) em relação a estes aspectos do exercício da função paterna, possivelmente em função do momento particular de crise que o casal

estava passando justamente aos doze meses de vida da filha, período em que tais questões começam a se fazer mais presentes na rotina dos pais.

Antes de finalizar, cabe destacar alguns aspectos metodológicos que trouxeram contribuições e outros que limitaram a presente investigação. O presente estudo contribuiu para aprofundar o conhecimento a respeito da experiência e da prática da paternidade no contexto da adolescência. Para tanto, a utilização de entrevistas, que permitiram aprofundar os temas investigados, e do método qualitativo na análise dos dados pareceu ser adequada para tal propósito, trazendo à tona os aspectos particulares e também as similaridades desta vivência dentre os casos estudados. Entretanto, algumas limitações também merecem ser mencionadas. Inicialmente, em função de a presente pesquisa não ter realizado uma comparação entre pais adolescentes e adultos, não se pode afirmar que os resultados encontrados aqui sejam característicos do contexto da adolescência, visto que se constituem de impressões de um universo particular de pais, particularmente de nível socioeconômico baixo, sobre suas experiências e práticas de paternidade. Além disso, a simples disposição de participar de um estudo que envolvia entrevistas tão detalhadas, longitudinais, e que investigava aspectos pessoais, pode indicar que estes jovens pais se caracterizavam por apresentarem algumas particularidades em relação àqueles que não aceitaram participar do estudo, talvez menos envolvidos e implicados em seu processo de transição para a paternidade. Ademais, pode-se questionar até que medida as entrevistas realizadas, apesar de bastante extensas e envolvendo uma diversa gama de conteúdos, puderam trazer à tona os aspectos mais subjetivos que permeiam a experiência da paternidade, talvez passíveis de serem acessados apenas em um contexto terapêutico. Do mesmo modo, cabe se perguntar se as categorias de análise foram suficientemente sensíveis para captarem toda a complexidade dos eixos investigados, o que poderá ser examinado em futuros estudos.

Outro aspecto a ser pontuado diz respeito aos participantes deste estudo serem pais de crianças pequenas, de até um ano de idade. Por esse motivo, pode ser interessante desenvolver futuros estudos que investiguem a experiência e a prática da paternidade na adolescência ao longo de diferentes fases de desenvolvimento da criança, para que assim se entendam melhor as possíveis particularidades desta vivência ao longo de um período maior de tempo. Mais do que isso, para compreender melhor como se dá a relação entre o pai adolescente com seus filhos, seria interessante realizar futuros estudos que investiguem de forma mais direta esta relação e como ela se dá ao longo do tempo, algo que também foi sugerido por Levandowski (2005). Em especial, uma pesquisa com foco sobre as relações entre os pais adolescentes e seus filhos ajudaria a compreender melhor o exercício da função paterna neste contexto, ou

seja, a forma como pai atua em fases posteriores do desenvolvimento da criança. Cabe destacar ainda que, coincidentemente, os três jovens eram pais de meninas, fato que pode ter ocasionado uma maior especificidade à investigação, tendo em vista as possíveis diferenças na relação pai-filho e no envolvimento paterno conforme o gênero da criança (Parke, 1996; Pleck, 1997). Nesse sentido, seria interessante realizar estudos que contemplassem, em suas análises, as possíveis diferenças associadas ao gênero da criança.

Apesar dessas eventuais limitações, acredita-se que a estratégia de permitir que os próprios adolescentes falassem longamente sobre suas experiências possuem em si mesmo um valor ontológico importante (W. Gomes, personal communication, March 15, 2011). Para este autor, entrevistas com situações vivenciais muito concretas e pouco conhecidas se constituem objetos fortes que carregam sentidos esclarecedores, sendo a “tarefa do pesquisador compreender tais vivências e sistematizá-las para relatos, deixando que a teoria emergente, ou seja, o entendimento e as implicações, manifeste-se com clareza”. Nesse sentido, as falas são bastante expressivas e o uso da triangulação (Stake, 1994), ao se considerar não só as falas dos pais, mas também as das mães, permitiu que se examinassem a consistência e as eventuais contradições entre os participantes.

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência e a prática da paternidade na adolescência, desde a gestação até o primeiro ano de vida do bebê. O presente trabalho revelou muitas particularidades entre os participantes, mas também algumas semelhanças entre eles. Em relação à experiência da paternidade, de modo geral, os jovens pais do presente estudo apresentaram mudanças importantes em suas vidas com o advento da paternidade, num processo de reorganização da identidade (Stern, 1997) que pareceu levá-los à introjeção de suas novas identidades de pai. Tais mudanças foram também confirmadas através dos relatos maternos, com destaque para a percepção das mães de uma maior responsabilidade e maturidade dos companheiros com a chegada das filhas.

No que diz respeito à prática da paternidade, eles mostraram ser pais bastante envolvidos e participativos na vida de suas filhas ao longo deste primeiro ano de vida, e também pareciam representar importantes fontes de apoio para suas companheiras, tanto no período da gestação, quanto no puerpério. Entretanto, algumas dificuldades se fizeram presentes em relação à prática da paternidade, em especial quanto à dimensão acessibilidade do envolvimento paterno e em relação ao exercício da função paterna, mais especificamente à colocação de limites. Entretanto, não se pode afirmar que tais dificuldades estejam

circunscritas ao contexto da adolescência. Conforme foi discutido na revisão teórica e também através dos achados do presente estudo, o processo de tornar-se pai envolve uma gama de transformações psíquicas, as quais remontam a própria história do homem, desde sua infância, bem como as relações com sua família de origem e as suas vivências atuais enquanto pai, mas também enquanto filho e marido. Pode-se pensar, apenas, que esta vivência apresente algumas particularidades em função de o adolescente comumente estar num período de desenvolvimento que, por si só, já envolva emoções regressivas e reorganização psíquica, assim como acontece durante a transição para a paternidade.

Cabe ressaltar ainda que os pais do presente estudo manifestaram possuir uma boa relação com suas famílias de origem, as quais eram vistas como importantes fontes de apoio para eles neste período de adaptação à chegada das filhas. Pode-se então considerar que, possivelmente, o apoio da família e a boa relação com esta tenham ajudado os jovens pais neste processo, especialmente por estarem num momento de suas vidas que, por si só, já suscita importantes mudanças nas relações entre pais e filhos e, mais ainda, frente ao acontecimento da paternidade na adolescência. Ademais, além do apoio emocional proporcionado pela família, não se pode deixar de lado a importância do suporte material e financeiro prestado por esta, em especial neste momento de vida em que, os jovens pais, muitas vezes se encontram mais instáveis em termos financeiros e sem condições de arcar com uma moradia própria.

Em suma, os resultados do presente estudo revelaram que a paternidade na adolescência nem sempre pode ser considerada como um acontecimento necessariamente negativo, ou que os jovens pais não possuem condições psicológicas para apresentarem-se implicados e envolvidos na vida de seus filhos. Pelo menos isso é o que foi revelado nesse acompanhamento da gestação até o primeiro ano do bebê, em que os pais revelaram estar satisfeitos com a paternidade em si. Obviamente dificuldades mais acentuadas podem aparecer após esse período, quando a criança passa a demandar mais, o que merece ser investigado por novos estudos. Sem querer negar as possíveis dificuldades existentes frente a tal acontecimento, torna-se importante analisar o fenômeno da paternidade na adolescência em sua complexidade, para que assim seja possível planejar ações com esta população, a fim de minimizar os eventuais impactos negativos que possam se dar ao longo do processo de paternidade.

Ao considerar o potencial e a importância do pai sobre a vida da criança e de sua família, seja ele adolescente ou adulto, faz-se necessário valorizar, estimular e, mais do que isso, facilitar a sua participação na vida da criança, desde o momento da gestação, como

forma de auxiliar na vinculação entre pai e filho. Para isso, é importante que os profissionais de saúde envolvidos neste contexto estejam sensíveis para considerar que, frente à gestação, não há apenas uma mãe em formação, mas também um pai e uma família. Deste modo, o estímulo e a valorização do pai neste processo pode se dar, por exemplo, através do simples convite para que ele participe dos momentos de consultas e de ecografias e, após, nas consultas como o bebê, até a proposição de espaços de intervenção próprios para ele e para a mãe do bebê, tais como grupos de apoio e/ou de informação, como o proposto por Fagan (2008), que tinha por objetivo aprimorar o engajamento dos jovens pais no processo parental, proporcionando espaços de troca de com outros pais da mesma idade. Tais intervenções poderão ter um papel muito importante no fortalecimento das novas relações familiares que vão se estruturando na vida destes adolescentes, particularmente com o filho que está para nascer, e que se pressupõe terá um melhor desenvolvimento na presença de pais afetivos e envolvidos com a parentalidade.

Referências

- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In: A. Aberastury, & M. Knobel, *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (pp. 13-23). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A., & Salas, E. J. (1984). *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Allen, S. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in familywork. *Journal of Marriage and the Family*, 61(1), 199-212.
- Almeida, A. F. F., & Hardy, E. (2007). Vulnerabilidade de gênero para paternidade em homens adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 41(4), 565-572.
- Amato, P. R., & Dorius, C. (2010). Fathers, children, and divorce. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th. ed., pp. 177-200). New York: John Wiley & Sons.
- Applegate, J.S. (1988). Adolescent fatherhood: Developmental perils and potentials. *Child and Adolescent Social Work*, 5(3), 205-217.
- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of fathers' involvement with Young children: infancy to age 5 years. *The Journal of Genetic Psychology*, 155(3), 331-339.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (1994). *Research methods in clinical and counselling psychology*. Londres: John Wiley & Sons.
- Barker, S. L., & Castro, D. M. F. (2002). Gravidez na adolescência: Dando sentido ao acontecimento. In M. L. J. Contini (Coord.) & S. H. Koller (Org.), *Adolescência e psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 78-84). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- Barrows, P. (2004). Fathers and families: Locating the ghost in the nursery. *Infant Mental Health Journal*, 25(5), 408-423.

- Beers, L. A. S., & Hollo, R. E. (2009) Approaching the adolescent-headed family: A review of teen parenting. *Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care*, 39(9), 216-233.
- Belsky, J., & Miller, B. C. (1986). Adolescent fatherhood in the context of the transition to parenthood. In: A. B. Elster & M. E. Lamb. *Adolescent Fatherhood* (pp. 107-122). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente: Questões desenvolvimentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.
- Brazelton, T. & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bunting, L., & McAuley, C. (2004). Research Review: Teenage pregnancy and parenthood: The role of fathers. *Child and Family Social Work*, 9, 295-303.
- Bustamante, V. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: Um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: Um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 393-402.
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(Supl.2), 283-292.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Carvalho, G. M., Merighi, M. A. B., & Jesus, M. C. P. (2008). The experience of repeated fatherhood during adolescence. *Midwifery*, Retrieved in March 29, 2009, from <http://www.elsevier.com>.

- Carvalho, M. L. M. (2003). Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: Dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(Sup. 2), S389-S398.
- Castro, E. K., & Piccinini, C. A. (2002). Implicações da doença orgânica crônica na infância para as relações familiares: Algumas questões teóricas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 625-635.
- Colarusso, C. A. (1990). The third individuation: The effect of biological parenthood on separation-individuation processes in adulthood. *Psychoanalytical Study of the Child*, 45, 179-194.
- Coley, R. L., & Morris, J. E. (2002). Comparing Father and Mother Reports of Father Involvement Among Low-Income Minority Families. *Journal of Marriage and Family*, 64, 982-997.
- Condon, J. T., Boyce, P., & Corkindale, C. J. (2004). The first-time fathers study: A prospective study of the mental health and wellbeing of men during the transition to parenthood. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 38, 56-64.
- Coutinho, H. R. B., & Morsch, D. S. (2006). A paternidade em cuidados intensivos neonatais. *Revista da SBPH*, 9(1), 55-69.
- Cramer, B. & Palácio-Espasa, F. (1993). *Técnicas Psicoterápicas Mãe/Bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dadoorian, D. (2003). Gravidez na adolescência: Um novo olhar. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(3), 84-91.
- Darchis, E. (2000). La instauration de la parentalité et ses avatars / A instauração da parentalidade e seus avatares (M. C. Passos, Trans.). *Le divan familial – blessures de la filiation. Revue de thérapie familiale psychanalytique*, 5/Automne. Paris: In Press Éditions.
- Day, R., & Lamb, M. E. (2004). Conceptualizing and measuring father involvement: Pathways, problems, and progress. In R. D. Day & M. E. Lamb, *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 1-16). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- De Martini, T. A. D., Piccinini, C. A., & Gonçalves, T. R. (2010). Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação. *Aletheia*, 31(1), 121-136.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante as transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Devault, A., Milcent, M., Quillet, F., Laurin, I., Jauron, M., & Lacharité, C. (2008). Life stories of young fathers in contexts of vulnerability. *Fathering*, 6(3), 226-248.
- Devreux, A. M. (2006). A paternidade na França: Entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. *Sociedade e Estado*, 21(3), 607-624.
- Dias, A. B. D., & Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1147-1458.
- Dias, A. C. G., & Teixeira, M. A. P. (2010). Gravidez na adolescência: Um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paideia*, 20(45), 123-131.
- Doucet, A. (2009). Dad and Baby in the First Year: Gendered Responsibilities and Embodiment. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 624, 78-97.
- Elster, A. B. & M. E. Lamb, M. E. (1986). *Adolescent Fatherhood*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fagan, J. (2008). Randomized study of a prebirth coparenting intervention with adolescent and young fathers. *Family Relations*, 57(3), 309-323.
- Fagan, J., & Barnett, M. (2003) The relationship between maternal gatekeeping, paternal competence, mothers' attitudes about the father role, and father involvement . *Journal of Family Issues*, 24(8), 1020-1043.
- Fagan, J., Barnett, M., Bernd, E., & Whiteman, V. (2003) Prenatal involvement of adolescent unmarried fathers. *Fathering*, 1(3), 283-301.
- Fagan, J., Bernd, E., & Whiteman, V. (2007). Adolescent fathers' parenting stress, social suport, and involvement with infants. *Journal of Research on Adolescence*, 17(1), 1-22.

- Fagot, B. I., Pears, K. C., Capaldi, D. M., Crosby, L., & Leve, C. S. (1998). Becoming an adolescent father: Precursors and parenting. *Developmental Psychology, 34*(6), 1209-1219.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista de Saúde Pública, 42*(6), 1034-40.
- Finn, M., & Henwood, K. (2009). Exploring masculinities within men's identificatory imaginings of first-time fatherhood. *British Journal of Social Psychology, 48*, 547-562.
- Finnbogadottir, H., Svalenius, E.C., & Persson, E. (2003). Expectant first-time fathers' experiences of pregnancy. *Midwifery, 19*, 96-105.
- Florsheim, P., & Smith, A. (2005). Expectant adolescent couples' relations and subsequent parenting behavior. *Infant Mental Health Journal, 26*(6), 533-548.
- Fonseca, C. (2004). A certeza que pariu a dúvida: Paternidade e DNA. *Estudos Feministas, 12*(2): 13-34.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública, 23*(1), 137-145.
- Frewin, K., Tuffin, K., & Rouch, G. (2007). Managing identity: Adolescent fathers talk about the transition to parenthood. *New Zealand Journal of Psychology, 36*(3), 161-167.
- Frizzo, G. B. (2008). *Contribuições da psicoterapia breve pais-bebê para a conjugalidade e para a parentalidade em contexto de depressão pós-parto*. Unpublished doctoral dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Futris, T. G., Nielsen, R. B., & Olmstead, S. B. (2010). No Degree, no job: Adolescent mothers' perceptions of the impact that adolescent fathers' human capital has on paternal financial and social capital. *Child and Adolescent Social Work Journal, 27*(1), 1-20.
- Gee, C. B., & Rhodes, J. E. (2003). Adolescent mothers' relationships with their children's biological fathers: Social support, social strain, and relationship continuity. *Journal of Family Psychology, 17*(3), 370-383.

- Genesoni, L., & Tallandini, A. A. (2009) Men's psychological transition to fatherhood: An analysis of the literature, 1989-2008. *Birth*, 36(4), 305-317.
- Gomes, A. G. (2007). *Malformação do bebê e maternidade: Impacto de uma psicoterapia breve pais-bebê para as representações da mãe*. Unpublished doctoral dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Gomes, A.J. S., & Rezende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Habib, C., & Lancaster, S. (2006). The transition to fatherhood: Identity and bonding in early pregnancy. *Fathering*, 4(3), 235-253.
- Hallgren, A., Kihlgren, M., Forslin, L., & Norberg, A. (1999) Swedish fathers' involvement in and experiences of childbirth preparation and childbirth. *Midwifery*, 15(1), 6-15.
- Hanson, S. L., Morrison, D. R., Ginsburg, A. L. (1989). The antecedents of teenage fatherhood. *Demography*, 26(4), 579-596.
- Heilborn, M. L., Salem, T., Rohden, F., Brandão, E., Knauth, D., Vítora, C., Aquino, E., McCallum, C., & Bozon, M. (2002). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), 13-45.
- Herzog, M. J., Umaña-Taylor, A. J., Madden-Derdich, D. A., & Leonard, S. A. (2007). Adolescent mothers' perceptions of fathers' parental involvement: Satisfaction and desire for involvement. *Family Relations*, 56(3), 244-257.
- Hoga, L. A. K., & Mello, D. S. (2006). Paternidad y maternidad en la adolescencia: Conocimiento científico producido en la última década. *Avances en enfermería*, XXIV(2), 13-23.
- Hoga, L. A. K., & Reberte, L. M. (2009) Vivências de la paternidad en la adolescencia en una comunidad brasileira de baja renta. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(1), 110-116.

- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: De onde viemos e para onde vamos. In: T. Féres-Carneiro. *Casal e família: Entre a tradição e a transformação* (pp. 55-69). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Johnson, W. E. (2001). Paternal involvement among unwed fathers. *Children and Youth Services Review*, 23(6/7), 513-536.
- Kaitz, M., & Akatzir, D. (2004) Temporal changes in the affective experience of new fathers and their spouses. *Infant Mental Health Journal*, 25(6),540–555.
- Kalil, A., Ziol-Guest, K. M., & Coley, R. L. (2005). Perceptions of father involvement patterns in teenage-mother families: Predictors and links to mothers' psychological adjustment. *Family Relations*, 54(2), 197-211.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (pp. 24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Krob, A., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009) A transição para a paternidade: Da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and Child Development: An Introductory Overview and Guide. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1-18). New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement. *Marriage & Family Review*, 29(2), 23-42.
- Lamb, M. E. (2010). *The role of the father in child development* (5th. ed.) New York: John Wiley & Sons.

- Lamb, M. E., & Elster, A. B. (1986). Parental behavior of adolescent mothers and fathers. In: A. B. Elster & M. E. Lamb. *Adolescent Fatherhood* (pp. 89-106). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th. ed., pp. 94-153). New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behaviour in humans. *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Lammi-Taskula, J. (2008). Doing fatherhood: Understanding the gendered use of parental leave in Finland. *Fathering*, 6(2), 133-148.
- Lang, C. (2004, December). *O pai em Winnicott e em Lacan*. Paper presented at II Encontro Brasileiro sobre D.W. Winnicott, São Paulo, Brasil.
- Le Camus, J. (2002). Le lien père-bébé. *Devenir*, 14(2), 145-167.
- Le Camus, J., & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, XVIII(2), 95-99.
- Lerner, R. M., & Galambos, N. L. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Review of Psychology*, 49, 413-446.
- Levandowski, D. C. (2001). Paternidade na adolescência: Uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, 6(2), 195-209.
- Levandowski, D. C. (2005). *A transição para a parentalidade e a relação de casal de adolescentes*. Unpublished doctoral dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006) Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.

- Levandowski, D. C., & Piccinini, C.A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2009a). Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 679-687.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2009b). O processo de separação-indivuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 353-361.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: Reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(1), 9-16.
- Lima, C. T. B., Feliciano, K. V. O., Carvalho, M. F. S., Souza, A. P. P., Menabó, J. B. C., Ramos, L. S., Cassundé, L. F., & Kovacs, M. H. (2004). Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista Brasileira de Saúde Materno-infantil*, 4(1), 71-83.
- Marsiglio, W. (1987). Adolescent fathers in the United States: Their initial arrangements, marital experience and educational outcomes. *Family Planning Perspectives*, 19(6), 240-251.
- Marsiglio, W., & Cohan, M. (1997). Young fathers and child development. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 227-244). New York: John Wiley & Sons.
- Marsiglio, W., & Cohan, M. (2000). Contextualizing father involvement and paternal influence: Sociological and qualitative themes. *Marriage & Family Review*, 29(2/3), 75-95.
- Martin, L. T., McNamara, M. J., Milot, A. S., Halle, T., & Hair, E. C. (2007). The effects of father involvement during pregnancy on receipt of prenatal care and maternal smoking. *Maternal Child Health Journal*, 11, 595-602.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005) Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.

- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005) Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54(3), 360-372.
- Miller, D. B. (1994). Influences on parental involvement of african american adolescent fathers. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 11(5), 363-378.
- Miller, D. B. (1997). Adolescent fathers: What we Know and what we need to know. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 14(1), 55-69.
- Montemayor, R. (1986). Boys as fathers: Coping with dilemmas of adolescence. In: A. B. Elster & M. E. Lamb. *Adolescent Fatherhood* (pp. 1-18). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Moreira, T. M. M., Viana, D. S., Queiroz, M. V., & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42 (2), 312-320.
- Motta, C. C. L., & Crepaldi, M. A. (2005) O pai no parto e apoio emocional: A perspectiva da parturiente. *Paidéia*, 15(30), 105-118.
- Negura, L., & Deslauriers, J. M. (2010). Work and lifestyle: Social representations among young fathers. *British Journal of Social Work*, 40(8), 2652-2668.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2006). *Entrevista sobre a paternidade e sobre o desenvolvimento do bebê*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2008a). *Ficha de dados sócio-demográficos da família*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2008b). *Ficha de práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2008c). *Entrevista sobre a gravidez adolescente: Versão do pai*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.

- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2008d). *Entrevista sobre a gravidez adolescente: Versão da mãe*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2008e). *Entrevista sobre o relacionamento do casal (Gestação)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2009a). *Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê (3º mês)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2009b). *Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê (3º mês)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2009c). *Entrevista sobre o relacionamento do casal (3º mês)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2009d). *Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê (12º mês)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2009e). *Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê (12º mês)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Núcleo de Infância e Família, NUDIF (2009f). *Entrevista sobre o relacionamento do casal (12º mês)*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não-publicado.
- Orlandi, R., & Toneli, M.J.F. (2008). Adolescência e paternidade: Sobre os direitos de criar e projetos de procriar. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 317-326.
- Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. 8ed. Porto Alegre: Artmed.

- Parke, R. (2000). Father involvement. *Marriage & Family Review*, 29(2), 43 – 58.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Parra-Cardona, J. R., Sharp, E. A., & Wampler, R. S. (2008). “Changing for my kid”: Fatherhood experiences of mexican-origin teen fathers involved in the justice system. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(3), 369-387.
- Parra-Cardona, J. R., Wampler, R. S., & Sharp, E. A. (2006). “Wanting to be a good father”: experiences of adolescent fathers of mexican descent in a teen fathers program. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32(2), 215-231.
- Passos, M. C. (2005). Nem tudo o que muda, muda tudo: Um estudo sobre as funções da família. In T. Féres-Carneiro (org.) *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Passos, M. C. (2007). Funções paterna e materna em famílias homoparentais. In. T. Féres-Carneiro (Org.) *Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 269-282). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Passos, M. C. (2008). *Laços de Família*. Revista Mente e Cérebro – Edição Especial O Olhar Adolescente, 2, 38-47.
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente: Ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. São Paulo: Pioneira.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Marin, A. H., Carvalho, F. T., Henn, C. G., Dias, A. C. G., Schwengber, D. D., & Diehl, A. M. P. (2008). *Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestaçao ao Segundo Ano de Vida da Criança*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Projeto de Pesquisa não publicado.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal Involvement: Levels, Sources and Consequences. In: M. E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 66-103). New York: John Wiley & Sons.

- Radtke, F. M. (2005). *Adolescência, paternidade e cuidados: Os sentidos que adolescentes pais atribuem a sua participação nos cuidados dos filhos*. Unpublished doctoral dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
- Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Schelemberg, J. M., Pereira, L. D. C., Grisard, N., & Hallal, A. L. C. (2007). Características sócio-econômicas e psicossociais do pai adolescente. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, 36(2), 62-68.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, & Silveiras, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Silva, M. R. (2007). *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. Unpublished doctoral dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 561-573.
- Sipsma, H., Biello, K. B., Cole-Lewis, H. & Kershaw, T. (2010). Like father, like son: The intergenerational cycle of adolescent fatherhood. *American Journal of Public Health*, 100(3), 517- 524.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds..) *Handbook of Qualitative Research* (pp. 236-247). Londres: Sage.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Stouthamer-Loeber, M., & Wei, E. H. (1998). The precursors of young fatherhood and its effect on delinquency of teenage males. *Journal of Adolescent Health, 22*, 56-65.
- Summers, J. A., Raikes, H., Butler, J., Spicer, P., Pan, B., Shaw, S., Langager, M., McAllister, C., & Johnson, M. K. (1999). Low-income fathers' and mothers' perceptions of the father role: A qualitative study in four early head start communities. *Infant Mental Health Journal, 20*(3), 291-304.
- Sutter, C. & Bucher-Maluschke, J. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: A vivência masculina na paternidade participativa. *Psico, 39*(1), 74-82.
- Tan, L. H., & Quinlivan, J. A. (2006). Domestic violence, single parenthood, and fathers in the setting of teenage pregnancy. *Journal of Adolescent Health, 38*, 201-207.
- Teitler, J. O. (2001). Father involvement, child health and maternal health behavior. *Children Youth Services Review, 23*(45), 403-425.
- Teti, D. M., & Lamb, M. E. (1986). Sex-role learning and adolescent fatherhood. In: A. B. Elster & M. E. Lamb. *Adolescent Fatherhood* (pp. 19-30). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Thornberry, T. P., Smith, C. A., & Howard, G. J. (1997). Risk factors for teenage fatherhood. *Journal of Marriage and the Family, 59*, 505-522.
- Trindade, Z. A., & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: Vivência e significação. *Estudos de Psicologia, 7*(1), 15-23.
- Tuffin, K., Rouch, G., & Frewin, K. (2010) Constructing adolescent fatherhood: Responsibilities and intergenerational repair. *Culture, Health & Sexuality, 12*(5), 485-498.
- Wagner, A., Predebon, J., & Mosmann, C. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*(2), 181-186.
- West, A. F., Lewis, S., Ram, B., Barnes, J., Leach, P., Sylva, K., Stein, A. & The Families, Children and Childcare (FCCC) Project Team. (2009). Why do some fathers become primary caregivers for their infants? A qualitative study. *Child: Care, Health and Development, 35*(2), 208-216.

- Winnicott, D. W. (1975). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (pp. 187-202). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. W. (1979). E o pai? In D. W. Winnicott. *A criança e seu mundo* (pp. 127-133). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original published in 1965).
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 79-87). Porto Alegre: Artes Médicas (Original published in 1963).
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artes Médicas (Original published in 1960).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago (Original published in 1958).
- Winnicott, D. W. (2005). Adolescência. Transpondo a zona das calmarias. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 115-128). São Paulo: Martins Fontes (Original published in 1961).
- Winnicott, D. W. (2005). Família e maturidade emocional. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 115-128). São Paulo: Martins Fontes (Original published in 1960).
- Winnicott, D. W. (2005). O primeiro ano de vida: Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 3-20). São Paulo: Martins Fontes (Original published in 1958).
- Woldoff, R. A., & Cina, M. (2007). Regular work, underground jobs, and hustling: An examination of paternal work and father involvement. *Fathering*, 5(3), 153-173.

Anexo A

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto: Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança

Antes de sua participação neste estudo, é preciso esclarecer alguns detalhes importantes, para que possíveis dúvidas sejam resolvidas. O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo Tel: 3308-5058 .

Qual o objetivo desta pesquisa?

Investigar os diversos aspectos da gravidez adolescente com destaque para: 1) Fatores socioeconômicos associados à gravidez na adolescência; 2) Sexualidade na adolescência; 3) Saúde e gravidez adolescente; 4) Aspectos sócio-emocionais da gravidez adolescente; e, 5) Desenvolvimento do bebê e sua interação com a mãe e pai adolescente. Trata-se de um estudo longitudinal que acompanhará 60 adolescentes aqui da Grande Porto Alegre, desde a gravidez até o seu bebê completar 24 meses. O mesmo estudo também será feito em na cidade de Santa Maria e Rio Grande.

Como vamos fazer isso?

Ao participar, você realizará os procedimentos descritos abaixo:

- Responderá a alguns questionários (apoio social, depressão, apego mãe-bebê).
- Responderá a entrevistas (maternidade e paternidade, que deverão ser gravadas, para posterior análise).
- Terá momentos de interação com o bebê que serão filmados.

Esses procedimentos serão realizados no 3º trimestre da gravidez, e no 3º, 12º e 24º mês de vida da criança.

Como é feita a avaliação dos resultados do estudo?

Os resultados do estudo servirão para aumentar os conhecimentos sobre a gestação, maternidade e paternidade entre adolescentes, a fim de ajudar mulheres e bebês que passem por esta experiência. As informações desse estudo poderão também servir para beneficiar os participantes e seus bebês. Além disso, os dados deste estudo poderão ser utilizados posteriormente para novas análises. Todos os dados ficarão armazenados no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Quais os riscos e custos em participar?

Não se espera que haja riscos em participar do estudo. Você não terá despesa por participar do estudo, bem como nada será pago por sua participação.

O que a paciente ganha com este estudo?

Embora não se espera que este estudo gere benefício imediato aos participantes, será uma oportunidade de refletir sobre a sua gravidez, a maternidade, a interação com seu bebê e sobre o desenvolvimento dele(a). Além disto poderá trazer benefícios para outras adolescentes que venham a viver esta mesma experiência, pois sua participação ajudará no desenvolvimento de novos conhecimentos, que poderão beneficiar outras pessoas.

Quais são os seus direitos?

Em caso de qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa, você terá total apoio dos pesquisadores do projeto; terá total liberdade para retirar seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento que você recebe aqui no hospital. Você não será identificada e será mantido o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a sua privacidade.

Concordância

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente de pesquisa e publicações científicas a utilização das informações prestadas.

Nome do(a) adolescente: _____ Assinatura: _____

Nome pai/mãe/responsável legal: _____ Assinatura: _____

Data: __/__/____

Anexo B

Ficha de dados sócio-demográficos da família
(NUDIF, 2008 adaptada de PAIGA-HMIPV⁶)

Caso n°: _____

Data da entrevista: ___/___/___

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você e o seu marido/companheiro/namorado:

Nome: _____

Data de Nascimento: ___/___/___ Idade: ___

Pré-Natalista: _____ Ficha N°: _____ Prontuário N°: _____

Endereço Completo: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____

Celular: _____ Fone para recados: _____

Local de Nascimento: () POA () Grande Porto Alegre () Interior, Onde? _____

Se do Interior, mas morando na Grande Porto Alegre, há quanto tempo mora aqui? ___ meses

Por quê? _____

Com que idade você começou estudar? ___ anos. Está estudando? () Sim () Não, por quê? _____

Se não, pensa em voltar a estudar após o parto? () sim () Não, porquê? _____

Quando parou de estudar? ___ meses ___ anos

Sua escola é ou era () Municipal () Estadual () Particular Qual escola? _____

Até que série estudou () nenhuma () 1ºg ___ série () 2ºg ___ série Anos completos ___

() curso técnico _____ () outro _____

Você já reprovou? () Não () Sim, Quantas vezes? ___ Em que série? _____ Se atrasada, sem reprovação, qual o motivo? _____

Você é? () Solteira () Casada () Separada/divorciada () Viúva () Morando junto () Está namorando

Se é casada, quando casou? ___/___/___

Pensa em casar na gestação ou após o parto? () sim () Não. Por quê? _____

Tempo de namoro: ___ meses Tempo de Convívio (morando junto): ___ meses

É sua primeira gravidez? () Sim () Não (Se não for) Tem outros filhos? () Sim () Não Quantos _____

Idade da primeira gestação: _____

Você já trabalhou? () Sim () Não

Atualmente está trabalhando? () Sim () Não

Que tipo de trabalho você faz? _____ Quantas horas? ___ por dia

Você recebe? () Sim () Não Qual o valor? _____, ___ reais

Se trabalhava, mas parou, por quê? _____

Que trabalho você fazia? _____

Você recebia? () sim () Não Qual o valor? _____, ___ reais

Você fuma? () Sim () Não, nunca fumou () Fumava, mas parou

Se sim, continua fumando? () Sim () Não () NSA Quantos cig/dia ___

Parou na gravidez? () Sim () Não () NSA Fumava quantos cig/dia ___

Você usa algum tipo de droga? () sim () Não, nunca usou () Usava, mas parou

Se sim, qual? () maconha () cola () lolo () crack () cocaína () outra _____

Nos últimos três meses, você tem usado? () Sim () Não

Você toma bebida de álcool? () sim () Não, nunca tomou () Tomava, mas parou

Se sim, tomava antes da gravidez? () sim () Não () NSA

Parou na gravidez? () Sim () Não () NSA

Se sim, quando? _____ Quanto? _____Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

⁶ Programa de Atenção Integral à Gestante Adolescente – PAIGA - Hospital Materno Infantil Presidente Vargas – Secretaria Municipal De Saúde – Porto Alegre

DADOS DO PAI DO BEBÊ

Seu companheiro atual é o pai do bebê? () Sim () Não

Nome do pai do bebê: _____

Data de Nascimento: ___/___/____ Idade: ___

Local de Nascimento: () POA () Interior, Onde? _____

Endereço Completo: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____ Celular: _____

Ele está estudando? () Sim () **Se sim**, que série? _____**Se não**, por quê? _____

Quando parou de estudar? ___ meses ___ anos Escola: _____

Escolaridade: () nenhuma () 1º g ___ série () 2º ___ série Anos completos ___

() curso técnico _____ () outro _____ () Não sabe

O pai do bebê trabalha? () Sim () Não. Que tipo de trabalho ele faz? _____

Qual o horário? _____

Ele recebe? () Sim () Não Qual o valor? _____, ___ reais () não sabe

Se não estiver trabalhando, qual trabalho anterior? _____

O pai do bebê fuma? () Sim () Não, nunca fumou () Fumava, mas parou

Ele usa algum tipo de droga? () Sim () Não, nunca usou () Usava, mas parou

Se sim, qual? () maconha () cola () lolo () crack () cocaína () outra () não sabe

Ele costuma tomar bebida de álcool? () Sim () Não () Bebia, mas parou

Se sim, quando? _____ Quanto? _____O pai do bebê tem outros filhos? () Sim () Não **Se sim**, quantos? _____ Idade que teve primeiro filho: ___Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () NãoEle tem alguma doença física? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____Ele tem alguma doença mental? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____**ASPECTOS DA MORADIA ATUAL:**

Quantas pessoas moram na casa, incluindo você: ___

() Pai () Mãe () Irmão, ___ quantos () Tio () Companheiro () Outro _____

Quantas pessoas trabalham? ___

Se ninguém trabalha, quem sustenta a casa? _____

Nº de crianças menores de cinco anos que moram na casa: ___

Gostaria de saber algumas características da sua casa. A casa é de: () Madeira () Material () Mista

Nº de quartos: ___ Nº total de peças ___ Na sua casa tem: Água encanada? () sim () Não

Luz elétrica? () sim () Não Esgoto? () sim () Não

Privacidade? () sim () Não Como? _____

Animais: () sim () Não Quais? _____

ASPECTOS DO LAZER:

Antes da gestação: _____

Atualmente: _____ Por que mudou? _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PAIS DA ADOLESCENTE:**DO PAI DA GESTANTE**

Nome: _____

É seu pai biológico: () sim () não Se não, você conhece seu pai biológico? () sim () não

Idade do pai quando teve seu primeiro filho: _____ () Não sabe

Data de Nascimento: ___/___/____ Idade: ___

Endereço Completo: _____

Cidade: _____ Fone: _____ Cel: _____

() Vivo () Morto Tempo: _____ Causa: _____

Escolaridade: () nenhuma () 1º g ___ série () 2º ___ série Anos completos: ___

() curso técnico _____ () outro _____ () não sabe

Seu pai trabalha? () Sim () Não. Que tipo de trabalho ele faz? _____
 Qual o horário? _____
 Ele recebe? () Sim () Não Qual o valor? _____, _____ reais () não sabe

O seu pai fuma? () Sim () Não, nunca fumou () Fumava, mas parou
 Ele usa algum tipo de droga? () Sim () Não, nunca usou () Usava e parou
Se sim, qual? () maconha () cola () lolo () crack () cocaína () outra () não sabe
 Ele costuma tomar bebida de álcool? () Sim () Não () Bebia, mas parou
Se sim, quando? _____ Quanto? _____
 Ele tem alguma doença física? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____
 Ele tem alguma doença mental? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____
 Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

DA MÃE DA GESTANTE

Nome: _____
 Data de Nascimento: __ __ / __ __ / __ __ __ __ Idade: __ __
 Endereço Completo: _____
 Cidade: _____ Fone: _____ Cel: _____
 () Viva () Morta Tempo: _____ Causa: _____
 Idade da mãe da gestante, quando teve primeira gestação: _____
 Escolaridade: () nenhuma () 1º g __ série () 2º __ série Anos completos: __ __
 () curso técnico _____ () outro _____ () não sabe
 Sua mãe trabalha? () Sim () Não. Que tipo de trabalho ela faz? _____
 Quantas horas? __ __ por dia
 Ela recebe? () Sim () Não Qual o valor? _____, _____ reais () não sabe

Sua mãe fuma? () Sim () Não, nunca fumou () Fumava, mas parou
 Ela usa algum tipo de droga? () Sim () Não, nunca usou () Usava, mas parou
Se sim, qual? () maconha () cola () lolo () crack () cocaína () outra () não sabe
 Ela costuma tomar bebida de álcool? () Sim () Não () Bebia, mas parou
Se sim, quando? _____ Quanto? _____
 Ele tem alguma doença física? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____
 Ele tem alguma doença mental? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____
 Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

Quando sua mãe engravidou de você:

A gestação foi planejada: () Sim () Não () Não sabe
 Idade da mãe quando do seu nascimento: __ __ anos E do pai __ __
 Parto: () Normal () Cesáreo () Não sabe Onde: () Domicílio () Hospital
 O que a mãe conta do parto? _____
 Idade da mãe na 1º gravidez: __ __ anos

RELACIONAMENTO DOS PAIS DA GESTANTE

Vivem juntos? () Sim () Não Há quanto tempo? __ __ anos Sabe por quê? _____
 Nova união: Pai () Sim () Não Tempo: _____
 Nova união: Mãe () Sim () Não Tempo: _____

ESTRUTURA FAMILIAR

Nº irmãos de pai/mãe: __ __ Nº irmãos p/parte do pai: __ __ Nº irmãos p/parte da mãe: __ __

DADOS DA FAMÍLIA DO PAI DO BEBÊ:

Nome do pai: _____

Idade do pai: _____ Escolaridade (ano concluído): _____

Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

Profissão: _____ Se aposentado, há quanto tempo? _____

Estado Civil do pai: () casado () viúvo () separado () recasado

Idade do pai quando teve o primeiro filho: _____

Nome da mãe: _____

Idade da mãe: _____ Escolaridade da mãe (ano concluído): _____

Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

Profissão da mãe: _____ Se aposentada, há quanto tempo? _____

Estado Civil da mãe: () casada () viúva () separada () recasada

Idade em que a mãe estava quando teve o primeiro filho: _____

(Se o pai do bebê NÃO for o companheiro atual) DADOS DO COMPANHEIRO

Nome do companheiro: _____

Data de Nascimento: __ __ / __ __ / __ __ Idade: __ __

Local de Nascimento: () POA () Interior, Onde? _____

Endereço Completo: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____ Celular: _____

Ele está estudando? () Sim () **Se sim**, que série? _____**Se não**, por quê? _____

Quando parou de estudar? __ __ meses __ __ anos Escola: _____

Escolaridade: () nenhuma () 1º g __ série () 2º __ série Anos completos __ __

() curso técnico _____ () outro _____ () Não sabe

O companheiro trabalha? () Sim () Não. Que tipo de trabalho ele faz? _____

Qual o horário? _____

Ele recebe? () Sim () Não Qual o valor? __ __ __ __ , __ __ reais () não sabe

Se não estiver trabalhando, qual trabalho anterior? _____

O pai companheiro fuma? () Sim () Não, nunca fumou () Fumava, mas parou

Ele usa algum tipo de droga? () Sim () Não, nunca usou () Usava, mas parou

Se sim, qual? () maconha () cola () lolo () crack () cocaína () outra () não sabe

Ele costuma tomar bebida de álcool? () Sim () Não () Bebia, mas parou

Se sim, quando? _____ Quanto? _____O companheiro tem outros filhos? () Sim () Não **Se sim**, quantos? _____ Idade que teve primeiro filho: _____Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () NãoEle tem alguma doença física? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____Ele tem alguma doença mental? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____**DADOS DA FAMÍLIA DO COMPANHEIRO:**

Nome do pai: _____

Idade do pai: _____ Escolaridade (ano concluído): _____

Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

Profissão: _____ Se aposentado, há quanto tempo? _____

Estado Civil do pai: () casado () viúvo () separado () recasado

Idade do pai quando teve o primeiro filho: _____

Nome da mãe: _____

Idade da mãe: _____ Escolaridade da mãe (ano concluído): _____

Tem religião? () Sim () Não **Se sim**, qual? _____ Praticante? () Sim () Não

Profissão da mãe: _____ Se aposentada, há quanto tempo? _____

Estado Civil da mãe: () casada () viúva () separada () recasada

Idade em que a mãe estava quando teve o primeiro filho: _____

Anexo C

Ficha de práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis (NUDIF, 2008 adaptada de PAIGA-HMIPV⁷)

Que idade você tinha na primeira relação sexual? ___ anos Idade do parceiro _____
Teve alguma orientação sexual? () Sim () Não Quem orientou? _____

Você planejou o início da sua vida sexual (ginecologista, preservativo, anticonceptivo)? () sim () não
Você usou preservativo na primeira relação sexual? () sim () não Por quê? _____

Quantos namorados você já teve? _____ Com quantos deles você teve relação sexual? _____
Com estes namorados, com que frequência você usou preservativo?
() Sempre () Menos da metade das vezes () Mais da metade das vezes () Nunca
Por quê? _____

Você tem atividade sexual atual? () Sim () Não Se não, por quê? _____
Com este parceiro, com que frequência você usa preservativo?
() Sempre () Menos da metade das vezes () Mais da metade das vezes () Nunca
Por quê? _____

Na última relação sexual com seu parceiro, você usou preservativo? () sim () não
Por quê? _____
(Caso use preservativo) Como você faz para conseguir o preservativo? _____

Houve alguma mudança na tua vida sexual com a gravidez? () Sim () Não
Se sim, quanto mudou: () Muito pouco () Pouco () Mais ou menos () Bastante () Extremamente
Em que mudou? _____

Experiência de anticoncepção anterior à gestação: () Sim () Não
Se sim, qual? () Camisinha () Diafragma () pílula () DIU () Coito Interrompido
Quando engravidou usava algum método? () Sim () Não
Se sim, qual? () Camisinha () Diafragma () pílula () DIU () Coito Interrompido
Usava adequadamente? () Sim () Não Por quê? _____

Você já teve alguma doença sexualmente transmissível? () sim () não () não sabe
Se sim, qual? _____
Quando você teve esta(s) doença(s)? _____
Você fez tratamento? () sim () não
Como você descobriu esta doença(s)? _____
Algo mudou em sua vida sexual depois que soube que tinha esta(s) doença(s)? () sim () não
Se sim, o que mudou? _____
Que doença(s) sexualmente transmissível(is) você conhece? _____ () nenhuma
Como você acha que se podem evitar doenças sexualmente transmissíveis? _____

Você já fez algum aborto? () sim () não
(Se sim) Quantos foram espontâneos? _____ Quantos foram provocados? _____

ENTREVISTADORA:

DATA DA ENTREVISTA:

⁷ Programa de Atenção Integral à Gestante Adolescente – PAIGA - Hospital Materno Infantil Presidente Vargas – Secretaria Municipal De Saúde – Porto Alegre

Anexo D

Entrevista sobre a Gravidez Adolescente - Versão do pai (Terceiro trimestre de gestação - Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2008)

1. *Eu gostaria de conversar contigo sobre a gravidez da (nome da mãe do bebê).*

- Como foi para ti receber a notícia da gravidez? Como te sentiste?
- Foi uma gravidez planejada? *(Se sim)* Como planejaram? *(Se não)* Quando tu pensavas em ser pai?
- Como te sentias no início da gravidez da *(nome da mãe do bebê)* (física e emocionalmente)?
- E agora, como te sentes?
- A gravidez da *(nome da mãe do bebê)* mudou alguma coisa na tua vida?
- Como é o teu dia-a-dia atualmente? Tu frequentas a escola e/ou trabalhas? O que fazes?
- Como tu estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da *(nome da mãe do bebê)*?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez da *(nome da mãe do bebê)*? E em relação ao parto? E em relação ao bebê?
- Como está a saúde da *(nome da mãe do bebê)*, desde o início da gravidez até agora?
- E como está sendo o pré-natal dela? (ela tem consultado, como tem sido as consultas médicas)
- Ela já fez alguma ecografia?
(Se ela já fez ecografia) Tu estavas junto na ecografia? *(Se sim)* Como te sentistes ao ver o bebê? *(Se não)* Por quê?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Qual o motivo para a escolha do nome?
- Tu costumavas tocar na barriga da *(nome da mãe do bebê)* conversar com o bebê? Tem mais alguma coisa que tu fazes?
- Algum profissional (médico, psicólogo, assistente social) tem te ajudado? O que tem feito?
- Alguém da tua família teve filhos durante a adolescência? Quem? Como tu achas que foi essa experiência para essa(s) pessoa(s)?
- E sem ser da tua família? Quem? Como tu achas que foi essa experiência para essa(s) pessoa(s)?

2. *Agora eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua vida antes da (nome da mãe do bebê) engravidar.*

- Como era o teu dia-a-dia antes da *(nome da mãe do bebê)* engravidar?
- Tu tinhas amigas/os? E namorada? O que tu fazias para se divertir?
- Tu trabalhavas fora de casa? *(Se sim)* O que tu fazias? Tu eras remunerado? O que tu achavas deste teu trabalho?
- E na escola, como era? Como tu te sentias? Como eram tuas notas? Pegou recuperação? Teve alguma reprovação?
- Tu costumavas faltar aula? *(Se sim)* Com que frequência? Por quê? O que tu fazia?
- Que outras atividades tu realizavas além de ir à escola? (ex. esporte, religião, lazer)
- Quando tu pensavas sobre o teu futuro, quais eram os teus planos? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*
- O que tu fazias para alcançar esses planos? *(Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*
- E depois que a *(nome da mãe do bebê)* engravidou, alguma coisa mudou nesses teus planos para o futuro?
(Se sim) O que mudou? E agora, quais são teus planos para o futuro?
- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos?
- E antes de engravidar, o que tu achas que teus pais esperavam para teu futuro?
- E hoje, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

3. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre a mãe do bebê.*

- Como ela reagiu à notícia da gravidez? Ela pensava em ser mãe neste momento?
(Se sim) Por que tu achas isso? (Investigar se conversavam sobre o assunto) *(Se não)* Quando ela pensava em ser mãe?
- E como está sendo a gravidez para ela?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa na vida dela?
- O que ela está achando das mudanças do corpo dela?
- Quais as preocupações dela em relação à gravidez? E quanto ao parto? E quanto ao bebê?
- *(Se ela já fez ecografia)* E durante a ecografia, como ela se sentiu ao ver o bebê?
- Que tipo de apoio tu tens dado a ela durante a gravidez? Tu achas que ela está satisfeita com o teu apoio? Como te sentes com isto?

4. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua família.*

- Antes da *(nome da mãe do bebê)* engravidar, como era a tua relação com a tua mãe? E com teu pai? E com os demais familiares?
(ele escolhe sobre quais familiares falar)
- Tu te sentias mais próximo de quem? Por quê? E tinha alguém que tu não te sentias muito próximo? Por quê?
- A quem tu recorrias quando tinhas alguma dificuldade? Por quê? Como essa pessoa te ajudava?
- Havia alguém com quem tu tinhas algum tipo de conflito? *(Se sim)* Quem? Por quê?

- E, quando a (*nome da mãe do bebê*) engravidou, como a tua mãe ficou sabendo? Como ela reagiu à notícia?
- O que ela te disse na ocasião? O que ela fez? Alguma coisa te magoou? Alguma coisa te agradou?
- E hoje, como está a relação com a tua mãe?
- O que tu gosta nas coisas que tua mãe faz ou diz para ti?
 - O que tu não gosta nas coisas que tua mãe faz ou diz para ti?
- A tua mãe tem te ajudado? O que ela tem feito?

(Repetir este último bloco em relação: **Pai**)

- E além destas pessoas que a gente conversou, tem mais alguém que te ajuda? Quem? O que esta pessoa tem feito? (*professora, colegas*)
- E tem alguém que não te ajuda? Quem? O que tu esperavas que essa pessoa fizesse?

5. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre como tu pensas que vai ser quando o bebê nascer.*

- Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?
- Como te imaginas como pai? O que tu achas que vai ser fácil? E o que tu achas que vai ser difícil?
- Quando te imaginas como pai, tu gostarias de ser parecido com alguém?
 - (*Se sim*) Quem seria? Como ele(a) é/era?
- E tem alguém com quem tu não gostarias de ser parecido? Quem seria? Como ele(a) é/era?
- E a tua mãe, como ela era contigo quando tu eras bem pequeno? E como o teu pai era? (Se não lembra) O que te contam?

6. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?*

Anexo E

Entrevista sobre a Gravidez Adolescente - Versão da mãe (Terceiro trimestre de gestação - Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2008)

1. *Eu gostaria de conversar contigo sobre a tua gravidez.*

- Como foi receber a notícia da gravidez? Como te sentiste?
- Foi uma gravidez planejada?(*Se sim*) Como planejaste? (*Se não*) Quando tu pensavas em engravidar?
- Como te sentias no início da gravidez (física e emocionalmente)?
- E agora, como te sentes?
- A gravidez mudou alguma coisa na tua vida?
- Como é o teu dia-a-dia atualmente? Tu frequentas a escola e/ou trabalhas? O que fazes?
- Como tu estás te sentindo em relação às mudanças do teu corpo?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez? E em relação ao parto? E em relação ao bebê?
- Como está a tua saúde, desde o início da gravidez até agora?
- Como está sendo teu pré-natal? (tem consultado, como tem sido as consultas médicas)
- Já fizeste alguma ecografia? Como te sentistes ao ver o bebê?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Qual o motivo para a escolha do nome?
- Tu sentes o bebê se mexer? Desde quando? Como te sentes com isto?
- Tu costumavas tocar na barriga/conversar com o bebê? Tem mais alguma coisa que tu fazes?
- E o (*nome do pai do bebê*) participa destes momentos? O que ele faz?
- Algum profissional (médico, psicólogo, assistente social) tem te ajudado? O que tem feito?
- Alguém da tua família teve filhos durante a adolescência? Quem? Como tu achas que foi essa experiência para essa(s) pessoa(s)?
- E sem ser da tua família? Quem? Como tu achas que foi essa experiência para essa(s) pessoa(s)?

2. *Agora eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua vida antes de engravidar.*

- Como era o teu dia-a-dia antes de engravidar?
- Tu tinhas amigas/os? E namorado? O que tu fazias para se divertir?
- Tu trabalhavas fora de casa? (*Se sim*) O que tu fazias? Tu eras remunerada? O que tu achavas deste teu trabalho?
- E na escola, como era? Como tu te sentias? Como eram tuas notas? Pegou recuperação? Teve alguma reprovação?
- Tu costumavas faltar aula? (*Se sim*) Com que frequência? Por quê? O que tu fazia?
- Que outras atividades tu realizavas além de ir à escola? (ex. esporte, religião, lazer)
- Quando tu pensavas sobre o teu futuro, quais eram os teus planos? (*Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia*)
- O que tu fazias para alcançar esses planos? (*Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia*)
- E depois que tu engravidaste, alguma coisa mudou nesses teus planos para o futuro?
(*Se sim*) O que mudou? E agora, quais são teus planos para o futuro?
- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos?
- E antes de engravidar, o que tu achas que teus pais esperavam para teu futuro?
- E hoje, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

3. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre o pai do bebê.*

- Como ele reagiu à notícia da gravidez? Ele pensava em ser pai neste momento?
- (*Se sim*) Por que tu achas isso? (Investigar se conversavam sobre o assunto) (*Se não*) Quando ele pensava em ser pai?
- E como está sendo a gravidez para ele?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa na vida dele?
- O que ele está achando das mudanças do teu corpo?
- Quais as preocupações dele em relação à gravidez? E quanto ao parto? E quanto ao bebê?
- Ele costuma te acompanhar às consultas? Como te sentes?
(*Se já fez ecografia*) Ele estava junto na ecografia? Como ele se sentiu ao ver o bebê?
- Que tipo de apoio tu tens recebido dele durante a tua gravidez? Era como tu esperavas? Como te sentes?

4. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua família.*

- Antes de engravidares, como era a relação com a tua mãe? E com teu pai? E com os demais familiares? (*ela escolhe sobre quais familiares falar*)
- Tu te sentias mais próxima de quem? Por quê? E tinha alguém que tu não te sentias muito próxima? Por quê?
- A quem tu recorrias quando tinhas alguma dificuldade? Por quê? Como essa pessoa te ajudava?
- Havia alguém com quem tu tinhas algum tipo de conflito? (*Se sim*) Quem? Por quê?

- E, quando tu engravidaste, como a tua mãe ficou sabendo? Como ela reagiu à notícia?
- O que ela te disse na ocasião? O que ela fez? Alguma coisa te magoou? Alguma coisa te agradou?
- E hoje, como está a relação com a tua mãe?
- O que tu gosta nas coisas que tua mãe faz ou diz para ti?
 - O que tu não gosta nas coisas que tua mãe faz ou diz para ti?
- A tua mãe tem te ajudado? O que ela tem feito?

(Repetir este último bloco em relação: **Pai**)

- E além destas pessoas que a gente conversou, tem mais alguém que te ajuda? Quem? O que esta pessoa tem feito? (*professora, colegas*)
- E tem alguém que não te ajuda? Quem? O que tu esperavas que essa pessoa fizesse?

5. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre como tu pensas que vai ser quando o bebê nascer.*

- Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?
- Como te imaginas como mãe? O que tu achas que vai ser fácil? E o que tu achas que vai ser difícil?
- Quando te imaginas como mãe, tu gostarias de ser parecida com alguém?
 - (*Se sim*) Quem seria? Como ele(a) é/era?
- E tem alguém com quem tu não gostarias de ser parecida? Quem seria? Como ele(a) é/era?
- E a tua mãe, como ela era contigo quando tu eras bem pequena? E como o teu pai era? (Se não lembra) O que te contam?

6. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?*

Anexo F

Entrevista sobre o Relacionamento do Casal - Gestação (Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2008)

1. Eu gostaria de conversar sobre teu relacionamento com o (nome pai do bebê).

- Como vocês se conheceram?
- O que te chamou a atenção nele(a)?
- Vocês continuam juntos ou estão separados?

(Se não estão mais juntos)

- Como foi a relação de vocês? (só um/poucos encontros; ‘ficaram’, namoraram)
- O que tu gostavas na relação com ele/a? E o que tu não gostavas?
- Quanto tempo vocês ficaram juntos?
- Como foi que terminou? Como te sentiste?
- Como é para ti não estar junto do pai do teu filho durante a tua gravidez?
- Depois que vocês terminaram, tu já te relacionaste com outra pessoa?
- Tu continuas com essa nova pessoa? Como é o relacionamento de vocês?
- Como esta nova pessoa está vivenciando a tua gravidez?

(Se estão juntos, mas não moram na mesma casa)

- Como está a relação de vocês?
- Vocês estão namorando ou só “ficando”?
- Antes de engravidar como era a vida de namorados de vocês? O que faziam juntos? Quando vocês se encontravam?
- Como era a relação de vocês com a tua família? E com a do (nome pai do bebê)?
- O que tu mais gostavas na relação de vocês? E o que tu menos gostavas?
- Depois da tua gravidez, como ficou a relação de vocês? O que tu mais gosta? E o que tu menos gosta?
- Vocês pensam em morar juntos? Por quê?
- (Se sim)* Quando? O que imaginas que vai mudar na relação de vocês quando passarem a morar juntos?
- Vocês pensam em casar?

(Se moram juntos)

- Como foi a decisão de morarem juntos?
- Foi antes ou depois da notícia da tua gravidez?

(Se foi antes de engravidar)

- Quanto tempo vocês namoraram antes de morarem juntos?
- Como era a relação de vocês como namorados? O que tu mais gostavas? E, o que tu menos gostavas?
- Com quem tu moravas nesta época de namoro?
- Há quanto tempo tu moras junto com o *(nome do pai do bebê)*?
- Como ficou a relação de vocês depois que passaram a morar juntos?
- O que tu mais gostas? E, o que tu menos gostas?
- Como é a casa de vocês? Alguém ajudou vocês com a casa *(móvel, construção)*?
- Quanto tempo vocês moraram juntos antes da tua gravidez?
- Depois da tua gravidez, como ficou a relação de vocês? O que tu mais gostas? E o que tu menos gostas?
- Vocês pensam em casar/já casaram?

(Se foi depois de engravidar)

- Quanto tempo vocês namoraram antes da gravidez?
- Como era a relação de vocês como namorados? O que tu mais gostavas? E o que tu menos gostavas?
- Com quem tu moravas nesta época de namoro?
- Há quanto tempo tu moras junto com o *(nome do pai do bebê)*?
- Como ficou a relação de vocês depois que passaram a morar juntos?
- O que tu mais gostas? E, o que tu menos gostas?
- Vocês pensam em casar/já casaram?
- Onde e com quem vocês moram?
- (caso more só o casal)* Alguém ajudou vocês com a casa *(móvel, construção)*?

2. (Se ainda 'ficam'/namoram/moram juntos) Vocês têm conseguido demonstrar carinho um pelo outro?

- Quando é que isto acontece? Como acontece?
- Como tu descreverias o que tu sentes pelo (nome do pai do bebê)?
- Como está a vida sexual de vocês?
- Vocês têm conseguido namorar/transar?
- Tu estás satisfeita(o) com a vida sexual de vocês? Se não, o que tu achas que poderia melhorar?
- O desejo sexual está igual ou diferente ao período em que tu ainda não estavas grávida?
(Se estiver diferente) O que mudou?

3. Como é a comunicação de vocês?

- Vocês conversam sobre o que sentem e pensam?
- Tu achas que o (nome do pai do bebê) respeita as tuas opiniões?
- E tu, respeitas as opiniões dele(a)?
- Tu te sentes valorizado(a) por ele(a)?
- Em que vocês discordam mais no dia-a-dia? Por que isto acontece?
- Quando ocorre algum problema, vocês têm conseguido conversar sobre o problema?
- Vocês costumam ter brigas? Como são? Por que motivos? Com que frequência?
- Como vocês resolvem as brigas? Alguma vez houve agressão física? Como foi?
- Tu achas que existe algo no relacionamento de vocês que poderia ser melhor?
(Em caso afirmativo) O que tu achas que deve ser mudado?
- O que tu achas que precisaria ser feito para mudar este(s) aspecto(s)?

4. Pensando no futuro, o que tu esperas da relação com o (nome, pai do bebê)?

5. Tu gostarias de acrescentar mais alguma coisa a isto que nós conversamos?

Anexo G

Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3º mês (Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2009)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.

- Como tu estás te sentindo como pai?
- Tu tens sentido alguma dificuldade?
- Tu tens alguma preocupação em relação ao bebê? E em relação a ti? E em relação à (*mãe do bebê*)?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como te descreverias como pai?
- Como tu achas que as pessoas te vêem como pai?
- Existe algum modelo de pai que tu segues? Quem? Por quê?
- Existe algum modelo de pai que tu evita? Quem? Por quê?
- Como o teu pai(ou outro cuidador) te cuidava quando tu eras bebê? O que tu lembras? E a tua mãe?
- E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dele?
- Como está sendo para ti ser pai, neste momento?

2. Eu gostaria que tu me falasses como foi o nascimento do (*usar o nome do bebê*).

- Tu acompanhaste a (*mãe do bebê*) no momento do parto?
- (*Se sim*) Como foi para ti este acompanhamento?
- (*Se não*) Por quê? Tu gostarias de tê-la acompanhado?
- Como te sentiste durante o parto? Houve alguma dificuldade (ou complicação)?
- Que preocupações tu tiveste em relação à (*mãe do bebê*) durante o parto? E em relação ao(a) (*bebê*)?
- Tu lembras de alguém que te ajudou durante o parto?
- (*Se sim*) Quem foi? Que tipo de ajuda ofereceu? Como te sentiste?
- Tu lembras de alguém que não te ajudou ou te atrapalhou durante o parto?
- (*Se sim*) Quem foi? O que essa pessoa fez que te desagradou? Como te sentiste?
- Como foi ver o/a (*bebê*) pela primeira vez? Como te sentiste?
- Como te sentiste como pai após o nascimento do(a) (*bebê*)?
- Tu podias me contar um pouco sobre os dias em que a (*mãe do bebê*) e o(a) (*bebê*) ficaram no hospital após ele(a) nascer? Tu ia visitá-los(as) neste período?
- (*Se sim*): Como foi isso para ti?
- (*Se não*): Por que? Como foi isso para ti?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre o (*bebê*) nestes primeiros três meses.

- Como está o desenvolvimento/crescimento do (*bebê*)?
- Tu percebes que o (*bebê*) já faz mais coisas agora do que quando ele nasceu? Que coisas ele faz?
- Como tu te sentes com essas novas aquisições do (*bebê*)?
- Era como tu imaginavas? (*Se não*) O que está diferente?
- Com quem tu achas que o (*bebê*) é parecido/a (física e emocionalmente)?
- Era como tu imaginavas? Como te sentes com isto?

4. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o(a) (*bebê*), depois que ele(a) saiu do hospital.

- Foi como tu imaginavas? O que te agradou e desagradou?
- Como te sentiste como pai nos primeiros dias com o(a) (*bebê*)?
- Que preocupações tu tiveste em relação a ti como pai nesses primeiros dias? E em relação ao(a) (*bebê*)?
- Tu lembras de alguém que te ajudou nos primeiros dias após o nascimento?
- (*Em caso afirmativo*): Quem foi? E que tipo de ajuda ofereceu? Como te sentiste?
- Tu lembras de alguém que não te ajudou ou que te atrapalhou nesses primeiros dias?
- (*Em caso afirmativo*): Quem foi? O que essa pessoa fez que te desagradou? Como te sentiste?
- E a (*mãe do bebê*)? Tu a apoiaste nesses primeiros dias do(a) (*bebê*)?
- Alguma coisa mudou no jeito dela nos primeiros dias após o nascimento do(a) (*bebê*)? E no relacionamento de vocês?
- Como foi o apoio da tua mãe e do teu pai nesses primeiros dias? E dos pais da (*mãe do bebê*)?
- E agora que o(a) (*bebê*) completou três meses, como tem sido lidar com ele(a) no dia-a-dia?
- O que tu achas que é mais fácil? O que tu achas que é mais difícil com ele(a)?
- Era como tu imaginavas? O que está diferente?
- Tu sentes que já é possível entender o que ele(a) expressa?

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do(a) *(bebê)*? Como te sentes com isso?
- Tens tido alguma dificuldade nos cuidados com o(a) *(bebê)*? Quais?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Como te sentes com outra(s) pessoa(s) cuidando do(a) *(bebê)*?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como tem sido para ti os momentos em que tu ficas longe do(a) *(bebê)*?

5. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo a *(mãe do bebê)* como mãe.

- Como ela reagiu ao nascimento do(a) *(bebê)*?
- Como é o jeito dela lidar com o(a) *(bebê)*?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas? *(Se não era)* O que está diferente?
- Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela? Ela te solicita algum tipo de ajuda? Como ela reage?
- Como vocês tem se organizado com os cuidados do(a) *(bebê)*?
- Tu divides os cuidados com a *(mãe do bebê)*? O que vocês combinaram?
- O que tu achas do modo como ela cuida do(a) *(bebê)*?
- Tu esperas alguma coisa diferente dela?

6. Como está a tua relação com a tua família desde que o(a) *(bebê)* nasceu?

- Como foi a reação da tua família ao nascimento do(a) *(bebê)*? O que eles têm dito para ti?
- Quem tem te ajudado mais? O que esta pessoa tem feito?
- E dos teus amigos? Tu tens tido contato com eles? O que eles têm dito? Alguém tem te ajudado?

7. Agora que o *(bebê)* está com três meses, eu gostaria que tu me falasses um pouquinho sobre teus planos para o futuro.

- Quais são os teus planos para o futuro? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*
- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos? *(Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*
- Desde que conversamos na gravidez da *(mãe do bebê)*, tu achas que alguma coisa mudou nos teus planos para o futuro?
(Se sim) O que mudou?
- E os teus pais, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

8. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Anexo H

Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 3º mês (Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2009)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe.

- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Tu tens sentido alguma dificuldade?
- Tu tens alguma preocupação em relação ao bebê? E em relação a ti?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como te descreverias como mãe?
- Como tu achas que as pessoas te vêem como mãe?
- Existe algum modelo de mãe que tu segues? Quem? Por quê?
- Existe algum modelo de mãe que tu evita? Quem? Por quê?
- Como a tua mãe (ou outro cuidador) te cuidava quando tu eras bebê? O que tu lembras?
- E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dela?
- Como está sendo para ti ser mãe, neste momento?

2. Eu gostaria que tu me falasses como foi o nascimento do (usar o nome do bebê).

- Como te sentiste durante o parto? Houve alguma dificuldade (ou complicação)?
- E quanto ao tipo de parto, como te sentiste? Era o que tu querias?
- Foi como tu tinhas imaginado? (*Se não*) O que foi diferente?
- Alguém te acompanhou no momento do parto? Quem foi? Como foi para ti este acompanhamento?
- Que preocupações tu tiveste em relação a ti durante o parto? E em relação ao (bebê)? Talvez não precise repetir
- Tu lembras de alguém que te ajudou no parto?
(*Se sim*): Quem foi? Que tipo de ajuda te deu? Como te sentiste?
- Tu lembras de alguém que não te ajudou ou te atrapalhou na hora do parto?
(*Se sim*): Quem foi? O que essa pessoa fez que te desagradou? Como te sentiste?
- Como foi ver o (bebê) pela primeira vez? Como te sentiste?
- Como te sentiste como mãe após o nascimento do (bebê)?
- Tu podias me contar um pouco sobre os dias que tu ficaste no hospital após o (bebê) nascer?
- O (bebê) ficou o tempo todo contigo no quarto?
(*Se sim*): Como foi isso para ti?
(*Se não*): Por quê? Como foi isso para ti?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre o (bebê) nestes primeiros três meses.

- Como está o desenvolvimento/crescimento do (bebê)?
- Tu percebes que o (bebê) já faz mais coisas agora do que quando ele nasceu? Que coisas ele faz?
- Como tu te sentes com essas novas aquisições do (bebê)?
- Era como tu imaginavas? (*Se não*) O que está diferente?
- Com quem tu achas que o (bebê) é parecido/a (física e emocionalmente)?
- Era como tu imaginavas? Como te sentes com isto?

4. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o (bebê), depois que tu saíste do hospital.

- Foi como tu imaginavas? O que te agradou e desagradou?
- Como te sentiste como mãe nos primeiros dias com o (bebê)?
- Que preocupações tu tiveste em relação a ti como mãe nesses primeiros dias? E em relação ao (bebê)?
- Tu lembras de alguém que te ajudou nos primeiros dias após o nascimento?
(*Se sim*): Quem foi? E que tipo de ajuda te deu? Como te sentiste?
- Tu lembras de alguém que não te ajudou ou que te atrapalhou nesses primeiros dias?
(*Se sim*): Quem foi? O que essa pessoa fez que te desagradou? Como te sentiste?
- E o pai do (bebê)? Ele te apoiou nesses primeiros dias com o (bebê)?
- Alguma coisa mudou no jeito dele nos primeiros dias após o nascimento do (bebê)?
- E no relacionamento de vocês? E agora, como vocês estão?
- Como foi o apoio da tua mãe e do teu pai nesses primeiros dias com o (bebê)? E dos pais do (nome do pai do bebê)?
- E agora que o/a (bebê) completou três meses, como tem sido lidar com ele/a no dia-a-dia?
- O que tu achas que é mais fácil? O que tu achas que é mais difícil com ele(a)?
- Era como tu imaginavas? O que está diferente?

- Tu sentes que já é possível entender o que ele(a) expressa?
- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do (*bebê*)? Como te sentes com isso?
- Tens tido alguma dificuldade nos cuidados com o (*bebê*)? Quais?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Como te sentes com outra(s) pessoa(s) cuidando do (*bebê*)?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como tem sido para ti os momentos em que tu ficas longe do (*bebê*)?

5. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo o (*nome do pai do bebê*) como pai.

- Como ele reagiu ao nascimento do (*bebê*)?
- Como é o jeito dele lidar com o (*bebê*)?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas? (*Se na*) O que está diferente?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido? Tu solicitas algum tipo de ajuda dele? Como ele reage?
- Como vocês tem se organizado com os cuidados do (*bebê*)?
- Tu divides os cuidados com o (*nome do pai do bebê*)? O que vocês combinaram?
- O que tu achas do modo como ele cuida do (*bebê*)?
- Tu esperas alguma coisa diferente dele? O quê?

6. Como está a tua relação com a tua família desde que o (*bebê*) nasceu?

- Como foi a reação da tua família ao nascimento do (*bebê*)? O que eles têm dito para ti?
- Quem tem te ajudado mais? O que esta pessoa tem feito?
- E dos teus amigos? Tu tens tido contato com eles? O que eles têm dito? Alguém tem te ajudado?

7. Agora que o (*bebê*) está com três meses, eu gostaria que tu me falasses um pouquinho sobre teus planos para o futuro.

- Quais são os teus planos para o futuro? (*Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia*)
- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos? (*Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia*)
- Desde que conversamos na gravidez, tu achas que alguma coisa mudou nos teus planos para o futuro?
(*Se sim*) O que mudou?
- E os teus pais, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

8. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Anexo I

Entrevista sobre o Relacionamento do Casal - 3º mês (Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2009)

1. Eu gostaria de conversar sobre teu relacionamento com o/a (*nome do pai do bebê*⁸/mãe do bebê).

- Como está a vida de vocês desde o nascimento do (*nome do bebê*)?
- Vocês continuam juntos ou estão separados?
(*Se estão separados*) Vocês ainda mantêm contato?

1b. (*Se estão separados, mas ainda mantém contato*)

- Quanto tempo vocês ficaram juntos?
- Como foi que terminou? Como te sentiste?
(*Se terminaram ainda na gravidez*) Como é/foi para ti não estar junto do pai/mãe do teu filho durante a tua gravidez?
Vocês combinaram algo em relação ao bebê?
(*Se terminaram depois do nascimento do bebê*) Como é para ti não estar junto do pai/mãe do teu bebê?
Ele tem tido contato com o bebê? Vocês combinaram algo em relação ao bebê?- Depois que vocês terminaram, tu já te relacionaste com outra pessoa?
- Tu continuas com essa nova pessoa? Como é o relacionamento de vocês?
- Como esta nova pessoa está se relacionando com teu bebê?

1c. (*Se estão juntos, mas não moram na mesma casa*)

- Vocês estão namorando ou só “ficando”?
- Depois que teu bebê nasceu, como ficou a relação de vocês? O que tu mais gosta? E o que tu menos gosta?
- Ele tem tido contato com o bebê? Vocês combinaram algo em relação ao bebê?
- Vocês pensam em morar juntos? Por quê?
(*Se sim*) Quando? O que imaginas que vai mudar na relação de vocês quando passarem a morar juntos?
- Vocês pensam em casar? Por quê?

1d. (*Se estão juntos e moram juntos*)

- Como foi a decisão de morarem juntos?
- Foi antes ou depois da notícia da tua gravidez?
 - Quanto tempo vocês namoraram antes da gravidez?
 - Como era a relação de vocês como namorados? O que tu mais gostavas? E o que tu menos gostavas?
 - Com quem tu moravas nesta época de namoro?
 - Há quanto tempo tu moras junto com o (*nome do pai/mãe do bebê*)?
 - Como ficou a relação de vocês depois que passaram a morar juntos?
 - O que tu mais gostas? E, o que tu menos gostas?
 - Vocês pensam em casar/já casaram?
 - Onde e com quem vocês moram?
(*Caso more só o casal*) Alguém ajudou vocês com a casa (móvel, construção)?

2. Como tu descreverias o relacionamento de vocês nestes meses após o nascimento do bebê.

- Vocês têm reservado algum tempo só para vocês dois?
(*Se sim*) Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem nestes momentos?
- É diferente de quando vocês não tinham o bebê? O que mudou?
- O que tu achas deste tempo só de vocês?
- Tu estás satisfeita/o com estes momentos?
(*Se não*) Tu achas que seria importante ter alguns momentos só para vocês? Por quê?

3. (*Se ainda ‘ficam’/namoram/moram juntos*) Vocês têm conseguido demonstrar carinho um pelo outro?

- Quando é que isto acontece? Como acontece?
- Como tu descreverias o que tu sentes pelo (*nome do pai/mãe do bebê*)?
- Como está a vida sexual de vocês?

⁸ Pai do bebê refere-se ao pai biológico e não ao companheiro atual. A entrevista refere-se ao pai do bebê.

- Vocês têm conseguido namorar? E transar?
- Tu estás satisfeita(o) com a vida sexual de vocês? (*Se não*) O que tu achas que poderia melhorar?
- O desejo sexual está igual ou diferente ao período em que tu ainda não estavas grávida?
(*Se estiver diferente*) O que mudou?

4. Como é a comunicação de vocês?

- Vocês conversam sobre o que sentem e pensam?
- Tu achas que o (*nome do pai/mãe do bebê*) respeita as tuas opiniões?
- E tu, respeitas as opiniões dele(a)?
- Tu te sentes valorizado(a) por ele(a)?
- Em que vocês discordam mais no dia-a-dia? Por que isto acontece?
- Quando ocorre algum problema, vocês têm conseguido conversar sobre o problema?
- Vocês costumam ter brigas? Como são? Por que motivos? Com que frequência?
- Como vocês resolvem as brigas? Alguma vez houve agressão física? Como foi?
- Tu achas que existe algo no relacionamento de vocês que poderia ser melhor?
(*Se sim*) O que tu achas que deve ser mudado?
O que tu achas que precisaria ser feito para mudar este(s) aspecto(s)?

5. Pensando no futuro, o que tu esperas da relação com o (*nome, pai/mãe do bebê*)?

6. Tu gostarias de acrescentar mais alguma coisa a isto que nós conversamos?

Anexo J

Entrevista sobre a paternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 12º mês (Projeto GRADO, NUDIF/UFRGS, 2009)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai agora que teu bebê está com 1(um) ano.

- Como tu estás te sentindo como pai?
- Tu tens sentido alguma dificuldade?
- Tu tens alguma preocupação em relação ao(a) (*bebê*)? E em relação a ti?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como te descreverias como pai?
- Como tu achas que as pessoas te vêem como pai?
- Tem alguma pessoa que te sirva de modelo no cuidado com teu bebê? Quem? Por quê?
- Existe algum modelo de pai que tu segues? Quem? Por quê?
- Tem alguma pessoa que não te sirva de modelo no cuidado com teu bebê? Quem? Por quê?
- Existe algum modelo de pai que tu evita? Quem? Por quê?
- Como o teu pai (ou outro cuidador) te cuidava quando tu tinhas a idade do (*bebê*)? O que tu lembras? O que te contam? E teu pai?
- E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dela(e)?
- Como está sendo para ti ser pai neste momento da tua vida?

2. Pensando um pouco nos cuidados do(a) (*bebê*) ao longo do primeiro ano de vida...

- Ao longo deste primeiro ano de vida, tu vivenciaste situações estressantes? Quais?
- Tu solicitaste ajuda nestas situações/períodos?
- Houve mudança de pessoas/creches que cuidaram do(a) (*bebê*)? Por quê? Com que frequência?
- Era como tu imaginavas? (*Se não era*) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele(a) é parecido (*física e emocionalmente*)? Era como tu imaginavas? Como te sentes com isto?
- Que tipo de coisas ele(a) faz que te agradam? Como tu reages?
- Que tipo de coisas ele(a) faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele(a) como fica ao perceber que te desagradou?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o(a) (*bebê*).

- Como é lidar com o(a) (*bebê*) no dia-a-dia? Era como tu imaginavas? O que está diferente?
- Tens tido alguma dificuldade nos cuidados com o(a) (*bebê*)? Quais?
- Que tarefas tu tens assumido nos cuidados do(a) (*bebê*)?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Que coisas que ele(a) mais gosta de fazer? E que coisas ele(a) menos gosta de fazer?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o(a) (*bebê*) fica longe de ti...

- Quais são estes momentos? Como ele(a) reage? E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele(a) reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele(a) é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como tu te sentes?
- Tu precisaste ficar afastado do(a) (*bebê*) neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?
- Tu estás estudando? (*Se sim*) Como está o estudo? (*Se não*) Desde quando? Por quê? Pretende voltar a estudar?
- Tu estás trabalhando fora? Em que? Desde quando? Como está o trabalho?

5. Eu gostaria que tu me falasses se tem outras pessoas ajudando no cuidado com o bebê.

- Tem outras pessoas ajudando vocês a cuidar do(a) (*bebê*)?
- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do(a) (*bebê*)?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o(a) (*bebê*) reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) como ele(a)? E hoje, como ele(a) reage?

6. Eu gostaria que tu falasses se o bebê foi para a creche/escolinha.

- O bebê foi para a creche/escolinha?

(Se já foi para a creche/escolinha) Desde quando ele(a) fica na creche/escolinha?

- Como foi a adaptação dele(a)? Como tu te sentiste?

- Como ele(a) está hoje em relação à creche/escolinha? Como tu te sentes?

- Como ele(a) reage ao afastamento de ti para ir à creche/escolinha?

(Se não foi para a creche/escolinha) Vocês estão pensando em colocar o(a) *(bebê)* na creche/escolinha? Quando?

- Porque escolheram colocar na creche/escolinha?

7. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo a *(mãe do bebê)* como mãe.

- Como é o jeito dela lidar com o(a) *(bebê)*?

- Como tu achas que ela está sendo como mãe?

- Era como tu imaginavas? *(Se não)* O que está diferente?

- Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela? Ela te solicita algum tipo de ajuda? Como ela reage?

- Tu achas que ela está satisfeita com o cuidado que tu tens oferecido? *(Se não)* Por quê?

- Como vocês tem se organizado com os cuidados do(a) *(bebê)*?

- Tu divides os cuidados com a *(mãe do bebê)*? O que vocês combinaram?

- O que tu achas do modo como ela cuida do(a) *(bebê)*?

- Tu esperas alguma coisa diferente dela?

(Caso o pai esteja com nova companheira)

- Desde quando tu estás com a *(nova companheira)*?

- Desde quando a *(nova companheira)* convive com o *(bebê)*?

- Como é o jeito dela lidar com o *(bebê)*?

- Ela participa dos cuidados do *(bebê)*? De que forma? Desde quando?

- Tu solicitas algum tipo de ajuda dela? Como ela reage?

- Era como tu imaginavas? *(Se não)* O que está diferente?

8. Eu gostaria que tu me falasses como está a relação com tua família desde que o(a) *(bebê)* nasceu.

- Como está a relação com a tua família desde que o(a) *(bebê)* nasceu?

- E com a família da *(mãe do bebê)*, como está?

- Tu tens recebido ajuda de alguém? Quem? Que tipo de ajuda?

- E dos teus amigos? Tu tens tido contato com eles? O que eles têm dito? Alguém tem te ajudado?

9. Como foi o aniversário de 1(Um) ano do(a) *(bebê)*?

10. Agora que o *(bebê)* está com 1 ano, eu gostaria que tu me falasses um pouquinho sobre teus planos para o futuro.

- Quais são os teus planos para o futuro? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos? *(Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- Desde que conversamos quando o *(bebê)* tinha três meses, tu achas que alguma coisa mudou nos teus planos para o futuro?

(Se sim) O que mudou?

- E os teus pais, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

11. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Anexo K

Entrevista sobre a maternidade adolescente e sobre o desenvolvimento do bebê - 12º mês (Projeto GRADO, NUDIF/UFRGS, 2009)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe agora que teu bebê está com 1(um) ano.

- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Tu tens sentido alguma dificuldade?
- Tu tens alguma preocupação em relação ao(a) (*bebê*)? E em relação a ti?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como te descreverias como mãe?
- Como tu achas que as pessoas te vêem como mãe?
- Tem alguma pessoa que te sirva de modelo no cuidado com teu bebê? Quem? Por quê?
- Existe algum modelo de mãe que tu segues? Quem? Por quê?
- Tem alguma pessoa que não te sirva de modelo no cuidado com teu bebê? Quem? Por quê?
- Existe algum modelo de mãe que tu evita? Quem? Por quê?
- Como a tua mãe (ou outro cuidador) te cuidava quando tu tinhas a idade do (*bebê*)? O que tu lembras? O que te contam? E teu pai?
- E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dela(e)?
- Como está sendo para ti ser mãe neste momento da tua vida?

2. Pensando um pouco nos cuidados do(a) (*bebê*) ao longo do primeiro ano de vida...

- Ao longo deste primeiro ano de vida, tu vivenciaste situações estressantes? Quais?
- Tu solicitaste ajuda nestas situações/períodos?
- Houve mudança de pessoas/creches que cuidaram do(a) (*bebê*)? Por quê? Com que frequência?
- Era como tu imaginavas? (*Se não era*) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele(a) é parecido (*física e emocionalmente*)? Era como tu imaginavas? Como te sentes com isto?
- Que tipo de coisas ele(a) faz que te agradam? Como tu reages?
- E que tipo de coisas ele(a) faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele(a), como fica ao perceber que te desagradou?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o(a) (*bebê*).

- Como é lidar com o(a) (*bebê*) no dia-a-dia? Era como tu imaginavas? O que está diferente?
- Tens tido alguma dificuldade nos cuidados com o(a) (*bebê*)? Quais?
- Que tarefas tu tens assumido nos cuidados do(a) (*bebê*)?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele(a)? Por quê?
- Que coisas que ele(a) mais gosta de fazer? E que coisas ele(a) menos gosta de fazer?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o(a) (*bebê*) fica longe de ti...

- Quais são estes momentos? Como ele(a) reage? E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele(a) reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele(a) é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como tu te sentes?
- Tu precisaste ficar afastada do(a) (*bebê*) neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?
- Tu estás estudando? Como foi, para ti retornar à escola?
- (*Se não retornou à escola*) Por quê? Tu tens a intenção de retornar à escola? Quando?
- Tu estás trabalhando fora? Como foi, para ti, retornar ao trabalho?
- (*Se não retornou ao trabalho*) Por quê? Tu tens intenção de retornar ao trabalho? Quando?

5. Eu gostaria que tu me falasses se tem outras pessoas ajudando no cuidado com o bebê.

- Tem outras pessoas ajudando vocês a cuidar do(a) (*bebê*)?
- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do(a) (*bebê*)?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o(a) (*bebê*) reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) como ele(a)? E hoje, como ele(a) reage?

6. Eu gostaria que tu falasses se o bebê foi para a creche/escolinha.

- O bebê foi para a creche/escolinha?

(Se já foi para a creche/escolinha) Desde quando ele(a) fica na creche/escolinha?

- Como foi a adaptação dele(a)? Como tu te sentiste?

- Como ele(a) está hoje em relação à creche/escolinha? Como tu te sentes?

- Como ele(a) reage ao afastamento de ti para ir à creche/escolinha?

(Se não foi para a creche/escolinha) Vocês estão pensando em colocar o(a) *(bebê)* na creche/escolinha? Quando?

- Porque escolheram colocar na creche/escolinha?

7. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo o *(pai do bebê)* como pai.

- Como é o jeito dele lidar com o *(bebê)*?

- Como tu achas que ele está sendo como pai?

- Era como tu imaginavas? *(Se não)* O que está diferente?

- Que tipo de apoio ele tem te oferecido? Tu solicitas algum tipo de ajuda dele? Como ele reage?

- Tu estás satisfeita com o cuidado que ele tem te oferecido? *(Se não)* Por quê?

- Como vocês tem se organizado com os cuidados do *(bebê)*?

- Tu divides os cuidados com o *(pai do bebê)*? O que vocês combinaram?

- O que tu achas do modo como ele cuida do *(bebê)*?

- Tu esperas alguma coisa diferente dele? O quê?

(Caso a mãe esteja com novo companheiro)

- Desde quando tu estás com o *(novo companheiro)*?

- Desde quando o *(novo companheiro)* convive com o *(bebê)*?

- Como é o jeito dele lidar com o *(bebê)*?

- Ele participa dos cuidados do *(bebê)*? De que forma? Desde quando?

- Tu solicitas algum tipo de ajuda dele? Como ele reage?

- Era como tu imaginavas? *(Se não)* O que está diferente?

8. Eu gostaria que tu me falasses como está a relação com tua família desde que o(a) *(bebê)* nasceu.

- Como está a relação com a tua família desde que o(a) *(bebê)* nasceu?

- E com a família da *(pai do bebê)*, como está?

- Tu tens recebido ajuda de alguém? Quem? Que tipo de ajuda?

- E dos teus amigos? Tu tens tido contato com eles? O que eles têm dito? Alguém tem te ajudado?

9. Como foi o aniversário de 1(Um) ano do(a) *(bebê)*?

10. Agora que o *(bebê)* está com 1 ano, eu gostaria que tu me falasses um pouquinho sobre teus planos para o futuro.

- Quais são os teus planos para o futuro? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos? *(Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- Desde que conversamos quando o *(bebê)* tinha três meses, tu achas que alguma coisa mudou nos teus planos para o futuro?

(Se sim) O que mudou?

- E os teus pais, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

11. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Anexo L

Entrevista sobre o Relacionamento do Casal -12º mês (Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2009)

1. Eu gostaria de conversar sobre teu relacionamento com o/a (*nome do pai do bebê*⁹/mãe do bebê).

- Como está a vida de vocês desde a última vez que conversamos?

- Vocês continuam juntos ou estão separados?

(*Se estão separados*) Vocês ainda mantêm contato?

1b. (*Se estão separados, mas ainda mantém contato*)

- Quanto tempo vocês ficaram juntos?

- Como foi que terminou? Como te sentiste?

(*Se terminaram ainda na gravidez*) Como é/foi para ti não estar junto do pai/mãe do teu filho durante a tua gravidez?

Vocês combinaram algo em relação ao bebê?

(*Se terminaram depois do nascimento do bebê*) Como é para ti não estar junto do pai/mãe do teu bebê?

Ele tem tido contato com o bebê? Vocês combinaram algo em relação ao bebê?- Depois que vocês terminaram, tu já te relacionaste com outra pessoa?

- Tu continuas com essa nova pessoa? Como é o relacionamento de vocês?

- Como esta nova pessoa está se relacionando com teu bebê?

1c. (*Se estão juntos, mas não moram na mesma casa*)

- Vocês estão namorando ou só “ficando”?

- Depois que teu bebê nasceu, como ficou a relação de vocês? O que tu mais gosta? E o que tu menos gosta?

- Ele tem tido contato com o bebê? Vocês combinaram algo em relação ao bebê?

- Vocês pensam em morar juntos? Por quê?

(*Se sim*) Quando? O que imaginas que vai mudar na relação de vocês quando passarem a morar juntos?

- Vocês pensam em casar? Por quê?

1d. (*Se estão juntos e moram juntos*)

- Como foi a decisão de morarem juntos?

- Foi antes ou depois da notícia da tua gravidez?

- Quanto tempo vocês namoraram antes da gravidez?

- Como era a relação de vocês como namorados? O que tu mais gostavas? E o que tu menos gostavas?

- Com quem tu moravas nesta época de namoro?

- Há quanto tempo tu moras junto com o (*nome do pai/mãe do bebê*)?

- Como ficou a relação de vocês depois que passaram a morar juntos?

- O que tu mais gostas? E, o que tu menos gostas?

- Vocês pensam em casar/já casaram?

- Onde e com quem vocês moram?

(*Caso more só o casal*) Alguém ajudou vocês com a casa (móvel, construção)?

2. Como tu descreverias o relacionamento de vocês nestes meses antes de o bebê completar um ano de vida (desde a nossa última conversa)?

- Vocês têm reservado algum tempo só para vocês dois?

(*Se sim*) Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem nestes momentos?

- É diferente de quando vocês não tinham o bebê? O que mudou?

- O que tu achas deste tempo só de vocês?

- Tu estás satisfeita/o com estes momentos?

(*Se não*) Tu achas que seria importante ter alguns momentos só para vocês? Por quê?

3. (*Se ainda ‘ficam’/namoram/moram juntos*) Vocês têm conseguido demonstrar carinho um pelo outro?

- Quando é que isto acontece? Como acontece?

- Como tu descreverias o que tu sentes pelo (*nome do pai/mãe do bebê*)?

⁹ Pai do bebê refere-se ao pai biológico e não ao companheiro atual. A entrevista refere-se ao pai do bebê.

- Como está a vida sexual de vocês?
- Vocês têm conseguido namorar? E transar?
- Tu estás satisfeita(o) com a vida sexual de vocês? (*Se não*) O que tu achas que poderia melhorar?
- O desejo sexual está igual ou diferente ao período em que tu ainda não estavas grávida?
(*Se estiver diferente*) O que mudou?

4. Como é a comunicação de vocês?

- Vocês conversam sobre o que sentem e pensam?
- Tu achas que o (*nome do pai/mãe do bebê*) respeita as tuas opiniões?
- E tu, respeitas as opiniões dele(a)?
- Tu te sentes valorizado(a) por ele(a)?
- Em que vocês discordam mais no dia-a-dia? Por que isto acontece?
- Quando ocorre algum problema, vocês têm conseguido conversar sobre o problema?
- Vocês costumam ter brigas? Como são? Por que motivos? Com que frequência?
- Como vocês resolvem as brigas? Alguma vez houve agressão física? Como foi?
- Tu achas que existe algo no relacionamento de vocês que poderia ser melhor?
(*Se sim*) O que tu achas que deve ser mudado?
O que tu achas que precisaria ser feito para mudar este(s) aspecto(s)?

5. Pensando no futuro, o que tu esperas da relação com o (*nome, pai/mãe do bebê*)?

6. Tu gostarias de acrescentar mais alguma coisa a isto que nós conversamos?

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2008/012

Título do Projeto:

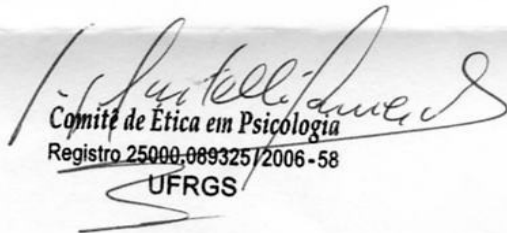
Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao segundo ano de vida da criança.

Pesquisador(es):

Cesar Augusto Piccinini
Rita de Cássia Sobreira Lopes

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 07/04/2009, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 07/04/2008


Comitê de Ética em Psicologia
Registro 25000.089325/2006-58
UFRGS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PARECER

TÍTULO DA TESE: "A EXPERIÊNCIA E A PRÁTICA DA PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO LONGITUDINAL DA GESTÃO AO PRIMEIRO ANO DE VIDA DO BEBÊ"

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini /UFRGS

Doutoranda: Camila Guedes Henn

Examinadora: Profa. Dra. Vera Regina Röhne Ramires

A tese aborda um tema relevante e ainda pouco explorado pela literatura científica. Fundamenta-se em referencial teórico consistente e revisão de estudos disponíveis sobre o assunto. O método é coerente com os objetivos do estudo, que foram alcançados. Os resultados foram detalhadamente discutidos e apresentados. Considera-se o trabalho APROVADO.

Senza

51812011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PARECER

TÍTULO DA TESE: "A EXPERIÊNCIA E A PRÁTICA DA PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO LONGITUDINAL DA GESTÃO AO PRIMEIRO ANO DE VIDA DO BEBÊ"

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini /UFRGS

Doutoranda: Camila Guedes Henn

Examinadora: Profa. Dra. Adriana Wagner

A tese apresentou a descrição de três casos de pais adolescentes numa perspectiva longitudinal, enfocando a vivencia da paternidade e seus desdobramentos. O trabalho contém uma estrutura clara, com muito boa redação e contempla todas as etapas de uma pesquisa qualitativa de forma pormenorizada e bastante cuidadosa. Chama atenção a sistematização feita pela doutoranda das inúmeras informações coletadas, devido a organização e clareza do capítulo de apresentação dos resultados. Quanto a discussão das informações, sente-se falta de maior aprofundamento e crítica, a qual possa considerar o contexto dos sujeitos e suas especificidades frente ao fenômeno em estudo.

Diante do exposto, o trabalho possui qualidade e relevância científica, sendo considerado APROVADO.

Título da tese: "A experiência e a prática da paternidade na adolescência: estudo longitudinal da gestação ao primeiro ano de vida do bebê"

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Doutoranda: Camila Guedes Henn

Examinadora: Profa. Dra. Maria Consuelo Passos

Parecer

A tese em pauta aborda uma temática na qual duas noções se sobressaem: a adolescência e a parentalidade/paternidade. Ambas marcadas por problemáticas complexas que se expressam de diferentes maneiras na sociedade contemporânea. Exatamente por isso demandam reflexões e pesquisas, sobretudo aquelas que se preocupam com as expressões do cotidiano, como é o caso da referida pesquisa.

O trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica consistente e atualizada, tanto em relação à adolescência quanto à parentalidade. Do ponto de vista da construção metodológica, o trabalho também apresenta uma ótima articulação e coerência no que tange aos objetivos propostos. Assim, do ponto de vista teórico e metodológico o trabalho é primoroso e revela a preocupação da autora em cumprir todas as etapas anunciadas.

Quanto à discussão dos dados empíricos, consideramos que ela poderia ter sido mais enriquecida, se baseada em reflexões que expressassem o posicionamento da autora. Além disso, embora a autora se coloque como estudiosa da Psicanálise e a utilize teoricamente, não faz uso dela para debater algumas questões, nas quais este recurso seria fundamental.

De um modo geral o trabalho cumpre, muito bem, os requisitos necessários à sua aprovação.

Profa. Dra. Maria Consuelo Passos